OBRAS
DE
FRANCISCO RODRIGUES LOBO,

TOMO I.

OBRAS
POLITICAS, E PASTORIZ
DE
FRANCISCO RODRIGUES LOBO,

nesta prezente ediçaõ correctas, e escrupulozamente emendadas.

TOMO I.

Corte na Aldea.

LISBOA

NA OFFIC. DE MIGUEL RODRIGUES

1774.

Com licença da Real Meza Censoria.

Em quanto está o avaro em seu thezouro
Cevando os olhos, dando ao pensamento
Materia a vam cubiça de mais ouro.

Primavera, Floresta 4.

THE TAYLOR INSTITUTION
LIBRARY OF
UNIVERSITY OF OXFORD
2 OCT. 1936

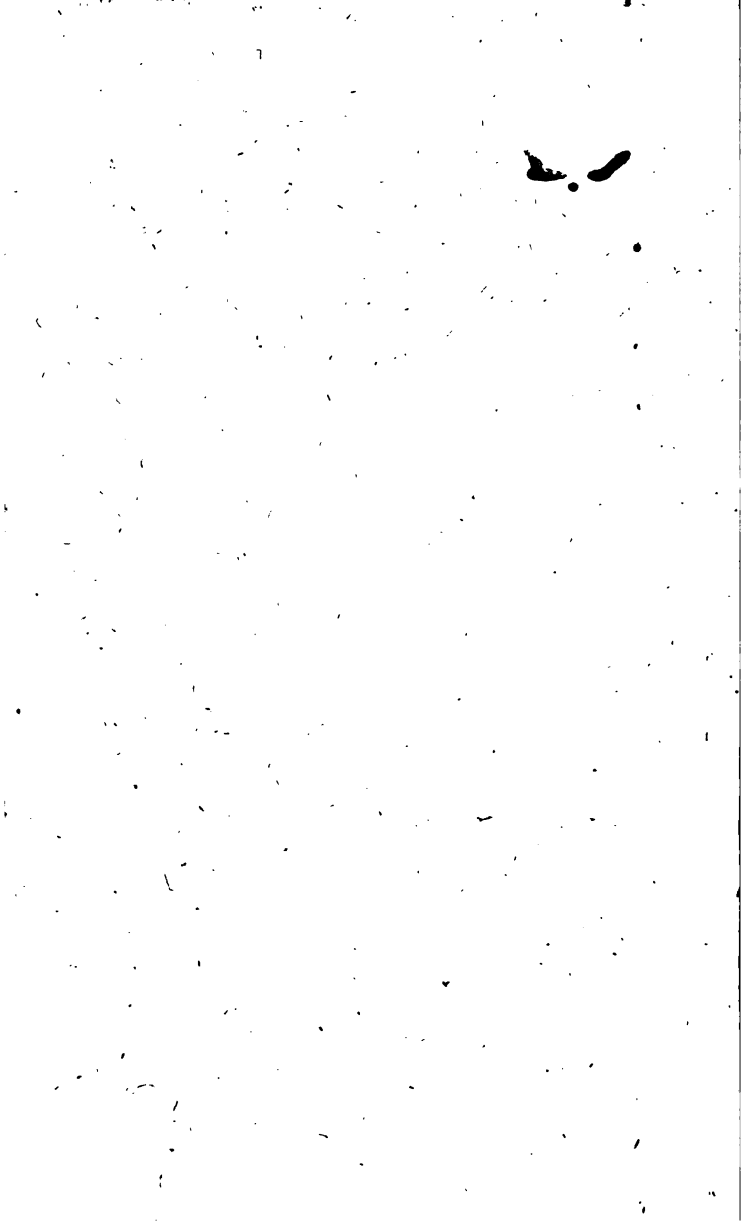
PREFAÇAÕ.

O Diſtincto merecimento, que entre os Eruditos tiveraõ ſempre as Obras do grande Franciſco Rodrigues Lobo; a falta, que de alguns annos a eſta parte ſe experimentava de ſeus exemplares; e a pouca exacçaõ, com que elles tem ſabido nas precedentes ediçoens; nos moveu a emprender o trabalho de as purificar com a mais ſéria, e judicioza eſpeculaçaõ. Naõ temos omittido diligencia alguma, que podeſſe concorrer para a maior belleza da prezente ediçaõ, tanto no aſſeio da impreſſaõ, como na preciza, e neceſſaria diſtribuiçaõ das ſuas partes. Eſperamos encher cabalmente neſte ponto de viſta a expecta-

pecta-

pectaçaõ publica, e o merecimento da Obra: a qual para melhor commodidade temos dividido em Tomos de oitavo, imitando nesta parte o louvavel costume das Naçoens mais cultas da Europa Litteraria. No primeiro Tomo se inclue a Corte na Aldea; *no segundo a* Primavera; *no terceiro o* Pastor Peregrino; *e no quarto o* Desenganado, *com que o Auctor finaliza a sua Bucolica.*

ERROS

ERROS			EMENDAS
Pag. 19	L. 3	dadilaçaõ	da liçaõ
30	14	humildade	humanidade
83	21	mais desatentos	mais saõ os desatentos
137	32	Sichueu	Sicheu
142	16	pobres	nobres
162	10	discriçaõ	jurisdicçaõ
179	6	o amassavaõ	o paõ amassavaõ
214	8	entendito	entendimento

CORTE NA ALDEA, E NOITES DE INVERNO.

DIALOGO I.

Argumento de toda a Obra.

PErto da Cidade principal da Luzitania eſtá huma gracioſa Aldea, que com igual diſtancia fica ſituada á viſta do mar Oceano, freſca no Veraõ, com muitos favores da natureza, e rica no Eſtio, e Inverno com os frutos, e commodidades, que ajudaõ a paſſar a vida ſaborozamente; porque com a vizinhança dos portos do mar por huma parte, e da outra com a communicaçaõ de huma ribeira, que enche os ſeus valles, e outeiros de arvoredos, e verdura, tem em todos os tempos do anno o que em differentes lugares coſtuma buſcar a neceſſidade dos homens: e por eſte reſpeito foi ſempre o ſitio eſcolhido para deſvio da Corte, e voluntario deſterro do tráfego della: dos Cortezaons, que alli tinham quintas, amigos, ou heranças, que coſtumaõ ſer valhacouto dos exceſſivos gaſtos da Cidade. Hum Inverno, em que a Aldea eſtava feita Corte com homens de tanto preço, que a podiaõ fazer em qualquer parte, ſe juntava a maior delles em caza de hum antigo morador daquelle lugar, que tambem o fora em outra idade da caza dos Reis, donde com a mudança, e experiencia dos annos, fez eleiçaõ dos

montes para paſſar nelles os que lhe ficavaõ da vida, grande acerto de quem colhe eſte fruto maduro entre deſenganos. Alli ora em converſaçaõ aprazivel, ora em moderado, e quieto jogo ſe paſſava o tempo, ſe gozavaõ às noites, ſe ſentiaõ menos as importunas chuvas, e ventos de Novembro, e ſe amparavaõ contra os frios rigorozos de Janeiro. Entre outros homens, que naquella companhia ſe achavaõ, eraõ nella mais coſtumados, em anoitecendo, hum Letrado, que alli tinhá hum cazal, e que já tivera honrados cargos do governo da Juſtiça na Cidade, homem prudente, concertado na vida, douto na ſua profiſſam, e lido nas hiſtorias da humanidade: Hum Fidalgo mancebo, inclinado ao exercicio da caça, e muito affeiçoado ás coizas da Patria, em cujas hiſtorias eſtava bem viſto: hum Eſtudante de bom ingenho, que entre os ſeus eſtudos ſe empregava algumas vezes nos da Poezia: hum velho naõ muito rico, que tinha ſervido a hum dos Grandes da Corte, com cujo galardaõ ſe reparara naquelle lugar, homem de boa criaçaõ, e, além de bem entendido, notavelmente engraçado no que dizia, e muito natural de huma murmuraçaõ, que ficaſſe entre o couro, e a carne, ſem dar ferida penetrante. Ao ſenhor da caza chamavaõ Leonardo, e ao Doutor Livio, ao Fidalgo Dom Julio, ao Eſtudante Pindaro, ao velho Solino. Fóra eſtes havia outros, de quem em ſeus lugares ſe fará mençaõ, que aſſim como os mais, naõ eraõ para enjeitar em huma converſaçaõ de poucas porfias.

Huma noite de Novembro, em a qual já

o frio naõ dava lugar a que a frescura do tempo convidasse ao sereno, estando ainda Leonardo á meza, porém no fim das iguarias, baterrõ á porta Pindaro, e Solino, aos quaes o velho mandou abrir com grande alvoroço, e festa; porque a de o buscarem era a que mais estimava por sua. Subiraõ, agazalhou-os com contentamento, e cortezia. Sentaraõ-se perto da meza, e disse o senhor da casa: Peza-me que naõ viesseis mais sedo, que me poderieis acompanhar neste trabalho taõ necessario da velhice. Mas se ainda virdes na meza alguma coiza de vosso gosto, lançai maõ della, que de mistura achareis a minha boa vontade. Eu sei (disse Pindaro) a que tendes de me fazer mercê; mas venho ceado, e tambem Solino, a quem tive por hospede, e já a conversaçaõ me dobrou o gosto das iguarias. Eraõ ellas taõ boas (respondeu Solino) que a mim me davaõ graça. Porém o serdes vós tam miudo nas cortezias, me deu muita pena: e já que sois taõ discreto, e tanto meu amigo, de aqui adiante emendaivos nas ceremonias da meza; e adverti ao vossò moço que naõ acompanhe com os olhos os bocados dos hospedes, até o estomago: porquê apostarei que me contou todos os da cea, e anda taõ destro no apartar das brigas, que ainda bem naõ desvio hum prato do outro, quando me dá xaque em ambos, e me deixa em caza branca. E naõ vos pareça que he isto dizer que venho faminto; que, se assim fora, póde ser que o comprimento do Senhor Leonardo naõ ficara solto, e livre; antes he fazervos lembrança que, pois dais tambem de comer, naõ tenhais hum moço Harpya,

que descomponha o sabor dos manjares. Bem sei (respondeu Pindaro) que ainda [illegible] naõ haveis de deixar de roer. O meu moço he de huma destas Aldeas vizinhas, ha pouco que me serve; por isso, e por ser criado de Estudante, lhe devieis perdoar o erro, e a mim o remoque; porém a vossa condiçaõ naõ se sujeita a respeito, nem a disculpas. He taõ saboroza a murmuraçaõ de Solino (disse Leonardo) que tambem na meza se póde estimar como boa iguaria: e se a eu tivera muitas vezes, dera vida ao appetite, que para as outras me falta. Se o ella fora (tornou Solino) em mais occazioens me valera das em que a vós podeis dezejar. Mas, naõ tratando de vo-la offerecer, nem de a disculpar com meu amigo; como ceastes hoje taõ tarde, e naõ vieram mais sedo o Doutor, e Dom Julio? Antes (disse o velho) me mandaraõ já recado, e naõ devem tardar. Eu o fiz com a cea, porque os homens de serviço me naõ deraõ lugar, senaõ a esta hora: mas ouço que batem á porta, e devem ser elles. A este tempo mandou juntamente alçar a meza, e levar a luz á escada. Subiram o Doutor, e Dom Julio; saudaram-se com muita alegria; e sentados perto do fogo, disse o velho: Muito deveis ambos a Solino; porque vindo a esta caza com Pindaro, de quem foi convidado na cea, e tendo a minha em estado de que se podia aproveitar de alguma coiza della, vos achou menos, e perguntou a cauza da tardança; signal he este de amor, e da pouca razaõ, com que o temos por dezobrigado de toda a affeiçaõ dos amigos. Naõ he Solino taõ descuidado do que lhe eu mereço (tor-

(tornou Dom Julio) que se esqueça de mim, e de quanto sentirei perder horas suas: e pelo interesse das da conversaçaõ do Doutor o tivera em menos conta, se as naõ dezejara: e além disto posso affirmar que está pago da lembrança, que teve, com a diligencia que fizemos polo trazer comnosco, que voltamos pela sua porta, e eu tirei huma pedra á janela, donde me disseraõ que ceava com Pindaro; e cada hum dos dous me fez inveja. Ah Senhor Dom Julio (respondeu elle) taõ grande trovoada de comprimentos seccos naõ podia deixar de lançar pedra. Eu tenho feita a conta, e sei que naõ posso pagar o que vos devo além dessa honra, e mercê, senaõ com a humildade, com que a todas reconheço por vossas. Daivos por satisfeito de meus dezejos, e de pôr aqui ponto nos comprimentos: porque naõ tenho polvora mais que para a primeira salva. Já eu me quizera metter em meio (disse o Doutor) porque se vós a terdes em cortezias, naõ haverá quem as pague, senaõ for Pindaro, que tem huma corrente taõ arrebatada, que naõ dá vao a nenhuma rhetorica do mundo. Agora (arguio Leonardo) levastes tres de hum tiro; naõ me dou por seguro neste lugar, inda que he de minha caza; porém naõ tendes razaõ contra Pindaro, que, cada vez que o ouço, me parece hum livro de cavallarias. Se elle tivera encantamentos escuros, castellos roqueiros, cavalleiros namoradores, gigantes soberbos, escudeiros discretos, e donzellas vagabundas, como tem palavras sonoras, razoens concertadas, trocados galantes, e períodos que levaõ todo o fôlego, podera pôr a hum canto

o Ama-

o Amadis, Palmeirim, Clarimundo, e ainda o mais pintado de todos os que nesta materia escreveraõ: e já estive em o persuadir que se mettesse em huma empreza semelhante; porém receio que se me ensuberbeça com a altiveza de seu estilo, e despreze aos amigos. Naõ merecia eu, Senhor Leonardo, a vós, nem ao Doutor (disse Pindaro) que tomasseis meus defeitos por materia de vossa galantaria: falo como sei, e cada hum se estende conforme a roupa com que se cobre. Naõ sou taõ filozofo como o Doutor, taõ cortezaõ como vós, nem taõ engraçado como Solino, nem tenho maiores penas que a gaiola; porém se abrir as azas para compor livros, naõ ouveraõ de ser de patranhas. Por isso fiai mais de meus pensamentos. Nunca o tive de vos offender (respondeu o Velho) nem me parece com razaõ a vossa desconfiança: nem podeis fazer taõ pouca conta dos livros de cavallarias, e dos famozos Auctores que os escreveraõ, e que mostraraõ nelles a sua boa linguagem, com toda a perfeiçaõ: a graça de tecer, e historiar as aventuras, o decóro de tratar as pessoas, a agudeza, a galantaria das tençoens, o pintar as armas, o betar as cores, o encaminhar, e desencontrar os successos, o encarecer a pureza de huns amores, a pena de huns ciumes, a firmeza em huma auzencia, e outras muitas coizas que recreaõ o animo, e affeiçoaõ, e apuraõ o entendimento. Se vós tendes por desprezo compôr livros de cavallarias, eu vos desengano que pertencem mais coizas ao bom Autor delles, que a hum dos Letrados Filozofos, ou Juristas, com que dezejais de vos parecer; porque lhe

impor-

importa saber a Geografia dos Reinos, & Provincias do Mundo, para encaminhar por ellas a sua historia; ter noticia dos nomes, e coizas que uzaõ naquellas partes, donde faz naturaes os cavalleiros, saber estilo de Corte, para as mesuras, gazalhados, e cortezias, conforme as pessoas introduzidas, conhecer da justiça, do tornêo, e do saráo, a ordem, as leis, e as gentilezas, entender da bastarda, e da gineta, o que convém para pintar o encontro, a quéda, o acerto, o dezar, o brio, ou descuido de hum cavalleiro, debuxar o cavallo nas cores, concertallo nas redeas, no pizar, no arremesso, na furia, na destreza, nas carreiras, chaças, e rodêos, e sobre o conhecimento de todas as sciencias, e disciplinas, tambem ha de ter alguma noticia dos Nigromantes antigos, para os encantamentos, que servem de bórdaõ, e valhacouto aos historiadores. Tenho por mal empregado (disse entaõ o Doutor) tanto cabedal em coiza de taõ pouco interesse, e naõ sou de voto que o Auctor, que tiver as partes, que vós dizeis que saõ necessarias para essa compoziçaõ, se occupe nella. De que servem livros de cavallarias fingidas? E se ha ociozos que os leiaõ, porque ha de haver algum que os escreva? Ou que espere algum fruto de trabalho taõ vaõ? Mas que certeza taõ grande (tornou Leonardo) que cada hum approva o que segue, sendo assim que ninguem se contenta do que tem. Dezejaveis agora que todos os livros, e todos os homens tratassem sómente da vossa profissaõ, e fossem Juristas, e Filozofos. Pois ainda que eu sou Bacharel em linguagem, me atrevo a contradizer

essa opinião adquirida em Latim: porque para recreação, politica, e bom estilo senaõ deve menor lugar a estes, que aos vossos de trapaças, e opinioens, e outros, a que chamais conselhos, que o daõ ás vezes bem roim a quem se fia de sua leitura.

Eu era de parecer (disse Dom Julio) que poupassemos esta materia para gastar a noite, pondo-a em maneira de disputa. E se a tódos parece assim, cada hum diga sua opiniaõ nos livros que mais lhe contentaõ, e das razoens que tem para os approvar; e deste modo, ou affeiçoados, ou convencidos, saberemos os que saõ de maior gosto, e utilidade. A isto (respondeu Solíno) atégora estive calado contra minha natureza; porque me houve por incapáz de fazer terço ao Doutor, e Leonardo: mas pois o voto he que se jogue com toda a baralha, digo que he esta a melhor materia que se podia escolher para passar o tempo. E já póde ser que algum dos que aqui estaõ, que dezeja deixar no Mundo memoria de seu ingenho, saiba nesta occaziaõ o em que o póde empregar melhor. Pelo que a mim toca (disse o Doutor) comecemos logo; e a vós, Senhor Dom Julio, he bem que demos a maõ a troco do alvitre: e naõ tratando dos livros divinos, nem dos necessarios, dos de recreaçaõ nos podeis dizer quaes, e porque razoens vos contentaõ. A minha inclinaçaõ, em materia de livros (disse elle) de todos os que estaõ prezentes, he bem conhecida: sómente poderei dar agora de novo a razaõ della. Sou particularmente affeiçoado a livros de historia verdadeira, e mais, que ás outras, ás do Reino em que

vivo,

vivo, e da terra onde nasci: dos Reis, e Principes que teve, das mudanças que nelle fez o tempo, e a fortuna, das guerras, batalhas, e occazioens, que nelle houve, dos homens insignes, que pelo discurso dos annos florecerão: das nobrezas, e brazoens que por armas, letras, ou privança se adquirirão. O que me inclinou á escolha desta lição, foi que tive alguma de hum homem muito douto, em o que o deve dezejar de ser, e parecer o que he bem nascido; ao qual elle dizia, que o que mais convinha que soubesse era, o appellido, que tinha, donde lhe veio; quem forão seus passados, que armas lhe deixarão, a significação, e fundamento da figura dellas, como se adquirirão, *ou accrescentarão.* Logo os Reis que reinarão na sua Patria, as Chronicas delles, os principios, as conquistas, as emprezas, e o esforço de seus naturaes; porque falando delles nas terras estranhas, ou na sua com estrangeiros, saiba dar verdadeira informação de suas coizas. E alcançadas estas, lhe estará bem tudo o que mais puder saber das alheias. E na verdade, nenhuma lição póde haver que mais recree, e aproveite, que a que sei que he verdadeira, e por natural ao dezejo dos homens deleitoza. Não he essa a minha opinião (disse Solino) porque contra o gosto me assombrão muito coizas passadas, e andar abrindo sepulturas de gente morta. E no que toca á verdade, certo que á conta dos enterrados se escrevem algumas vezes tão grandes mentiras, que lhes não levão vantagem os fingimentos de historias imaginadas. E havendo hum homem de ler o que não he, ou o que sabe, he tão

cal-

caldeado, e taõ batido da forja dos Auctores, que mudado traz o metal, a côr, e a natureza: estou melhor com os livros de cavallarias, e historias fingidas, que, se naõ saõ verdadeiros, naõ os vendem por esses: e saõ tambem inventados, que levaõ a pôs si os olhos, e os dezejos dos que os lem. E naõ estima hum Autor matar mais dous mil homens com a penna, para fazer valente o seu cavalleiro, com a espada, sem estar receando os ditos das testimunhas que ficaraõ da batalha; que por iguaes respeitos pende cada huma para seu cabo. Pois se he caso, em que hum Historiador queira passar adiante como Ariosto, naõ matou mais gente a peste grande em Lisboa, que Rodamonte nos muros de Pariz. Essa he huma das razoens, porque eu os reprovo (tornou o Doutor) porque a fabula he huma coiza falsa, que podia com tudo ser verdadeira, e acontecer assim como se fingio. Porém a isto naõ daõ lugar os livros de cavallarias, com esses excessos, e outros encantamentos, fazendo cazas, e torres de cristal, edificios, lagos, e columnas impossiveis, piramides de alabastro, e cazas de pedraria, cuja riqueza podia empobrecer a fortuna. E em nossos tempos, na India Oriental sabemos que o Rei Mogor andou muitos annos fabricando huma caza de esmeraldas, por cujo respeito se passavaõ deste Reino á nossa India ás da Occidental. E em fim morreu sem a acabar: e naõ ha livro de cavallarias em que qualquer cavalleiro de hum castello naõ acabe coizas maiores. E deixando isto, he graça, e galantaria, comparar historias verdadeiras com patranhas disproporcionadas, que gas-

taõ

faõ o tempo mal a quem nellas se occupa, quando as outras servem de exemplo para imitar, de lembrança para engrandecer, e de recreaçaõ para divertir. A quem naõ anima ler as historias de seus passados? A quem naõ move o dezejo de igualar a fama que lê de suas obras? O governo da paz? A ordem da guerra? O trato dos homens? O commercio das Provincias? Donde se conserva, alcança, e sabe senaõ pelas historias verdadeiras? Porque nellas sabe cada hum felizmente pelos successos alheios o que deve seguir. Donde Marco Tullio chamou á historia mestra da vida. Vós, Senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapacios: mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas historias, a que chamaõ *verdadeiras*, cada hum mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se naõ forem estas tintas, he tudo taõ misturado, que naõ ha panno sem nodoa, nem legoa sem máo caminho. No livro fingido contaõ se as coizas como era bem que fossem, e naõ como succederaõ, e assim saõ mais aperfeiçoadas. Descreve o cavalleiro como era bem que os houvesse, as damas quaõ castas, os Reis quaõ justos, os amores quaõ verdadeiros, os extremos quaõ grandes, as leis, as cortezias, o trato taõ conforme com a razaõ. E assim naõ lereis livro, em o qual senaõ destruaõ suberbos, favoreçaõ humildes, amparem fracos, sirvaõ donzellas, se cumpraõ palavras, guardem juramentos, e satisfaçaõ boas obras. Vereis que as damas andaõ pelas estradas, sem haver quem as offenda, seguras na sua virtude propria, e na cortezia

zia dos cavalleiros andantes. E quanto ao retrato, e exemplo da vida melhor, se colhe no que hum bom entendimento traçou, e seguio com muito tempo de estudo, que no successo, que ás vezes se alcançou por maõ dá ventura, sem a diligencia, e ingenho metterem nenhum cabedal. Naõ digo que os livros tenhaõ excessos desatinados, que naõ sejaõ semelhantes á verdade, nem os encantamentos taõ escuros, e disconformes, que naõ tenhaõ alguma maneira de enganar o juizo; porém os livros bem fingidos, como verdadeiros obrigaõ. Hum curiozo em Italia (segundo hum Autor de credito conta) estando com sua mulher ao fogo lendo o Ariosto, prantearaõ a morte de Zerbino com tanto sentimento, que lhe acodio a vizinhança a saber o que era. E no que toca ao exemplo; hum Capitaõ valorozo houve em Portugal, que o naõ teve melhor o Imperio Romano, que com a imitaçaõ de hum cavalleiro fingido, foi o maior de seus tempos, imitando as virtudes que delle se escreveraõ. Muitas donzellas guardaram extremos de firmeza, e fidelidade, costumadas a ler outros semelhantes nos livros de cavallarias. Na milicia da India tendo hum Capitaõ nosso cercado huma Cidade de inimigos, certos Soldados cameradas, que albergavaõ juntos, traziaõ entre as armas hum livro de cavallarias, com que passavaõ o tempo. Hum delles, que sabia menos que os mais daquella leitura, tinha tudo o que ouvia ler por verdadeiro (e assim ha alguns innocentes, que cuidaõ que senaõ póde mentir em letra redonda) os outros ajudando a sua simpleza lhe diziaõ que assim era. Veio occa-

occaziaõ de hum assalto, em que o bom Soldado invejozo, e animado do que houvia ler, lhe pareceu ensaio de mostrar seu valor, e fazer huma cavallaria, de que ficasse memoria; e assim se metteu entre os contrarios com tanta furia, e os começou a ferir taõ rijamente com a espada, que em pouco espaço se empenhou de sorte, que com muito trabalho, e perigo dos companheiros, e de outros muitos Soldados, lhe amparavaõ a vida recolhendo-o com muita honra, e naõ poucas feridas. E reprehendendo-o os amigos daquella temeridade, respondeu: Ah deixaime, que naõ fiz ametade do que cada noite ledes de qualquer cavalleiro do nosso livro. E elle dalli adiante o foi muito valorozo. *Muito* festejaraõ todos o conto, e logo (proseguio o Doutor.) Tam bem fingidas podem ser as historias, que mereçaõ mais louvor, que as verdadeiras; mas ha poucas que o sejam; que a fabula bem escrita (como diz Santo Ambrozio) ainda que naõ tenha força de verdade, tem huma ordem de razaõ, em que se podem manifestar as coizas verdadeiras. Xenofonte querendo pintar huma Republica perfeita, e Regimento politico, por modo de historia, fingio o governo de Cyro, Rei dos Persas. Dom Antonio de Guevara, em nome de hum Imperador Romano escreveu o que elle queria dizer em Hespanha; e outros que ainda em modo mais estranho ensinaraõ aos homens, como Esopo nas suas fabulas, e Lucio Apuleio no seu Asno d'ouro; e todos os livros que em seu genero saõ bons, se podem chamar perfeitos. Resta agora que o que escreve historia seja verdadeiro; e naõ terá Soling

lino de que o reprehender nella. O que compoem fabulas ſeja veriſimil, e naõ terei eu razaõ de o reprovar. O que trata de ſciencia, alegue razoens. O que fala de artes, experiencia. E o que quer enſinar principios, moſtre auctoridade. E poſto que eu tenha muitas que allegar em favor da voſſa opiniaõ, Senhor Dom Julio, vós eſtais no cazo, e todos os mais, que a hiſtoria verdadeira apaſcenta os doutos, adelgaça os groſſeiros, encaminha os moços, enſina os mancebos, recrea os velhos, anima aos baixos, ſuſtenta aos bons, caſtiga aos maus, reſuſcita aos mortos, e a todos dá fruto a ſua liçaõ. E porque eſta naõ ſeja mais comprida, diga Pindaro agora a ſua opiniaõ.

Apoſtarei eu (diſſe Solino) que, ſe a Pindaro lhe armarem com poezia levantada ſobre os bons conceitos, e verſos, que com ſerem amorozos, ſejaõ arrogantes, que o tomaraõ como paſſaro em viſco. Para iſſo (diſſe o Doutor) arredar-lhe as occaſioens; e vá com declaraçaõ, que naõ tratamos de Poezia. Eſſa condiçaõ (acodio Pindaro) logo ao principio ficou declarada; que como exceptuaſtes livros Divinos, neſſe numero devem eſtar os dos Poetas, que mereceraõ eſte nome; e o que elles antigamente tiveraõ, e ainda agora lhe daõ os Latinos, aſſim o deixa entender. E Plataõ quando delles eſcreve, lhes chama divinos Interpretes dos Deozes, poſſuidos de eſpiritos celeſtes: donde Marco Tullio tirou os louvores, com que os trata. Origines affirma que a Poezia he huma virtude eſpiritual, que inſpira em os Poetas, e lhes enche o animo, e o entendimento de huma divina força. Santo Agoſtinho lhes

chama

chama Theologos para cantarem os louvores Divinos. Diziaõ os Filozofos antigos que, se os Deozes fallassem, seria em verso: trazendo exemplo do Oraculo de Apollo, e das Sibyllas. Cassiodoro diz que a Poezia tomou principio da Divina Escritura. De maneira que por authoridade de taõ grandes Varoens, nunca os livros de Poezia podem vir em competencia com os de que atégora tratastes; que doutro modo já estivera concluida a differença. O que eu vejo (tornou Dom Julio) que, ainda que o Doutor vos cerrara a porta, que mettido de ilharga dissestes tudo o que cumpria a vosso intento por junto, e quanto para mim estais declarado; e com o dezejo de ouvir a opiniaõ do Doutor, *naõ digo* o mais que me parece. Ora (respondeu elle) naõ quero que a essa conta fique o meu voto ás escuras; e digo, naõ fallando em Poezia, que naõ escolho liçaõ de historiadores verdadeiros, nem tenho por melhor a dos fingidos; porque huns servem de conservar a memoria, os outros de enganar o entendimento: e seraõ melhores os livros que deleitem a memoria, e a vontade, e apurem, e levantem o entendimento, como os de recreaçaõ, que com alguma enganoza novidade trataõ de materias politicas, e engraçadas: de Corte, de Aldea, e de qualquer sujeito aprazivel: e ha destes muito bem recebidos, approvados, e proveitozos na Republica, cuja variedade, e doutrina he para mim liçaõ muito saboroza. Naõ estou mal com essa opiniaõ (disse o Doutor) e quasi que vós, e eu estamos em hum mesmo pensamento; senaõ que deixastes de declarar o que agora me fica para

dizer;

dizer; porque atéqui falámos do modo de compor, e escrever livros; e naõ das materias, que escritas seraõ agradaveis. E deixando em duvida o vosso parecer para se conferir com a tençaõ; o meu he, que o melhor modo de escrever saõ os Dialogos escritos em proza, com figuras introduzidas, que disputem, e tratem materias proveitozas, politicas, engraçadas, e cheias de galantaria: sendo a primeira figura da obra o Autor della; e esse que vá guiando, e introduzindo as mais, que sejaõ appropriadas a aquellas materias, de que haõ de tratar entre si. E além de ser este estilo mais claro, mais vulgar, mais excellente, inclue em si a liçaõ de todos os outros modos de escrever, como o saõ os da *historia* verdadeira, e fingida, das artes liberaes, e mecanicas; das sciencias, e disciplinas necessarias; das profissoens particulares; da razaõ do governo; da vida politica, ou privada. E quando este modo de escrever naõ tivera por si mais que a auctoridade dos que nelle escreveraõ, como foi Plataõ, Xenofonte, Tullio, e outros infinitos; essa bastara para acreditar os Dialogos. Além disto, eu tenho para mim que aquella he melhor escritura, que com mais perfeiçaõ, e viveza imita a pratica, e conversaçaõ dos homens; porque assim como a melhor pintura he a que mais se parece com a obra da natureza, a que quer contrafazer; assim a melhor escritura he a que retrata com mais similhança o falar, e conversaçaõ dentre os amigos. Nos Poemas tinhaõ os Poetas antigos que o mais levantado era a tragedia pela imitaçaõ natural da pratica, com introducçaõ de figuras, junto com a

gra-

gravidade, pezo, e trifteza dos fucceffos tragicos. E porque tambem a variedade he a que mais coftuma interter, e deleitar o animo dos homens, e efta he mais certa, e mais propria nos Dialogos, me parece que no gofto delles feraõ melhor recebidos.

Pois affim he (diffe Dom Julio) que a principal razaõ, porque approvais os Dialogos, he porque mais familiarmente fe parecem com a pratica. Dezejo faber qual he mais nobre coiza, fe a pratica, fe a efcritura; porque a mim me parece que á efcritura fe deve o melhor lugar, e que antes merecia a pratica por fe parecer com ella; o que agora encontra a voffa opiniaõ. Nenhuma duvida ha (refpondeu o Doutor) que a pratica feja mais nobre, mais antiga, e mais excellente; porque, além de o falar fer operaçaõ natural dos homens, e acto, em que elles fazem vantajem, e differença a todos os animaes, a efcritura naõ he mais que huma efcrava, e fervente das palavras, e o efcrever naõ he outra coiza mais que fupprir com hum inftrumento por meio da arte, e das maõs o que com a voz fenaõ póde exprimir, e alcançar com os ouvidos, ou por diftancia de lugar, como quem efcreve aos auzentes, ou por difcurfo de tempo, como quem efcreve para os vindouros. E porque nunca a efcrava he taõ nobre como a fenhora, a quem ferve, em quanto efcrava, nem o que fubftitue em lugar doutrem fe lhe póde preferir no mefmo lugar; affim nunca a efcritura póde igualar á nobreza, e perfeiçaõ da pratica. O contrario me parece a mim (replicou o Fidalgo) porque nem por a pratica fer mais

antiga, e primeira que a escritura, he mais perfeita; antes ella foi a perfeiçaõ da pratica: e posto que seja propria operaçaõ do homem o falar, naõ he nelle menos nobre accidente o de escrever; antes me parece mais digno o que elle alcançou por arte, que o que adquirio por uzo: e quazi que ouzaria a dizer que he operaçaõ sua o falar, dada a respeito de haver de escrever, pois esse he o meio de se perpetuar, sustentando no entendimento dos prezentes, e na lembrança dos futuros a memoria das coizas passadas. Assim que nem por a primeira razaõ merece a pratica melhor lugar, nem a escritura por servente, e ministra sua he menos nobre. Porque o Sol serve de mostrar as coizas creadas, que lhe saõ muito inferiores, e de dar luz, e nutrimento a outras de menor qualidade, e nem por isso ellas se lhe podem antepor. E quanto a substituir a escritura em lugar da voz, ella o faz por taõ excellente maneira, que lhe tem muita vantajem; pois o que a voz naõ póde exprimir juntamente em differentes lugares, e a diversas pessoas em hum mesmo tempo, o faz a escritura com grande perfeiçaõ, podendo muitas pessoas, em differentes lugares, ler em hum mesmo tempo a propria coiza: pelo que me parece que, ainda que a vossa escolha fosse boa, naõ fundastes bem a razaõ della. Certo (disse Leonardo) que de ambas as partes déstes taõ boas razoens, que fica duvidoza a melhoria. Porém concedendo á pratica a excellencia, a acçaõ, o modo, e a graça de falar, que he huma viveza, a que senaõ iguala outra nenhuma lembrança; a escritura tem tan-

tas grandezas, que parece igualmente necessaria para a vida, pois ficava o Mundo ás escuras sem a luz da dilaçaõ escrita; e só na tradiçaõ dos homens se salvaria a memoria das coizas; e nas principaes dominaria a ignorancia com mero imperio. Porém deixando isto por averiguar, pois com tanta galantaria, e agudeza está tocado o que baste, quero que passemos adiante, e, por me fazerdes mercê, que me ensineis se na pratica, em voz, e na escritura considerada tem bom lugar a nossa lingua Portugueza; porque ouço de má vontade a alguns naturaes que trataõ mal della, e a condemnaõ por grosseira, e limitada.

Huma coiza vos confessarei eu, senhor Leonardo (*disse a isto Dom Julio*) que os Portuguezes saõ homens de roim lingua, e que tambem o mostraõ em dizerem mal da sua, que assim na suavidade da pronunciaçaõ, como na gravidade, e compoziçaõ das palavras he lingua excellente. Mas ha alguns nescios, que naõ basta que a falem mal, senaõ que se querem mostrar discretos, dizendo mal della: e o que me vinga de sua ignorancia, he que elles acreditaõ a sua opiniaõ; e os que falam bem desacreditaõ a ella, e a elles. Bravamente he apaixonado o senhor Dom Julio (acodio o Doutor) pelas coizas da nossa patria: e tem razaõ, que he divida que os nobres devem pagar com maior pontualidade á terra que os creou. E verdadeiramente que naõ tenho a nossa lingua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que he essa; antes he branda para deleitar, grave para engrandecer, efficaz para mover,

 doce

doce para pronunciar, breve para rezolver, e accommodada ás materias mais importantes da pratica, e eſcritura. Para falar he engraçada, com hum modo ſenhoril: para cantar he ſuave com hum çerto ſentimento que favorece a muzica: para prégar he ſubſtancioza, com huma gravidade que auctoriza as razoens, e as ſentenças: para eſcrever cartas nem tem infinita copia que damne, nem brevidade eſteril que a limite: para hiſtorias, nem he taõ florida que ſe derrame, nem taõ ſecca que buſque o favor das alheias. A pronunciaçaõ naõ obriga a ferir o ceo da boca com aſpereza, nem arrancar as palavras com vehemencia do gargalo. Eſcreve-ſe da maneira que ſe lê, e aſſim ſe fala. Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciaçaõ da Latina; a origem da Grega; a familiaridade da Caſtelhana; a brandura da Franceza; a elegancia da Italiana. Tem mais adagios, e ſentenças que todas as vulgares, em fé de ſua antiguidade. E ſe á lingua Hebrea pela honeſtidade das palavras chamaraõ ſanta, certo que naõ ſei eu outra que tanto fuja de palavras claras em materia deſcompoſta quanto a noſſa. E para que diga tudo, ſó hum mal tem, e he que pelo pouco, que lhe querem ſeus naturaes, a trazem mais remendada, que capa de pedinte. Folguei eſtranhamente de vos ouvir (diſſe Solino) por naõ ficar taõ covarde, como atégora eſtava em ouvindo murmurar da lingua Portugueza; e naõ ouzava, ou naõ ſabia dizer a minha opiniaõ, a qual cuidava que me naſcia do amor que lhe tenho, e que cada hum tem ás ſuas coizas como o corvo aos filhos, e Pin-

claro ás suas trovas. Porém quando hum homem taõ bem fundado na razaõ como o Doutor, e taõ auctorizado em seu parecer sustenta esta parte, nenhuma haverá já taõ rija, que mo tire o atrevimento. Nem a lingua (disse Pindaro) pois naõ ha amizade que vos faça perder o costume. Perdoai-me (tornou elle) que vos feri por naõ perder o golpe. E tornando ao que aqui se tratou para recordar o que começamos, averiguou o Doutor que a melhor maneira de escrever eraõ os Dialogos (*ficando* meu direito rezervado nos livros de cavallarias) tocaraõ-se louvores da pratica, e escritura com muito ingenho; declarou-se como a lingua Portugueza naõ desmerece lugar entre as *melhores*, para nella se escreverem materias levantadas, apraziveis, proveitozas, e necessarias. Que falta entre vós para que destas noites bem gastadas, destas duvidas bem movidas, e destas razoens melhor praticadas, se faça hum, ou muitos Dialogos, que sem vergonha do mundo possaõ apparecer nas praças delle à vista dos curiozos, e ainda dos murmuradores? Tem Solino muita razaõ (disse Dom Julio) e se assim forem os Dialogos como se podem formar com a pratica de alguns que estaõ prezentes, bem se auctorizará a opiniaõ do Doutor, posto que a minha fique de vencida com a vantajem que aqui tem a pratica das escrituras alheias. E pois se aproveitaõ taõ bem as noites neste lugar, razaõ he que por meio delles se communiquem a quem se aproveite da doutrina, e interesse dellas. Se eu naõ dormira taõ poucas horas da passada (disse o Doutor) ainda houvera de proseguir adiante,

te, e reſponder a iſſo; mas com voſſa licença me vou recolher, e á manhá acodirei mais ſedo. Acompanhemos ao Doutor (diſſe o Fidalgo) e levantando-ſe elle, ſe deſpediraõ todos com muita cortezia, deixando ao ſenhor da caza magoado de ſe acabar taõ de preſſa a converſaçaõ; que quem ſabe eſtimar a que he taõ boa, tem ſentimento das horas que della perde.

DIALOGO II.

Da policia, e eſtilo das cartas miſſivas.

FIcaraõ os amigos taõ affeiçoados á converſaçaõ daquella noite, que, por fazerem a do outro dia mais comprida, acodiraõ a ſe ajuntar logo depois de ſe pôr o Sol; porém cada hum com pejo de ſer o primeiro, paſſeavaõ em dous póſtos, o Doutor com Dom Julio, e Pindaro com Solino á viſta da caza de Leonardo, até que elle chegou á janela; e moſtrando o meſmo dezejo, que os quatro traziaõ, facilitou o receo, e approvou as horas. Subiraõ todos, e diſſe o Doutor: Pareceu me eſte dia taõ comprido, na eſperança da noite, como aos trabalhadores que devem o jornal. E a mim (tornou Leonardo) a noite, depois que me deixaſtes, taõ importuna como quem eſpera a manhá para coiza de ſeu goſto: e aſſim naõ he muito que vós vieſſeis taõ ſedo, e que a mim me pareça que já era tarde. Todas as coizas, que ſe dezejaõ muito (tornou Dom Julio) por pouco que ſe dilatem, tardaõ mais. E as que ſe temem (proſeguio Solino,) por muito

que

que tardem, parece que se anticipaõ. Donde hum disse maravilhozamente, que o que queria que a Quaresma lhe parecesse breve, devesse pagamentos para a Pascoa. Em fim chegou mais sedo este prazo, que todos desejamos: e se o senhor da casa dormio pouco, eu apostarei que ha algum na companhia, que se desvelou mais. Naõ era occaziaõ para descuidos (disse o Doutor) e nos mancebos era demaziada desconfiança entrar nesta batalha desapercebidos. Os apercebimentos (tornou o Fidalgo) podem fundir muito pouco: porque como até agora he incerta a materia, de que se ha de tratar, seraõ sém fruto as diligencias. He engano (replicou Solino) que nunca falta huma carta em que prender; como hum homem tem as suas apuradas, e ha coizas que se levaõ a rasto como corpo morto, e quando sejaõ bem cuidadas, nunca saõ mal ouvidas. E se naõ, digaõ-o as olheiras com que esta manhá vi a meu amigo Pindaro. Já sei (disse Pindaro) que vedes mal: mas contra mim ainde he peior a vossa tençaõ que a vista; naõ me pagais bem o que vos mereço, mas he na moeda que tendes. E na que corre (tornou elle) que o rifaõ de agora diz que fazer, e dizer mal, nunca se perde. Naõ vos escandalizeis; que tudo ha nos homens, e nas cartas. Essa (disse entaõ Dom Julio) hei eu de partir: porque dezejava muito alçar por ellas; e pois o Doutor falou hontem em cartas missivas, e approvou para ellas a lingua Portugueza, nos ha de declarar o que ha de ter huma carta para ser cortezá, e bem escrita. Esse cargo (tornou o Doutor) convém mais ao senhor da

caza:

casa: porque ainda que a carta consta de letras, naõ he profissaõ de Letradõ fazellas cortezans: e quem sabe tanto do estilo da Corte como Leonardo, póde dar lei para ellas. Vós (respondeu elle) sois Doutor em tudo, e meu superior em todas as materias, e como tal me podeis dar o grau de cortezaõ. Eu o quizera parecer na confiança, e em obedecer ao gosto destes amigos. Mas para eu proseguir com auctoridade, he bem que vós comeceis a principiar a materia: dizendo, que nome he *carta*, e o seu principio, pois me dais o cargo antes de estar apercebido para elle. Bem sei (lhe respondeu o Doutor) que por me honrardes a mim tomais tudo á vossa conta; folgarei de a dar boa do que me encommendais.

Este nome *carta* he generico, e teve origem de huma Cidade do mesmo nome, donde foi natural a Rainha Dido, que, por o amor que tinha á sua patria, poz á que edificou por nome *Cartago*. E porque em carta se inventou primeiramente a maneira em que se escrevia (ou fosse papel, ou outra coiza similhante a elle) tomou della o nome como de *Pérgamo o pergaminho*. He para saber que nos primeiros tempos quando se inventaraõ as letras, escreviaõ os homens nas folhas das arvores: como ainda hoje nas da palmeira escrevem os Gentios de alguns partes do Oriente; as Sybillas nellas escreveraõ suas profecias: e assim se chamaraõ a seus escritos *folhas Sybillinas*: e ainda na linguagem Portugueza se conserva alguma coiza desta antiguidade; pois dizemos *folhas de papel* sem o papel ter folhas, mas he em lembrança das primeiras que se uzaraõ na escritu-

critura. Depois se escreveu em huma casca tenra de arvores, que he o entreforro da cortiça. E porque a esta chamavaõ *livro*, conservaõ ainda agora elles o nome, e a divizaõ, que agora fazem os Escritores, de *livro primeiro*, *segundo*, e dahi adiante he o numero, porque entaõ devia contar aquellas cascas. Tambem se escreveu em o miolo de huma maneira de juncos, a que chamaraõ *papiros*: donde aos Latinos ficou o nome para o papel. Depois se escreveu em taboas nas quaes sobre cera, com hum instrumento de ferro, ou de lataõ, a que chamávaõ *estilo*, se affinavaõ as letras: e do ferro, com que se escreveraõ, se veio a derivar o que agora dizemos *bom* ou *máo*, *humilde*, ou *altivo estilo* de escrever, passando-se por translaçaõ a perfeiçaõ do instrumento ao concerto, e policia das palavras. Deste proprio modo se uza no nome de carta, que alcança em genero a todo genero de papel escrito, e ainda pintado. Os Portuguezes fazemos este nome particular, tomando *carta missiva* por a principal de todas; e assim basta dizermos *carta*, sem mais declaraçaõ, para se entender que he esta; porém nas especiaes dellas uzaõ o nome com seus attributos. E nos instrumentos judiciaes, que testimunhaõ antiguidade, se diz *carta precatoria*, *dimissoria*, *citatoria*, *de liberdade*, e *de venda*, e ontras muitas: e ainda as de jogar, sem terem letras, se chamaõ communmente cartas. E a gente aldeá conservando alguma coiza da antiguidade a qualquer estampa, ou pintura em papel chamaõ *carta*. Os Latinos puzeraõ nome ás cartas missivas *Epistola*; do verbo Grego, que quer dizer

man-

mandar: e *letras*, porque a carta consta dellas: Os Italianos deraõ singular, e plural a este nome segundo. E na nossa lingua, a que chamaõ limitada, naõ faltou nenhuma destas differenças, antes houve maior perfeiçaõ: porque a humas chamaraõ *cartas mandadeiras*; ás que tinhaõ menos de papel, *escritos*; e ás cartas de Italia *letras*, que saõ as de Roma, e as de cambio; porque deviaõ ter o mesmo principio; porque logo nos de Portugal mandavaõ os Reis delle por letras copiozas doaçoens á Sé Apostolica, do que conquistavaõ. De maneira, que o nome de carta, quanto á sua origem, he geral, e commum; e entre nós particular das cartas missivas: e pois lhe descobri o nome, he necessario senhor, Leonardo, que lhe deis agora o ser.

Parece-me (respondeu elle) que estou já no meio da minha obrigaçaõ (confórme ao dito do Poeta) que quem começou, tambem tem feita a maior parte. E passando do nome da carta aos exteriores della, digo que ha de ter: Cortezia commua, regras direitas, letras juntas, razoens apartadas, papel limpo, dobras iguaes, chancella sutil, e sello claro; e com estas condiçoens será carta de homem da Corte. E falando da cortezia (disse Solino) que entendeis nella? A cortezia (lhe respondeu elle) naõ falando na leitura da carta, he o sobrescrito, o apartado da cruz, até a primeira regra; e do principio do papel até o começo de todas; e o final, e nome de quem escreve, abaixo da data da carta. E porque nisto ha differentes costumes, e erros, me parece bem fazer de tudo lembrança. Nos sobrescri-

ſcritos temos pouco que tratar (tornou Solino) que depois que com a pragmatica os cercearaõ, naõ ha já *prezados*, *magnificos*, *honrados*, e *illuſtriſſimos*, nem os *ſenhores*. Ainda (tornou Solino) ficaraõ alguns de rodêo que ſaõ muito para ver, e aſſim o dizem elles : a cujo propozito vos hei de contar huma hiſtoria. Eu (como todos ſabeis) vejo com oculos, e (confórme a opiniaõ de alguns) com elles muito menos. Os dias atraz, ſendo eu ainda innocente deſte coſtume, me deraõ huma carta de hum amigo, que dizia: *Para ver o ſenhor Solino* : aberta ella, a letra tal, taõ miuda, e embaraçada, que deſmentia o ſobreſcrito, e por nenhuma via pude ver o que dizia. Mas reſpondi noutra letra muito peior, e puz no ſobreſcrito : *Para cegar o ſenhor fuaõ* ; ao que elle depois me reſpondeu, que eſtava pelo coſtume dos prezentes. Nem todos ſe haõ de ſeguir (diſſe o Doutor) que, como eſcreve o Filozofo Favorino, cada hum deve uzar de palavras prezentes, e coſtumes antigos; e mais quando o uzo he abuzaõ, que no primeiro, por ſer tal, offenderaõ as leis; e no ſegundo o reprehendem os meſmos que o uzaõ. Com tudo Leonardo dirá o que lhe parece. A mim (reſpondeu elle) que a lei he boa, e a cautela eſcuzada. Porém o ſobreſcrito tem mais partes de cortezia, que eſſa que diſſeſtes, ainda que á primeira viſta pareça coiza taõ limitada. E para que comecemos em ordem; *Sobreſcrito* he huma noticia vulgar da peſſoa a quem ſe eſcreve, e do lugar aonde lhe mandam a carta, exprimindo-ſe nelle o nome, e a dignidade, por onde he mais conhecida, e

o

o do lugar onde naquelle tempo assiste. Nesta regra geral ha huma limitaçaõ, e he: Que ás pessoas de grande titulo, e cargo, se póde calar, ou uzar de outro modo differente esta segunda noticia; porque, além dos cargos declararem muitas vezes a assistencia das pessoas, parece cortezia que as que saõ mui conhecidas por seu titulo, e dignidade, basta essa, e o nome para serem buscadas. O primeiro modo he, como se escrevessemos a N. Vice-Rei da India. A N. General de Portugal. O segundo como a N. Embaixador del-Rei de Hespanha em a Corte de Roma. E posto que estes assistaõ a tal tempo em Villas, ou Cidades particulares, naõ he necessaria outra leitura no sobrescrito. Naõ trato aqui das cartas enviadas aos Reis, de seus Vassallos, porque naõ entraõ nesta regra as que vem dirigidas a seus Conselhos particulares. Bem podereis (disse o Doutor) metter nesse lugar a historia de hum Letrado da minha profissaõ, que mandando huma informaçaõ á Meza do Paço, poz no sobrescrito: *A ElRei nosso Senhor nos seus Paços da Ribeira, junto de Luiz Cezar.* Doutro Soldado ouvi eu contar (disse Solino) que escreveu á India: *A N. Vice-Rei da India, nos Paços de Goa, defronte de hum Lanceiro torto.* Para gente taõ nescia (disse Leonardo) naõ servem preceitos: mas em outra vejo muitas vezes sobrescritos taõ miudos, e sobejos, que pessoas muito particulares se podiaõ dar por afrontadas delles, como he: A fuaõ, em tal terra, em tal rua, de traz de tal parte, defronte de tal caza, e junto a N. E ás vezes he a pessoa tal, que deve ser mais conhe-

cida

cida por si, que pelas confrontaçoens. Dos sobejos (atalhou Solino) naõ posso eu calar hum, que vi ha poucos dias, de hum Frade que escreveu ao seu Provincial, que tinha sinco Padres nossos, como conta benta, e dizia; *Ao muito Reverendo Padre nosso, o nosso Padre N. nosso Padre Provincial, no Convento de nosso Padre S. N. Padre nosso.* Por isso digo (proseguio Leonardo que a noticia deve ser vulgar, que nem afronte, nem lizongee, nem sobeje, nem falte. Mais provavel he (disse Dom Julio) que se peque nos sobrescritos por demazia, que por falta; porque todos dizem o nome da pessoa, e a terra para que escrevem. Naõ já hum (respondeu Pindaro) que escreveu: *A meu filho o Licenciado em Salamanca,* *que Deos guarde*, parecendo-lhe que bastava o grau em lugar do nome. Mas que lugar dareis vós aos titulos dos sobrescritos? Que ha alguns mais compridos que as cartas que rezaõ o nome, o titulo, o senhorio, o cargo, a comenda, e ainda as pertençoens da pessoa a quem se escreve. A mim me parece (tornou Leonardo) que os titulos he coiza conveniente, e necessaria; uzados porém com moderaçaõ confórme ao que tenho dito: que noticia vulgar he ser hum homem conhecido por o senhorio, e cargo que tem; e assim se ha de escrever de cada hum o cargo que tem, e por onde he mais conhecido. Do senhorio como: *A N. senhor de tal Villa.* E estando em ella: *A N. na sua Villa N.* O que tambem se uza nos lugares, e quintas; em que cada hum assiste. Do cargo: *A fuaõ do Conselho del-Rei, e seu Prezidente da Fazenda, da Con-*

scien-

ſciencia, &c. *A fuaõ Deſembargador del-Rei noſſo ſenhor*, *e ſeu Ouvidor dos Aggravos*, &c. Tudo iſto com a brevidade neceſſaria: porque o ſobreſcrito, como diſſe, ſerve de noticia, e naõ já de adulaçaõ. E na carta, naõ ſe permitte no ſobreſcrito o que ſenaõ conſente no interior; como ſe algum eſcreveſſe a eſte Fidalgo, e lhe quizeſſe pôr os titulos, que elle merece, no ſobreſcrito; convém a ſaber: *A Dom Julio Columna da nobreza de ſeus paſſados*, *e gloria das eſperanças de ſua patria*. Ou: *Ao Doutor Livio honra*, *e luz do Direito Civil*, *exemplo da Filozofia*, *e thezouro da humildade*: coizas eraõ eſtas, que delles ſe podiaõ dizer; porém naõ ſaõ no lugar do ſobreſcrito. E paſſando delles adiante.

A ſegunda cortezia he no papel, da cruz até á primeira regra; que ha alguns, que lhe poem os olhos muito junto com as ſobrancelhas: outros, que lhe deixaõ pelo meio huma eſtrada de coches; e pela deſconformidade, que ha entre huns, e outros, veio a ſer a regra entre os iguaes, que fique em branco a quarta parte do papel, que vem a ſer no alto a primeira dobra; e na ilharga hum eſpaço razoado, que dá lugar á maõ para ter a carta ſem cobrir as letras, e para ſe cortar, ou paſſar chancella ſem as offender. E de que naſce (perguntou Pindaro) que muitos deixaõ mais de meio papel em branco da ilharga, e vaõ a cerzir a letra com a cortadura da tizoura? Eſſe erro, e outros muitos (reſpondeu elle) naſcem de mudarem alguns os ſerviços ás coizas: porque a invençaõ naõ eſtava mal no ſeu lugar, ſe a naõ fizeraõ ſervir nos alheios.

Em

Em cartas de negocio, feitas a pessoas occupadas, que se fazem por capitulos, e apartadas, ou perguntas sobre materias dos mesmos negocios, se deixa igual parte do papel para responder á margem em ordem a cada huma das coizas; e assim fica servindo para duas, huma mesma carta; mas estas naõ guardaõ a regra, nem a cortezia das missivas. O mesmo erro ha no que Solino primeiro apontou dos sobrescritos: *Para ver o senhor Fuam*, que nasceu de alguns papéis emmaçados, que se passavaõ de Ministro a Ministro com sómente aquelle sobrescrito sem outra carta, e sem terem mais de carta, que o irem cerrados, e sellados, deraõ occaziaõ aos que uzaõ o mesmo termo nos sobrescritos dellas.

Muitos erros ha (disse Dom Julio) nascidos da mesma occaziaõ. E posto que seja sahir hum pouco fóra do propozito, he taõ grande bugia da virtude, e da honra a vaidade, que, sómente por a seguir em as apparencias, tropeça a cada passo em desatinos. Este escreveu: *Para ver*; porque N. Ministro, ou privado escreveu assim; e veste de tal panno, por que N. de maior qualidade o trazia; e o que este fez (póde ser por remediar o seu frio) faz outro á imitaçaõ, e se abraza de quentura. A Hespanha se passou o uzo de vestir dos Soldados de Flandres por bizarria: e razaõ tinhaõ de imitar em outras coizas aos praticos que militaõ em huma praça taõ ennobrecida das nações da Europa; mas o que elles faziaõ obrigados do clima, e o sitio da terra, uzavaõ os Cortezaõs por gala, levados do engano da verdade,

os

os chapeos de aba grande contra a neve; os ferragoulos abotoados, e com descanços para o frio, as meias de escarlata debaixo de botas altas contra a humidade, as solas levantadas por detrás, para naõ resvelarem nos caramelos, as roupetas abertas sobre as armas; tudo isto, e outras muitas coizas, sendo inventadas pela necessidade, se passaraõ á galantaria. Deixo as cores de Rei, e da Infante, e a historia do Mercador com ElRei Dom Joaõ o III, que lhe pedio que se quizesse vestir de hum panno que tinha muito rico, o qual lhe daria de graça; que com este ardid, em ElRei o vestindo, vendeu elle á mór valia huma quantidade de peças daquella côr que lhe haviaõ entrado numa partida. Naõ he isso sómente nas cartas, e nos arrojos, disse o Doutor; que ainda passa á diante o engano. Em a Corte do Imperador Carlos V, andando elle indisposto, lhe mandaraõ os Medicos comer borragens, por ser herva medicinal para a sua enfermidade: e porque os Fidalgos, e Titulares a viaõ de ordinario na meza Imperial sem advertirem a occaziaõ, porque se fazia, veio a valer entre elles muito, e a fazerem mil iguarias daquella herva, de sorte que se semeavaõ tantas nas terras, onde a Corte assistia, que naõ havia agros doutro fruto. Vaõ-se emfim as coizas mal, e ás vezes saõ nascidas de bom costume. Assim he (disse Solino) que até oculos, que se inventaraõ para remediar defeitos da natureza, vi eu já trazer a alguns por galantaria. Dessa maneira (seguio Dom Julio) se devia mudar para as cartas o estilo dos papéis, que o naõ estaõ por imitarem aos validos. E tornando á cor-

tezia, que coizas tem mais de que tratar?

A terceira, tornou elle, he o nome, e signal do que escreveu a carta, que nem ha de estar tam junto das letras, que pareça sôfrego dellas, nem no meio do papel como quem escolheu melhor lugar, nem taõ apertado, que fique auzente das regras, nem tanto na ponta do fim, que pareça que se amuou a aquelle canto; mas com hum meio ordinario, como he assignar-se hum pouco abaixo das regras, mais inclinado á parte direita que á esquerda, que he huma certa modéstia, e humildade de quem escreve. E que dizeis (perguntou o Doutor) do acompanhamento do signal? Porque ha huns que se nomeaõ *servidor de vossa mercé* N. outros *vassallo*; outros *cativo*, outros *seu* N. e ha nisto muita variedade, e ignorancia. Primeiramente (continuou Leonardo) *servidor* já se passou das cartas para os retretes: *servo* para os matos, e *cativo* para os comprimentos refinados em a pratica; *criado*, era termo bem criado, e *seu* he descortezia: e por fugir desta, e de alguns extremos, o mais seguro he escrever cada hum o seu nome sem mais leitura. Naõ sejais taõ estreito nas licenças (disse Solino) que deitais a perder cartas que só pelos comprimentos do signal merecem fama. Hum homem escrevendo a sua propria mulher, se assignou *vosso servo N.*, e ella o fazia tal na mesma auzencia. O outro, de que contaõ vulgarmente, porque corria nos signaes *o menor criado de vossa mercê N.* escrevendo a sua mulher se assignou *o menor marido vosso N.*, e a senhora devia de ter mais varoens que a Samaritana. De huma gentil Dama sei eu (disse

Pindaro) que escrevendo a hum seu galante se assignou *sua N.*, e elle lendo a carta, voltou para hum amigo com que estava, e disse *sempre temi esta nova*; e perguntandolhe o outro que era? Respondeu *sua N., e he principio de veraõ*: Outro em Coimbra, querendose humilhar muito aos pés de hum amigo, a que escrevia, se assignou *Antipoda de vossa mercê N.* Quanto mais galantes saõ essas historias (tornou Leonardo) tanto mais de estimar he a moderaçaõ, e bom termo de naõ se sahir daquelle limite da cortezia commua: e passando della ha de ter a carta regras direitas, que ha alguns que escrevem em escadas como figuras de solfa: letras juntas, e razoens apartadas, com a distinçaõ dos pontos, virgulas, e accentos necessarios, para fazerem perfeito sentido das razoens; porque ha Cortezaõs, que por aformozearem a letra, e facilitarem melhor os rasgos da penna, vaõ encadeando as letras pelas cabeças, como sardinhas de Galiza; e de maneira confundem a escritura, que naõ ha tirar della o sentido verdadeirb de seu dono; e ha cartas bem notadas, que por mal escritas perdem reputaçaõ: o papel seja limpo para nelle empregar sem fastio a vista o que ha de ler, e porque pareçaõ melhor as letras bem ordenadas; a chancella sútil, porque ao abrir da carta a naõ offenda, que alguns a fazem parecer carta rota antes de lida: dobras iguaes, porque o concerto auctoriza as coizas, e as faz parecer melhor: o sello claro, assim para lustro da carta, como para guarda della, pois he o cadeado que a defende dos curiozos de saber segredos alheios. Naõ corrais com tanta pressa

(disse

(disse Dom Julio) por essas particularidades, e miudezas, que em algumas dellas tinha perguntas que fazer; mas contentarmehei com as que se me offerecerem de novo sobre a materia das armas, e tençoens com que se costumaõ sellar as cartas; e assim estimarei que nos digais disto alguma coiza.

As armas (respondeu elle) he a insignia que cada hum tem de sua nobreza, conforme ao appellido com que se noméa, e com o sinete dellas sella as cartas de importancia, ou com elmo, e folhagens sobre o paquife do escudo, ou com elle em tarja, como tençaõ; que estas como saõ pensamento, e dezenho particular, se abrem ás vezes em rodondo, ovado, ou quadrangulo, e outras figuras, sem respeitar a do escudo. Em Portugal he coiza muito antiga aos Principes trazerem tençoens, e emprezas com letras, e ainda as uzavaõ misturadas nas Armas Reaes, que posto que naquelle tempo naõ estavaõ taõ apuradas como agora, nem eraõ sujeitas á arte, que dellas, e para ellas fizeraõ os modernos, naõ lhes faltava entendimento, e galantaria. ElRei Dom Joaõ o Primeiro trazia na orla das Armas huma letra, que dizia: *Por bem.* E a Rainha Dona Filippa de Alancastre sua mulher, outra que respondia a esta em Inglez que dizia: *Me contenta.* O Infante Dom Fernando seu filho o Santo, trazia huma capella de hera com seus cachinhos, e no meio della a Cruz de Aviz, de cuja Cavallaria era Mestre. O Infante Dom Pedro huma capella de Carvalho com suas bolotas, e no meio humas balanças, e nas Armas Reaes no banco de pinchar, em cada pé

 dalto

dalto abaixo maõs, e por ſima humas letras eſcritas muitas vezes, que diziaõ: *Dizer*, e entre cada palavra deſtas hum ramo de carvalho com bolotas. O Infante Dom Joaõ, que foi Meſtre de Sant-Iago, cazado com a neta do Condeſtavel Dom Nuno Alvares Pereira, trazia huma capella de ramos de ſilva com cachos de amoras, com as bolſas de Sant-Iago no meio, e tres conchelas em cada huma com huma letra em Inglez, que dizia: *Com muita razaõ.* O Infante Dom Henrique Meſtre na Ordem de Chriſto, trazia as Armas do Meſtrado, e de antigas de Portugal, e ao rodor hum cinto largo de correa, que abroxava no cabo de baixo, e huma fivela que fazia volta com a correa, e em Inglez a letra dos cavalleiros de Garrotea, que elle tambem era, e dizia: *Contra ſi faz quem mal cuida.* E huma capella de carraſco, e no banco de pinchar tres flores de lirio em cada pé. ElRei Dom Affonſo o Quinto trazia pintado hum mundo com eſta letra: *Conheço que naõ te conheci.* ElRei Dom Joaõ Segundo ſeu filho, trazia hum rodizio, com eſta letra: *Setere*: e na outra trazia hum Pelicano ferindo o peito, e dizia a letra: *Pela lei, e pela grei.* A Rainha Dona Leonor ſua mulher, trazia huma rede de peſcar, a que chamaõ raſtro. ElRei Dom Manoel, huma eſfera com huma Cruz. A excellente ſenhora, huns alforges, e nas cevadeiras pintadas as Armas de Caſtella com eſta letra: *Memoria de mi derecho.* O Marquez de Valença neto do Conde Dom Nuno Alvares, trazia dois guindaſtes, que levantavaõ hum titulo de pedra, com quatro letras, cada huma por parte. E além

deſtas

destas ha memoria doutras muitas, que daõ testimunho do uzo que dellas havia neste Reino. Por certo, disse Dom Juliò, que estou assaz contente do fruto que colhi da minha pergunta, por saber curiozidade taõ notavel dos nossos Principes antigos, que para a minha natural inclinaçaõ he a coiza de maior gosto, e interesse: e naõ fora menor; pois falamos de Armas, e Tençoens, e vós sois visto nellas fazer que saibamos mais alguma coiza atraz desta materia, principalmente donde nasceu, e teve principio o uzo dos Escudos de Armas, e das Tençoens.

Quanto à minha opiniaõ (respondeu Leonardo) he, que Armas, e Emprezas, ou Tençoens, *naõ tiveraõ no seu principio a differença, que agora lhes assignaõ os que dellas escrevem de letras, e corpos sem letras, com limitaçoens, e regras mui apertadas.* Antes me parece, que as Armas eraõ as insignias que os Reis, e Imperadores davaõ aos seus para ser conhecida sua nobreza, conformando-se na figura dellas com a qualidade dos successos por onde as mereceraõ, ou com a antiguidade do sangue donde descendiaõ a quem as davaõ, e as que os mesmos Reis tomavaõ para si em memoria de similhantes feitos, ou derivadas por seus antecessores. Emprezas, ou Tençoens saõ as que os mesmos Reis, Principes, ou particulares tomaõ, conformando as figuras, e letras com o dezenho, e pensamento que cada hum tem, para emprender coizas altas. E daqui adiante entraõ as regras, que depois lhe aconteceraõ; que, por ser hum discurso mui comprido, naõ tem lugar em noite taõ breve.

Além destas ha outras Armas dos Reinos; Provincias, Respublicas, e Cidades, que se devem chamar *diviza*, que tiveraõ principio ou das coizas de que saõ mais abundantes, ou da maneira em que foraõ povoadas, ou adquiridas. E no que toca ao principio das Armas. Hercules foi o primeiro que trouxe por armas a pelle do Leaõ que matou na relva Nemea, depois da victoria que delle teve, e antes desta victoria trazia a mesma insignia do Porco de Erimanto, que matou em Arcadia. Jazon trouxe por armas o Velocino de ouro, que conquistou. Thezeu o Minotauro. Ulysses, o Paladion, e Eneas o escudo que ganhou de Ulysses na guerra de Troia: estas eraõ verdadeiras armas, em memoria de valorozos feitos. E quanto ao principio das Emprezas, escreve Pauzanias, que Agamemnon trazia no escudo a cabeça de hum Leaõ de ouro, com huma letra que dizia: *Este he terror dos homens, e o que o traz he Agamemnon*. Antioco trazia por armas outro Leaõ. Heitor, dois Leoens de ouro em campo vermelho. Seleuco hum Touro. Alexandre, hum Rei de ouro em seu throno em campo azul. Alcibiades hum Cupido. Lucio Papirio o Pégazo. Cezar huma Aguia preta. Pompeio hum Leaõ com huma espada empunhada. Judas Macabeu hum Dragaõ vermelho em campo de prata. Atyla hum Assor coroado. E cada hum destes, posto que poderaõ tomar a figura das armas em significaçaõ de feitos celebrados, e victorias adquiridas, só quizeraõ darlhe as figuras conforme ao seu pensamento; e Cezar, ao agouro que da Aguia teve. E descendo ás Armas particulares dos Reis, que

que sabemos: As do Imperador he huma Aguia preta de duas cabeças em campo de ouro, em memoria da de Julio Cezar, e da uniaõ do Imperio Oriental, e Occidental. Armas delRei de França saõ tres flores de Lirio de ouro em campo azul, que foraõ milagrozamente dadas a ElRei Clodoveu. Armas delRei de Portugal, os sinco Escudos de azul em Cruz, em signal do vencimento que o primeiro Rei Dom Affonso teve dos sinco Reis Mouros no campo de Ourique, e nelles, e com elles, os trinta dinheiros de prata, por que nosso Senhor foi vendido, em memoria da sua Paixaõ, e do apparecimento que o mesmo Rei vio antes da batalha: por orla das Armas sete castellos de ouro em campo vermelho, e por timbre, hum Drago coroado. Armas delRei de Inglaterra, tres Leopardos de ouro em campo vermelho: posto que dantes tinha ElRei Artur por armas tres Coroas de ouro em campo azul. Armas delRei de Hespanha, os Castellos, e Leoens, taõ conhecidos no mundo. Armas delRei de Frizia, hum escudo de prata, riscado de linhas vermelhas, e atravessado com huma banda azul. Armas delRei de Jeruzalem, huma Cruz de ouro nos extremos, com Cruzetas do mesmo metal, e outras pelos vaõs dos angulos. Armas delRei de Polonia, duas Aguias de prata, e hum homem em sima de hum cavallo, do mesmo metal. Armas delRei de Irlanda, huma Harpa, e huma maõ que a està tocando. Armas do Preste Joaõ da India, hum Cruxifixo negro, com dous azorragues, em campo de ouro. Deixo outros muitos, como os Bastoens de Aragaõ, as Cadêas

de

de Navarra, a Romã de Granada, as Bandas de ouro, e vermelho de Malhorca, e outras que querer contar fora infinito. Tem do mesmo modo as Provincias suas Armas. Primeiramente, as quatro partes, em que o mundo se divide: Azia, tres Serpentes: Africa, hum Elefante: Europa, hum Cavallo: A America, hum Crocodilo: Italia tinha por armas antigamente o Cavallo: Thracia, hum Marte: Persia, hum Arco: Scythia, hum Raio; Armenia, hum Bode: Fenicia, hum Hercules: Sicilia, huma Cabeça armada: Albania, hum Cágado: Frizia, huma Porca: Hespanha, hum Castello: Luzitania, huma Cidade. As Respublicas tem tambem suas Armas particulares: A de Veneza, hum Leaõ com hum livro nas unhas: A de Sena, huma Loba: A de Genova, hum S. Jorge: A de Florença, hum Leaõ com hum livro de ouro. As Cidades, da mesma maneira: Athenas, a Coruja: Roma, a Aguia: Lisboa, huma Nau com os Corvos, em memoria do corpo do gloriozo Martyr S. Vicente, seu Padroeiro: Coimbra, o Drago, e a Donzela coroada: Evora, as cabeças das vigias: O Porto, a imagem de nossa Senhora entre duas Torres: Leiria, huma Torre entre dous pinheiros, e nelles dous Corvos. E assim todas as outras. Porém isto he já muito tarde, e gastámos nesta materia mais tempo do que convinha á das cartas, em que começamos; e porque nas Armas, e Tençoens nos naõ fique por saber algumas significaçoens, e figuras de Armas dos particulares Senhores, e Fidalgos de Portugal, que todas foraõ merecidas com louvores de gloriozos feitos; deixando

do os animaes, significadores de força, braveza, e velocidade; e os Planetas de poder, antiguidade, e clareza, e outras figuras similhantes: Banda significa postura de taboa: Escada, o ingenho por onde se cômetteo alguma obra de valor, ou difficultoza entrada, com risco da vida: Faxa, ou Barra, reprezenta victoria da batalha singular de cavalleiro a cavalleiro, e quantas forem, tantos diremos que saõ os vencimentos com que se ganharaõ as armas. Parte de Muro, Torre, ou Castello, significa ser ganhado, entrado, ou soccorrido, com esforço, e perigo da vida. Escadas, Asteas, ou pedaços de lanças, denotaõ subida trabalhoza, ou defensaõ arriscada na mesma subida. Assim que a *variedade dos corpos*, ou fórma que vedes nas *Armas*, todas nasceraõ de illustres *façanhas*, e valorozos feitos. E todas as das *Emprezas*, e Tençoens, daõ signal claro do animo, e pensamento de seus donos: e com humas, e outras se devem sellar as cartas, de maneira que se divizem as figuras, e letras dellas, como tenho dito. Vejo (disse Solino) que temos a carta cerrada, sellada, e com sobrescrito, sem ainda sabermos nada do principal della. Naõ vos enfadeis (respondeu elle) que na noite de amánhá a abriremos, e leremos muito de vagar a estes senhores, se naõ ficarem de agora cansados do sobrescrito. Antes (disseraõ elles) que só o dia seguinte lhes parecia comprido, e vagaroso. E dando fim á conversaçaõ daquella noite, deraõ o que della ficava ao repouzo, que com a moderada recreaçaõ de horas bem gastadas he mais aprazivel.

DIA-

DIALOGO III.

Da maneira de escrever, e da differença das cartas missivas.

MUi satisfeito ficou Dom Julio de ouvir a Leonardo aquella noite na materia das Armas; e quazi a escolhera antes, que a das cartas. Por alguns particulares, que dezejava saber, quiz com maõ alheia, por naõ parecer importuno, perguntar algumas coizas a Solino, que achou junto á sua porta: e depois de o saudar, lhe disse: Como estais depois da noite de hontem? Como o dado (respondeu elle) que está de qualquér ilharga. Deveis de ficar do azar (tornou Dom Julio) pois tendes taõ poucos pontos, que faltais aos da cortezia: Fiquei (tornou elle) taõ cansado das da carta de Leonardo, que lhe tomei aborrecimento, e nem estou para vos servir, nem para o dizer, e perdoaime. Logo (disse o Fidalgo) naõ quereis continuar na conversaçaõ desta noite. Se a carta (lhe tornou Solino) ha de ser taõ comprida como o sobrescrito, assim o imagino. Pois a minha tençaõ (proseguio elle) era pedirvos que na materia das Armas, que elle tocou, fizesseis hoje algumas perguntas á minha conta sobre alguns particulares das familias deste Reino. Vós deveis buscar armas para me matar (disse Solino) porque das de hontem sahi eu taõ escalavrado, que determinava fugir della: e sei que tem Leonardo tantos livros de Armas, e Geraçoens, que, se o tirar a terreiro, havemos mister todo o Inverno para

o ouvir. Eu me contento (respondeu Dom Julio) com saber que elle tem os livros, e assim o escuzo do trabalho; porque nelles lerei alguns feitos particulares dos Portuguezes merecedores dos Brazoens que seus successores possuem. Bom seria (disse Solino) acabar as cartas antes de entrar por esses feitos, e para isso vos hirei acompanhando até a caza de Leonardo, posto que tinha outra determinaçaõ. Porque vós naõ falteis (respondeu Dom Julio) quero ir mais sedo. E com esta pratica, e outras que occorriaõ, foraõ passeando, e entertendo o que ficava do dia, até que a sombra da noite, e huma chuva miuda os fez recolher a caza de Leonardo, onde os amigos esperavaõ já que elles chegassem: e com Pindaro outro estudante seu companheiro, por nome Feliciano, que, vindo-o a vizitar, se aproveitou da occaziaõ em sua companhia. Festejaraõ todos a Solino: e elle vendo o hospede, de novo se lhe inclinou com mais auctoridade, e disse para os outros: Tenho inveja á dita do senhor Licenciado que veio ao abrir da carta, que cerrámos sem elle, e com naõ pequeno trabalho. Naõ tivera eu por tal (respondeu o Estudante) antes por grande ventura, se do passado me coubera alguma parte; e esta, que alcanço agora com o consentimento destes senhores por meio de meu companheiro, tenho por muito grande favor, e mercê de todos. Essa humildade (disse Solino) está acreditando mil esperanças do vosso entendimento; e bem sei eu que o de Pindaro sabe fazer esta eleiçaõ dos amigos tambem, como em tudo o mais he discreto, e acertado: e para que en-

ten-

tendais o lugar em que vos fico, ſabei que eu ſou o mais certo criado que elle tem entre os ſenhores prezentes. A eſta cortezia reſpondeu Pindaro, e o Eſtudante com as ſuas, até que o Doutor os deſpartio, e diſſe a Leonardo: Bem gaſtado era o tempo em comprimentos taõ cortezaõs, e taõ devidos, ſe o dezejo, que temos de continuar a materia da noite paſſada, o naõ quizera poupar todo para ella: e aſſim vos peço que me façais mercê, e a todos, de ir por diante. Tendes razaõ (tornou elle) de me aleviardes mais de preſſa do cuidado, em que me metteſtes. E tornando a traz, por me aproveitar dos voſſos principios, diſſeſtes que coiza era carta na origem do ſeu nome, os primeiros modos de eſcrever, e o como entre nós ſe conſervou; tratei do ſobreſcrito, da cortezia, das letras, do ſignal, das dobras, e ſello da carta, o que baſtou para todos ficardes mais enfadados, que ſaudozos.

Agora começando a entrar na leitura das regras, ſaibamos que coiza he carta miſſiva, ou mandadeira, e o para que foi inventada; que pela definiçaõ de Marco Tullio, a quem todos ſeguem, he huma meſſageira fiel, que interpreta o noſſo animo aos auzentes, em que lhes manifeſta o que queremos que elles ſaibaõ de noſſas coizas, ou das que a elles lhes relevaõ. Tres generos de *cartas miſſivas* aſſigna o meſmo Tullio, aos quaes alguns coſtumaõ reduzir muitas eſpecies dellas. O primeiro he das *cartas de negocio, e de coizas que tocaõ á vida, fazenda, e eſtado de cada hum*, que he o para que as cartas primeiro foraõ inventadas; que, por tratarem de coizas familiares, ſe chama-

raõ

raõ assim. O segundo, de cartas dentre amigos huns aos outros, de novas, e comprimentos, de galantarias, que servem de recreaçaõ para o entendimento, e de alivio, e consolaçaõ para a vida. O terceiro, de materias mais graves, e de pezo, como saõ de governo da Republica, e de materias Divinas, de advertencias a Principes, e senhores, e outras similhantes. O primeiro genero se divide em cartas domesticas, civís, e mercantís. O segundo, em cartas de novas, de recommendaçaõ, de agradecimento, de queixumes, de desculpa, e de graça. O terceiro, que he mais grave, e levantado, contém cartas Reaes em materias de estado, cartas publicas, invectivas, consolatorias, laudativas, persuazorias, e outras, que se pagaõ a cada huma das que nomeei em todos os tres generos. E onde deixais (disse Dom Julio) as cartas amatorias, ou namoradas? que se na vossa idade naõ tem lugar, parece que o mereciaõ neste discurso. Bem sei eu (tornou Solino) quem as tomara no primeiro; mas o senhor Leonardo já naõ joga com essas cartas. Naõ me esquecia de todo dellas (tornou elle) mas deixo-a para que no fim das mais sejaõ melhor recebidas, e para proseguir a materia quem agora as puder apurar.

As do primeiro genero (disse o Doutor) me parecem cartas muito seccas, que he materia esteril para que empregueis nella sem fruto o vosso entendimento. Antes (disse Leonardo) como essas foraõ as primeiras, e dellas nasceraõ as leis, e as regras para outras, será razaõ que debaixo deste genero tratemos das

mais,

mais, repartindo o pouco, que eu foube dizer, por os lugares de cada hum. E assim me parece, que como a carta que escrevemos ao amigo, sobre seu negocio; ao criado, sobre as coizas da caza; e o mercador ao outro sobre seus tratos, e mercancia; hum avizo, e huma relaçaõ que lhe naõ podemos fazer em prezença, fazendo-o por meio de huma carta, devemos uzar nella o que na pratica costumamos que he brevidade sem enfeite, clareza sem rodeios, e propriedade sem metaforas, nem translaçoens. E quando (disse o Doutor) faremos breves em huma carta? Quando (respondeu elle) de tal maneira, e com tal artificio a escreveremos, que se entendaõ della mais coizas, do que tem de palavras. E como póde ser? (tornou elle) Por meio dos relativos, e subsequentes (disse Leonardo) que, sem nomear as palavras, as repetem; e por ordem das sentenças, e adagios, que sem entender as coizas, as declaraõ: e nisto se adiantaõ muito as cartas da pratica familiar, que, se escrevem de cuidado, e tem mais tempo de se furtarem palavras para se subentenderem razoens. E que coiza he enfeite, ou affectaçaõ? (perguntou Solino) He, disse elle, o cuidado subejo de enfeitar as palavras com elegancia, ou por via de epitetos, ou de escolha de lugar para as sylabas fazerem melhor som aos ouvidos. E em favor desta opiniaõ, dizia hum homem insigne deste Reino, e que teve nelle os melhores lugares da Republica Eccleziastica, e Secular, que a carta, e a mulher muito enfeitada, em certo modo eraõ deshonestas: e eu antes seguira este voto, que o de alguns rhetoricos, que

que deraõ á carta missiva sinco partes de oraçaõ, convém a saber: *saudaçaõ*, *exordio*, *narraçaõ*, *petiçaõ*, e *concluzaõ*: e se houvessemos de seguir o seu estilo, mudaria mos de todo o das cartas. Nunca rhetoricos (disse o Estudante) souberaõ escrever cartas, se as sujeitaraõ ás leis da oraçaõ. Mas parece que o senhor Leonardo dá a entender que na carta senaõ devem uzar epithetos, ou adjectivos, por evitar o enfeite, e subeja elegancia della: e eu tenho que sem elles se naõ póde escrever.

Os epithetos (proseguio Leonardo) ou servem para discripçaõ, e declaraçaõ das coizas, ou pára propriedade, ou para ornamento, e enfeite dellas. Os primeiros saõ necessarios nas cartas como em tudo; os segundos menos, os terceiros escuzados. Para dizer ou escrever, *hum homem douto*, *huma mulher formoza*, *hum cavallo ligeiro*, *huma arvore alta*, *hum caminho comprido*, *hum peito forte*, saõ atributos necessarios para declarar o que queremos dizer; porque ha homem que naõ he douto, mulher que he fêa, e os mais. Os de propriedade, como *ferro frio*, *relva verde Sol claro*, *calma ardente*, *arêa secca*, *pedra dura*, estes saõ pouco necessarios nas cartas: e sómente por comparaçaõ, ou em adagios se devem uzar nellas, como dizendo, *he duro como pedra*, ou *he dar em pedra dura*, ou *he malhar em ferro frio*. Os de elegancia, e ornamento, tenho eu que se haõ de degradar das cartas missivas para fóra do termo dellas, como agora *firme soffrimento*, *incansavel diligencia*, *solicito dezejo*, *cuidadozo receio*, *impor-*

portuna lembrança, *desuzada brandura*, e outros que tem juiz de seu foro. Assim que naõ digo que faltem nas cartas epithetos necessarios, mas que se escuzem os subejos; nem se andem grangeando as palavras para fazerem assento em o cabo da sentença, que será ir contra a brevidade, sem enfeite, ou affectaçaõ.

Parecia-me a mim (disse Solino) que a carta breve seria a de menos regras; e que naõ estava a coiza nos epithetos serem proprios, ou necessarios. Huma carta (proseguio elle) póde ser breve, e levar escritas muitas paginas de papel; porque póde tratar de tantos negocios, ou coizas que as occupem, mas estaraõ relatadas de modo, que seja a leitura comprida, e a carta breve.

O segundo ponto (perguntou Pindaro) que he clareza sem rodeio, me parece a mim que fica declarado nessa primeira parte; pois sendo breve a carta, e naõ tendo enfeite nas palavras, será clara, e sem rodeios. Naõ estais no cazo (tornou elle) que posto que a clareza he parte da brevidade, a clareza he das razoens, e a brevidade das palavras: e assim póde a carta ser breve, mas confuza; e clara, sendo comprida: que muitos para dizerem coizas, querem estrada Coimbrã, e caminho direito; buscaõ rodeios, e atalhos em que se perdem, confundindo o que querem dizer. Em huma minha doença escreveu hum amigo, e dizia: *Disseraõ-me que a saude de vossa mercê corria perigo na inconveniencia de Medicos discrepantes no remedio dos males dessa doença.* E fez estas trocas onde podia dizer: *Soube que os Medicos naõ se conformavaõ na cura*

tura dos vossos males, que na duvida delles corria risco a vossa saude. Outro me escreveu ha muitos dias: *Se vossa mercê naõ está auzente das lembranças, que suas promessas me asseguravaõ, de haver de ter muitas deste seu cativo.* Havendo de dizer: *Se vos naõ esquece que me promettestes de ter lembranças de mim.* E porque ainda temos lugar de tornar aos particulares das dispoziçoens da razoens:

Passando ao terceiro ponto, que he *propriedade sem metaforas*, ou *translaçoens*. A propriedade (disse o Doutor) era materia da noite passada, quando falastes das letras, e razoens em seu lugar, sem barbaria, nem impropriedade no escrever: e como isto he parte do exterior da carta, já hoje naõ tem dia. A propriedade que vós dizeis (acodio Leonardo) he exterior, mas muito differente a de que eu trato, e naõ pouco importante ao falar, e escrever, que he a propriedade das palavras na sua propria significaçaõ, sem serem emprestadas por via de translaçoens para outros lugares, que he termo que argue nobreza de linguagem; e porque fique mais declarado, sabei que dizemos em Portuguez, falando propriamente dos nomes: *Bando de aves, cardume de peixes, rebanho de ovelhas, fato de cabras, vara de porcos, alcatéa de lobos, tropel de cavallos, cafila de camellos, récua de cavalgaduras, manga de arcabuzeiros, mô; ou roda de homens*; e se, trocando isto, disseramos: *Hum cardume de aves, ou huma alcatéa de ovelhas, ou hum fato de porcos*, seria impropriedade, e desconcerto. Dizemos tambem nos verbos: *Chiar* de aves, *balar* de gado, *gru-*

nhir de porcos, *ladrar* de caens, *rinchar* de cavallos, *bramir* de leoens, *empolar* de mares, *encapelar* de ondas, *assoprar* de ventos, &c. E se dissessemos *chiar* de porcos, *rinchar* de leoens, e *grunhir* de cavallos, seria o mesmo erro. E porque ha metaforas, e translaçoens taõ uzadas e proprias, que parecem nascidas com a mesma lingua, que como adagios andaõ pegadas a ella, se devem trazer (quando forem taes) nas cartas missivas, do mesmo modo que na pratica se costumaõ. Dizemos dos nomes *folha de espada*, *lume de espelho*, *vêa de agua*, *braços de mar*, *lingua de fogo*, *lanço de muro*, *faxa de ferro*, e outras similhantes: e nos verbos, *lançar o cavallo*, *fazer á capa*, *quebrar a palavra*, *cospir o pelouro*, *arripiar a carreira*, e outras muitas: e além destas taõ uzadas, e naturaes, que servem de propriedade á lingua Portugueza, ha outras nascidas de proverbios, ou adagios, que tem o mesmo lugar, e antiguidade, como saõ *furtar o corpo*, *ir vento em pôppa*, *nadar contra a agua*, *ficar em secco*, *repicar em salvo*, *tirar barro á parede*, &c. E quanto a carta tiver mais destas, será mais breve, e corteza; pois, como primeiro disse, por este modo se entendem da carta mais coizas, do que tem escrito de palavras.

Pelo contrario, uzando, em lugar destas, outras humildes, populares, ou innovadas, será vicio na propriedade da carta; como se nos nomes dissessemos *hum feixe de cuidados*, *hum mar de encommendas*, *hum moio de queixumes*, *hum golpe de razoens*; e nos verbos, como: *enfeitar o dezejo*, *tropeçar em cuida-*

dos,

dos, navegar em desconfiança, e outras muitas. Esta he a propriedade, de que trato, e a que me pareee que se deve uzar no escrever das cartas missivas; porque naõ soffre o estilo *dellas* o que em a pratica, ou em outro genero de escritura naõ sómente se permitte, mas muitas vezes se dezeja.

Espero (disse D. Julio) que deis alguma limitaçaõ, ou declareis a linguagem, que se deve uzar neste estilo das cartas; porque encontro muitas muito mal escritas, cujos erros, a meu ver, nascem de os homens se cansarem muito em quererem parecer singulares. Posto que isso pertence primeiro ao falar, que ao escrever (respondeu Leonardo) pois, como já disse, devemos escrever como praticamos; as palavras da carta haõ de ser vulgares, e naõ já populares, nem exquizitas: vulgares de modo, que todos as entendaõ; e ao menos, que a quem se escrevem, naõ sejaõ peregrinas: e naõ já populares, que sejaõ termos humildes, palavras baixas, que a cortezia naõ recebe: e que taõ pouco, em lugar dos adagios, e sentenças, tenhaõ anexins. Tambem se deve fugir ao termo exquizito de palavras alatinadas, ou carreteadas de outras linguas estranhas, que sempre tem o sabor da sua origem. Assim na linguagem, como em tudo (acodio Feliciano) ficavamos satisfeitos, se de aquelles tres generos, em que o senhor Leonardo dividio as cartas, dera alguns exemplos, que nos allumiaraõ; porque nem as regras sem elles ensinaõ de todo, nem se póde perder a liçaõ de taõ bom estilo. O que eu naõ pedira, se foraõ dos vinte generos de cartas, em

que hum Rhetorico as dividio; que, por querer dar leis, e partes a cada huma, as confundio todas. Em tudo (tornou elle) vos quizera satisfazer: porém cartas mais se haõ de escrever em occaziaõ, do que trazerem-se por exemplo; que he o porque eu lhe naõ dera regra certa, nem das muitas, que ha bem escritas, se póde tirar: que esse Auctor, que vós dizeis que lhe assignou vinte generos, achará fóra delles infinitas cartas, bem melhor escritas, que as com que os elle quer auctorizar. Porém, com o presupposto de naõ dar preceitos.

As cartas do primeiro genero, familiares, domesticas, civís, e mercantís, respeitaõ tanto a brevidade, que naõ podem os Rhetoricos dividillas em partes, se naõ forem nas da oraçaõ; e bastava para exemplo aquella de Cicero a Cornelio, que dizia sómente:

Carta de Cicero a Cornelio.

Alegrai-vos de eu naõ estar mal; pois terei o mesmo contentamento de saber que estais bem.

E muito he mais para notar huma carta de Octavio Imperador para Caio Druzo seu sobrinho, que contém bem mais coizas, e avizos que palavras, e dizia:

Carta de Octavio a Druzo.

Pois estais no Illyrico, lembrai-vos que sois dos Cezares; que vos mandou o Senado; que sois moço; meu sobrinho; e Cidadaõ Romano.

E estas, e outras similhantes, nem tem regra,

grá, nem deixaõ de ser cartas. Mas porqué naõ só nos ajudemos das antígas, mas tambem com as nossas façamos pestoleta; esta he breve, e domestica, que hum cortezaõ escreveu a seu amigo, a quem em huma auzencia deixara sua casa; e dizia:

Carta moderna a hum amigo.

Estou taõ confiado no que vos mereço, e taõ seguro no que de vosso animo tenho conhecido, que me naõ dá cuidado a familia que deixei á vossa conta; senaõ o trabalho, que vos dará o sustentalla: naõ procuro sabèr della mais, que novas de vossa saude; que emquanto a tiverdes, estará sem sobresalto a minha vida.

A' qual o amigo respondeu com brevidade; e dizia desta maneira:

Resposta.

Nesta caza só vós fazeis falta; mas como sois o tudo della, ainda que subeja a minha diligencia, lhe falta tudo. No que he servirvos, a todos satisfaço, senaõ o meu dezejo, que he igual ás obrigaçoens que vos tenho. Vivei seguro; e gozai saude; que, em quanto a tiver, porei por vossas coizas a vida.

Naõ estaõ as cartas para desprezar (disse Solino) e para me assegurar se a vossa memoria he arquivo dellas, ou se as ides fingindo de repente (ainda que isto he menos curiozidade, que tençaõ) hei de pedir por parte destes senhores que de alguma nos deis similhantes exemplos. Naõ quero (disse elle) que acrediteis tanto o meu entendimento com mostrardes

trardes desconfiança da memoria; mas a trôco do louvor vós hei de obedecer nas que me lembrarem: e proseguindo nas da segunda especie deste genero, me parece carta civil, e breve esta, que hum amigo escreveu a outro, que mudava sua caza para a terra, onde elle vivia; e dizia:

Carta de hum amigo.

Espero com grande alvoroço que venhais para esta cidade, para que com vossa companhia viva nella contente, e vós desenganado de quam pouco em si tem que me possa alegrar, senaõ depois que vos possuir.

A quem o amigo brevemente respondeu em outra, que dizia:

Respostа.

Assim como o desterro em o melhor lugar he penozo, nenhum póde haver tam esteril, que, tendo a tal amigo, naõ seja dezejado. Vós sois a quem busco, he força que me contente a parte onde vos achar; que as pedras naõ fazem a cidade, senaõ os homens: nem as commodidades da vida a sustentaõ, senaõ os amigos.

As mercantís posto que saõ segundo os tratos, e negocios, e acodem mais a elles, que ao bom termo dos comprimentos; naõ deixa de haver muitas taõ bem escritas, que podem ter lugar entre as melhores; e ainda que naõ he dellas huma, que eu vi ha poucos dias, a darei por ser taõ breve, e era esta:

Carta mercantil.

Ha nova de Cossarios no mar; e por esse res-

respeito grande risco nas fazendas dessa terra: porém a valia dellas será muito avantajada, se chegarem a este porto a salvamento; se a cubiça do interesse vence o perigo das encommendas, ponde-as em ventura; que eu a terei para mim por muito boa o vosso bom successo.

A assim naõ me desagradou outra, que dizia desta maneira:

Carta mercantil.

Com os tempos contrarios á navegaçaõ foraõ as occazioens ao nosso trato: que, como as mercadorias naõ foraõ requestadas de estrangeiros, estaõ ao prezente abatidas: enviai-me menos dellas para que, faltando, mais as procurem os mercadores da terra; e nessa vos naõ descuideis de fazer emprego, mandando-me o de muito boas novas vossas.

Naõ me pareceu (disse o Doutor) que tirasseis taõ boa doutrina de materia taõ limitada; porque esse primeiro genero de cartas tinha eu que naõ sahia de huns termos, e principios, que andaõ escritos no panno da serpe como saõ: *A' feitura desta. Esta naõ he para mais. Huma de v. m. me deraõ. Pela de v. m. de tantos do passado: Depois de me encommendar em v. m.* E daqui correndo por seus capitulos *de quanto a isto*, e *quanto a estoutro*, até topar no *a quem Deos guarde.* Esses principios (disse Solino) estaõ já mui bolorentos; mas ainda para cartas de mais ponto tenho outros grangeados de algumas secretarias velhas, como impressaõ de Torres, de que me valho nas pressas de huma boa nota, que naõ saõ taõ corriqueiros. Naõ me atreverei eu sem esses

(disse

(disse Leonardo) a ir por diante pelo que vos hei por notificado. Pois assim he (disse Solino) quero obedecer, ainda que perco grande valhacouto em os descobrir; porque sabei que he comer feito para os ronceiros desta mecanica; e o mór trabalho della he desencalhar a penna com a primeira palavra: e saõ quatro: *Como quer que. Tanto que. Depois que*, e *Antes que*. E sabei que naõ ha propozito, que saia das unhas destes bilhafres; e nos capitulos de *quanto isto*, &c. se mette em lugar do *quanto*, *no que toca a tal*, e *no que toca a qual*; que, a meu ver, era melhor o *item*, que tinhamos tomado aos Latinos. Mas os notadores de espada solta esgrimem já agora sem estes bordoens maravilhozamente. Bons estaõ os principios (disse D. Julio) porém haveis de metter a letra em todos elles, para que nos naõ passem por alto. Antes por muito rasteiros (respondeu elle) vos ficaráõ entre os pés. Porém tende tento, e vereis que saõ principios de parafuzo, e que se encaixaõ, e viraõ para todas as partes como grimpa.

Como quer que os meus serviços montem ante vós taõ pouco, e a vontade por minha seja de menos preço, &c.

Como quer que o animo, com que sou vosso, me naõ deixa perder occazioens, em que vos sirva, &c.

Tanto que soube que era coiza de vosso gosto deixar esta empreza, &c.

Tanto que me vi desfavorecido de vossas lembranças, lancei maõ do meu atrevimento, &c.

Depois que me apartei de vós, naõ soube

be mais de mim, que para sentir saudades vossas, &c.

Depois que meus males me deraõ lugar para tomar esta penna na maõ, a empreguei em procurar novas vossas, &c.

Antes que me disculpe de meus descuidos, &c.

Antes que vos dê larga conta dos meus successos, &c.

De modo, que saõ como materia prima, em que moldareis tudo, o que quizerdes: porém naõ quero ir a diante, e tomar o tempo ao senhor Leonardo; que o vejo entrar já por outras cartas missivas. Antes (lhe disse elle) tomei fôlego em quanto vos ouvia falar nessas. E tratando das do segundo genero, que saõ cartas de novas, a que chamaõ narrativas de comprimentos, que se dividem em cartas de agradecimento, recommendaçaõ, disculpa, [queixume, e outras muitas, cartas de galantaria, ou jocozas, como chamaõ os Latinos: Para as narrativas nos podia servir de exemplo aquella, em que o Imperador Tiberio Cezar dava novas de Italia a seu irmaõ Germanico, que dizia:

Carta de Tiberio Cezar a Germanico.

Os Templos se guardaõ; os Deuzes se servem; o Senado está pacifico; a Republica prospera; Roma sã; a Fortuna mansa; o Anno fertil; e isto, que ha aqui em Italia, dezejo que da mesma maneira gozeis em Azia.

Deixo a que Cezar escreveu a Roma, das novas de Persia, que continha só tres palavras: *Cheguei: vi: venci.* E a de Gneu Sylvio,

vio, eſcrevendo as novas da Farſalia, que dizia:

Carta de Gneu Sylvio.

Cezar venceu: Pompeio morreu: Rufo fugio: Catáõ ſe matou: acabou a Dictadura; e perdeu-ſe a liberdade.

E chegando a alguma, que com menos aperto faça ſua relaçaõ, me naõ pareceu enjeitar a que Marcello eſcreveu ao Senado Romano, dando-lhe novas da rota de Fulvio, que dizia:

Carta de Marcello ao Senado.

Bem ſei que a nova, que vos mando, he de ſentimento. Fulvio Proconſul com treze mil homens foi desbaratado, e ferido. Porém naõ vos cauze temor eſte ſucceſſo; que eu ſou o meſmo, que, depois da batalha de Canas, mortifiquei a ſuberba de Hannibal, vencedor della: contra elle caminho brevemente com meu exercito para lhe fazer mais breve a alegria deſte triunfo; e em vós dezejo muito o meſmo animo, que levo.

Huma carta (acodio o Doutor) me eſcreveu os dias atraz hum amigo, de novas de Lisboa, que certo, pela brevidade, me pareceu digna deſta lembrança; e dizia:

Carta moderna.

Eſta cidade eſtá abaſtada, mas deſcontente: o mar cheio de Coſſarios: os portos de receios: o Paço de requerentes; e elles de queixumes: para os validos tudo he pouco: aos deſamparados naõ cabe nada: do remedio de tantos males naõ ha boas novas; e as minhas

ſaõ

sáõ que entre todos elles me falta a vossa companhia.

Essa (disse Leonardo) se póde ajuntar por exemplo ás antigas que relatei: e por naõ me empregar em outras, que seria demaziado trabalho a todos ouvillas, e a mim recitallas, peço as de recommendaçaõ de alguma pessoa, ou de algum negocio, nas quaes tem mais lugar a dispoziçaõ, e offerecimento dos Rhetoricos, encarecendo os merecimentos da pessoa, ou a importancia da cauza que encommendais, facilitando-a na condiçaõ, e vontade, a quem a pedia; concluindo com a petiçaõ, e offerecimento de vossa parte: e todas estas, e ainda hum exordio de sentença, que hei por escuzado, se vem em huma carta, que ha pouco que li, que hum Rei de Portugal antigo, escreveu ao de França, encommendando-lhe hum Fidalgo, que hia estudar a Pariz; e dizia tirada de Latim, em que estava em hum livro estrangeiro:

Carta d'ElRei de Portugal ao de França.

Entre as virtudes, e excellencias dos Principes, me pareceu muito digna de louvor a de terem particular cuidado, e lembrança dos vassallos benemeritos em seu serviço, para com favores, e mercês os ajudarem: e por esta razaõ me pareceu que devia encommendar a V. Magestade D. Pedro de Almeida, que por occaziaõ de seus estudos vai a essa Corte de Pariz, posto que claramente conheço que, sem recommendaçaõ minha, vai assás encommendado pela liberalidade, e brandura com que V. Magestade honra, e recebe os homens taõ il-

lustres

lustres como elle he. A'lem do que, tem elle tantas partes, e entendimento, que naõ achá-rá melhor terceiro, que a si mesmo. Deixo seu pai, D. Joaõ de Almeida Conde de Abrantes, que com suas singulares virtudes, e claros fei-tos adquirio, e conservou até á morte muito estreita privança, e amizade com meus ante-cessores, e comigo; de sórte, que ponho em du-vida se importe mais a seu filho a minha car-ta, se a fama, e lembrança de seu pai. De qualquer modo o encommendo muito a V. Ma-gestade. E de minhas coizas naõ offereço de novo nada; pois pela irmandade de meus an-tepassados, e minha, em tòda a occaziaõ de-ve V. Magestade uzar dellas, como se foraõ commuas a ambos.

Outra achei no mesmo lugar, d'ElRei D. Manoel, mais breve que a passada, que era de seu antecessor, a qual elle escreveu ao Mes-tre de Rhodes, encommendando-lhe hum No-viço Portuguez, que hia servir á Religiaõ, que será para exemplo das menos enfeitadas. O Gram Mestre era o Cardial Pedro de Bu-zon; e dizia:

Carta d'ElRei D. Manoel ao Gram Mestre de Rhodes.

Aires Gonsalves, filho de Henrique de Figueiredo, vai a tomar o habito dessa Reli-giaõ: naõ pareceu fóra de propozito, nem de humanidade, encommendallo a V. P. assim por sua nobreza, e ser criado de minha caza, co-mo pelos serviços, e merecimentos de seus pas-sados com os Reis meus antecessores; e final-mente por seu bom esforço, e virtude. Rogo

a V. P. que com sua costumada brandura o favoreça de sórte, que nelle se accrescente o valor, e a devoçaõ que leva: e naõ porei esta obrigaçaõ no menor lugar das muitas, que tenho a V. P.

As cartas de agradecimento tem o campo mais largo para nellas se espalhar a penna, e o entendimento; pois quem mais se obriga, e encarece o que recebe, escreverá com melhor termo, naõ saindo dos da carta missiva: e já os antigos naõ desconheciaõ esta galantaria; pois Lybanio respondendo a Demetrio, que o obrigava a que lhe pedisse, escreveu assim:

Carta de Lybanio a Demetrio.

Naõ dais lugar a que eu vos peça; porque me mandais tudo. Ainda bem as arvores naõ daõ seu fructo, quando vossos criados mo trazem: e do que até nos agros se sente a falta, eu a naõ tenho. Como me haverei nisto? que o lavrador, quando o tempo lhe nega a agua, entaõ a pede: porém, se chove, contenta-se de ver que favoreceu o Ceo suas esperanças.

O queixume por carta se deve fazer com toda a moderaçaõ, que a urbanidade requere: e póde nestas servir para exemplo, e lembrança, a que Olympias mãi de Alexandre respondeu a seu filho, a huma em que elle se assignava por filho de Juppiter; que dizia:

Carta de Olympias a Alexandre.

Muito me alegro com a victoria, que alcançastes da Cidade de Tyro; e com todas vossas venturas, e façanhas: porém tive por

grande afronta minha ver que vos nomeais por filho de Juppiter na carta, que desta nova me escrevestes. Estimarei muito, meu filho, que aquieteis nisso o pensamento, e me naõ leveis a juizo ante a Deuza Juno; que algum grande mal me ha de ordenar, sabendo que por letra vossa me chamais manceba de seu marido.

E se me naõ parecera hum pouco enfeitada huma carta, que Angelo Policiano escreveu ao grande Lourenço de Medicis, a podera pôr em exemplo da moderaçaõ de queixume; porque dizia:

Carta de Angelo Policiano ao Duque de Florença.

O Poeta he similhante ao Cisne na brancura, e suavidade, em ser affeiçoado a correntes de agua, e amado de Apollo. Com tudo dizem que o Cisne naõ canta senaõ quando o vento Zefiro respira. Naõ he logo muito que eu seja mudo tantos dias, sendo Poeta vosso, se vós, que sois meu Zefiro, nelles me faltais.

As cartas jocozas, ou de galantaria, tem mais campo, e liberdade para se poderem uzar nellas alguns termos fóra das limitaçoens das nossas regras; porque assim em se entenderem mais, como em se sujeitarem menos, ficaõ desobrigados das primeiras leis, que saõ *brevidade sem enfeite: clareza sem rodeios: propriedade sem metaforas*; pois o termo da graça, e galantaria, nisso se differença do sizudo, e pontual; naõ negando que ha algumas, que naõ perdem a graça, nem o sizo, como he huma, que Lybanio escreveu a Aristoneto; que dizia:

Carta

Carta de Lybanio a Ariſtoneto.

Onde vos achais, ſei que dizeis ſempre mal de mim: eu pelo contrario naõ perco occaziaõ de dizer louvores voſſos: porém quem a ambos nos conhecer, a nenhum de nós ha de dar credito.

Das mais ha tantos, e taõ differentes exemplos, que ſeria aggravo a cada huma das outras trazer aqui algumas bem eſcritas. Só direi que huma eſpecie dellas, he narrativa, motejando do meſmo, que contaõ, ou das novas que daõ; que naõ ſaõ por eſſe reſpeito pouco engraçadas. Ha outra das de disbarates, que, parecendo que ſe deſviaõ nas palavras do propozito, que tomaõ, daõ a entender, como em enigma, o penſamento de quem as eſcreve; e ſaõ eſtas graciozas com ſubtileza. Outra ha das de murmuraçaõ em materias leves, como ſatyras menores: e humas, e outras tem a galantaria no pintar, e deſcrever as peſſoas, e as coizas, com apodos graciozos, encarecimentos deſuzados, palavras facetas, fraze humilde, accommodada ſempre ao ſujeito. E certo que niſto tiveraõ maõ particular os Portuguezes, que eſcreveraõ ao graciozo, que nem os Italianos na fraze burleſca, nem os Heſpanhoes no eſtilo picareſco os igualaraõ.

Naõ vos houvera eu de conſentir eſſe ſalto (*diſſe Solino*) deixando tantos exemplos em aberto, ſe naõ tivera penſamento de cobrar a demazia noutra occaziaõ; e aſſim por iſſo, como por ſer já paſſada tanta parte da noite, vos peço que façais a vontade ao ſenhor D. Julio com eſſas cartas Reaes, de Eſtado, e Governo, que as eſtá dezejando com a vida; pois

a

a ſua he nadar na altura de coizas ſimilhantes.
Eu vos mereço (reſpondeu o Fidalgo) a boa opiniaõ , em que me tendes : porém igualmente me contentaõ todas as coizas , em que fala o ſenhor Leonardo : e porque ſempre as ultimas me ficaõ parecendo melhor que as primeiras , poſſo dezejar eſſe terceiro genero de cartas ; e ſe delle tornar ao primeiro , faráõ o meſmo effeito na minha ſatisfaçaõ. Para reſponder a eſſe favor (tornou Leonardo) havia miſter o tempo , que hei de gaſtar nas cartas que me ficaõ : e aſſim ou huma , ou outra coiza me havei por perdoada. Naõ deixou o Doutor ir-os comprimentos por diante , dizendo que eraõ em prejuizo de terceiro ; e proſeguindo Leonardo , diſſe :

As cartas do terceiro genero , que , pelas materias importantes , e differença das peſſoas , ſaõ mais graves , e humildes ; poſto que ſe incluem algumas dellas á Oratoria , aproveitando-ſe da elegancia , e razoens para perſuadir , conſolar , dar louvores , ou reprehender ; e poſto que deſtas eſtaõ cheias as Chronicas , e Annaes de todos os Reinos ; recitarei algumas , que pareçaõ menos vulgares , e mais breves para exemplo , como he huma , que os Conſulares C. Fabricio , e C. Emilio eſcreveraõ a El-Rei Pyrrho ſobre huma conſideraçaõ em materia de Eſtado ; que dizia :

Carta de Fabricio Emilio a ElRei Pyrrho.

Pelos aggravos , que de vós temos recebido , o maior cuidado noſſo he fazer-vos guerra com animo inimigo , e braço esforçado : porém , para exemplo commum de fidelidade , nos pare-

pareceu conservarvos a vida, porque com a perda della nos naõ faltasse hum contrario valorozo, a quem vencer. Nicias vosso particular veiõ ter comnosco, pedindo-nos preço certo por vos dar morte occulta; em que nós naõ consentimos, fazendo-lhe perder a esperança de tirar fructo de sua maldade. Juntamente assentámos darvos este avizo; porque, se alguma coiza acontecer, senaõ prezuma que sahio do nosso Conselho; e naõ sendo o intento delle pelejar por preço, premio, ou engano, vós, á falta de cautela, percais a vida.

Tambem me naõ parece indigna de lembrança huma, com que Rhodoge, mãi d'ElRei Dario, o reprehendia, e aconselhava na segunda expediçaõ contra Alexandre; que foi a que se segue:

Carta de Rhodoge para ElRei Dario seu filho.

Deraõ-me novas que ajuntaveis poderozos exercitos de todas vossas gentes, e das alheias, para de novo offerecerdes batalha a Alexandre. Naõ sei a que effeito: pois o poder de toda a rodondeza naõ basta para pelejar com os Deozes immortaes que a elle o favorecem. Deixai esses pensamentos altivos; apartaivos da vangloria delles, concedendo á grandeza de Alexandre alguma coiza; que melhor he deixar o que naõ podeis ter, para gozar livremente o que possuis; que, querendo dominar tudo, ficar sem nada.

Cada hum dos prezentes gabou estas cartas com tanto extremo, que naõ deixaraõ que com ellas acabasse Leonardo sua obrigaçaõ; porque

(disse D. Julio) Já pelo voto de Solino, estas saõ as cartas, que entraõ na jurisdicçaõ de minha curiozidade, naõ consinto que nos exemplos seja este genero mais limitado; mórmente que deste se tira outra doutrina mais que a das cartas, que he a variedade das historias, e occazioens dellas. Eu (respondeu Leonardo) ainda tinha cabedal para ir a diante, se as horas tornaraõ atrás; mas partirei (como dizem) a contenda pelo meio, recitando huma carta, que o Graõ Senhor dos Turcos escreveu aos Amazonios; e a valoroza resposta que elles lhe mandaraõ; e dizia a primeira:

Carta do Turco aos Amazonios.

Se por defensaõ de vossa liberdade sustentareis guerra contra meu poder, naõ vos tivera tanto por inimigos, como por valorozos Cidadaõs, que pela patria, filhos, parentes, e amigos punheis as vidas. Porém com nenhuma razaõ me persuado que os que deixaraõ tantos annos governar o Reino a mulheres (como tenho ouvido) recuzem agora o imperio, e governo de homens valorozos.

E a esta carta responderaõ elles outra, que dizia:

Resposta dos Amazonios.

Este Reino das Amazonas, que, como por afronta, nossa nomeais, com o seu mesmo exemplo nos aconselha naõ obedecer a outrem: porque temos por infamia, e torpeza que o esforço varonil seja vencido do espirito, e braço feminino. Pelo que deveis julgar por invenciveis em armas, e dignos do governo, e principado

cipado do mundo homens, entre os quaes até as mulheres aprenderaõ a reinar.

E porque com exemplos Gentilicos, e Barbaros naõ dê fim á conversaçaõ desta noite, direi por remate huma carta, que o veneravel sacerdote Beda escreveu a Carlos Martelo Rei de França, e aos mais Potentados daquelle Reino sobre a entrada dos Mouros em Hespanha; que dizia:

Carta do veneravel Beda a Carlos Martelo Rei de França.

Em quanto se move perigoza, e cruel guerra na Christandade, se apparelha notavel ruina de toda a Europa: porque os Saracenos, occupada a Africa, e Libya, começando de Ceita, tem conquistada toda a terra de Hespanha, tirando a das Asturias, e Cantabria. Africa, que o capitaõ Belizario cobrou aos Romanos, e que cento, e setenta annos obedeceu a seu imperio, juntamente com a Hespanha Betica, tem tomado os Mouros, fazendo-a obedecer a seus falsos ritos, com grande ignominia, e afronta do nome Christaõ. Que coiza póde haver mais excellente, valoroza, e pia, que contra estes inimigos de Deos tomar armas? Que fizeraõ os Suevos, os Alemaens, e os mais varoens do nome Christaõ, que com taõ grandes destruiçoens tendes perseguidos? Perto estaõ, e sobre vossas cabeças os Saracenos, que com suberbo jugo ameaçaõ a toda a rodondeza da terra. Nelles tendes formozissimos Reinos, grossas Cidades, ricos despojos; e vos esperaõ grandes triunfos da victoria: e principalmente incomparavel premio de gloria com Christo nosso

Salvador ; que para taõ ſanta empreza com continuos brados vos eſtá chamando.

Certo, diſſe o Doutor, que ſe podera dilatar a noite pelo intereſſe de taõ proveitoza doutrina; mas porque neſta ſe naõ ha de dar fim ao noſſo exercicio, fiquem algumas perguntas, que agora eſcuzo, para outra occaziaõ, pois agora a naõ tiveraõ as cartas amorozas, nem as de deſafios. As primeiras (replicou Leonardo) deixei por ſer improprio da minha idade tratar dellas; as ſegundas, por me naõ embaraçar com o duello que eſtá reprovado. Porém fica o campo livre para os mancebos. Com iſto ſe deſpediraõ dando-ſe boas noites: e o Eſtudante foi encarecendo ao companheiro o muito, que o eſpantara ver tanta Corte em huma Aldêa; que as coizas, achadas onde naõ ſe eſperaõ, ſaõ de maior admiraçaõ, e de mais eſtima.

DIALOGO IV.

Dos Recados, Embaixadas, e Vizitas.

AManheceu o Sol taõ claro, e graciozo; que alguns dos amigos por ſe lograrem delle com a occaziaõ da caça ſe eſpalharaõ pelos montes; mas depois de horas de veſpera vizitou ao Doutor o Eſtudante em companhia de Pindaro ao Doutor Livio, com quem paſſaraõ a tarde num ſeu jardim em boa converſaçaõ, eſperando a da noite, a que elles foraõ os primeiros que acodiraõ, e ſe acharaõ em caza de Leonardo; que commummente nos Letrados ſe accende melhor o dezejo de ſaber, e naõ naquelles

les aos quaes lhes custou menos. Sentaraõ-se á vista do fogo, que á conta dos hospedes estava melhor ordenado; e depois de gastarem algumas palavras de comprimento, chegaraõ D. Julio, e Solino, a quem todos fizeraõ muita festa; e, reprehendidos da pequena tardança, disse Solino: Grande espaço ha que eu pudera gozar esta companhia, se me naõ detivera em esperar resposta de hum recado, que mandei ao senhor D. Julio. E eu (respondeu elle) se vos naõ encontrara, ainda naõ tinha entendido o vosso moço; porque de maneira embaraçou o que me mandaveis dizer, que nem por discriçaõ pude tirar o recado: nem vos desfaçais delle para os que forem de importancia, que *val* a pezo de ouro. A isto se começaraõ todos a rir, e tornou Solino: O meu moço, senhor D. Julio, tem disculpa em ser nescio, porque he meu moço; que, se soubera mais, eu o servira a elle; mas os criados dos grandes, como vós, esses ham de ser discretos, pois saõ taõ bons como eu: e com tudo eu vos sei dizer que ha aqui moço, que no dar hum recado o pudera fazer como ao que lá mandei, que naõ he dos peiores da sua ralé, e já entermette de ler carta mandadeira; mas nos recados ainda agora lê por nomes, e naõ acerta a nenhuma coiza. Pouca paciencia tenho (disse o Doutor) a hum criado, que esperdiça o entendimento de seu amo: mandais hum recado concertado, discreto, e cortezaõ; e o madrasso, que o leva, muda-lhe os trastos, e desentôa com huma parvoice que vos desacredita, como com os meus me tem acontecido mil vezes. Nos vossos naõ he mui-

to

to (disse Solino) que dais os recados guarnecidos de Rhetorica com seus vivos de Latim, que saõ mais perigozos na boca destes, que vidro em maõ de minino: mas os meus, que naõ passaõ de quatro palavras em linguagem corrente, e que assim os virem do carnás, e me mettaõ em vergonha, naõ he desgraça? Hora prometto que os de importancia eu mesmo os leve, como aconteceu ao cortezaõ auzente, que levou elle proprio a carta a sua mulher: e os que houver de dar o meu moço, que sejaõ seus, por naõ andar romendando o burel da sua natureza com o trabalho da minha disciplina. Daqui por diante boca faz jogo: digo, que o que o meu moço disser, elle o diz, e que me naõ ha de chamar por auctor nas suas impertinencias. Certo (disse Leonardo) deixando de tratar dos meus, e vossos recados, que importaõ menos, e doutros em que vai taõ pouco, que he huma das coizas de maior consideraçaõ aos Reis, Principes, Republicas, e aos Grandes, mandarem suas embaixadas, vizitas, e recados por homens de auctoridade, discretos, e bem disciplinados, em cujas razoens, e procedimentos consiste muitas vezes o bom successo do que pertendem. E assim os Reis, Principes, e Republicas nas materias de Estado; as Cidades, e Póvos nas occazioens das Cortes; os senhores particulares nas vizitas; devem sempre escolher homens, que no entendimento se avantajem dos outros, porque naõ sómente conseguem o fim da pertençaõ de quem os manda; mas o acreditaõ: e porque ás vezes por respeitos, privança, e valia se antepóem os menos sufficientes para estes

estes cargos, se deitaõ a perder negocios de huma Republica, em que consiste a quietaçaõ, e honra della. Pouco, e pouco (disse Pindaro) se foi o senhor Leonardo á materia dos recados, que naõ ficaõ fóra de seu lugár, depois de o terem as cartas missivas; e bem se póde fazer a noite bem assombrada com taõ bom sujeito. Disculpado estou (respondeu elle) com o trabalho, que na de hontem cahio á minha conta, em fugir delle; mas naõ de approvar a vossa advertencia. A todos os mais pareceu que seria acertado tratarem a materia de mais longe; e pediraõ ao Doutor que, tomando á sua conta, começasse. Bem pudera uzar (disse elle) do privilegio do senhor Leonardo, e de outros para *minha* escuza; porém ainda que os *tinha*, e qualquer dos prezentes mais *sufficiencia* para este encargo, por lhe naõ pôr a elles roim foro, me dou por obrigado. Digo que *recado* he nome que entre nós tem a etymologia. A significaçaõ he muito duvidoza, pelo modo em que uzamos delle: porque, se houveramos de derivar este nome do verbo Italiano *recare*, que he *trazer*: ou do verbo *recapacitare* que he *recapacitar* (donde elles chamaõ *recapacitar* ao *recado*) nunca differamos delle tanto, como na nossa lingua Portugueza significamos; mas se lhe buscarmos a origem do Latim, virá mais ao nosso modo pela differença do messageiro ao que leva recado: que o primeiro *missa gerit*, faz as coizas que lhe mandaõ; e o segundo *recautus*, este he homem acautelado, que sabe o que ha de fazer no que está á sua conta; que assim convém mais com o nosso modo de falar, quando

do dizemos *homem de recado*, que quer dizer *de importancia*, *posto a bom recado*, *que he seguro*, e *com cautella*: *tardar*, *e arrecadar*, que he levar ao fim o que começou: porém seja huma coiza, ou outra, ou ambas, o principal recado de todos he o do Embaixador; e estes saõ de duas maneiras, ou o que o Principe manda a outro por occaziaõ successiva; ou o que de ordinario assiste em sua Corte, para conservaçaõ da benevolencia, e amizade que entre elles ha: estes segundos tinhaõ os Romanos nas provincias junto á pessoa do Consul, que as governava, com titulo de legados, e com elles despachava os negocios de importancia. Mas aos primeiros chamavaõ elles Oradores, por serem mui similhantes no officio de persuadir, mover, e obrigar; e ainda em nossos tempos se aproveitaraõ muitos dessa arte, sendo escolhidos para o cargo de Embaixadores. Eu (disse Leonardo) tenho hum cartapacio naõ pequeno de falas, e oraçoens de Embaixadores Portuguezes feitas a grandes Principes, e naõ pouco doutas, e elegantes, como foi huma que fez o Bispo D. Garcia de Menezes ao Papa Xisto, indo por Embaixador por mandado d'ElRei D. Affonso o V, e por Capitaõ de huma armada que elle mandava contra os Turcos em favor da Igreja no anno de mil e quatrocentos e oitenta e hum: e outra, que fez o Doutor Diogo Pacheco ao Papa Julio, indo com o Arcebispo de Braga por Embaixador a lhe dar obediencia por ElRei D. Manoel no anno de mil quinhentos e sinco: e outra, que fez o mesmo Doutor ao Papa Leaõ, indo com Tristaõ da Cunha Embaixador a lhe

dar

dar obediencia com aquelle famozo Ornamento, que ainda agora he dignamente celebrado na Igréja Romana assim pela grande devoçaõ daquelle pio, e Catholico Rei, no anno de mil e quinhentos e quatorze, á qual o Papa respondeu em publico com huma doutissima oraçaõ de louvores do mesmo Rei. E naõ he este costume só dos nossos Embaixadores, mas de todos os estrangeiros, assim quando eraõ inviados á este Reino, como a outros. Vindo a este por Embaixador d'ElRei Francisco de França a ElRei D. Manoel, que estava em Almeirim, no anno de mil e quinhentos e seis, Monseur de Lanjaca, Governador de Avinhaõ, lhe fez huma douta oraçaõ em sua chegada: fóra outras muitas, com que podera allegar. Desses exemplos ha muitos (disse o Doutor), e continuando com o que convém mais ao fim do nosso intento, devem ser escolhidos para este cargo de Embaixador os homens das familias mais illustres do Reino, dos illustres os mais discretos, e cortezaõs, destes os mais animozós, e liberaes, dos animozos os mais apessoados, e de todos os mais bem acostumados; e saõ todas estas partes taõ necessarias ao Embaixador, que com a falta de qualquer dellas ou arriscará ó credito do Principe, que o manda, ou o negocio, de que vai a tratar por sua parte. Primeiramente ha de ser illustre por auctoridade de seu Rei, e de seu Reino, e dos illustres delle, e por honra tambem do Principe a que he mandado, pois ha de fazer as partes de hum, e assistir á ilharga do outro. E assim neste Reino, e nos vizinhos a elle vimos

cada

cada dia entrarem Embaixadores muito chegados em sangue ás Cazas dos Reis, que os inviaraõ, e sahirem outros da mesma qualidade; o que naõ só tem exemplo dos Reis da Europa, mas da Persia, Japaõ, e outras remotas partes do Oriente. Depois de illustre ha de ser discreto, e cortezaõ, porque parece que mais, que todas as outras partes, lhe está requerendo o mesmo cargo avizo, entendimento, discriçaõ, e cortezia para tratar as coizas convenientes á sua Embaixada, encobrindo, disculpando, e persuadindo o que a seu Rei convém; que esta he a differença do Recadista ao Embaixador: que o primeiro relata o que lhe mandaõ que diga: o outro dispoem, ordena, e conclue o que lhe encommendaõ que faça: hum leva o recado na lingua, outro no peito, como disse hum Embaixador de Romanos aos Carthaginezes na guerra de Sagunto, que levava a paz, e a guerra dentro no peito; e assim naõ vindo elles no que os Romanos pediaõ, declarou a guerra. Além disto como o Embaixador he hum terceiro, e conciliador da amizade de dous Principes, nenhuma coiza lhe he mais importante, que o entendimento; e tambem o ser cortezaõ lhe importa muito, pois a sua principal assistencia he no Paço, e junto á pessoa do Principe, com communicaçaõ dos principaes senhores do Reino; e ás vezes por esta parte sendo engraçado, e aceito áquelle a quem he mandado, acaba mais facilmente os negocios, e pertençoens de quem o manda. Ha de ser animozo, e liberal; o primeiro, porque nas materias que tocarem á guerra, tregua, e liga,

liga, ou confederaçaõ com seu Principe, senaõ mostre por sua parte acanhado, timido, nem pusillanime: antes obrigue com seu exemplo a que o respeitem, e temaõ; e tambem porque na occaziaõ, em que se offerecer ao senhor à quem assiste, acredite com o conselho, e com as obras as armas de seus ascendentes, e naturaes. E o segundo, porque com a magnificencia se conquistaõ mais vontades, e animos estrangeiros, que com qualquer outra valia, por grande que seja; e posto que esta parte a todas as pessoas illustres he necessaria, e em todos os cargos de guerra, e officios da paz he taõ estimada, no de Embaixador he muito mais proveitoza para saber o avizo, o secreto, o intento, e a *cautella* que convém ao de sua embaixada, e para mover os Ministros, e Validos, em cuja maõ, ou conselho está seu negocio. Convém além disto que seja o Embaixador homem apessoado, que pela vista obrigue a respeito, e veneraçaõ; que em outro modo o corpo pequeno em pessoas de grande lugar lhes tira muita parte do que se lhes deve. E hum Doutor nosso de muito grande nome, e pequena estatura, mandou pôr ao pé de hum retrato seu huma letra que dizia: *A prezença diminue a fama.*

E outro do mesmo grau, e naõ de maior corpo, hindo deste Reino com huma Embaixada a hum Rei assás poderozo, vendo-o elle taõ pequeno, lhe perguntou motejando delle: Se ElRei seu irmaõ tinha em seu Reino outros homens mais apessoados que enviasse com similhante cargo? Ao que elle respondeu valendo-se

do-se do entendimento, e animo que tinha: Que na Corte d'ElRei seu Senhor havia muitos homens de grande pessoa, e partes, a que encommendar aquelle cargo; mas que para Sua Magestade lhe pareceu que elle bastava, e por isso o mandara. Finalmente he de muita importancia ser bem acostumado, para com sua temperança, continencia, e bom termo conservar, e acreditar o bom nome, e fama de seu Rei, a honra de sua patria; e da propria pessoa. E porque com alguma demazia de seus costumes naõ faça com que se diminua, e perca o respeito, liberdades, e exempçoens que tem os Embaixadores, como aconteceu aos da Persia, que vieraõ a ElRei Amyntas de Macedonia, que foraõ mortos por traça de Alexandre filho do mesmo Rei, o qual, naõ podendo soffrer sua estranha dissoluçaõ, mandou alguns moços de bellissima figura, que em habito de damas os servissem á meza, levando escondidos punhaes com que se vingasse de qualquer deshonesto acometimento dos Embaixadores; que uzando de sua demaziada luxuria foraõ mortos a punhaladas. O Rei da Persia offendido de senaõ guardarem com os seus as leis dos Embaixadores, mandou hum poderozo exercito contra ElRei Amyntas; porém o General delle sabendo como o cazo passara, se retirou sem querer dar batalha aos Macedonios. Tambem importa muito que os Embaixadores sejaõ escolhidos de sujeito acommodado aos negocios, de que haõ de tratar; que tal occaziaõ se offerece, em que convém serem humildes; e outra, em que he melhor mostrarem-se arrogantes; tal, em que hajaõ de ser animozos, e arriscados; e outras

bran-

brandos, e dissimulados. Francisco Dandalo Embaixador dos Venezianos ao Papa Clemente V para levantar o interdicto ao Senado, contra quem estava irozo por razaõ das coizas de Ferrara, esteve lançado de bruços grande espaço á meza do Summo Pontifice, com huma cadêa de ferro aó pescoço; e com tantas lagrimas, e palavras o obrigou, que alcançou delle o que pedia. Este por sua grande humildade foi chamado *caõ*, e por seu valor succedeu no Ducado de Veneza. Pelo contrario Orfato Justiniano homem de letras, e animo generozo, Embaixador do mesmo Senado a ElRei Fernando de Napoles, que pelo mau animo, que contra os Venezianos tinha, naõ fazia delle a conta, e *estima* que seu valor merecia. Orfato lhe mostrava taõ pouca inclinaçaõ, e humildade, que o Rei indignado mandou fazer taõ baixa a porta, por onde entrava a lhe falar, que á força lhe fizesse dobrar o pescoço: porém elle entendendo a tençaõ de Fernando, entrou com as costas para diante, e voltandose direito na caza fez a mesma cortezia, que costumava. Outro dia achando-se em hum banquete, que o Rei mandou fazer, dando-lhe de propozito os convidados taõ estreito lugar que achava sua auctoridade, deixando o que tinha se sentou sobre huma rica toga, que trazia vestida; e acabado o banquete, a deixou ficar como os outros assentos. A mim me parece (disse Leonardo) que os attributos mais importantes ao Embaixador, e que sempre nelle devem andar annexos, saõ esforço, e entendimento, que saõ como dous eixos, em que se revolve o maior pezo, e substancia das coizas do Estado;

o que se colhe dos exemplos que dissestes, e de outros muitos; porque o esforçado, e entendido em nada falesse, nem áquillo a que seu Rei o manda, nem ao que a si mesmo deve, nem á occaziaõ de que se póde aproveitar, como aconteceu a Pompilio Embaixador a ElRei Seleuco sobre conservar amizade com os Romanos, ou romper com elles guerra: que respondendo o Rei que se aconselharia devagar no que lhe estava melhor; e entendendo o Romano que aquella dilaçaõ se fundava em fraqueza, e cautela, com o bordaõ que trazia fez hum circulo na terra, em que Seleuco ficou mettido, dizendo-lhe que antes que delle sahisse se havia de determinar na resposta de sua Embaixada; e com isto obrigou ao Rei a aceitar a paz que lhe requeria. E em cazo differente Lucio Posthumio Embaixador aos Tarentinos, lançando-lhe por desprezo sobre as roupas muitas immundicias com grande rizada, e escarnio, o Romano lhe respondeu animozamente: Vingai-vos agora do rizo á vontade, porque tendes muito que chorar quando com vosso sangue se lavarem as nodoas deste meu vestido. Esses cazos (acodio D. Julio) saõ da mera jurisdicçaõ do esforço, e cavallaria; ainda que sejaõ acompanhados do entendimento, porque o valor do animo a tudo acode, e em nada perde ponto. E se naõ, vede a estimaçaõ que fizeraõ os Reis Catholicos do nosso Prior do Crato D. Diogo Fernandes de Almeida, quando estando elles sobre Granada, e o Prior sendo Embaixador de ElRei de Portugal, o ajudou a combater valorozamente tirando com muitos louvores daquella batalha feridas: e querendo-o ElRei desviar

an-

antes, porque naõ convinha ao cargo que trazia, lhe respondeu que, se o officio lho defendia, o sangue, e o animo o obrigava. E em que conta teria ElRei Filippe I. a Federico Badoaro, que os Venezianos lhe mandaraõ por Embaixador a Genova, sendo elle Principe de Hespanha, que estando com elles aos officios Divinos no segundo lugar, succedeu chamar o Principe a si ao Duque de Saboia; e acenando ao Veneziano que lhe désse o lugar, o que elle naõ quiz fazer, o Principe com acenos, e palavras asperas o mandou muitas vezes tirar; mas respondeu que antes havia de deixar a vida, que aquelle lugar, porque com a morte de hum particular se naõ fazia afronta ao Senado; mas que se lhe faria muito grande, se désse o lugar, que lhe era devido, a pessoa inferior em merecimentos. E quanto á dissimulaçaõ, e soffrimento só nos esforçados costuma a achar confiança para metterem em cortezania o que puderaõ estranhar com arrogancia; como aconteceu a Giuberto Dandalo Embaixador dos Venezianos ao Papa Nicolau III, que jámais foi ouvido, nem pôde alcançar entrada do Summo Pontifice, por o enojo que tinha contra o Senado, sobre a possessaõ de Ancona; até que, vendo elle o pouco que importavaõ suas muitas diligencias, fingio hum dia, sahindo com alegre semblante, haver-lhe falado, e alcançado o fim do negocio a que vinha; e sem esperar outra coiza se partio para Veneza; onde perguntando-lhe o Senado o que passara, respondeu: Naõ achei o Papa em Roma, nem quem me soubesse dizer onde o acharia.

Mui principaes (disse o Doutor) saõ as par-

tes de esforço, e entendimento no Embaixador; porém tem igual necessidade de todas as outras para reprezentar com a nobreza a pessoa do seu Rei: para com a magnificencia adquirir as vontades dos ministros, e criados: para com a gravidade, e brandura ser amavel, e auctorizado: para com o conhecimento das coizas do Estado, e experiencia dellas acertar nas que se lhe offerecessem: e para com a gravidade, e gentileza da pessoa dar huma approvaçaõ na vista, de tudo o que se conhecer de suas obras. Mas porque naõ pareça que vou fóra do em que comecei: A que os Embaixadores naõ levaõ recados, he certo, (que ainda que os seus sejaõ de maior confiança) que levaõ por escrito muito do que haõ de dizer, e do que haõ de pedir, ou conceder; porém a eleiçaõ do tempo, occazioens, e palavras fica subordinada ao seu entendimento; e para isso daõ os Reis, e seus Conselhos supremos largas instrucçoens, regimentos, e ordens de como se haõ de haver nas coizas os Embaixadores; que saõ mais largas, quanto saõ mais remotas as provincias, a que saõ inviados. O officio (disse Leonardo) he de tanta importancia, que nenhum outro demanda maior cabedal de partes da natureza, e das adquiridas por experiencia: e sei-vos eu dizer que houve neste Reino famozos homens desta profissaõ, e taes, que, querendo nomear alguns, faria manifesto aggravo a outros muitos. Mas se o Graõ Duque de Florença vencido da eloquencia, e partes de Hermólau Barbaro (que estava em sua Corte por Embaixador dos Venezianos) com tantas mercês, e favores o persuadia a que ficasse em seu serviço; naõ faltaraõ

raõ outros, que sahidos deste Reino com o mesmo cargo, fizeraõ maior inveja á Principes, a Monarcas mais poderozos. E algum teve lugar nos tribunaes supremos da Corte de Hespanha, que para negocios particulares de hum Princípe deste Reino foi mandado a ella, que pela grande satisfaçaõ, que nelles deu de sua pessoa, foi escolhido para os de huma Monarquia taõ dilatada. Mas naõ he de espantar que de hum Embaixador, e Messageiro particular se fizesse hum Conselheiro de Estado, sendo criado da caza de hum senhor, do serviço do qual, como de outro cavallo Troiano, sahiraõ heroes famozos, e varoens insignes em todas as profissoens; donde sahiraõ Vice-Reis, e Capitaens maiores para o Oriente, e soldados para Capitaens, e Mestres de Campo, que defenderaõ, e honraraõ o Norte; Cavalleiros, e *Bálios*, que sustentaraõ a Malta; Fronteiros valorozos, que se assignalaraõ em Africa, todos criados da mesma caza, onde se acharaõ sempre em grande copia espiritos, que honrem a Marte, e engrandeçaõ a Minerva, fazendo inveja aos mais avantajados nos exercitos, e prezidios Hespanhoes, e aos mais insignes nas escolas, e academias mais nomeadas da Europa.

Tendes levantado este discurso de maneira (*disse Solino*) e está a materia delle taõ altiva, que me parece que eu e Pindaro ficamos esta noite camarço, sem nenhum de nós fazer postoleta: ainda este mau jogo me fez o meu moço, que naõ cuidei que delle saltasseis a coizas taõ differentes: folgara de saber se haveis de ficar nesse tom, porque vos deixarei

em terno com o dono da caza, e o ſenhor D. Julio; e hirei buſcar minha vida. Ainda naõ tendes razaõ de vos queixar (reſpondeu elle) que antes por me chegar pouco, e pouco aos criados, deixei muito dos Embaixadores, apos os quaes ſe ſeguem logo os agentes, e procuradores, que as cidades, villas, e lugares mandaõ a cortes, e outras vezes a vizitas, e occazioens dos Principes, que naõ menos devem ſer eſcolhidos para eſtes cargos; buſcando nelles as partes mais neceſſarias que ſaõ diſcriçaõ, experiencia, e peſſoa, quando naõ poſſaõ concorrer todas ás mais; porque a cidade, ou villa, que manda ao Principe ſeu procurador, ou agente, neſſe meſmo faz reprezentaçaõ de ſua ſufficiencia. De hum cidadaõ ſe conta (diſſe D. Julio) que, ſendo inviado por procurador a cortes, lhe eſqueceu no caminho o que a Cidade lhe encommendara, e tornou a dormir a caza a perguntar a ſua mulher o negocio a que hia: e fora melhor eleiçaõ, ſe a mandaraõ a ella, pois lhe naõ eſqueceu. De outro ouvi eu (reſpondeu Solino) que jurou por vida da ſua a ElRei Filippe I que ſe havia de cobrir ſua Mageſtade para lhe falar em nome de huma Cidade deſte Reino: fóra outras impertinencias, que na prática diſſe, mais dignas de rizo, que de credito. E hum conheci eu, a que cahiraõ as luvas, e o chapeo da maõ, começando a dar o recado de huma Cidade a hum Principe; e levantando-as, perdeu o que queria dizer de maneira, que nunca atinou palávra. Eſtes maus succéſſos (proſeguio o Doutor) teſtimunhaõ o muito cuidado, com que ſe haõ de eleger os homens para taes cargos; o que naõ

im-

importa menos aos Titulares, e Fidalgos, que mandaõ vizitar a outros em occazioens de pazes, ou parabens, por pessoas, que saibaõ accommodar-se á tristeza, ou alegria que o cazo requere, para credito, e boa opiniaõ de quem os manda. Certo (acodio Leonardo) que naõ julgará bem quanto isso releva, senaõ o que já se envergonhou de ouvír vizitas desencaminhadas, como se fez huma a hum Fidalgo que eu tratei particularmente, ao qual, estando enojado por morte de hum seu filho, vizitou da parte de hum personagem hum capellaõ bem apessoado, e disse que o senhor N. estimára muito aquella occaziaõ para mandar vizitar a sua M. e se offerecer a seu serviço. A este conto fizeraõ todos muita *festa.* E Solino, que vio lugar aos seus, acodio logo: Naõ sei se virá muito a propozito; porém tambem eu hei de dizer a minha historia, em razaõ da advertencia, e cuidado que deve ter quem vizita em nome alheio; pois se vê que mais desattentos, que ignorancias, os erros destas materias. Huma senhora enojada por a morte de hum seu irmaõ tomava as vizitas em huma camilha, como as mais costumaõ. A esta mandou vizitar outra parenta sua por huma pessoa de auctoridade; que entrando na primeira caza, achou taõ escura que, pegando-se ás paredes, esperou huma dona que lhe servisse de moço de cego; a qual o levou por a maõ até huma porta estreita, onde havia hum degrau alto; e alli o soltou para passar diante; a qual naõ alcançou taõ bem o degrau, que naõ désse primeiro com as queixadas na humbreira do portal; e sahido do perigo o tornou a guiar a do-

na da mesma maneira até junto da camilha ; onde o tornou a soltar : esta pessoa, cuidando que tinha alli outra porta, por naõ errar o degrau por baixo, levantou o pé de maneira, que o poz nos peitos á enojada, que dando hum grande grito a fez cair de focinhos. Muitos, que estavaõ na caza, e tinhaõ furtada a luz aos que de novo vinhaõ a ella, levantaraõ taõ grande rizo, e borburinha, que desautorizaraõ de todo o sentimento do nojo, e cahia cada hum para sua parte sem se poder valer. Como Solino tinha graça natural no que dizia, deu muita a este conto, que foi celebrado com rizo de todos. Se assim he (disse Solino) que nesses ha tantos desatinos, e inadvertencias, naõ ha que espantar de criados menores, que huns saõ por natureza taõ rusticos, que em nada acertaõ ; outros por malicia taõ depravados, que naõ querem saber senaõ o que he *em* favor de sua maldade. Huma questaõ se offerecia agora (acodio Pindaro) que, ainda que rasteira, he em materia proveitoza. Convém a saber se he melhor servir-se hum homem de hum moço simples, e nescio ; ou de hum maliciozo, ainda que seja esperto. Eu estou melhor (tornou D. Julio) com o que me engana, que com o que me enfada ; porque a confiança, que fizer do meu moço, será segundo a opiniaõ que delle tenho para me poder enganar em pouco : e do nescio nem posso confiar em hum recado as minhas razoens, nem as minhas obras dentro em caza ; que o que ignora o que ha de dizer, menos sabe o que lhe convém calar : além de que he grande desgosto

andar

andar hum homem de contino ensinando hum rustico; sem proveito, que naõ tomará em sua vida tinta de discriçaõ; por mais que o cozaõ nella. Assim me parece outra coiza (disse Solino) em razaõ daquelle proverbio: *Antes asno que me leve, que cavallo que me derrube.* Pelo rifaõ (respondeu Leonardo) entendo que quereis defender o vosso moço. Se o naõ fizer bem, ficarei no seu lugar (replicou elle). Porém o moço nescio naõ pode desacreditar com sua parvoice o entendimento de seu amo, que naõ está obrigado ao tirar das escolas de Athenas. E o maliciozo, e esperto, nem por o ser deixa de errar peior que os outros; porque naõ aprende o que convém a seu amo, senaõ ao intento de sua maldade; e dá ás vezes por recado o que *lhe* parece, em lugar do que lhe mandaõ; e quando naõ, troca as palavras ou o *sentido* dellas; muda o tempo, e a acezaõ do recado; vai quando quer, e naõ ao tempo que vos releva; tiravos o credito nas obras, se o conserva nas palavras, porque dizem que *qual o amo, tal o moço*; mais vos desacredita com a murmuraçaõ, do que vos acredita com o recado; e quando vos lizonjea, he quando vos rouba. O simples, se naõ diz o que lhe dizeis, faz o que quereis, contenta-se com o que delle fiais, e naõ trata de penetrar o que pertendeis; e muitas vezes seus erros cahem em graça como as subtilezas dos outros em damno. Boas saõ essas razoens (disse Feliciano) porém he dura coiza que pelo moço nescio julguem por tal a seu amo; pois he regra de Direito que *faz por si o que manda fazer por outrem*: e se a victoria dos soldados

se

se attribue ao Capitaõ, os ensinos, e palavras dos moços porque se naõ haõ de julgar por de quem os governa, e manda? e menor damno he qualquer dos outros, que o dê hum homem parecer nescio á conta do seu moço. E sobre tudo naõ se ha de pintar taõ perverso o maliciozo, que faça mal, diga mal, e prezuma mal, e seja intelligente; que os mais delles cantaõ de quem roubaõ; que dessoutro modo naõ he pintar criado, mas inimigo. E naõ sabeis vós (acodio o Doutor) que todos os criados, ou a maior parte delles o saõ de quem os sustenta? e assim diz a sentença de Euripides que naõ ha maior, nem peior inimigo que o criado: e Democrito diz que o criado he coiza taõ necessaria, como amargoza: Luciano diz que os criados sempre tem malicia, e traiçoens armadas contra seus amos. A muitos tenho eu por inimigos (disse Feliciano) porém peior o será o nescio, que o que o naõ for; e naõ sómente sustentará inimigo em caza, mas senhor, que, como diz S. Jeronymo, naõ ha maior servidaõ que mandar a hum nescio. Eu tenho procuraçaõ em cauza propria (disse Solino) para acodir pelos criados, como testimunha de muitos fiéis, e verdadeiros a seus senhores: e Euripides, e os mais devem de entender, o que differaõ, dos escravos, que, como lhe temos tomada á coiza mais principal, e mais sua, que he a liberdade, sempre nos tem odio, e nos dezejaõ, e procuraõ mal; porque a vileza do seu animo naõ soffre mostrarem valor na sujeiçaõ. Naõ me parece a mim essa boa razaõ (acodio o Doutor) porque por dito de Seneca *nenhum escravo ha mais*

mais vil, que o livre, que serve por sua vontade. (Naõ entendo neste conto os nobres, e honrados que servem aos grandes por respeitos razoaveis). E dos escravos, a que fez taes cõ a ventura de guerra, ou outra desgraça, temos os livros cheios de exemplos de valor, e fidelidade, em que deixaraõ muito atrás os proprios filhos. E se naõ, vede se fez algum o que o escravo de Publio Catieno, que, deixando-o o senhor por universal herdeiro de seus bens, pela fidelidade com que o servira; elle, por se mostrar agradecido na morte, se deitou vivo na fogueira em que queimavaõ o corpo de seu senhor, e morreu com elle, mostrando que estimava mais tal servidaõ, que a vida, e as riquezas que lhe deixava. Erotes, escravo de Marco Antonio, se matou de pezar de ver a seu senhor vencido de Augusto. Euporo, escravo de Lucio Graco, que se matou sobre o seu corpo. E hum escravo de Papiniaõ, que, vendo que os inimigos entravaõ huma quinta, em que o senhor estava, para o matarem, trocou com elle o vestido, e metteu no dedo hum seu annel de preço: e deitando-o fóra por huma porta, sahio pela outra a receber a morte, que haviaõ de dar a seu senhor. E Federico de Eveshim, escravo de Conrado Imperador, que, sabendo que vinhaõ para o matar, o fez sahir do paço, e se deitou na sua cama, onde, cuidando os inimigos que era Conrado, o mataraõ: e outros muitos escravos sem nome, que mereciaõ que o seu ficasse eterno por memoria de sua fidelidade. Nem se póde esquecer aquelle grande animo de Lazaro Cherdo escravo, de naçaõ Serviano,

viano, que vendo seu senhor cativo de Turcos, e depois morto, dezejando vingar-lhe a morte por preço de sua vida, fingindo que vinha fugido dos Hungaros, entrou no campo Turquesco, e dizendo que queria falar a Amurates primeiro Imperador daquelle imperio, o matou a punhaladas; donde naõ pôde fugir, mas perdeu a vida valorozamente. Desses escravos (replicou Solino) naõ trato eu, que mereciaõ ser senhores de seus senhores; como tambem houve criados que mereciaõ ser servidos de a quem serviraõ: que tambem Diogenes foi escravo; e perguntando-lhe Xeniades, que o comprava, em que sabia servir, respondeu que *em mandar homens livres*; por o que Xeniades o libertou dizendo *aqui te entrego meus filhos para que os mandes.* E Epitecto, que se chamava escravo de si mesmo: e a Phedaõ, escravo de Cebes ouvi dizer, que Plataõ dedicara hum livro da immortalidade. Porém a nos naõ nos cahiraõ em sórte estes escravos, senaõ a gente mais barbara do mundo como he a de toda a Ethiopia: e alguma escravaria da Azia, que he da gente mais vil das provincias della; que huns, e outros trataõ os Portuguezes com rigorozo cativeiro naquellas partes, vendendo-os para serviço das minas das Indias de Hespanha como condemnados á morte: e assim se podem estes chamar com razaõ inimigos mortaes de seus senhores. Tambem (disse o Doutor) houve já neste Reino escravos illustres de muito valor, entendimento, e sangue, conhecidos por taes, e tratados como se estiveraõ em liberdade, que cativaraõ nas nossas fronteiras de Africa, em cujas historias me

eu

eu naõ quero deter por me naõ alongar mais do intento do nosso discurso dos recadistas, que huns, e outros reprezentaõ a pessoa de quem os manda, no que toca ao recado que daõ: o que a mim me parece que está bem provado com o costume, que os antigos tinhaõ em mandar os seus, que naõ fallavaõ por terceira pessoa, como he o nosso uzo, que dizemos *diz fuaõ que vos beja as maõs*; *que vos pede isto*; *vos encommenda estoutro*; *vos lembra tal coiza*: antes costumavaõ: *N. vos diz, bejo-vos as maõs, rogo-vos isto, encommendo-vos estoutro, lembro-vos tal coiza*, reprezentando nas palavras a mesma pessoa que as mandava dizer; e desta maneira ficava arriscado nosso amigo Solino, reprezentando pelo seu moço: pelo que a mim me parece que o melhor do recado he ser taõ breve, que o possa dar sem erro quem o leva; e taõ claro, que o entenda sem trabalho a quem se manda. E com isto, e com vossa licença me hei por desobrigado do que nesta materia podia dizer. Naõ pela minha parte (disse D. Julio) porque deixais de fóra hum officio de mais habilidade que todos os de que falastes, em cuja profissaõ entra a de Embaixador, Agente, Procurador, e Recadista; e ainda outros muitos, que he o do terceiro, ou alcoviteiro. A isto deraõ todos grande rizada, e disse Leonardo: O Doutor calava esse officio, por ser mais vil, e reprovado, que os de mais, e se empregar em materia taõ odioza á Republica: porém sem entrar no fundo delle, nos poderá dizer alguma coiza da superficie. Bem sei (respondeu o Doutor) que para me metter em desconfiança levan-

vamais essa lebre ; e naõ vos enganeis , que tanto se deve tratar de officios viciozos para fugirem delles, como dos de virtude para os seguirem, e dezejarem; e posto que esse he taõ vil, já os Romanos deraõ leis á sua proffissaõ, segundo escreve Pedro Crinito; as quaes estavaõ escritas no templo de Venus : e Licurgo, aquelle grande legislador dos Lacedemonios, tambem lhes deu regras, e liberdades, posto que lhe está melhor o castigo com que os nossos direitos os agazálhaõ; mas se ha officio de muito cabedal, e pouca honra, he o do alcoviteiro, porque ha alguns que os naõ vence Tullio no falar, Catáõ no dissimular, Sallústio no persuadir, Terencio no reprezentar, Ovidio no fingir, Lucano no encarecer, Diogenes no desprezar, Ulysses no tecer, Momo no desdenhar; e todas as artes, e sciencias do mundo tem, e empregaõ em afeiçoarem com engano vontades innocentes. E para lhe assignarmos as partes necessarias, fora acertado pintar o avesso do Embaixador, com que só convém em ser discreto, e experimentado; porém ha de ser baixo, vil, desprezivel, avarento, chucarreiro, mentirozo, ingrato, e soffredor de todos os escarneos, e zombarias, porque naõ só he de sua profissaõ enganar, mas tambem obedecer a toda a ignominia, e infamia que seu exercicio merece. Muito cruel estais contra elles (tornou D. Julio) e naõ tendes razaõ; quando vitupereis o seu officio, naõ vos esqueçais da grandeza das partes delle, pois o alcoviteiro descreve, enfeita, e encarece melhor que hum escritor: persuade, aconselha, e convence como hum rhetorico: finge, disfarça, e reprezenta

com

com figuras, efpantos, meneos, e hypocrizias nos geftos, e palavras como hum commediante: pinta, vefte, touca, accommoda, guarnece, doura, argentêa toucados, e veftidos, e trata os roftos, e feiçoens melhor que hum pintor; fabe mais da natureza das peffoas com que trata, que hum filozofo; vende o falfo por verdadeiro, como logico; conhece as enfermidades, e achaques dos que lizongea, como Medico; obriga, e engana no intereffe, como legifta; adivinha os tempos, occazioens, e vontades melhor que hum Aftrologo. Naõ ha finalmente arte liberal, nem mecanica, de que fe naõ valha, e em que naõ vença a feus profeffores. Ainda me parece (diffe Sólino) que haveis de chegar á Celeftina; que pofto que o officio he do genero commum de dous, accommoda-fe melhor ao feminino. E pois de *Embaixadores* defcemos a criados, naõ he de efpantar que tropecemos em taõ roim gente. Parece-me (diffe o Doutor) que de apofta quereis profanar a minha auctoridade; naõ vos quero dar effe gofto á minha cufta: e naõ paffemos daqui nefta materia; e tambem porque he mais tarde do que parece, demos lugar a que o fenhor Leonardo fe recolha. Com ifto fe levantaraõ todos, e fe defpediraõ, feftejando, e agradecendo cada hum ao outro o que differa; que tanto fe contenta o difcreto da boa razaõ alheia, como o nefcio da fua ignorancia propria.

DIA-

DIALOGO V.

Dos Encarecimentos.

NAõ perdiaõ tempo os da converſaçaõ em ſe chegarem aos intereſſes della: e era em todos taõ igual o dezejo, que nem a occupaçaõ de cada hum os deſencontrava; porque o goſto, em que ſe enleva o entendimento, faz menores todos os reſpeitos ordinarios da fazenda, e familia. Entraraõ á noite juntos em caza do hoſpede com grande alvoroço, dando cada hum no caminho ſeu voto ſobre a materia, em que ſe haviaõ de gaſtar aquellas horas. Porém aſſentados, ſem o eſtarem ainda no que ſeria; diſſe D. Julio: Por certo, ſenhores, que eſtou taõ enleado com huma coiza que vos quero dizer, que temo das razoens, e da idade faltar ao decoro que convém ao ſujeito dellas; porque nos mancebos as palavras de mero louvor de huma mulher, ainda ſendo mui compoſtas, parecem laſcivas; e mais facil he de prezumir hum engano de affeiçaõ nos meus olhos, que de perſuadir hum eſpanto a entendimentos taõ levantadós como os voſſos. Porém ſeja o que for, e corra o meu credito o riſco que ordenardes; que com todos, os que houver, me aventuro. Que novidade he eſta ſenhor D. Julio (diſſe Solino) que ſermaõ quereis fazer, que tomais a graça, e nos tendes pendurados a todos no dezejo de vos ouvir? Eſta manhã, (proſeguio elle) porque me pareceu de caça, e por gaſtar nella o dia, com menos cuidado do dezejo da noite, me fui pôr

de

detrás da nossa serra alongando-me para a parte do mar hum grande espaço de caminho; e voltando sobre huma fonte, que nasce ao pé de huma coroa de penedos, coberta da sombra de huns altos hervados, e atoeiras, cheios de verde rama como no melhor tempo da primavéra, embaraçados com humas vides sylvestres que os atavaõ, e que ainda de todo naõ estavaõ despidas de sua folha, vi junto a ella, e coberto com elles o mais formozo rosto, que eu imagino que póde haver no mundo para satisfaçaõ de huns olhos affeiçoados: era de huma mulher em habito de peregrina, que fiada na solidaõ daquelle dezerto, e por gozar dos raios do Sol, que naquelle lugar se espalhavaõ, com os toucados lançados sobre os ramos á *vista da* fonte concertava os cabellos; e eraõ *elles* taes, que naõ sómente faziaõ perder ao Sol a formozura, mas cobrindo outro mais formozo, que era o seu rosto, contentavaõ de maneira o dezejo, que naõ fazia muito por passar delles adiante. Eu sem atinar no silencio, com que era razaõ que me escondesse por lhe naõ ser pezado, fiquei taõ esquecido, que, afloxando as redias ao cavallo, o deixei tropeçar entre os ramos, e fui sentido da formoza peregrina; que levantando os olhos, a cuja obediencia os cabellos se apartaraõ, qual soa ferir o relempago dentre as nuvens, me saltearaõ a vista com huma luz estranha, descobrindo juntamente aquelle thezouro de ricas pedras, que o ouro dos cabellos escondia. Os olhos eraõ duas estrellas de diamantes, em cujo fundo hum verde escuro de esmeraldas apparecia, que communicando áquella formoza côr a claridade

ridade dos raios, que despediaõ, roubariaõ as almas de quem os olhasse; e descendo delles abaixo, era tudo taõ cheio de perfeiçoens, que o menor lugar, em que se empregava a vista, tinha desuzados extremos de formozura. A boca era hum laço de todos os pensamentos amorozos; e nunca vi coiza taõ pequena, em que coubessem tantas grandezas; pareceume hum rubi partido pelo meio, que com hum perfilo aleonado se dividia, e por detrás luziaõ como por vidraça as perolas, que até entaõ me naõ descobrira o pejo, com que ficou de aver visto. A columna, que sustentava este edificio, era hum pescoço de cristal jaspeado de humas vêas roxas, e azues muito delgadas, que me reprezentaraõ naquella hora a côr do Ceo sereno, que pela rotura de duas nuvens brancas apparece, a que fazia parecer mais formozo o circulo da sombra, com que se engastava no aspero burel da esclavina que a romeira vestia: apeeime eu; e neste mesmo tempo lançou ella o toucado sobre os cabellos, pondo os olhos na fonte como em espelho; mas como as suas madexas eraõ mais compridas, que a toalha branca, com que as quiz encobrir, se mexericavaõ pelos extremos das pontas, que vinhaõ a guarnecer de fino ouro aquelle grosseiro trajo: falci-lhe com a cortezia, a que a modestia, e gravidade do seu rosto me obrigava; e ella sem mostrar outro alvoroço de minha prezença mais, que vestir de escarlata a branca neve de que parecia formado, me respondeu, perguntando se estava perto o lugar, e se era aquelle o caminho. Eu, que naõ perdia com os olhos hum só movimento

dos

dos que os seus faziaõ, me pareceu tudo, o que tinha visto, sombra da graça, e brandura com que falou com huma voz taõ fina, que penêtrava o intèrior do coraçaõ, e taõ suave, que o desfazia, e com huma modestia taõ grave, que naõ dava lugar a se pôrem nella os olhos direitamente, se naõ com hum respeito armado de receios. Perguntei-lhe donde era, para onde hia, encarecendo-lhe o perigo em que punha sua belleza de ser offendida, fiando-a de desvios taõ solitarios. Mas ella desprezando todos os temores, e fazendo mais difficultoza sua jornada, pelo que della lhe pendia, que pelos trances que á sua conta se me reprezentavaõ, deu a entender muitas coizas, com que eu perdi o acordo, e ouzadia de lhe perguntar outras, e lhe offerecer algumas das que costumaõ haver mister os que fóra da sua patria vem experimentar os males das alheias. E além de eu estar atalhado com sua vista, o estava ella tanto com minha prezença, que perdi o interesse de a ver, por o respeito de a naõ molestar: despedime magoado: estou arrependido; e cubiçozo de a tornar a ver, de maneira que naõ aparto o pensamento do lugar onde os meus olhós a deixaraõ. E porque ainda me parece que deve ser mais estranho o successo, que a traz naquelles vestidos, que a novidade de sua gentileza, a que se deve todo o cortezaõ tributo de vontades bem nascidas; peço ao senhor Leonardo que por a melhor via, que lhe parecer, saiba desta estrangeira, que por esta noite deve de estar na aldeia; ouvirá della mesma a sua historia, e eu acreditarei com a vista o que tenho dito de sua

for-

formozura. Bem andaſtes, ſenhor D. Julio (diſſe o Doutor) em tomar primeiro carta de ſeguro para o que havieis de dizer; porque os encarecimentos deſſa peregrina ſaõ mais pinturas voſſas, que gentilezas ſuas; porque naõ ha mulher nas obras da natureza taõ perfeita cá na terra como a ſoube fingir o voſſo entendimento, ou affeiçaõ: e á conta della me parecia bem que aſſentaſſemos o retrato de belleza taõ ſobrenatural, que em materias de amor tudo o que reluz he ouro, e tudo o que aſſombra he ſol; e ſó com eſta diſculpa ſalvareis louvores taõ deſacoſtumados. A affeiçaõ do que vi naõ poſſo eu negar (tornou elle) mas á viſta da peregrina dizei o que quizerdes contra minhas razoens, que nas ſuas partes hei de achar armas com que defenda o que diſſe. Leonardo ſe offereceu entaõ a mandar fazer a diligencia com muito cuidado: e voltando para Solino, que tinha os olhos no chaõ, lhe diſſe: *Vós*, callais, quereis allegar ſerviços ao ſenhor D. Julio, porque a voſſa natureza naõ he deixar paſſar eſta mercadoria ſem reziſto. Eſtava agora (reſpondeu elle) cuidando nos livros de cavallarias, que ha poucas noites que defendi; e dezejava dar hum cavalleiro andante áquella peregrina; que ſe huma coiza deſtas apparecera a meu amigo Pindaro, que encantamentos naõ rompera, e que poezias, e obras heroicas appareceraõ de novo no mundo, que alabaſtros, marfins, marmores, criſtaes, topazios, jacintos, eſmeraldas rodaraõ por eſſes ares! Que poſto que o ſenhor D. Julio ſahio deſte encontro mais elegante do que ſe eſperava; Pindaro, com ſua licença, tem neſta materia mais

direi-

direito adquirido; e naõ se houvera de contentar de descer do Ceo as estrellas, e o Sol em similhantes louvores: mas os arcanjos, querubins, dominaçoens e potestades haviaõ de ter lugar nelles.

Naõ será fóra de propozito (disse o Doutor) divertirmo-nos agora com esta materia em desconto, e recompensa das passadas; e gastar esta noite em saber a cauza, e o estilo dos encarecimentos namorados, que he pensamento que já me desvelou em outra idade. Obrigo-me eu (disse Leonardo) que a nenhum dos prezentes descontente a vossa escolha; e eu particularmente estimarei seguilla, tomando o primeiro voto do Licenciado, que por hospede, estudiozo, e cortezaõ se lhe deve o lugar. O meu voto (tornou Feliciano) he de pouca importancia, e o lugar devido a outrem; mas com toda a humildade aceitarei o que me derem: e se com a minha razaõ ficar corrido, barato he o saber que se compra com primeiro errar: e assim digo que os encarecimentos nascidos de amor naõ devem parecer estranhos (por desiguaes que sejaõ) a nenhum juizo affeiçoado; porque o amante para pintar a formozura de huma dama, que satisfaz a seus olhos e pensamentos, difficultozamente achará nas coizas criadas a que a compare, que lhe fique parecendo que a encarece; porque, ainda que sejaõ formozas as estrellas, lhe naõ agradaõ tanto como os seus olhos; e sendo o Sol taõ bello, se alegra menos com a claridade de sua luz, que com ver o rosto de quem ama; e saõ de menos valia para seu gosto e dezejo o ouro, as perolas, rubins, esmeral-

das e safiras, que o rizo da sua boca, e a graça da sua vista; e de naõ imaginar na terra hum amante coiza, que se iguale ao objecto da sua affeiçaõ, dá em o desvario de a comparar aos espiritos que naõ alcança com o entendimento, subindo com elle pelas jerarquias mais levantadas: a cauza he, porque o amor faz as coizas taõ formozas a seus olhos, que leva muita vantajem á natureza que criou humas, e outras; e a cubiça e opiniaõ, que engrandeceu a muitas dellas: que até do gosto, como diz Plauto, nem o que tem sabor sem amor he saborozo; nem ha fel taõ amargozo, que com elle naõ pareça suave: que naõ sómente com seus poderes dá perfeiçaõ ás coizas, mas tambem as converte em outra substancia. Naõ estou contra a vossa razaõ (acodio Leonardo) mas parecem-me de fórma os encarecimentos de que falais, que todos, pouco mais ou menos, naõ sahem de certos limites; porque, em descendo da pedraria, os que saõ menos lapidarios empeçaõ em coral, marfim, porfido, alabastro, rozas, neve, ouro: e, quanto por meu voto, a paixaõ de amor naõ havia de guardar regra certa nas palavras, e louvores, antes encarecer sua dama com as coizas que a seu gosto, e opiniaõ sejaõ mais formozas; e como as affeiçoens saõ taõ differentes, assim o seriaõ os gabos, e encarecimentos. Para louvar (replicou Feliciano) naõ ha tantos caminhos como para ter affeiçaõ; porque logo dais com huma estrada Coimbrá, que he *taõ bella como o Sol*, *taõ clara como a Lua*, *taõ alva como a neve*, *taõ loura como o ouro*; e daqui adiante. A mim me parece

ce bem (disse Solino) a razaõ do Licenciado; que o Doutor tinha geito de metter os louvores de huma dama em exemplos cazeiros, chamando-lhe fresca como o seu pomar, linda como o seu jardim, clara como a sua fonte, e alta como as suas faias: e como os amantes para encarecer se naõ contentaõ com pouco, todos chegaõ ao que póde ser: todo o branco he cristal, e diamantes; o córado rozas, e rubins; o verde esmeraldas; o azul safiras; e o amarello ouro, e jacintos; e até as mãis dos mininos, a que naturalmente tem excessivo amor, naõ lhes sabem chamar pouco: quando os tomaõ nos braços, logo os intitulaõ de *meu Duque*, *meu Marquez*, *meu Conde*; nas pedras *meu diamante*, e nas flores *meu cravo*, e *minha roza*: quanto mais louvando mulheres, a quem todo o encarecimento fica curto, e envergonhado pela força, com que tem cativos os sentidos, e as potencias dos que haõ de falar nellas. E para concluzaõ de tudo, diga Pindaro o que sente neste particular. Os encarecimentos, de que uzaõ os amantes (disse Pindaro) menos saõ seus, que adquiridos dos famozos poetas, que lhos ensinaraõ deixando-os escritòs em suas obras; porque, como retratadores das obras èxcellentes da natureza, buscaraõ taõ altivos materiaes para darem vivas côres á formozura. E naõ he muito que, pintando hum rosto formozo da terra, lhe accommodassem côres, e attributos celestes, quando para pintarem coizas do mesmo Ceo uzaõ tantas vezes de similhanças, e encarecimentos da riqueza da terra, como o fez Ovidio na caza de Febo, com tectos de lavrado marfim, e ladri-

lhos de ouro, com paredes de topazios, jacintos, e esmeraldas; e o mesmo fez pintando os pavoens, que no Ceo levavaõ o carro da Deuza Juno, que depois accrescentou em obra, e feitio Martiano Capella. E como a fraze poetica he a mais excellente, e levantada, e por tal escolhida das Sibyllas, e Oraculos para uzarem della, tambem fizeraõ os amantes a mesma eleiçaõ; entre os quaes qualquer miuda consideraçaõ de hum voltar de olhos he arco, aljava, e settas de Cupido, com todas as mais allegorias, e transformaçoens que os poetas uzaraõ. A verdade he (disse o Doutor) que a perfeiçaõ da formozura animada se naõ póde devidamente encarecer com alguma similhança, que o naõ seja, porque todas lhe ficaõ muito inferiores: o que declarou bem huma dama Florentina, que, perguntando-se-lhe o que lhe parecia de huma figura de mulher de alabastro, feita por hum famozo escultor daquelle tempo; ella, sem responder com palavras, fez que huma criada sua formoza, e bem proporcionada despisse em si as partes, que a figura mostrava nuas; e logo à vista da natural belleza perdeu a pintura, a fama, e valor que d'antes tinha. E eu vi tambem hum jeroglifico da formozura, que declara ingenhozamente este pensamento: a figura do qual era huma mulher com a cabeça mettida entre às nuvens, o corpo despido, mas rodeado de hum resplandor, que o naõ deixava ver distinctamente; na maõ direita hum lirio, e na outra hum compasso; significando com a cabeça mettida no Ceo, e no resplendor, que só com as coizas delle se podia encarecer, fazendo impedimento à vista

huma-

humana como raios derivados da belleza Divina; o lirio denotando a graça das partes naturaes, porque em côr, e pureza foi sempre symbolo da formozura; o compasso a medida, proporçaõ, e correspondencia dos membros, em que consiste toda a perfeiçaõ della. Mas Pindaro tudo quer attribuir á sua profissaõ; e nesta parte naõ tem pouca justiça: porque sómente na licença poetica podem entrar os desvarios dos namorados, por serem muito iguaes o furor poetico, e o amorozo. Porém, já que os encarecimentos estaõ approvados com taõ boas razoens, estimara eu ouvir alguma em disculpa dos que vivem, morrem, e resuscitaõ a cada passo, e que andaõ sem almas como cantaros, e sem coraçaõ como foroens, que, a meu ver, he gente que por privilegio de amor vive exceptuada das leis da natureza. *A* razaõ (respondeu Feliciano) he a mesma; porque quem encarece a cauza igualmente exagera os effeitos: a pena de hum disfavor, o termo de huma crueldade, ou esquivança he o maior tormento da morte ao que ama; e hum favor e brandura, que recebe em sua affeiçaõ, he na sua estima o maior bem da vida: e quanto ao estilo de viver sem alma, e sem coraçaõ, o declarou maravilhozamente hum poeta moderno, dizendo em hum soneto á sua dama, da qual estava auzente, que huma parte da alma, com que vivia, lhe ficara; mas a com que imaginava, entendia, e amava, tinha sempre com ella. Nem he outra coiza os desvarios, e desattentos dos que amaõ, senaõ viver em certo modo fóra de si, como pareceu a Propercio, dizendo que o que se entrega ao

amor

amor perde o juizo; e o que eu vejo que poucos em prezença da coiza amada ficaõ com elle. Tambem S. Jeronymo (accrefcentou o Doutor) efcreve que o amor da formozura he hum efquecimento da razaõ; e affim chamaõ os poetas ao amor inimigo della. E que maior exemplo fe póde imaginar defta verdade, e mudança dos que amaõ, que o de Hercules, a quem os Embaixadores de Lidia acharaõ lançado no regaço de fua amada, mudando-lhe os anneis dos dedos, ella com a coroa Real na cabeça, e o famozo Thebano com hum fapato feu della em lugar de coroa? que menos efperado que o de Dionyzio Syracuzano, que por maõ, e parecer de Mirta fua amiga defpachava os negocios importantes de feu Reino? que mais eftranho, que o de Themiftocles Athenienfe, famozo Capitaõ de Grecia, que namorado de huma dama, que cativou na guerra de Epyro, uzava em huma doença, que fua amada teve, dos mefmos remedios que lhe a ella faziaõ, tomando as purgas, e fangrias como a mefma dama, e lavando o rofto por regalo, e gentileza com o feu fangue della? que menos crivel, que o de Lucio Vitelio Imperador, que namorado de huma filha de hum efcravo feu, a quem libertara, de tal maneira perdia o juizo, que, tendo huma efquinencia, naõ uzava outro remedio mais que hum unguento que fazia de mel com o cufpo de fua dama, imaginando que a virtude de fer feu lhe podia dar faude untando com elle a garganta? De maneira (diffe Leonardo) que amor tira os fentidos, e o juizo a quem fe emprega todo em feus cuidados: e eu tinha para mim, e ouvi fempre

di-

dizer que naõ podia o nescio ser bom namorado; o que agora vejo que contrádiz a vossa opiniaõ, pois os que amaõ naõ tem entendimento. Só o discreto (respondeu Feliciano) sabe ser amante, e por isso perde o juizo nas maõs de amor; que o nescio mal poderá perder nellas o que naõ tem. E falando mais ao ponto da vossa duvida, o amante pelo ser naõ fica nescio, mas parece-o em muitas acçoens dos sentidos, e entendimento; porque, transportado na imaginaçaõ do que ama, se descuida de tudo o que naõ he sua paixaõ. Estranhamente (acodio Solino) me contenta ouvir esta razaõ para disculpar comigo os maus successos de namorados, a que naõ sabia taõ boa disculpa; que assás grande he para esquecer coizas menores quem está fòra de si: porque, deixados esses exemplos de amantes, cuja grandeza de estado faz maior, e mais notavel o desatino, com que nas maõs do amor renunciáraõ o entendimento; de outros de menos estofa, e mais modernos sei eu descuidos, que podiaõ entrar em historia nesta occaziaõ, e por me aproveitar della: Eu conheci hum cortezaõ mui empenhado em finezas de amor, que passeava em hum terreiro, onde tinha a dama em hum quartaõ, que já aturava aquelle fadairo todos os dias como em atafona; acertou naquelle a ser mais fovorecido da senhora, que de quando em quando lhe apparecia, cevando com sua vista os dezejos do namorado mancebo, que por seguir a caça se esqueceu do tempo, e das horas de comer, mettendo-se pelo certaõ da calma que naquelle tempo fazia; o cavallo, que naõ devia de estar taõ affeiçoado

a aquella eſtancia como a ſua acoſtumada; eſtancava muitas vezes do paſſeio, ſem haver acordo nem eſpora que o deſpertaſſe; até que huma vez, eſtando o amante parado com o ponto no alvo da janella, acertou a paſſar hum macho que levava huma rede de palha; a que o rocim ſe arremeſſou com tanta furia, que, prendendo os copos da brida nos laços da rede, ſe embaraçou de maneira, que levou ao quartaõ enamorado por todo o terreiro, onde ſe reſentio do rapto, ſem ſe poder valer contra os couces do macho, e rizada dos rapazes. Mas naõ he muito padecer delles afrontas quem de hum taõ mal acoſtumado fia ſua liberdade. Outro, que ainda nas guerras de amor naõ era armado cavalleiro, paſſeava a pé á viſta de ſeu cuidado, hora com os olhos na janella, hora com o tento na poſtura, e galantaria de ſeu bom trajo: a dama, que naõ trazia ainda aquella affeiçaõ em abertas, e publicadas, porque naõ notaſſem os que paſſavaõ os meneios, e eſgares que o mancebo fazia, acenando-lhe ſe tirou do poſto paſſando-ſe a huma janella mais pequena que cahia ſobre huma eſquina das meſmas cazas: o galante mais com o tento na mudança, que no caminho, com os olhos no alto, deu com a teſta hum grande encontro na eſquina, de que ſe eſmechou, e atolou em hum monte de cal amaſſada de freſco, que eſtava arrimado á parede, ficando até os ſendaes mais caiado, que cantareira d'Alfama. A todos pareceraõ os contos de Solino cheios de graça; e (diſſe Leonardo) ſempre ſae o amor culpado neſtes ferimentos; e naõ tenho por grande deſar todo, o que ſuccede á ſua conta,

que

que por isso o pintaõ cego, e saõ conhecidos por taes os que o servem: porém a mim me parecia que quando o amante perde o tento, e o sentido de tudo o mais, devia ficar só discreto, e avizado para sua dama, que he o objecto em que todo se emprega; que para lhe falar lhe subejariaõ razoens galantes, respostas obrigadas, termos de subtileza, e galantaria: e eu pela experiencia acho o contrario, que dos noivos, e dos amantes se contaõ as primeiras parvoices. Naõ sei (disse Solino) se dirá agora Pindaro que tomáraõ isso os namorados dos Poetas, como os encarecimentos. Os Poetas (respondeu elle) naõ saõ havidos por parvos; e quem lhes quiz fazer todo o mal lhes chamou doudos: o que poderia ser; que o arrebatarem-se, e alhearem-se de si os amantes com affeiçaõ; como os Poetas com o furor divino que os excita, aprenderiaõ delles. Pelo que o vosso remoque naõ deu boa chaça; mórmente que esses primeiros erros saõ de outra geraçaõ; e nenhum parentesco tem com a parvoice. Antes he hum modo de se atalhar, e suspender hum homem o seu entendimento com muita razaõ; porque naõ póde dizer coiza, que pareça bem aos outros a primeira vez que fala com aquella a quem ama; que he passo, onde os mais discretos o perdem. Parece-me que está no certo meu companheiro (disse Feliciano) que eu sei de homens, que entre os outros podiaõ falar sem medo, terem-no muito grande a estes primeiros encontros; que certo me parece mais respeito que se deve á formozura, que falta que se possa dar em culpa ao entendimento: pois

o ver-

o verdadeiro he que amor o apura, e engrandece; e por este respeito os Athenienses lhe levantáraõ huma estatua na Academia de Palas como a Sabio, e lhe dedicáraõ huma escola os Samios, significando que só na de amor se alcança com perfeiçaõ tudo, o que pelas do mundo variamente se aprende, e com *muito* discurso de annos se alcança: o avizo no falar, a discriçaõ no escrever, a brandura no conversar, a policia no vestir, a graça no parecer, a cortezania no tratar, a liberalidade no dispender, o esforço no pelejar, a largueza no jogar, a humildade no servir, e a pontualidade no merecer. Do pensamento, e juizo dos amantes sahiraõ ao mundo as emprezas discretas: as quiméras escuras, as idéas levantadas, os motes avizados, os versos excellentes, os enredos subtiz, as cartas galantes, as fabulas bem fingidas, os primores, os extremos, *e as* finezas tudo he doutrina tirada das escolas de amor. E pois nellas se alcança tudo, naõ he muito que se ache tambem hum termo de falar encarecido, e levantado sobre todas as coizas vulgares que tratamos, posto que o juizo deste acerto se naõ deve fazer por homens livres desta paixaõ amoroza, se póde haver algum, a quem naõ coubesse em sorte padecella: e bastava sem outros exemplos fazer a eleiçaõ della o Senhor D. Julio, que em todas as partes de Corte, e gentileza póde servir de espelho aos mais apurados. Vós me obrigais por tantas vias (respondeu o Fidalgo) que fico desconfiado de poder pagar nem com encarecimento do que mereceis, nem com a restituiçaõ dos louvores injustos que me dais, que só

saõ

saõ devidos ao vosso entendimento. E pois a victoria desta batalha ficou por elle em meu favor, quero-me aproveitar della, e do cuidado que me deu o dia com me recolher a caza, e fazer mais comprido o repouzo da noite. Essa rezoluçaõ (disse Leonardo) he em damno de todos; e muito mais de sentir, porque á força nos obrigais a que consintamos nelle: mas como em lugar de preza trouxestes da caça empreza taõ difficultoza, poupais horas para cuidar nella á nossa custa. Antes (respondeu elle) para reformar no somno as que me desveléi na madrugada. A isto se levantou; e os mais dando boas noites o hiaõ seguindo, e disse para todos Solino: O senhor D. Julio vai a sonhar com aquelle thezouro encantado que lhe appareceu na fonte; e para este cuidado naõ quer companhia; que se a communicaçaõ dos bens de amor faz muito maior a gloria delles nos contentes; aos que só o estaõ de seu pensamento nenhuma coiza he mais agradavel, que saudoza lembrança.

DIALOGO VI.

Da differença do Amor, e da Cubiça.

CAda hum dos amigos ao outro dia fez curioza diligencia por saber algumas novas da peregrina, que D. Julio tanto encarecera a noite passada; e naõ achando della nenhuma noticia, tiveraõ a historia por fingimento. Juntáraõ-se ás horas acostumadas á porta de Leonardo, a tempo que tambem o Fidalgo apparecia, e que o velho os vinha a esperar ao peito-

peitoril da escada com hum hospede que lhe viera, que era hum Clerigo de idade, pessoa, e trajo authorizado; que dos mais foi logo conhecido por ser Prior de huma Igreja que perto dalli ficava: sentaraõ-se agazalhando-o entre si com a devida urbanidade; e depois de lhe perguntarem de sua saude; como estavaõ com o dezejo de tirarem a terreiro a D. Julio, fizeraõ signal a Solino que começasse; porém Leonardo naõ deu lugar á boa vontade que elle tinha, e se lhe adiantou na pergunta. Bem cuidava eu, senhor D. Julio, (disse elle) que aquella formoza peregrina era encantada, e que foi traça do vosso entendimento fazer a todos cavalleiros dessa aventura; porém a mim só a encommendastes; que pela idade pudéra já estar apozentado para tal empreza; eu a tomei por vos obedecer, e andei bem cuidadozo no seguimento della, sem atégora atinar no caminho, em que vos perdestes. Minha foi só a disgraça (respondeu elle) pois perdi comvosco, e com os mais o credito do que disse, e para meu dezejo a gloria do que pudéra tornar a ver em sua formozura. Essa levantastes vós tanto sobre as estrellas (disse Solino) que se devia de agazalhar com ellas no Ceo, e enjeitar a pouzada desta aldêa. Parece-me (acodio o Prior) segundo o que vos ouço, que nós podiamos mostrar o jogo; porque a occaziaõ, que me trouxe a este lugar, e leva a Lisboa, he huma estranha peregrina que hontem appareceu na nossa aldêa, de cujos succéssos, e formozura se podiaõ contar grandes extremos; que já póde ser que seja a de que falais. Com esta nova se mostraraõ os amigos mui alvoroçados,

e D. Julio contente; e Leonardo respondeo ao Prior: Naõ imaginei que tinha tanto bem junto com o de vos ter nesta caza; affirmo-vos que, se ella naõ fôra vossa, naõ podereis pagar melhor a pouzada, que com taõ boas novas: pelo que vos peço que as naõ dilateis, contando-nos mui particularmente dessa peregrina, que tem taõ obrigados os dezejos dos que aqui estamos, como agora pendurados os olhos, e ouvidos do que nos haveis de dizer. Hontem á tarde (proseguio o Prior) a tempo que já o *Sol* se hia encobrindo com as azas da noite, andava eu continuando com a obrigaçaõ da reza á vista da Igreja; veio fazer oraçaõ á porta della, e dalli ter comigo huma mulher em habito de Romeira; que se a minha vida merecera a Deos que mandasse a algum *Anjo falar* comigo, podera imaginar que *ella* o seria; porque a sua belleza passava os limites do encarecimento humano, e com huma voz, que respondia bem á honestidade do seu rosto, e á humildade do seu trajo, me falou (posto que em lingua estrangeira) de modo que se deixava entender mui sem trabalho: perguntou-me se acharia gazalhado em algum hospital, ou caza de caridade daquella terra, em que passasse a noite, e pela manhã guia de confiança para ir ter á Cidade, offerecendo que nella pagaria bem a quem a encaminhasse. Eu, que no merecimento de sua vista achei que era pouco tudo o que lhe podia offerecer, fiquei enleado; porém lhe disse: Senhora, esta terra he muito pequena; e para o que vós represen-tais, outra maior me parecera limitada. Eu, posto que Sacerdote, e desta idade, tenho em

mi-

minha caza huma irmã viuva, e ſobrinhas, que vos ſaberaõ ſervir melhor que as naturaes da aldêa; fazei-me mercê de aceitardes a pouzada, qual ella he, e, á conta do que faltar ao que vós mereceis, ſuprirá a vontade que he muito grande. Ella me deu as graças do offerecimento com poucas palavras, moſtrando que o aceitava: vim com ella a minha caza, onde foi agazalhada, e ſervida com grande goſto, pelo que ás moças tinhaõ de ſe eſtarem revendo nas graças de ſua belleza. Depois da cea, em que a peregrina fez pouco damno, lhe pedimos nos contaſſe a cauza de ſua peregrinaçaõ, e como ſem companhia viera ter ao noſſo lugar: e ella mudando a côr com hum ſuſpiro, entre algumas lagrimas, e com taõ diſcretas razoens, que as naõ ſaberei eu agora referir com a perfeiçaõ propria (poſto que algumas palavras eraõ de linguagem alhea) contou o ſeguinte.

Na ilha de Irlanda, e na cidade de Dublin principal de ſeus eſtados, no maior enleio, e diſſenſaõ dos Principes della, que com a differença, e variedade das erradas ſeitas de Inglaterra, a cujo Rei obedecem, vinhaõ em total ruina, e deſtruiçaõ daquella Provincia, naſci de generozos pais, taõ mimoza dos afagos, e enganos da Fortuna em meu principio, quanto depois a ſenti eſquiva, e deshumana em minhas diſgraças. Naõ tiveraõ meus progenitores outro fruto, em que empregaſſem o amor paternal, e a grande copia de riquezas que poſſuiaõ, (que faziaõ notavel excéſſo á qualidade de ſeu ſangue) mais que a mim, que com eſta boa ſorte era invejada de todas as de minha idade, e pertendia dos mais illuſtres mancebos

cebos de toda Irlanda. No melhor de meus tenros annos, que a estes costuma morder sempre por varios modos a inveja venenoza da dura parca, de huma arrebatada enfermidade perdeu minha mãi a vida; e eu como ainda na minha naõ provara outros males, senti este primeiro com grande pena: mas como a sorte mo ordenara para ensaio de novas disgraças, depois de me ter ensetado o soffrimento; em poucos mezes depois perdi meu pai, e senhor, a quem muito amava, e fiquei mettida entre parentes cubiçozos de minha herança, e amantes fingidos, que obrigados das riquezas della me procuravaõ por espoza. Tinha eu a todos, os que me offereciaõ, pouca vontade; e grande obrigaçaõ de tomar estado conveniente aos respeitos de minha nobreza. E como os favores, em que me criei, me ensinaraõ a ser altiva (que este he hum dos grandes damnos que faz a prosperidade) puz o pensamento em quem com desprezo, e ingratidaõ castigou minha arrogancia: havia náquella mesma cidade hum Principe, mui chegado por descendencia ao sangue Real de Bretanha, cheio de muitas graças da natureza; que, ainda que me era muito desigual por nascimento, tinha taõ poucos bens da fortuna, que fazia eu no meu dote confiança para o pertender. Alcançou elle disto alguns signaes, que teve em pouco; naõ advertindo que a vontade de huma dama sempre poem em divida a hum espirito generozo, que conhece o preço dellas. Succedeu pois que, tendo eu já de minha pertençaõ poucas esperanças, o elegeraõ os da ilha de Lister, Ragrim, e das mais da parte Oriental de Irlanda,

por

por Capitaõ de huma Armada de Coſſarios, a fim de fazerem huma preza mui importante no mar Océano: e como ás vezes o caſtigo dos maus intentos he a meſma fortuna, (poſto que outras como cega os favorece) ſe perdeu eſta Armada com huma tormenta, na qual a maior parte da gente pereceu; e a que ficou do *mi*-zeravel naufragio ſe ſalvou em huma enſeada, onde foi cativa de hum Turco Coſſario, que a levou a Argel, e alli por o pouco ſegredo dos ſeus ficou o ſeu General conhecido por quem era; e como o ſangue, donde deſcendia, junto ao cargo que levava, o faziaõ de mór preço para os que o cativaraõ, ficou impoſſibilitado o ſeu reſgate, e elle ſem remedio naquella prizaõ alguns annos: até que a neceſſidade, e apêrto della me aconſelharaõ que de novo emprendeſſe o de que com ſeus deſprezos deſconfiára, mandando-lhe offerecer liberalmente meu dote para reſgate de ſua liberdade. E elle com o dezejo della, e obrigado deſta lembrança, tendo por menores grilhoens os que de novo lhe punha, que os que elle trazia, aceitou a offerta, e me mandou em ſatisfaçaõ hum eſcrito, em que me jurava por ſua eſpoza. Puz eu, ſem mais cautella, em execuçaõ o meu intento, perdendo a affeiçaõ ás muitas riquezas, que tinha, pela honra e contentamento, que daquelles deſpozorios eſperava. Tornou livre á ſua patria, e mudou de improvizo a tençaõ que fingira para alcançar o remedio á cuſta do meu engano. Eſtranhou-lhe o mundo eſta crueldade: e os meus vendo-me ſem dote, e ſem marido, e, o que o havia de ſer, taõ ingrato, e na opiniaõ de todos taõ

cul-

culpado, me levaraõ ao demandar por justiça nos tribunaes supremos, onde, depois de convencido, me foi julgado por devedor, e por espozo. Mas como a minha vontade naõ era que elle o fosse contra a sua, esperei o tempo mais conveniente para a declarar. Obrigado em fim da justiça, e, depois della, rendido aos conselhos dos principaes parentes que o tratavaõ; o dia, em que se havia de despozar comigo, cumprindo por sentença a palavra que me tinha dado, antes de lhe dar a maõ, metti na sua hum papel em lugar da minha, que era quitaçaõ plenaria de tudo o que por elle déra, e juntamente do que elle com tanta ingratidaõ recuzara, escolhendo para castigo de minha altiveza a humildade da Religiaõ mais apertada. Fez isto em toda a ilha grande espanto; e eu com o resto, que do meu dote ficára, aborrecendo a patria como a madrasta, determinei logo buscar em Reino alheio segura morada. E porque a fama da religiaõ Portugueza, e da famoza cidade de Lisboa, onde muitas Religiozas do illustre sangue de Bretanha vivem santamente em clauzura, me trazia mais affeiçoado o dezejo; mandei por alguns mercadores de confiança o maior cabedal do que possuia, a quem até á minha chegada o detivesse; e eu como tive certeza de este dote mais necessario estar seguro., fugindo ás afrontas, e odio de meus naturaes, me embarquei com o mais que me ficava; e com prospero vento tomei porto em Galiza, e vizitei a caza, e sepultura do gloriozo Apostolo Santiago; donde caminhando por terra, livre já dos enredos de minha ventura, naõ pude escapar á cubiça

dos criados que me acompanhavaõ; que esquecidos da fé que me deviaõ, e pouco affeiçoados da Catholica que professava á sua vista com tanta firmeza, me roubáraõ as joias, e dinheiro que trazia, deixando-me nestes desvios desamparada. Senti mais esta derradeira desgraça, por ser a que me tomou com a paciencia quazi rendida aos trabalhos da viagem, que venceraõ o descostume e fraqueza feminina; é tambem por me achar taõ só na confuzaõ destes caminhos: porém se pelos que parecem taõ errados me quer Deos guiar ao mais seguro, eu ponho em suas maõs o soffrimento: e por elle, senhor, vòs peço como a ministro seu que em tudo pareceis, que, ainda que vos dê cuidado, me mandeis daqui em companhia de confiança, até onde daquellas bemaventuradas Religiozas seja conhecida; que á sua vista poderei logo satisfazer a diligencia: a vós pagará o Ceo este trabalho, e a estas senhoras o amor com que favorecem o meu desamparo; que a maior consolaçaõ, que devem ter os perseguidos da sorte, he saber que a todo o tempo, que se acolherem a Deos, achaõ nelle brandura; e que tem á sua conta pagar largamente as boas obras, que no discurso de seus trabalhos receberaõ.

Esta historia contou a peregrina com os olhos cheios de agua, com que orvalhava de quando em quando as rozas do seu rosto; e a nenhum dos que alli estavaõ faltaraõ lagrimas. Eu lhe disse: Senhora, se o estado, que buscais com tanto dezejo, naõ fora melhor que o que vos roubou a ventura, muito era para sentir a que vos offende. Porém como o caminho dos que

Deos

Deos escolhe he taõ differente do que seguem aquelles que lhe vaõ fugindo; naõ podeis neste ter maior seguro, que saber que vos acompanha nos trabalhos prezentes, e vos ha de dar o galardaõ e premio de todos: e para que eu tenha nelles alguma parte de merecimento, me offereço ao remedio dos que ficaõ até tomardes lugar nessa clauzura. Lisboa he terra grande; e a muita confuzaõ da gente e tráfego della a faz embaraçada; e vós he razaõ que com a decencia e commodidade, que vossa pessoa e qualidade requere, vos deis a conhecer. Pelo que, se quizerdés descançar com estas minhas parentas, e já criadas vossas nesta aldêa, eu hirei á cidade, e procurarei servirvos com todo o cuidado. Isto me agradeceu a estrangeira com muito boas palavras, mostrando tambem nas côres do rosto signaes de obrigaçaõ. E hoje, antes da minha partida, me fez huma lembrança do que por sua parte havia de perguntar. No caminho me atalhou a jornada huma occaziaõ forçoza, que me fez passar a noite taõ perto de caza como vedes, mas com o maior interesse que podia esperar: pois, além das mercês do senhor Leonardo, gozo a conversaçaõ de tantos amigos e senhores, que he fim, a que se podiaõ dirigir outras jornadas maiores. Já agora (disse D. Julio) naõ seraõ taõ culpados meus extremos; pois nos que disse o senhor Prior da peregrina ficaõ acreditados; e passaõ as suas obras tanto adiante das minhas palavras, que deixa a sua igreja e familia para por a servir no que eu nem ainda me soube offerecer: e contou ao Prior o como encontrara, andando á caça, a mesma estrangeira, e o que naquella

conversação tinha passado sobre os louvores, com que elle quizera pintar sua formozura. Nenhuns lhe podieis dar (proseguio elle) que naõ ficassem os maiores encarecimentos devendo muito á verdade: e o maior espanto, que eu achei nos de sua gentileza, foi que, sendo ella tal, houvesse hum homem bem nascido, que sobre obrigaçoens taõ forçozas a desprezasse. Isso (tornou D. Julio) naõ tenho eu por espanto; que desse modo se costuma vingar a sorte da Natureza, quando na perfeiçaõ de suas obras a naõ pode igualar: mais se me reprezenta a mim que seria o homem nobre, e sem entendimento, como ha muitos, pois fogio de tantos e taõ poderozos attributos, como eraõ formozura, riqueza, magnificencia, cortezia, e humanidade, todos empregados em seu favor. E a mim (acodio Solino) me pareceu ingrato, mas discreto, fugindo o jugo de *huma* mulher que lhe ficava sendo duas vezes senhora, huma pelos poderes naturaes de sua belleza, e outra por a divida, e preço de seu resgate. O meu voto he (disse Pindaro) mui differente; antes julgo que o que o homem aceitou por necessitado, veio a enjeitar por cubiçozo, vendo que se dispendera com sua liberdade o dote que dourava as perfeiçoens de sua espoza; que nunca deixara de o ser, se fora taõ rica como no principio, em que o libertou; porque a cubiça e o amor saõ grandes competidores. Naõ me descontentaõ as opinioens (disse Leonardo) mas já que vos entalastes entre esses dous inimigos do socego humano, seja a questaõ e a materia da conversaçaõ da noite á conta delles. E perguntou ao Doutor, qual

dos

dos dous he mais poderozo, e obriga os homens a maiores extremos?

Se houvessemos de dar crèdito (respondeu o Doutor) á experiencia, e tomar os succéssos do mundo por argumento, com poucas porfias se manifestará a verdade da vossa pergunta: mas tratando primeiro das razoens, vejamos em que se parecem, e os poderes, em que os antigos igualaraõ o amor, e a cubiça; que de ambos deixaraõ jeroglificos, e figuras. Pintaraõ pois ao amor minino, formozo, com os olhos tapados, despido, com azas nos hombros, e armado de arco e settas: minino, por facil e fagueiro; formozo, porque a belleza he o objecto dos amantes; despido, porque se naõ pode encobrir; cego, porque naõ vê, nem conhece a razaõ; com azas nos hombros, por ligeiro, e mudavel; armado, por forte, poderozo, e cruel. A cubiça pintaraõ-a mulher, despida, com os olhos tapados, e azas nos hombros. Despida, pela facilidade com que por seus effeitos se descobre; cega, porque naõ vê nenhum respeito humano em razaõ do que deseja; com azas pela velocidade com que segue aquelle objecto, que debaixo da especie de proveito se lhe reprezenta. Assim que só nas armas, e no sexo feminino achamos na pintura differença: porém se considerarmos os effeitos da cubiça, ou foi que na pintura de mulher as quizeraõ cifrar todas, ou que lhes faltou lugar para tantas armas; porque se amor he forte e poderozo, e vence a tudo, como disse o Poeta; o mesmo confessa que a todos os extremos força, e obriga a sede do ouro aos humanos; se a amor como a poderozo o fingiraõ

giraõ Deos cruel, como diz o Poeta Seneca; naõ só a cubiça he Deos do avarento e cubiçozo, mas o mesmo ouro que dezeja, como delles disse hum Doutor santo; se lhe chamaõ cruel, pelos damnos que no mundo fizeraõ seus poderes, mais Reinos assolados, cidades destruidas, e damnos immortaes se fizeraõ no mundo por cubiça, que por amor: e antes de chegar aos exemplos, com que se póde provar esta verdade, vejamos em seu nascimento que coiza seja amor humano; e o que he cubiça. A elle chamaraõ muitos auctores furor; e este definio maravilhozamente hum Doutor Grego, que disse que amor era hum dezejo irracional, que facilmente se emprega, e com grande difficuldade se perde. E da cubiça escreve outro mais moderno, que he hum appetite fóra da medida certa, que ensina a razaõ; que naõ tem modo, nem fim. E certo que cada hum *delles* podia trocar com o outro esta definiçaõ, sem ficar enganado; porque o mesmo he excesso de hum dezejo irracional, que appetite fóra dos limites da razaõ: e o mesmo ser leve em se empregar, e deixarse com difficuldade, que naõ ter modo, nem fim. Mas posto que na pintura, e nascimento os podiamos igualar, os effeitos da cubiça saõ com mais força, e vehemencia, que os do amor; porque, se faz cego o amante para perder o lume da razaõ, todavia naõ o faz vil, antes o engrandece: e o cubiçozo he cego para naõ ver razaõ, nem honra, e para se abaixar a todas as infamias, a que se sujeita o interesse: se o pintaõ despido para se naõ poder encobrir, com mais vergonhozas mostras se pinta a cubiça: o que na mes-

mesma pintura de mulher está declarado. Se he ligeiro o amor para se empregar, com tudo busca sempre a formozura como objecto seu, e obra á que honrou a mesma natureza: e a cubiça se emprega nas mais humildes e indignas coizas da terra, como dellas possa tirar fruto o cubiçozo: que a Tito cheirava bem o dinheiro que cobrava das immundicias de Roma; e no que saõ atrevimentos e ouzadias, muito atrás ficaraõ os amantes dos cubiçozos. Romper as entranhas da terra, e chegar á vista do inferno por tirar ouro: descer ao fundo do mar por buscar perolas, descobrir novas regioens, soffrer climas estranhos, e barbaras gentes para adquirir commercios, obras foraõ de cubiça, e naõ de amor, como tambem o foi a navegaçaõ, que na empreza do Velocinio d'ouro começou: e se amor he cruel, muito menos o parece nas obras, que a cubiça, pois elle ao amante offende com suavidade amoroza, e aos estranhos com animo compassivo tanto mais nobre, quanto elle o he mais, que a cubiça, que mata no mundo mais homens em hum só dia, que o amor em muitos annos. Assim que a meu ver em competencia, ella tem mais poderes, e na similhança se parece tanto com o amor, que he elle mesmo; mas com tal differença, que elle ama a formozura humana, e a cubiça a riqueza.

Naõ consinto (disse o Prior) que o vosso entendimento faça taõ grande aggravo ao amor, como he igualar com elle a cubiça: porque quando em poderes tenhaõ grande similhança, na nobreza e nascimento tem muito maior desigualdade; que posto que o amor, considerado

como

como appetite carnal seja excesso de hum dezejo fóra da razaõ; significado como affeiçaõ humana, he huma força que ajunta, ou dezeja unir duas vidas em huma, a do amante e da coiza amada, e he este amor taõ natural a todos, que he defeito e torpeza naõ saber amar, como diz S. Chryzostomo. E pelo contrario *A*ristoteles chamou a cubiça dezejo fóra da natureza. O amor nasce taõ nobremente, que tem por objecto a belleza humana, e os dotes naturaes mais excellentes como saõ graça, juizo, parecer, e perfeiçaõ: e assim diz S. Agostinho, que amamos coizas boas, porém com amor mal intencionado. E a cubiça como he vicio do entendimento, e appetite preternatural, sempre he mal nascida, e inclinada a coizas baixas. Assim que sejaõ os poderes, e as pinturas quaõ parecidas quizerdes; saõ as naturezas de ambos mui differentes. Parece-me, senhor *Doutor* (disse Feliciano) que aquella razaõ ha de achar muitos votos contra o vossó, porém eu por me pegar ao melhor parado, nem quero ir contra elle, nem heide encontrar o do senhor Prior, antes ajudado da doutrina de ambos accrescentarei o meu pouco, mettendo-me entre taõ boas partes pela de amor; e digo que posto que elle e a cubiça sejaõ similhantes no poder, no que he amar saõ em tudo desiguaes; porque naõ se ama a coiza que pelo que he, e por amor de si propria se naõ ama; e menos se póde amar a que se naõ conhece: e assim seria erro chamar amor ao do cubiçozo, que se emprega em coizas que por si naõ merecem amor, e em outras, de que naõ tem nenhum conhecimento: amar a huma pessoa, que

obri-

obriga e sujeita a nossa vontade, he ter-lhe amor por qual ella he, e por essa a dezejamos unir comnosco, por natural appetite: mas empregar a affeiçaõ no dinheiro, e no ouro, que naõ amamos pelo que he, senaõ pelo que com elle se alcança, naõ póde ser amor. E menos o será amar o que ainda naõ conhecemos, como faz o cubiçozo a muitas coizas, que naõ vio, pelo interesse que dellas espera. E naõ tratando ainda de que o amor naõ se considera só no que ama, senaõ tambem na coiza amada; e que falta correspondencia, sendo essa insensivel; o amor todo se emprega no interesse dos sentidos; e este falta em todos elles ao cubiçozo: porque, se a sua temeroza côr o cativára, nem dessa o deixa uzar o seu cativeiro. Donde veio a dizer o poeta Horacio que o ouro para os avaros naõ tinha côr, porque o enterraõ segunda vez, pois por essa e por seu nascimento lhe podem chamar desenterrado: nem com a voz deleita os ouvidos, nem com a suavidade do cheiro recrea, nem com o tacto agrada, nem com o gosto satisfaz. Diga-o Midas, que o pedio aos Deozes por dom: e como lhe ficou por mantimento, perecia na abundancia do que tanto dezejara. Diga-o Pithio, o qual deu a ElRei Dario o plátano, e videira de ouro: o gosto, que achou na cea que sua mulher lhe ordenara: o qual com sua demaziada cubiça naõ dava lugar aos seus cidadaõs de se empregarem em outro trabalho mais, que em beneficiar as minas do ouro, em cuja ruina muitos delles mizeravelmente pereciaõ; pelo que, vendo as matronas da cidade tanto damno, foraõ juntas pedir á mulher de

Pi-

Pithio que, compadecendo-se de taõ grande mal, rogasse por ellas a seu marido, pedindo-lhe que désse aos seus melhor tratamento: e ella, a quem naõ faltava entendimento, nem piedade, conhecendo que era vaõ vencer com rogos a sua cubiça, ordenou a' Pithio huma cea esplendida em hum dia de festa; na *qual* todas as iguarias, que lhe deu, eraõ formadas de ouro. Alegrou-se muito com ellas na primeira vista, e com a magnificencia do apparato, com que lhas apprezentavaõ: porém quando pelo discurso do banquete naõ vio nenhuma de que podesse comer, perguntou pelas iguarias verdadeiras, confessando daquellas que eraõ fingidas. Como (respondeu entaõ a sabia matrona) queres que te apprezente outra comida, se só no cuidado da que tens diante occupas a todos teus vassallos, pois se naõ lavraõ os campos, nem se cultivaõ as arvores, nem se *pes*caõ os rios, nem se caçaõ as aves, nem se criaõ os animaes, pelo exercicio continuo de tirar ouro? Contenta-te tambem com o fruto delle por mantimento. E com este ardil emendou em alguma parte sua demazia. Bem parece que entendia esta verdade Halaono Imperador da Tartaria, que vencendo em Baldaco o Calife mestre da seita Mahometica, que era o mais poderozo rico, que entaõ havia no mundo, vendo que, por senaõ ajudar de suas riquezas, e as naõ dispender em soldo, naõ tivera rezistencia contra o exerçito dos Tartaros; depois de cativo o mandou metter em huma camera entre o ouro e joias preciozas, que antes tinha, sem lhe mandar dar outro mantimento, dizendo que daquelle comesse á sua vontade:

tade: e assim entre a grande abundancia de suas riquezas o mizeravel Califе morreu de fome. Pois se o ouro por si naõ póde satisfazer ao gosto, nem deleitar os sentidos senaõ com o engano do que com elle se alcança, como póde ser capaz de amor?

Vós (disse Pindaro) temestes ao Doutor; porém naõ o seguistes: e eu ajudado do vosso receio, e da sua auctoridade, me hei de valer da primeira opiniaõ que propoz, e he que o amante e o cubiçozo naõ differem mais no amor, que no emprego delle; e para isto me fundo em huma opiniaõ moderna, que tem por si muitas auctoridades antigas; e he que nenhuma pessoa ama mais a outra, que a si mesma, nem póde ter amor a outrem, se primeiro se naõ amar a si; e do amor, que se tem, nasce o dezejar e amar as coizas a que se affeiçôa, e inclina mais á sua natureza: amo isto, porque me parece bem, e o quero unir a mim, pelo que me quero, e dezejo tudo o que me agrada e satisfaz por meu respeito; e por isso chamaraõ ao amigo huma alma em dous corpos, e, como diz o proverbio, *o amigo he outro eu*; quero-lhe tudo o que para mim quero, e amo-o como a minha alma unida com a sua. E Aristoteles diz que o amigo se ha de igualar no amor com o que cada hum tem a si: logo tanto quer e dezeja o amante o objecto da belleza, em que se emprega, como o cubiçozo o ouro, que quer para si. E quanto á objecçaõ de que o ouro senaõ ama pelo que he, senaõ pelo que vale, e por o que com elle se compra e alcança, os vossos mesmos exemplos diraõ por mim o contrario; que o cubiço-

biçozo, e avaro antes perderá a vida, que resgatalla com o ouro, a que quer mais que a ella; e antes perece á fome, que satisfazella com dispender o que tem em mais estima que a fartura; que para elle he mór damno gastar, que todos os outros; como Lucilo conta de hum avarento chamado Hermones, que, *sonhando* huma noite que gastara certa quantidade de dinheiro, foi tanta a sua paixaõ e dôr, que, cuidando que era verdade, se afogou. E assim diz S. Jeronymo que tanta necessidade tem o cubiçozo do que possue, como do que lhe falta, pois lhe falta animo para uzar delle: e diz noutro lugar que só a avareza e cubiça fez no mundo pobres, porque asśás o he mais, que todos, o que tudo dezeja; e possuindo mendiga, e padece como se lhe faltára. Logo certo he que o ouro ama o cubiçozo, e naõ já o que com elle se compra; pois o naõ *quer* para comprar, senaõ para o possuir. E respondendo á deleitaçaõ dos sentidos, que o amor humano offerece, e na cubiça falta, ouzarei a dizer que o ouro, ainda enterrado, parece melhor ao cubiçozo, que ao amante a formozura que appetece; e que he mais suave a seus ouvidos o rumor, e tinido do dinheiro, que a brandura de todos os requebros, e galantarias namoradas; e que nenhum gosto para elle he igual com o que tem de tocar, tratar, e revolver-se entre o mesmo dinheiro: o que se póde ver com grande admiraçaõ naquelle afamado cubiçozo o Imperador Caligula, que, depois que a muitos obrigou que o instituissem por herdeiro, aos quaes, depois de testarem, fez matar com peçonha (rindo-se de haver ho-

mem

mem que quizesse viver mais depois de haver testado) atrás de em sua caza instituir publica mancebia de todos os vicios, de que tirava hum copiozo tributo, se lançava despido entre o dinheiro, que destas infames obras procedia; e, dando sobre elle mil voltas, tinha em menos conta todas as outras delicias, que os homens a preço do dinheiro procuravaõ. Certo he logo que o ouro ama, e a elle quer, e com elle se deleita o avaro e cubiçozo; que, se o dezejara para o empregar em o que com elle se alcança, perdera o primeiro nome, e podera merecer o de rico, prudente, e liberal: porque o ouro, e as riquezas, como diz S. Leaõ Papa, naõ saõ boas de si, nem más; más o bom ou mau uzo dellas engrandece, ou desacredita a quem as possue: e assim naõ he rico o que muito tem, senaõ o que com o que tem se contenta: e naõ ha maior pobreza, que, por empregar o dezejo em hum baixo metal, que sem bom uzo naõ presta, deixarem os homens o muito que com sua valia poderaõ adquirir.

Todos (disse Solino) deraõ sua pancada a esta lebre; Leonardo, que a levantou, deixouse ficar no cuvil; e eu fiquei atrás dos galgos sem dar hum brado; farei muito, se agora quizer desmanchar o bemdito de todos. Com tudo a minha opiniaõ he que quanto tendes feito na grandeza e poderes da cubiça he errado, e que se haviaõ de attribuir ao ouro, e naõ a ella. E tratando da pintura, em que a embaraçastes, e quizestes assemelhar com o amor, tenho por mui errada a declaraçaõ della: e posto que seja contradizer a taõ grandes enten-

dimen-

dimentos ; a hei de explicar ao meu modo , que me parece que a pintaraõ os antigos mulher por ſua fraqueza ; pois he tal , que ſe rende a qualquer pequeno , e vil intereſſe ; deſpida como deſavergonhada , por quam ſem reſpeito , nem moderaçaõ ſe atreve a commetter qualquer infamia ; com azas por a ligeireza , cóm que ſe arremeſſa a qualquer preza como ave de rapina ; cega por pedinta , mendiga , e importuna : e ſe iſto naõ he , venho a prezumir que a fingiraõ com o roſto de mulher , e as pennas de ave como a harpia , que na etymologia propria do ſeu nome manifeſta o roubo e condiçaõ do cubiçozo : e aſſim como a harpia damna , e deſcompoem todos os manjares a que chega , aſſim a cubiça eſtraga e corrompe todas as virtudes : pelo que me parece que nenhum parenteſco tem com amor , que na nobreza he taõ deſigual , e pelos louvores de ſua excellencia taõ conhecido. O a que ſe podera voltar a noſſa porfia , e arguir mil hiſtorias extremadas , he a tratar dos poderes do ouro , e da valia do intereſſe , que já nos tempos antigos , e no prezente de agora póde tanto , que obrigou a dizer a hum auctor que eſta he a verdadeira idade do ouro , porque ſó elle ſenhorêa os animos dos homens. E viera iſto mais ao propozito da voſſa peregrina , que com elle e ſua formozura naõ pôde vencer a hum coraçaõ ingrato. A mim me parece (reſpondeu Leonardo) que vós tinheis mui boa razaõ , ſe a naõ guardareis para taõ tarde : porém em a noite d'amanháa ſe lhe fará juſtiça ; que neſta he razaõ que ſe dê ao hoſpede lugar conveniente para o repouzo , pois ha de ir á cidade e vol-

voltar no mesmo dia. Por naõ mandar em caza alheia (disse o Prior) naõ defendo a minha parte; mas prometto, se voltar a horas que possa passar a noite taõ bem como esta, de a naõ perder. Entaõ se levantaraõ os mais e se despediraõ; e o Prior gastou muitas palavras em manifestar a Leonardo a inveja que tivera daquella companhia: ao que elle respondeu com a que a todos fazia com a vista da peregrina, que lhe ficára em caza; que posto que a boa conversaçaõ he manjar da alma, a vista de huma estranha formozura, que rouba as de todos, tem muito maior poder sobre o dezejo.

DIALOGO VII.

Dos poderes do ouro, e do interesse.

NO mesmo tempo, em que os amigos se juntaraõ para o seu costumado exercicio, se apeava o Prior no patio de Leonardo; que o dezejo, que lhe cauzara a noite do dia d'antes, o fez tornar mais sedo da Cidade. Foi recebido com alegria: e depois de lhe perguntarem do bom succésso de sua jornada, lhe disse Solino: Agora vejo que roubou a ventura a empreza daquella peregrina ao senhor D. Julio; pois a deu a quem a deixa de ver por nos ouvir. Antes vereis (respondeu o Prior) quaõ poderozo he o ouro, que até para ouvir falar nelle deixo a propria caza, e nella a vista de taõ extremada formozura. Naõ sois vós (acodio Leonardo) o primeiro que a deixastes por ouro, nem uzais nesta occaziaõ como avarento, pois que vindes com esse titulo de cubiça

enri-

enriquecer a todos, e a esta caza. Vós (respondeu elle) me individais para me empobrecer com a mercê e cortezia que me fazeis; de maneira, que sempre o meu erro he dourado para contentar aos cubiçozos, quando pareça a Solino culpa deixar a vista da minha hospeda pelo interesse da vossa conversaçaõ. Naõ he só elle o que vos accuza (disse D. Julio) antes eu de a vós deixar-des me queixo, ainda que de a acompanhardes tinha ciumes. Só esses faltavaõ (tornou Solino) para a conversaçaõ ficar de ouro, e de azul; mas se deste se batera moeda, nenhum de nós se queixara de pobre, porque a dos comprimentos he a mais corrente de todas. Porque o maior mal, que o avaro faz ao ouro, he impedir-lhe a corrente com a prizaõ em que o encerra, podendo com elle até ás prizoens fazer agradaveis e formozas, que para isso imagino que se inventaraõ as cadêas, e grilhoens de ouro, que deste servem para ornato, e dos outros metaes para castigo. Naõ me descontenta essa razaõ (disse Leonardo) porque se ao ouro quando sahe da mina, antes de o pôrem em seus quilates, chamaõ os artifices *ouro bruto*, quanto com mais razaõ merece este nome o que o avarento tem escondido, e fechado? E a este propozito me cabe contar huma historia que li esta manhá; e se for sobejo, pelo que callei a noite passada, se póde descontar o que agora disser.

Houve em Italia, em hum dos mais conhecidos lugares della, hum honrado pai de familia, nobilissimo por geraçaõ, rico de bens procedidos da herança, e nobreza antiga de seus passados, dotado de muitas partes, e graças da natu-

natureza, e taõ liberal do que possuia, que mais parecia dispenseiro das riquezas, que carcereiro dellas. Teve este em sua mocidade hum filho taõ industriozo, e experto nos negocios de mercancia, que ajuntou em poucos annos grande copia de dinheiro, o qual elle guardava com taõ solicito cuidado, como costumaõ os que com cubiça, e trabalhos o adquiriraõ: e era notavel espanto aos naturaes verem em hum velho a largueza, e liberalidade de mancebo; e em o filho a avareza, e tenacidade de velho. O pai, que o via responder taõ mal a suas inclinaçoens, e que já com a idade, e continuaçaõ de gastar largo, estava menos rico, muitas vezes lhe dizia, e aconselhava com brandura que conservasse, com o que ganhara, a honra que tinha de seus passados; e naõ degenerasse delles, por seguir a vileza do interesse: que uzasse das riquezas como nobre, e favorecesse a velhice de quem o criara, e honrasse aos pequenos irmaõs que tinha; que fosse proveitozo aos amigos, e parentes; benigno aos pobres, e senaõ cativasse ao trabalho de enthezourar riquezas sem fruto. Mas como falar a hum morto, e aconselhar a hum avarento he cuidado vaõ, nenhum effeito faziaõ os paternos rogos em sua má natureza. Succedeu que o Senado daquella Republica por a nobreza, e pessoa do mancebo, e pela industria, e sagacidade que mostrava, o elegeraõ em companhia de outros para ir com huma embaixada a Roma ao Summo Pontifice. Depois de sua partida, vendo o pai occaziaõ ao que havia muito que dezejava, mandou secretamente fazer chaves falsas, com que entrou na camera do filho; e abrio os co-

fres, em que aquelle inutil thezouro eſtava depozitado; e com a brevidade, que o dezejo lhe pedia, veſtio a ſi, a ſua mulher, e filhos cuſtozamente; deu libré a ſeus criados; comprou ricas armaçoens, e baixellas; encheu a eſtrevaria de cavallos formozos; fez eſmolas a muitos pobres; acodio em occazioens á parentes, e amigos neceſſitados; diſpendeu em fim aquella prata, e ouro, que o filho com muitas vigilias ajuntára, dà maneira, em que elle, quando florecia em riquezas, uzava dellas. Gaſtado o dinheiro, encheu os ſaccos, em que antes eſtava, de miudos ſeixos, e arêa: e poſto tudo na meſma ordem, em que o filho o deixara, tornou a fechar os cofres, e as cazas como dantes. Tornou depois o filho da ſua embaixada; e os pequenos irmaõs o foraõ eſperar á entrada da cidade veſtidos cuſtozamente, e com o magnifico apparato de que entaõ uzavaõ. Vendo-ſe o irmaõ rodeado delles ficou confuzo; e enleado lhes perguntou logo donde houveraõ taõ ricos veſtidos, e taõ formozos cavallos. Ao que elles com huma ſimplicidade innocente reſponderaõ que ſeu pai, e ſenhor vivia com differente largueza da que dantes tinha; e que outros trajos, e cavallos de maior preço lhe ficavaõ. Entrando depois em caza de ſeu pai, nem a ella, nem a elle conhecia, pelo differente eſtado em que a deixara: e como neſta mudança ſe lhe naõ aquietava o coraçaõ, foi-ſe com muita preſſa aonde o tinha poſto. Entrou na ſua camera, abrio os cofres: e vendo que os ſaccos eſtavaõ cheios, e da maneira que elle os deixara, ſe aquietou, porque naõ dava lugar a mais vagaroza experiencia a preſſa,

com

com que os companheiros o chamavaõ, e o Senado o esperava. Depois que deu fim a aquella obrigaçaõ (que a elle lhe naõ pareceu que fosse taõ custoza) fechando-se devagar no seu apozento, abrio as arcas, e os saccos, em que lhe parecia que estavá a sua bemaventurança; e vendo o engano da arêa e seixos, que dentro tinhaõ, começou a gritar com grandes lamentaçoens, e brados. A que primeiro, que todos, acodio o generozo velho, perguntándo-lhe que tinha? de que se queixava? e quem o offendera? Ai de mim (disse elle) que me roubaraõ as riquezas, que com tantos trabalhos, e em taõ largo discurso de annos tinha grangeadas. Como he possivel que te roubaraõ (respondeu o pai) se eu vejo esses cofres e saccos cheios, que parece que naõ podiaõ tirar nada delles, nem elles levarem mais? Ai triste de mim (tornou o filho) que o de que elles estaõ cheios, naõ he do ouro e prata, com que os deixei; que naõ tem agora mais que pedras, e arêa sem proveito. A isto respondeu o generozo pai, sem no rosto fazer mudança: Ah enganado filho! que importava para ti que estes saccos estivessem cheios de ouro fino, ou de arêa grossa, se a tua avareza te naõ deixava fazer nas obras differença della? Cessáraõ os brados, mas naõ já o sentimento do filho, com esta resposta; que a mim me pareceu digna de ser contada entre as mais celebres do mundo.

Eu a tenho por tal (disse o Prior), e a historia por maravilhoza para o nosso intento; e andou muito bem o pai de cumprir em vida o testamento do filho; porque, como disse

Pub. Mimio, nenhuma coiza o avaro faz boa; senaõ quando morre, porque deixa o que tem á quem possa uzar delle. E o mesmo (disse Feliciano) escreveu que para ninguem o avarento he bom; e para si peior, que para todos; pois nem dispende, nem se aproveita: e neste sentido me parece maravilhoza a *allegoria* daquella ingenhoza fabula de Midas, que, pedindo aos Deuzes, como cubiçozo, que tudo, o que tocasse, se lhe convertesse em ouro, perecia de fome na grande abundancia do que pedira. E quando a necessidade o fez mudar a petiçaõ forçado do mal, que como bem procurara, lhe mandaraõ que se fosse lavar no rio Pactólo; que fez corrente do que elle queria fazer estanque, pondo em suas douradas arèas, para communicar a todos, o que Midas só para si queria ter uzurpado. Bem se reprezentou em Midas (accrescentou Pindaro) hum *cubiçozo* no pedir, e em senaõ aproveitar: que por isso disse Seneca que mais facilmente se atreveria a alcançar da Fortuna que désse, que de hum cubiçozo que naõ pedisse. Mas deixemolos a elles com seu engano, e fallemos nos poderes do ouro, que he o para que Solino nos convidou a noite passada. Como he certo (disse elle) que para o ouro todos se convidaõ de boa vontade, e vós, pela que tendes a este metal, parece que estivestes de ponto sobre a materia. Naõ a apontei (respondeu Pindaro) por esse respeito, mas por me contentar da que escolhestes; e he disgraça minha que para os outros levantais d'ouros, e para mim d'espadas. Eu me quero metter entre ellas (acodio D. Julio) e se assim parecer aõs mais, diga Solino

to-

todos os males do ouro, pois tem boa maõ para dizer mal; e Pindaro todos os bens: e sobre o que ambos differem ficará lugar aos mais de darem suas razoens. Errastes senhor D. Julio (disse o Doutor) que para Solino dizer mal no sentido, que vós quereis, ha de dizer bem do ouro, e Pindaro os males. Dou-me por vencído, respondeu elle: e eu por obrigado (disse Pindaro) a obedecer. Todos festejaraõ a eleiçaõ; e ordenando que fosse o primeiro, começou desta maneira.

Se as cauzas saõ pelos effeitos conhecidas, e elles testimunhaõ a excellencia ou maldade dellas, qual o foi de maiores males, e damnos na redondeza, e metteu aos homens em mais perigozos trabalhos que o ouro, a quem com muita razaõ podiaõ todos chamar *peste do mundo*? E posto que os notaveis exemplos das destruiçoens e ruinas, que nelle fez, podiaõ tomar mais tempo, do que agora tenho para tratar delle; quero começar primeiro de seu nascimento, para que mostrem os seus arriscados principios os desestrados succéssos, para que a malicia humana o descobrio. E naõ desprezando o que diz Plinio taõ doutamente, que naõ contentes os homens com o que a superficie da terra produzia para sua recreaçaõ, e mantimento, a formozura das arvores, a diversidade dos frutos, a belleza, e cheiro das flores, a verdura das hervas, o esmalte das boninas, a abundancia dos legumes; quizeraõ desentranhar do centro della os segredos, que a benigna natureza nos escondia. Nasce o ouro nas entranhas dos montes, e nas arterias occultas dos penedos; è sobindo como arvore da profunda raiz, don-

donde começa, vai eſpalhando os ramos em deſigual medida, convertendo o Sol com ſeus poderes aquella materia diſpoſta, e propinqua, até que chega a ſer ouro, e ſe demõſtra por duvidozos ſignaes na face da terra; que logo daquella emprenhidaõ ſe moſtra triſte, dando por indicios da riqueza, que encerra, herva deſcórada, delgada, ſubtil, e ſequinhoza arêa, e barro leve, ſecco, e ſem proveito; e até as aguas, que por entre as vêas deſcem, ſahem cruas, e com ſabor pezado. Eſprèitando eſtes ſignaes a induſtria humana, entra fazendo guerra ao profundo, caminhando por debaixo dos montes ſuſtentados em columnas da meſma terra, deixando a viſta do Sol, e das eſtrellas, pondo as vidas ao riſco das ruinozas maquinas, que mil vezes o opprimem, que tanto a noſſa ſede fez cruel á benigna terra, que parece menor temeridade tirar do fundo do mar perolas, e aljofar, que do ſeu ſeio o inimigo ouro, que ainda entaõ o naõ he mais que nas eſperanças. Depois de tirado com taõ cuſtozas diligencias, ſahido como parto de venenoza vibora, rompendo as maternas entranhas, com o fogo ſe aparta, apura, e aperfeiçoa, ficando menos apto para o ſerviço dos homens, na cultivaçaõ dos campos, e arvoredos, e mais apparelhado para ſua deſtruiçaõ, e ruina: porque ou ſe lavra para oſtentaçoens e demazias da vaidade, ou ſe bate e cunha em moeda, cujo preço tyranniza os poderes, e graças da natureza. Tirou o ouro a valia a todas ellas, e fez em ſi eſtanque de todos os commercios do mundo, no qual, antes que elle appareceſſe, ſe trocavaõ as coizas humas por outras, com huma com-

compoziçaõ, e trato mais conforme, e obrigado á necessidade, e commodos da vida, que aos roubos da cubiça, maldades da avareza, e sobegidoens da vaidade; e apoderou-se tanto de tudo o que na terra havia, que veio a ser preço até da liberdade dos homens contra o direito natural, em que viviaõ. Foraõ crescendo seus atrevimentos: e se antes de sahir do centro da terra começou a matar homens, sahindo della se levantou contra o Ceo, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes: tirou logo a vara das maõs á Justiça; e deitado em sua balança perverteu o fiel de sua igualdade. Diga-o Commodo Imperador, que todos os crimes de homicidios e insultos desiguaes, remio a preço de ouro, vendendo por elle publicamente naõ só a pena dos delictos, mas os proprios lugares dos julgadores. Cerrou os olhos á mizericordia, para senaõ compadecer dos affligidos: como se vio no exercito de Tito Vespaziano, que tendo cercada Jeruzalem, os moradores, que opprimidos da fome se sahiaõ da cidade com licença sua, engoliaõ primeiro huma pequena moeda de ouro, para que na passajem o podessem salvar dos inimigos; os quaes sabendo esta astucia, a dous mil, que em dous dias sahiraõ da cidade, partiraõ pelo meio para lhes tirarem do bucho a moeda, por naõ esperarem que com o termo commum da natureza dahi a pouco espaço a lançassem fóra: assim que aquella pequena quantidade de ouro, qual de finissima peçonha, lhes tirou a vida. Derribou a columna, e quebrou os braços á fortaleza, atados com as prizoens de seu interesse; diga-o Ulysses, que por elle vendeu

a Priamo o corpo de Heitor Troiano; e Aulo Posthumio, que a preço de ouro deixou a empreza da guerra de Jugurtha, e a gloria della? Desterrou do mundo a fidelidade; pois por elle vendia Nicias aos Romanos a vida d'ElRei Pyrrho seu senhor: Demonica a cidade de Efezo a Bresso Capitaõ Francez, que de industria a afogou com pezo de ouro: Tarpeia Romana, a entrada do Capitolio aos Sabinos, que do mesmo modo com o pezo de ouro, e dos escudos a acabaraõ. Depravou a piedade, e veneraçaõ, que os antigos tinhaõ aos mortos, naõ perdoando a suas sepulturas, como ElRei Dario, enganado com o letreiro da de Semiramis, que dizia que, se algum Rei seu successor se visse em necessidade, abrisse aquella sepultura, e acharia hum thezouro: elle confiado creu o letreiro, revolveu a pedra; e achou outro, que dizia: *Se naõ foras cubiçozo, naõ andarás desenterrando os mortos.* Os Romanos desenterraraõ os mortos de Corintho para lhes tirarem a moeda que tinhaõ por costume metter comsigo na sepultura; para o que he mais notavel aquelle cazo estranho que conta Paulo Diacono, de Rodoaldo Rei de Lombardia, o qual, porque seu pai se mandára enterrar com as insignias Reaes de ouro, abrio huma noite secretamente a sepultura, e, depois de roubar e despojar o cadaver paterno, lhe appareceu S. Joaõ Baptista, em cuja Igreja áquelle corpo estava enterrado; e reprehendendo-o rigorozamente, lhe mandou em castigo do atrevimento, que commettera, que mais naõ entrasse naquella sua Igreja: e assim querendo o Rei alguma vez commetter a entrada, foi pelo mesmo San-

to

to lançado fóra. O ouro sustenta, e favorece a todos os peccados capitaes, a suberba com suas pompas, apparatos, e vaidades. As baixellas de Midas, as grandezas de Cresso, os escravos de Claudio, o theatro de Nero, as cazas de Clodio, e todos os mais excessos da vangloria delle nasceraõ. A avareza nelle como em materia propria se conserva e accrescenta; por elle deixava Oco, riquissimo Rei dos Persas, de sahir de caza por naõ dar certas moedas de ouro ás mulheres que o sahiaõ a receber como era costume daquelle Reino, como conta Plutarco. Nero despojava por este as matronas bem vestidas, e roubava as tendas dos mercadores: e Angeloto, de quem escreve Pontano que era tam avaro, que se levantava de noite a furtar a raçaõ a seus proprios cavallos; e sendo achado pelo estribeiro ás escuras no furto, o açoutou cuidando que era dos escravos da estrevaria. A sensualidade com o ouro se cria, pois a força delle corrompe a pudicicia, como os antigos ingenhozamente significáraõ na fabula de Danae, a quem Juppiter enganou convertido em chuva de ouro; delle nasceraõ os estupros de Commodo, os incéstos de Caligula, as luxurias de Heliogábalo, os adulterios de Julio Cezar; pois só a perola, com que conquistou a Servilia mãi de Bruto, lhe custou seiscentos sextercios. Por ouro tem a ira feitos abominaveis estragos, e homicidios no mundo. Pygmalion matou a seu cunhado Sichueu por lhe roubar o thezouro que tinha. Polimnestor tirou a vida a Polidoro, de quem era tutor, por lhe roubar a herança das riquezas, que esperava. As demazias, e sordidezas

da

da gula; a delicia, e súbegidaõ dos manjares com elle se compraõ. Das mezas de Cleópatra, das hortas, e banquetes de Lucúlo, dos manjares, e convites de Heliogábalo elle tem a culpa. A venenoza inveja nelle, como em seu objecto natural, se emprega toda. Herífile invejoza das manilhas de ouro de Adrasto entregou á morte Amfiarau seu marido; e Julio Cezar, invejozo das riquezas da Luzitania, se fez salteador das cidades della. A preguiça e descuído sobre o ouro descança, e se aquieta: elle fez preguiçoza e muda a lingua de Demósthenes com o preço que lhe deraõ por naõ orar: e o symbolo, e jeroglifico da preguiça foi o cágado, por o vagar e pezo, com que se move. Que coiza com mais difficuldade e tardança se abala, que hum rico? E se a diligencia cahio em sorte á pobreza, pois a necessidade foi inventora das artes e subtilezas; o pezo do ouro entorpece os sentidos empregados todos naquella materia: e, por conhecer esta verdade Crates Thebano, q afogou no mar para aprender a Filozofia. Pítaco, e Anacarso naõ aceitáraõ a Cresso o que lhes mandava: Anacreonte tornou a enjeitar a Polícrates o que lhe déra: e Curio recuzou aos Samnites o grande pezo delle, que lhe traziaõ.

Foi o ouro finalmente a ruina de todos os bens, que mereciaõ este nome; e hum veneno mortifero para a vida humana: e se muitos a perderaõ indo em seus alcances pelo centro da terra, e outros buscando as estranhas, em que elle se cria, por remotos climas entre irracionaes Ethiopes feneceraõ; naõ estaõ seguros do mesmo damno os que dentro em suas ca-

zas,

zas, e fechado em seus cofres o possuem. E fazendo pauza em seus males (que para os contar todos fora infinito) só hum bem tem o ouro, que eu naõ quero deixar á conta dos louvores de Solino, que he o que os Gregos declararaõ naquelle seu celebrado proverbio, que diz: *O de que serve ao ouro a pedra de toque, serve o ouro ao homem*; pois no toque delle, como em hum espelho de desenganos, he conhecido: e se elle desta minha invectiva se houver por aggravado, vingança lhe tem dado a ventura até do que de seus males me fica por dizer.

Todos ficáraõ por extremo satisfeitos de ouvir a pratica de Pindaro; e o Prior a gabou de bem ordenada, e elegante; e gastáraõ nisto algumas razoens, tendo os olhos em Solino, que começando a falar com engraçadas mostras os obrigou a silencio, e disse:

Posto que eu podéra dizer do ouro, como a rapoza de Ezopo das uvas, a que naõ chegava; nem quero tomar tam humilde vingança de quem me foge, nem (como alguns costumaõ) dizer mal de meu proprio dezejo: a empreza he facil, e só no muito, que ha para dizer della, difficultoza: porém se a copia aos discretos empobrece, (como hum delles disse) naõ póde ser que a do ouro faça effeito tam desigual; pois que nelle consiste toda a riqueza. Bem o posso invocar como poderozo, e dezejar ao menos huma boca de ouro, de que sahiraõ dignamente os seus louvores; mas he taõ inimigo do que lhe quero, que, por me offender a mim, fugirá delles. E começando do nascimento deste dezejado metal, que

quan-

quanto mais queremos culpar engrandecemos: Nasce (como Pindaro disse) nas entranhas dos montes, porque até a mesma natureza nos ensinou a fazer delle thezouro, pondo tantos muros da terra para o defender, para que tambem a difficuldade e rareza lhe dê maior valia. Logo sahindo da mina, onde se cria, e provado no fogo, em que se apura, começa a fazer competencia com sua formoza côr ás mais bellas obras da natureza. O mais nobre dos planetas, que he o Sol, dourado nos apparece, e o seu luzente carro com raios de ouro allumia a terra: o fogo, mais nobre e poderozo dos elementos, da sua côr se veste; o arco celeste, que nas tempestades da terra nos assegura, perfilado de ouro se descobre; as nuvens ao pôr do Sol da sua côr guarnecem os horizontes. As rozas brancas e incarnadas, os lirios roxos, e azues, as cessens brancas, os bem-me-queres, e as boninas com huma roza dourada no meio se guarnecem, e enfeitaõ para os olhos dos homens; os frutos das arvores, quando chegaõ á sua dezejada perfeiçaõ, e as searas na fertilidade de suas espigas se tornaõ de ouro: e as mais formozas creaturas humanas, com as cabeças douradas, mostraõ sua belleza; e a esta imitaçaõ trazem os Principes, e Monarcas do mundo o ouro sobre a cabeça; os Reis, e Imperadores nas Coroas, os Papas nas Thiaras, os Bispos nas Mitras, e as Matronas illustres nos toucados, ao pescoço, sobre o peito, e pendurado das orelhas, nos dedos, e nos braços, fazendo voluntarias prizoens de sua formozura. No culto Divino elle orna, e aformozea os Templos sagrados,

as

as Cruzes, Imagens, Retabolos, Calices, Patenas, Lampadas, e Castiçaes; com elle se adornaõ os tectos, frizos, columnas, pedestaes, e todos os ornamentos, e vestiduras da Igreja. Batido em moeda he preço, e resgate das coizas de maior valia, sem que nelle se começasse o trato, e commercio do dinheiro; pois antes, que o cunhassem de ouro, o houve de prata, cobre, e lataõ: assim que, sem prejudicar a seus louvores o mal que uzaõ delle os avarentos, lhe podiamos com razaõ chamar formozura do mundo; ornato, e guarniçaõ de todas as virtudes. A humildade carregada de ouro se inclina mais, e he mais formoza, como foi a de Primislau primeiro Rei de Bohemia; que no maior poder de sua riqueza, e senhorio, mandava trazer ante si as alparcas de pastor com que se criara, mandando que andassem em morgado a seus descendentes para antidoto contra a suberba da dignidade Real. E deixando exemplos estrangeiros, a nossa Rainha Santa Izabel, o nosso Infante D. Fernando, a nossa Infante Dona Sancha, Dona Branca, e Dona Joanna, e o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, bem douraraõ com sua grandeza, e poder a virtude da humildade. Com o ouro se exercita, e póem em pratica a liberalidade, que sem elle parecera virtude sem maõs; que mal as tivera Marco Antonio triúmviro para aquelle excésso de magnificencia, que uzou com hum amigo, se o naõ tivera: porque, mandando-lhe dar pelo seu thezoureiro vinte sinco mil escudos, parecendo ao avarento criado que aquella largueza nascia da ignorancia de seu senhor, lhe mostrou

trou aquella quantidade de dinheiro sobre huma meza, dizendo-lhe que aquillo era o que mandava dar. Mas o Romano por desmentir a malicia do thezoureiro (que entendeu logo) lhe disse: Fizeste bem de me avizar; que naõ cuidei que dava tam pouco: pelo que *sobre* estes accrescenta outros vinte sinco mil; e da-lhe sincoenta. O mesmo, e quazi pelo mesmo modo, ouvi que acontecera a hum Principe de Hespanha com seu pai, mandando dar a huma moça humilde trinta mil cruzados. E vindo aos nossos exemplos: bem dourou e engrandeceu a liberalidade com seus poderes o nosso primeiro Rei D. Affonso Henriques, que nas terras, que conquistava, edificou mais Igrejas ricas, que Paços Reaes, e cazas pobres: bem o seguiraõ os mais de seus descendentes em differente modo. D. Pedro o justiçozo com os pobres, que até a manga do braço direito mandava fazer mais larga, e comprida, para alcançar a todos no fazer mercês, como o mesmo Rei dizia. Seu filho ElRei D. Joaõ o I. foi tam liberal com os vassallos que o serviraõ, que deixara sem patrimonio a Coroa, se ElRei D. Duarte seu filho naõ fizera a Lei mental, com que limitou sua largueza. ElRei D. Manoel com os podêres de sua riqueza, e a magnificencia de sua condiçaõ assombrou as Naçoens estranhas, e ao nome Portuguez fez mais honrado. A castidade mais excellente, e formoza parece guarnecida de ouro, que nos humildes trajos da pobreza; e por isso foi tam louvada em Scipiaõ, que poderozo, rico, e vencedor, quando entrando Carthago lhe offereceraõ cativa huma formoza dona, e bem

nasci-

nascida, em lugar de gozar della a mandou honradamente acompanhada a seu marido com o resgate, que por sua liberdade lhe offereciaõ. Naõ faltou esta excellencia em muitas donzellas do sangue Real deste Reino, que, deixando riquissimos dotes da ventura, offereceraõ a Deos este da natureza. E se he celebrado El-Rei D. Affonso o Casto em Hespanha, naõ desmerecia este nome o Rei Portuguez, que persuadido de seu valorozo animo, e errado conselho, perdeu a vida nos campos Africanos. A paciencia quanto he mais louvavel e excellente no poderozo rico, que no mizeravel, em quem naõ tem execuçaõ a ira, nem a vingança. Rico e poderozo no mundo era Filippe Rei de Macedonia, que perguntando aos Embaixadores Athenienses o que lhe queriaõ, respondeu com inconsideravel liberdade hum delles, que *vêllo sem vida*; e elle voltando aos outros com muita brandura disse: *Dizei aos Athenienses que mais modesto he quem soffre essas palavras, que os Sabios de Athenas, de quem elles se prezaõ.* E se contaõ d'ElRei D. Affonso primeiro Rei de Napoles que, sabendo que hum criado seu dizia mal delle, lhe fez muitas mercês, com que elle obrigado disse depois de suas obras mil louvores; e o Rei avizado disto disse: *Folgo que esteja em minha maõ dizerem bem de mim*: tambem houve Rei em Portugal, que em muitas occazioens uzou o mesmo termo, como se verá da Chronica d'ElRei D. Joaõ o II, e de muitas memorias do III. naõ esquecendo a paciencia d'ElRei D. Diniz com seu filho, e a d'ElRei D. Pedro, sendo Principe, com seu

pai.

pai. A temperança medida por vazos de ouro, e ainda á vista delle, he mais estimada; como a de Curio, que com o ouro dos Samnites diante naõ deixou a panella de couves, e nabos que cozinhava; antes respondeu aos que lho traziaõ, que naõ era necessario a quem com taõ humildes viandas se sustentava. *A sobriedade*, e temperança nos nossos Reis naturaes he taõ louvada, que de mui poucos sabemos que bebessem vinho, e de nenhum que comesse demaziado: e tanto pareceu isto bem ás naçoens estrangeiras, que a Imperatriz Dona Leonor, filha d'ElRei D. Duarte de Portugal, e mulher de Federico III., Imperador de Alemanha, naõ tendo geraçaõ, e averiguando os Medicos que por a frieldade daquella provincia naõ concebia, porém que, se bebesse vinho, teriaõ filhos; ella naõ consentio no remedio: e Federico disse que antes queria sua mulher esteril, que mal acostumada. A caridade, sobida sobre columnas de ouro, se levanta sobre as estrellas; e ainda nós que sem lume da Fé a conheceraõ, com o poder do ouro a sustentáraõ; como Cimon Atheniense, poderozo, e rico, que mandava abrir as portas aos jardins e pomares, que tinha, para que entrassem livremente os necessitados a colhêr seus frutos: mandava aos seus que, achando algum velho mal vestido trocassem com elle os seus para o melhorarem; dava todos os dias banquete publico aos que mendigavaõ pela cidade; e aos pobres de qualidade sustentáva com esmolas secretas. Naõ foraõ nisto os nossos Reis e Principes Portuguezes inferiores, como o testimunhaõ os varios hospitaes, mosteiros, cazas de

cari-

caridade, e santos costumes, que deixárão nesse Reino, para agazalhar peregrinos, sustentar, e vestir pobres, e curar enfermos e feridos: no que forão, entre os outros, insignes os Reis D. Affonso I, D. Joaõ I, II, e III, e o insigne Cardial e devoto Rei D. Henrique. A' diligencia com muita razaõ lhe calçáraõ os antigos esporas douradas, pois o duro estorvo da pobreza, como pintou Alciato, impede às azas e limita os passos à diligencia. Com ouro e com os poderes delle conquistáraõ *Alexandre*, e Cezar em mui limitados annos a redondeza: o nosso Rei D. Diniz com os poderes delle accrescentou em seu Reino quarenta e quatro villas com castellos, e fortalezas; izentou a Ordem de Santiago de Portugal; e instituio a de Christo; e fez os primeiros estudos de Coimbra. E os Reis D. Joaõ, e *D.* Manoel descobriraõ, e ganharaõ para a Fé ás terras do Oriente com tanta inveja, como espanto das naçoens estrangeirás. De maneira que, se os avarentos, que uzaõ mal do ouro e da riquezas, guerreaõ com elle contra as virtudes, nenhuma coiza ha que tanto como elle as engrandeça e alevante. E se os cubiçozos na sua conquista perdem tantas vidas, muitas mais se compraõ, e resgataõ a preço delle. E deixando o balsamo de ouro taõ admiravel nas feridas, o ouro potavel, tam celebrado dos distilladores nas enfermidades; qual risco da vida, qual perigo ou necessidade della, qual oppressaõ ou cativeiro naõ remio o ouro? Elle faz a formozura das Cidades, a belleza dos edificios, a fortaleza dos exercitos, a bizarria dos trajos, a galantaria das cortes: com elle se al-

cançaõ nellas as honras, dignidades, titulos, e privanças, e até os louvores e as mesmas graças da natureza: todos o buscaõ, o dezejaõ, e o conquistaõ: e ainda os outros metaes se querem converter nelle por meio de alquime; os animaes se rendem á sua formozura; *pois* naõ ha caça mais certa que a que se toca *com* laço de ouro, nem melhor pescaria que a que se alcança com anzol delle: e he tam grande a força de seus poderes, que se atreveu a dizer hum Auctor, que na maior furia de hum leaõ, de hum tigre, e de outra qualquer féra, se lhe lançarem moedas de ouro diante, amansaráõ com ellas sua braveza. E passando por todas as coizas da terra sua valia, podem os ricos sobir ao Ceo por escadas de ouro, e darlhe com elle assalto e bataria, pondo as balas e settas deste metal nas maõs da caridade. E de elle se sobir em tanta altura nasce ficar de mim tam longe, como está de ser digno de seus louvores meu humilde talento, que, se fora de tam illustre metal, tudo alcançára.

A todos pareceu extremada a oraçaõ de Solino, posto que alguns a esperavaõ menos grave, e mais engraçada: e assim lhe disse Leonardo: Parecestes-me esta noite mais orador insigne, que murmurador galante. Folgo que, errando eu a eleiçaõ, acertasseis vós tambem os louvores. Naõ vos agradeço (respondeu elle) os que me dais; por quanto d'antemaõ vos vingastes delles. Porém se quereis ver em outrem com gravidade o que de mim esperaveis com satyra e agudeza, pois os bens e males do ouro estaõ encetados; diga o senhor Prior agora os poderes do interesse, que no suc-

successo da sua Peregrina achará largo campo para esta materia. Essa he mui larga (disse o Prior) e saõ passadas muitas horas da noite ; e eu me naõ escuzára com ellas, se naõ imaginára que todas as verdades, que cahem sobre este sujeito, haõ de parecer murmuraçaõ. Porque dizer que o interesse tudo vence, e a tudo alcança, he sentença antiga, e experiencia moderna: porém, se particularizar os modos e termos, com que batalha, será ir com os dedos aos olhos de muitos. Se disser que o interesse quebrou muitos sceptros Reaes, quem se defenderá delles ? Se affirmar que torce, e derriba varas da Justiça, quantas se viraráõ para castigarme ? Se ouzar a dizer que profana as leis, e offende a immunidade das Igrejas, temo que até na minha me neguem a entrada. Se contar que he carta de seguro de salteadores, couto de homicidas, torre de facinorozos, e merecimento de descuidados, quantos se levantaráõ contra minha verdade ? Só direi em hum conto breve o que de sua valia se póde prezumir na necessidade ; e será julgar pelas unhas o Leáõ, e pèla pizada de Hercules a medida de sua grandeza. Hum homem curiozo, bem intencionado, e naõ mal entendido, andou alguns annos na milicia do Oriente : e vindo delle a este Reino para se despachar, trouxe entre algumas coizas de menos valia, que curiozidade, humas imagens de Santos, e Anjos de marfim, maravilhozamente obrados. E depois de entrar em seu requerimento, deu conta a hum amigo, pratico nas coizas da corte, do estado de seus negocios ; aconselhou-o elle como convinha : e buscando entre o mo-

vel, que trouxera, peça que se podesse offerecer a hum Ministro, com quem tinha intelligencia, lhe inculcava aquelles Santos de marfim, que o tinhaõ muito affeiçoado. Como (disse elle) naõ trouxestes da India algum pagode, ou idolo de ouro desses Gentios? *Para* que? lhe perguntou o pouco experto requerente. Ah, respondeu o amigo, que para o que vós pertendeis, e cá se costuma, *Mais podem Diabos de ouro, que Anjos de marfim.* E assim naõ me parece que está mal o dito vulgar do povo, *que o interesse he diabo.* E pois o tempo he tam curto, seja isto huma cifra do que se póde dizer de seus poderes; que saõ tam grandes, que a mim me tiraõ a liberdade de falar, contra o dezejo que tenho de vós obedecer. E sendo elles taes, e o ouro o principal interesse de todos, mui bem lhe cabem com os males, que Pindaro delle disse, os louvores com que Solino o celebrou fazendo a differença sómente no uzo delle. Que se Santo Agostinho lhe chamou enfermidade da suberba, fraqueza das virtudes; materia de trabalhos, perigo do possuidor, senhor insoffrivel, e escravo atraiçoado; Santo Ambrozio, laço do demonio; S. Chryzostomo, escola dos vicios, e doença da alma; e se delle nasceu a Cresso a suberba, a Heleogábalo e Sardanápalo a luxúria, a Nero a crueldade, a Cómmodo, e Vitelio a gula: se por elle Polycrates morreu na forca, Cresso na fogueira, Crasso degollado, Heleogábalo arrastrado, e outros ricos tiveraõ fins similhantes; naõ teve a culpa o ouro, senaõ a má avareza de quem o possuia, ou a cubiçoza sede do que o dezejava; pois ell-

elle nos animos livres naõ impede o caminho das virtudes, antes lhes dá forças, luftre e grandeza: como em hum Conftantino Magno, que enriqueceu a Igreja Romana; hum Carlos IV. que comprou com elle a vida; hum Emmanuel, que honrou o nome Portuguez, e dilatou a fé Càtholica pelo Oriente; hum Lourenço de Medicis, que honrou Florença; hum Leonardo Lauredáno, que libertou Veneza; hum Carlos Brugi, que foccorreu a efterilidade de Flandres; e outros muitos, que o fouberaõ difpender valorozamente. De maneira que nelle eftá a condemnaçaõ ou juftificaçaõ, a morte ou a vida de quem o poffue ou dezeja. Para o que eu acho extremada aquella hiftoria, que toca Auzonio poeta em hum feu epigramma. E he que hum homem defefperado com huma paixaõ, que teve, fe hia enforcar em hum lugar fecreto, levando comfigo o baraço, em que havia de deixar a vida. Succedeu que com a força, que fez, cahindo huma parte da terra naquelle lugar, fe lhe defcobrio hum thezouro; a cuja vifta mudou logo o penfamento: e, levando o que achára, deixou em feu lugar o baraço que trazia. Vindo depois o que alli o efcondera, e achando-o menos, e em feu lugar a tentaçaõ de fua defventura, fez, porque perdera hum thezouro, o que o outro deixou de fazer porque o achára: de modo que a hum deu vida o ouro, a outro matou a avareza delle. Com tam boa hiftoria (acodio D. Julio levantando-fe) he razaõ que vamos fatisfeitos, e deixemos ao fenhor Prior bem agazalhado, pofto que pelo intereffe de fua converfaçaõ deixára eu muitos dos que os outros de-

zejaõ;

zejaõ; porque se a opiniaõ dos cubiçozos deu preço ao ouro e pedraria, á conversaçaõ dos Sabios o naõ póde tirar a mesma ventura.

DIALOGO VIII.

Dos movimentos, e decoro no praticar.

FOi-se o Prior da caza de Leonardo em apparecendo o dia: e nella em vindo a noite se ajuntáraõ os amigos, sentindo grandemente a falta daquelle que os deixára. Foi essa a primeira coiza, de que tratáraõ: e entre outras disse Feliciano: Por todas as razóens se devia dezejar a conversaçaõ de tam discreto, e douto Cortezaõ, como he o Prior, em todo o tempo, mas neste das noites do Inverno muito mais: e nellas encherá elle muito bem o seu lugar; porque, além de saber e auctorizar o que diz com o fundamento das letras e curiozidade que tem, he muito composto e engraçado no que fala: e por extremo me pareceu bem aquelle modo de encarecer negando na materia do interesse, e o descrever com brevidade nas historias. Quanto mais ouvirdes delle (lhe respondeu Leonardo) vos parecerá melhor. E sabei que, antes de trazer aquelles habitos parecia muito bem nos de Corte; e que debaixo dos compridos póde ainda dar liçoens della a muitos de capa e espada. Parte he o falar bem (acodio D. Julio) que leva tudo após si: e naõ consiste este bem só nas razoens discretas e palavras escolhidas, senaõ no bom modo e graça de as dizer: o que eu comparo a huma coiza escrita de boa ou roim letra; que

a boa aformozêa, e dá ser, côr, e graça ao que ledes; e a roim desconcerta, empeça, e afea as razoens, sendo todas humas: e naõ faltaráõ mui perto exemplos desta verdade. Fujamos das comparaçoens para a doutrina (disse Pindaro) e melhor fora ser essa a materia, em que se gastára este seraõ, Ainda vos ficáraõ sobejos do passado (tornou Solino) pois vos adiantais da companhia: porém eu a quero fazer ao vosso voto, se ha de ir aos mais. Nem a mim me descontenta (disse Leonardo) se o Doutor nos abrir o caminho. Sempre (respondeu elle) me mandais diante como os Frades menores nas procissoens; quero-os tambem imitar na obediencia: porém lembro-vos que saõ duas materias as que tocou o senhor D. Julio, convém a saber, a graça, e compoziçaõ do rosto e corpo no falar, e o concerto das palavras, e discriçaõ das razoens. Essa divizáõ parece escuzada (disse Leonardo) porque a graça naõ se aprende, nem se póde alcançar por arte, pois he mero dom da natureza. Todas as coizas della (tornou o Doutor) se aperfeiçoaõ e melhoraõ com a arte: e, para saberdes logo esta verdade, tomarei á minha conta o em que vos parece que ha menos que dizer; e fique á vossa a demazia.

Primeiramente ao movimento, e graça do falar, chamou Marco Tullio *eloquencia do corpo*: e Quintiliano disse que com todas as partes delle se ha de ajudar a pratica. E posto que esta doutrina parece que convinha entaõ aos Oradores, como agora aos Prégadores, huns e outros praticaõ, e em todo o tempo he necessaria: e assim pintáraõ alguns o jeroglifico

da

da Rhetorica com huma maõ aberta, outra cerrada. Muito contraria me parece essa liçaõ (disse D. Julio) á policia da Corte, onde he regra que o homem ha de falar com a lingua, e ter quieto o corpo e as maõs. Eu concertarei essa regra com as minhas (replicou o Doutor) que o homem no falar nem ha de parecer estatua, nem bonifrate: e logo vereis que o que quero dizer he o mesmo, em que vos quereis anticipar. O primeiro instrumento da pratica he a voz; e, para essa ser engraçada no falar, ha de ter estas propriedades, *Ser clara, branda, cheia, e compassada*: porque a voz escura confunde as palavras; a aspera e secca tira-lhes a suavidade; a muito delgada e feminina faz impropria a acçaõ do que fala; a muito apressada empeça e revolve as razoens, que per si podem ser muito boas: naõ trato das que a natureza inhabilitou para esta perfeiçaõ, como he a voz do gago, do ciciozo, e do rustico grosseiro: mas na do Cortezaõ tomára eu estes attributos; porque ha alguns que falaõ com a voz tam mettida por dentro, que deixaõ as palavras para si, e os ouvintes ás escuras, que lhes he necessario estar espreitando o que lhes querem dizer: e outros, que pronunciaõ com tanta aspereza, que espinhaõ as orelhas dos que escutaõ; e outros, que falaõ tam apressadamente, que parece que levaõ esporas na lingua. Entre vozes (disse Solino) tambem eu hei de soltar a minha: e no que he a voz cheia, que dizeis, quizera saber a differença; porque eu tenho que ainda he peior a muito grossa que a feminina: porque ha homem que, quando fala, mais parece tom de bai-

baixáõ, que espirito de voz. E igualmente aborrece ver hum homem com hum rosto como huma peneira, muito versudo da barba e sobrancelhas, sahir com voz de frauta muito esprimida. O meio (respondeu o Doutor) em todas as coizas he a perfeiçaõ dellas: e se estais bem lembrado, tambem deixei de fóra a voz grosseira, como a quem a natureza privou da graça no falar. Depois da voz, os olhos daõ muito espirito ás razoens: porque, como elles saõ as janelas d'alma, por elles se communica vida ás palavras: e assim haõ de ser claros, alegres e moviveis; porque os muito intensos, e extendidos entristecem; os muito apertados e franzidos movem a desprezo; os muito abertos, pasmados, e sahidos para fóra, fazem temor; e posto que os olhos, por rizonhos, nunca perdem a graça, parece que nas praticas graves, e de importancia, naõ haõ de ser muito chocalheiros. Nisso tendes vós muita razaõ (disse D. Julio) que ha homens, que daõ olhado ao que falaõ: porém naõ vos esqueçais das sombrancelhas. Tambem a acçaõ do falar toma muito dellas (tornou o Doutor) porque franzidas fazem carranca, e mostraõ que fala hum homem com melancolia; baixas reprezentaõ tristeza, ou vergonha; muito arqueadas significaõ espanto; e levantadas alegria. E naõ menos convém a composiçaõ da barba, que fincada nos peitos mostra desconfiança ou porfia; e posta no ar vangloria: e o pescoço, que nem se ha de ter tam levantado que faça suberba nas palavras, nem taõ baixo, que pareça que naõ póde com a cabeça; a qual naõ ha de estar taõ firme, que pareça que a espe-

tárao nelle ; nem se ha de quebrar para todas as partes como grimpa. Da mesma maneira a boca ha de ser quieta quando fala , sem estar mordendo beiços , nem torcendo-se , nem inchando com as palavras ; nem com o rizo se ha de mostrar taõ descuidáda , que as entorne pelos cantos ; nem taõ apertada , que offenda a boa pronunciaçaõ e graça dellas ; no que vai mais á lingua Portugueza , que a outras muitas : porque sabemos que todas as naçoens Orientaes naturalmente opprimem a voz na garganta quando falaõ , como os Indianos , Persas , Assyrios , e Caldeus ; e todos os Mediterraneos referem as palavras aos padáres da lingua , como fazem os Gregos , Frygios e Aziaticos : e todos os Occidentaes , como os Francezes , Italianos , e Hespanhoes , mastigaõ as palavras entre os dentes , e as pronunciaõ na ponta da lingua ; posto que em alguns lugares , conquistados outro tempo dos Africanos , ficáraõ uzos e palavras , que ainda obrigaõ a sua pronunciaçaõ ; mas os que estaõ mais izentos della saõ os Portuguezes , como aqui na primeira noite da nossa converſaçaõ se tocou. Além destas partes do rosto tem o movimento do corpo o seu lugar ; que póde parecer airozo , quando fala , mostrando as materias sobre que fala nos contos , historias , graças ou galantarias , naõ reprezentando o que diz com meneios de comediante , nem com modestia e compostura sobeja , mas com huma boa sombra , e hum termo no persuadir assocegado , no relatar mais ligeiro , no arguir esperto , no disculpar ou defenderse mui brando ; nem fazer badallos dos pés quando fala assentado , bolindo sempre : nem

nem estar com os olhos nelles quando passeia. Sobre todos os mais gestos ou acçoens, que tenho tocado, se ajuda a pratica do movimento das maõs, que ha de ser com hum leve ar e compostura, com que o discreto favorece as palavras que diz, naõ fallando com ambas ellas, nem chegando com alguma perto da vista dos ouvintes: e guardando estas e outras advertencias similhantes, póde fazer hum homem huma agradavel gentileza no praticar, emendando algumas faltas da natureza, ou favorecendo com o cuidado as graças, que ella lhe dotou: naõ tratando dos incuraveis, a que já naõ possaõ valer estes remedios; mas dos que á falta delles, e com o largo discurso de maus costumes se vieraõ a fazer incuraveis. Parece que dais a entender senhor Doutor (disse Pindaro) que ha mais algumas advertencias, que podem ser de importancia nesta materia: e, para a tratar de fundamento, naõ he razaõ que fiquem de fóra. Para essas e para o mais, que tenho dito (respondeu elle) nomearei alguns vicios, que saõ contra o bom termo da pratica; que, reprovados nella, acreditaráõ as minhas opinioens, a que eu naõ posso nem quero dar nome de preceitos, posto que saõ fundadas em os melhores dos que desta materia escreveraõ.

O primeiro he *escutar-se hum homem a si proprio quando falla, por se contentar do que diz.*

O segundo *repetir outra vez o que tem dito, com os olhos nos ouvintes, para que lho gabem.*

O

O terceiro *deter-se tanto nas palavras como que as vai pezando, e compondo para as dizer.*

O quarto *ir-se arrimando a bordoens para que lhe acudaõ em tanto as palavras.*

O quinto *ir á maõ ao que quer responder, por querer fallar tudo.*

O sexto *bracejar muito, e dar grandes rizadas a seus proprios ditos.*

O setimo *borrifar as palavras com a humidade da boca, por fallar com vehemencia.*

Vós (acodio Solino) formastes aqui huns sete peccados mortaes contra a discriçaõ, e cortezania, que naõ merecerá nella ter graça quem nelles estiver culpado. Cada hum dos prezentes examine sua consciencia, porque receio que fallais de propozitõ contra alguem. He taõ má a vossa natureza (lhe tornou o Doutor) que quer perverter a minha boa tençaõ, e destes peccados contra a policia tirar outros que offendaõ a amizade: vale-me porém ser a vossa conhecida. E proseguindo a materia dos vicios, os tres primeiros nascem do amor proprio que cada hum tem a suas coizas, a que os Gregos chamáraõ *Filaucia*: os quatro seguintes, ou da ignorancia, ou do descostume e falta de doutrina correzã. Escutarse hum homem, quando falla, he de quam bem lhe parece o que diz: e posto que o vicio he natural, tem roim patria; que o homem, que se escuta, he lizonjeiro de si mesmo, e elle se paga por si de suas palavras, vendo-se e enfeitando-se nellas como em espelho, conforme os proverbios antigos, que *a cada hum parece o seu formozo*;

e ou-

e outro, que *naõ ha melhor muzico que cada hum a si mesmo*; e que *a cada hum contenta o seu rosto, a sua arte, e cheira bem o seu suor*. Outro (disse Solino) me parece a mim melhor que todos esses, porque os declara; e he que *quem se contenta a si contenta a hum grande nescio*; que naõ póde deixar de o ser o que do seu engano se satisfaz. E naõ achareis discreto desse feitio, que naõ caia nos tres primeiros laços: porque saõ encadeados huns com outros: e em se escutando hum homem a si, o vereis ir encarecendo as palavras com as sobrancelhas, enchendo com ellas a boca, e pronunciando-as com muito cuidado. Desses disse Horacio (acodio Pindaro) que *fallavaõ empolas*; e está muito bem o nome á inchaçaõ das suas palavras. Mas o segundo vicio, que he da repetiçaõ, parece menor erro; porque o que he bem dito se póde repetir, conforme ao que disse o Poeta; e só será a culpa quando o dito naõ for acertado. Essa estimaçaõ naõ ha de ser feita por seu dono (respondeu Solino) nem elle póde pôr o preço a suas palavras, cuidando que falla ouro; em obras alheias, referidas por outrem, tem lugar essa desculpa; e naõ se podem servir della os que com os olhos, e com a repetiçaõ do que disseraõ, estaõ puxando por vós a que lhas gabeis, e vos contenteis á força da sua razaõ; e mettem de quando em quando hum *entendeis-me? estais comigo? digo bem? que vos parece? naõ sei se me declaro.* De maneira que, para encarecerem o seu avizo, fazem dos outros nescios. E com este cahem logo no terceiro, que he deterse muito em cada palavra, soltando-as

compaſſo, dilatando huma da outra; porque ſenaõ peguem: e he vicio, que fará ſer aborrecivel a todo o mundo a quem o tem; e até á meſma diſcriçaõ fará importuna eſte mau uzo della. E mais he mui certo andar annexa eſta boa parte a huma falla de doente mui *molle*; que tudo junto vem a ſer hum xarope de ſemſaboria, que naõ ha quem o leve. O quarto naõ entendo bem, porque naõ ſei ao que chama *borddõ* o Doutor. Sabei (diſſe elle) que os arrimos, a que ſe pega ou encoſta o que falla, quando as palavras lhe cançaõ, ſe chamaõ *bordoens*, e ſaõ de duas maneiras: huns que pertencem, ou, para melhor dizer, que ſaõ impertinencias nas acçoens do fallar; e outros nas palavras: os primeiros ſaõ mais culpaveis que os ſegundos, porque ha hum que naõ ſabe praticar comvoſco ſem vos eſtar deſabotoando, ou alimpando o cotáõ, e arrancando a friza do veſtido: outro, que a cada palavra vos péga do cinto, ou travando-vos do braço vos moleſta: e ainda ha alguns tam deſatinados, que vos daõ com a maõ nos peitos a cada coiza que dizem: e outros que, ſe deixaõ de entender com quem praticaõ, o haõ comſigo, naõ eſtando quietos com as maõs, eſgravatando os dentes, ou bolindo nos narizes e fallando, tirando cabellos da barba, e mordendo as unhas; e outros vicios ſimilhantes, que ſervem como huns eſpaços e reclamos, a que lhe acodem as palavras. Os ſegundos ſaõ mettidos na meſma pratica com alguns, que em cada palavra della mettem hum *diz*, *aſſim que digo*, *tal e qual*, *ſim ſenhor*, *vai vem*, *entaõ*, *ſenaõ quando*, *eſpere voſſa mer-*

cê,

cê, *assim que senhor, estais comigo*; e outros muitos, fóra os que vós apontastes no vicio da repetiçaõ, que saõ bordoens da primeira classe. Certo (disse Feliciano) que tem muita razaõ o Doutor em dizer que este vicio e os dois, qué se seguem, nascem do descostume, e falta da doutrina cortezã: porque eu alcancei ainda por condiscipulo hum estudante, que na opiniaõ dos mais naõ era tido por o que fallava peior, que, por o grande odio, que tinha aos bordoens, inventou hum modo excellente para os desterrar da conversaçaõ dos amigos, com que tratava de ordinario; e foi hum jogo de naõ menor ingenho, que utilidade; e pelo exercicio delle se perdeu até a semente dos bordoens entre aquelles amigos. Naõ vos esqueçaõ (disse Leonardo) os termos de tam bom jogo, que já póde ser que occupemos com elle huma noite, mais bem empregada, do que o remedio será necessario para os prezentes, porque naõ saõ dos homens limitados, que se apegaõ a estes encostos: e se quereis conhecellos, ouvi-lhes contar huma historia, e mettervos-haõ nella mais bordoens, do que tem de palavras. O quinto vicio (proseguio o Doutor) he incomportavel; porque ha homens tam sôfregos de fallarem tudo, que atalhaõ as palavras ao que lhes começa a responder, querendo anticipar com o seu entendimento a tençaõ alheia. Esses taes (disse Solino) fallaõ a duas maõs, porque querem que vá tudo por elles. E como me acho entre esses, por naõ pedir por mercê que me ouçaõ huma palavra, deixo o feito sem parte; e como ficaõ fallando á reveria, desfaço as suas sentenças com

huma

huma bochecha de agua. Esses falladores saõ como cigarras, que atroaõ, e naõ deleitaõ (disse D. Julio) e he sentença mui approvada entre cortezaõs que tres coizas naõ ha de haver entre elles demaziadas, *Subeja parola*, *comprida porfia*, *e grande rizada*; porque *quem muito falla delle dana* (como diz o rifaõ) e *com quem aporfia naõ disputes*; e *onde ha muito rizo, ha pouco sizo*; que todos estes pertencem á conversaçaõ. Essa terceira parte (proseguio o Doutor) he do sexto vicio, que he bracejar quando falla, e festejar com rizadas seus proprios ditos o que se quer vender por discreto. E assim vereis alguns, que fallaõ ás pancadas; e se acharem hum pulpito diante, o faráõ em pedaços, como se a policia podéra soffrer o desassocego e inquietaçaõ da sua esgrima. As rizadas, além de arguirem falta de entendimento, saõ mais impertinentes quando hum homem festeja seus proprios ditos; que, para terem galantaria, elle, que os diz, ha de ficar sizudo; e os que o ouvem, rizonhos. E assim os engraçados de nossos tempos que conhecemos, e outros, que deixáraõ esse nome, sabiaõ festejar moderadamente as graças alheias, e dissimular o rizo nas suas, fazendo menos cazo dellas. Duas coizas (disse D. Julio) se me offerecem para vos perguntar nessa materia: e seja a primeira, que moderaçaõ se ha de uzar no rizo, com que hum homem festeja o conto ou graça do que falla diante delle? Os homens (respondeu o Doutor) naõ haõ de ser taõ sevéros que nunca riaõ como Cataõ Censorino, Anaxagoras, e Sócrates; nem como Marco Crasso, que rio huma só vez na vida;

da ; pois he definiçaõ e differença do homem *ser animal racional*, e a sua propria paixaõ he *ser rizivel*: porém naõ menos se ha de guardar de ser desentoado nas rizadas ; que, para nisto haver huma moderaçaõ politica, lhe buscáraõ os antigos muitas differenças: e deixando o rizo Jonio, Megarico, Sardonio, e Synclusio, dos quaes falaõ tantos Auctores Gregos, e Latinos, colhida delles a melhor doutrina, naõ ha de rir o homem com a boca aberta que dá grande tom ao rizo, nem com os beiços apertados, como costumaõ os que tem cieiro nelles ; nem sómente mostrando os dentes, que a estes chamáraõ os Latinos *rizo de cavalgaduras* ; nem com hum rizo molle e affeminado, como era o Jonio ; mas com huma boa sombra e graça na boca e no ar do rosto, com que se mostre agradecido do que escuta. E se esta resposta vos satisfaz, bem podeis continuar com a segunda pergunta. Ainda que as minhas (tornou elle) naõ fossem muito a propozito, com o interesse de vossa doutrina ficariaõ desculpadas, como será esta: Se na graça, que outrem conta, em que eu a naõ acho, sou obrigado em primor cortezaõ a me mostrar rizonho? Obrigado he o cortezaõ (respondeu o Doutor) a se mostrar agradavel aos com quem se pratica ; e naõ o poderia ser quando seccasse o rizo na occaziaõ, em que outrem mette cabedal para o provocar a elle ; que seria mettêllo em desconfiança. Eu me dou por satisfeito (disse o Fidalgo) e já agora podereis passar ao setimo erro, em que ha pouco que discorrer segundo me parece ; que naõ he mais que hum descuido, e desattento dos que, mostrando o

fervor do animo com que falaõ, borrifaõ com humidade o que dizem, e ás vezes a quem os efcuta. Naõ cuido eu (diffe Feliciano) que faõ effes os de que trata o proverbio, que *falaõ fontes de prata.* Antes (tornoú Solino) lhes chamara eu *homens que falaõ frefcos* que nem huma manhã de Abril deixa taõ orvalhado hum campo de boninas, como elles a roda dos que os eftaõ ouvindo; e para eftas immundicias houvera de ter a difcriçaõ hum Almotacé da limpeza. Defterrados pois (continuou o Doutor) da converfaçaõ eftes fete inimigos della, parecerá hum homem cortezaõ aos que o efcutarem, falando agradavelmente nas palavras as leis que agora lhe der o fenhor Leonardo: que, pofto que a verdadeira difcriçaõ feja natural, nenhum dos dons da natureza deixa de receber beneficio da arte, da continuaçaõ e dos coftumes. Muito de preffa vos quereis defobrigar (refpondeu Solino) e eu ainda efperava que paffaffeis pela minha porta, dando algum toque na murmuraçaõ, como déftes no rizo; que tambem eftes preceitos faõ fóra das palavras. O rizo fim (lhe tornou elle) mas naõ o murmurar; que he culpa que naõ fe attribue á pratica, pofto que alguns digaõ que fem effe fal a mais difcreta he pouco faboroza: e he porque ha muitas coizas, que naõ queremos dizer, e folgamos em extremo de as ouvir. Affim que o que murmura ordinariamente agrada a goftos alheios de gente ocioza, com rifco proprio. Porém, por fazer as pazes comvofco, entrarei em contendas, de que eftou defobrigado, tocando na murmuraçaõ engraçada; e para lhe dar lugar, a metterei no meio

de

de huma sentença excellente, que diz que *dos animaes bravos a peior mordedura he a do praguento; e dos mansos a do lizonjeiro.* O praguejar he maldade, o lizonjear traição, o motejar levemente galantaria: o discreto nem ha de morder, nem lamber; porém picar levemente, e com arte, he graça da conversação. Para o que, deixando auctoridades, exemplos, preceitos, e coizas infinitas, que poderão levar grande tempo: o cortezão, quando arguir para graça, ha de considerar tres coizas, o que fala, com quem, e diante de quem. O primeiro por fugir de materia em que o prezente desconfie: o segundo por não motejar com quem não saiba pezar, e conhecer as galantarias: o terceiro por não falar graças, de que, algum dos ouvintes se envergonhe: porque de outro modo, sendo a graça pezada, perderia o nome. Não falo do murmurar de auzentes, que em todo o modo me parece culpavel. E bem podião servir para lei destas galantarias as vossas, que a todos agradão, e que, se aos ouvintes não fazem fastio, tão pouco aos offendidos cauzão queixume. Lembra-me (disse Pindaro) que no quinto vicio condemnastes o querer hum homem falar tudo; e não déstes regra aos que falão pouco. Seria (respondeu o Doutor) por me conformar com huma sentença, que diz: *Aos que pouco falão, poucas leis lhes bastão.* Além disto atégora não tratei dos louvores do silencio, nem da verdade daquelle dito: *Assaz sabe o que não sabe, se calar sabe.* E o outro, que: *O nescio calando, parece-se com o discreto.* Falo sómente da maneira de praticar entre os amigos, onde as pa-

 lavras

lavras naõ tem mais que eſtas duas medidas, que ſaõ *falar a tempo*, e *a propozito*: a tempo, porque nem em todos ſe póde dizer tudo o que he bem dito.

Nas comidas ſe ha de fogir falar em coizas que enojem o eſtomago, e offendaó ao goſto, ainda que em outros lugares podem dar muito. Entre enojados naõ dizer graças, ou contos, que deſauctorizem a triſteza, e provoquem a rizo. Entre enfermos naõ contar hiſtorias, que cauzem temor, ou deſconfiança em ſeus males. Entre Eccleziaſticos guardarſe de coizas que ſaibaõ a laſcivia, e profanidade. A propozito; porque ha muitos, que ſe deſviaõ do principio da pratica, de maneira, que do primeiro ſalto vaõ parar a Flandres; outros, que em tudo querem metter huma hiſtoria que ſabem, contar huma nova que lhes veio, hum dito que ouviraõ, hum ſonho que ſonharaõ; e pela deleitaçaõ, que tomaõ de contar coizas proprias, perdem o decóro, com que haõ de eſcutar as alheias, e o tento do que elles meſmos reſpondem: e tambem me a mim parece que me vou mettendo nas que naõ ſaõ minhas; que me fizeraõ paſſar os termos de maneira, que nem a meu amigo ficou tempo para continuar com a ſegunda parte deſte diſcurſo. Vós dizeis tudo tam bem (tornou Leonardo) que ſe perde pouco no que eu havia de accreſcentar; quanto mais, que o que ſe dilata naõ ſe tira; e já á manhã terei cuidado, ou eſpaço de cuidar no que hei de dizer, por naõ cahir no terceiro peccado de ir compondo as palavras com o vagar que enfaſtia. Em caza cheia (diſſe Solino) de preſſa ſe faz a cea; e em en-

ten-

tendimento taõ rico, como o vosso, nem de coizas, nem de palavras póde haver pobreza: guarde-vos Deos de huns meus senhores, que as pedem fiadas aos livros de cavallarias, com suas sentenças de cabo de capitulo, que, se se lhe atravessa hum escarro de hum dos ouvintes, varreulhes toda a prégaçaõ da memoria, e vaõ com a pratica em muletas atè tomarem assento com muito trabalho seu, e de quem os escuta. Hora naõ o dêmos taõ grande ao senhor Leonardo (disse D. Julio) que hoje o naõ deixemos dormir, pois á manhá o havemos de despertar; que as duas noites passadas foraõ de hospede, e a conversaçaõ dos que saõ de mais gosto, roubaõ melhor o tempo; e com tudo a parte, que se tira ao repouzo, sempre faz falta. Começáraõ-se os outros a levantar, e o velho ainda os deteve em pé dizendo: O senhor D. Julio em tudo tem tençaõ de me fazèr mercês; porém esta naõ he das em que lhe fico devendo mais: porque antes quizera poupar o tempo do sono para viver, que o da vida para dormir. E se he verdade que na conversaçaõ de taõ bons amigos só se vive, qual posso eu ter melhor, que, fazendo estas noites mais compridas, alargar a minha idade? que sentença he antiga, que *o tempo, em que dormimos, perdemos da vida*: pelo que chamáraõ ao sono *imagem da morte.*

DIA

DIALOGO IX.

Da pratica, e disposição das palavras.

Hia crescendo o gosto daquelles amigos com o exercicio de taõ proveitoza conversaçaõ de tal maneira, que nenhum perdia o sentido das materias, que ficavaõ tocadas, para se armarem de razoens, contos, e exemplos, com que cada hum mostrasse aos outros sua sufficiencia. Naquella porém da pratica vulgar ficou Leonardo mui atalhado, assim por ser coiza em que tudo pende de opinioens incertas; como porque o Doutor lhe cortára a urdidura, com que havia de ir tecendo o seu discurso, dezejava mudar o propozito a outra coiza, que viesse mais ao seu; mas como aquelle era o de todos, naõ via caminho de o desviar. Veio pois a noite do outro dia, e com ella os companheiros mui alvoroçados; aos quaes elle festejou com a mesma alegria; e logo, depois que se assentáraõ, lhes disse: Se hei de falar verdade, eu estou taõ carregado com o officio que de novo me déstes, que me naõ atrevo a dar boa conta delle; porque todas, as que fiz para me dispor a isso, me sahiraõ erradas: e me parece taõ difficultozo falar de cuidado, e ordenadamente na materia em que se ha de praticar na lingua Portugueza, que me hei de chamar ao engano, e o maior de todos foi daremme espaço para temer, quando eu cuidei que o tomava para me prevenir. Em vós (disse D. Julio) he gentileza esse receio; e ainda que fosse fingido, eu o tenho pôr a primeira regra de falar bem, pois ensinais aos discretos a naõ fala-

falarem com sobeja confiança ; e pela que eu tenho de vossa discriçaõ , só em huma coiza achára difficuldade , que he pordes em regras , e preceitos , o que tendes por natural , e por costume ; que servieis mais para exemplo de quem vos ouve , que para Mestre dos que naõ podem comprehender a vossa dontrina. Se com titulo de me fazerdes mercê (respondeu elle) quereis que desconfie , mais facil vos será isso , que a mim o acertar : mas , para que naõ erre no principal , digo que naõ posso fazer escola de falar bem , mormenie entre cortezaõs taõ discretos , que cada hum me poderá dar preceitos para o ser : mas se disser em algumas coizas a minha opiniaõ , faço-o para com as razoens dos que a contradisserem aprender a acertar. Pareceme (disse Solino) que as melhores duas liçoens para os discretos saõ essas primeiras , *receio* , e *humildade.* E passando adiante , começai já a descobrir essa rhetorica , nova á lingua Portugueza. Por escuzar (tornou elle) huma muito comprida , e dilatada em preceitos , e limites , que á força se haõ de misturar com os da Latina ; e por evitar a largueza da arte , e poupar a paciencia dos ouvintes para outras noites , acodirei brevemente a alguns vicios da lingua Portugueza , naõ fogindo dos termos da Latina , nem levando-os a elles por fundamento , mas fazendo-o nestas sinco advertencias :

Falar vulgarmente com propriedade.
Fogir da proluxidade.
Naõ confundir as razoens com abrevidade.
Naõ enfeitar com curiozidade as palavras.
Naõ descuidar com a confiança.

Certo

Certo (disse o Doutor) que me parece essa huma rhetorica abbreviada, que podia servir a todas as linguas: porque a confuzaõ dos muitos preceitos e figuras, que lhe attribuem os Mestres desta arte, se podem comprehender debaixo desses sinco muito bem achados. E pois Solino chamou aos meus vicios sete peccados contra a discriçaõ, podia chamar a estes preceitos os sinco sentidos della. E tratando do primeiro, como entendeis *falar vulgarmente com propriedade*, que em parte me parece que o vulgar naõ guarda muitas vezes o respeito ao proprio? Falar vulgarmente (respondeu Leonardo) he qual os melhores falem, e todos entendaõ: sem vocabulos estrangeiros, nem exquizitos, nem innovados, nem antigos, e desuzados: senaõ communs, e correntes, sem respeitar origens, derivaçoens, nem etymologias; que a linguagem mais pende do uzo, que da razaõ.: e por isso se chama lingua materna, porque nas mulheres, que menos sabem da patria, se corrompe menos o uzo do falar commum, posto que ellas saibaõ pouco da razaõ de seus principios. E disto, e do falar com propriedade, tenho dito na pratica que tivemos sobre as cartas missivas; o que naõ será necessario repetir agora de novo, mas sómente dar mostra de que estes dous termos se naõ encontraõ: que se o falar proprio, he com palavras naturaes, e menos figuras da Rhetorica, para ornamento dellas; e naõ uzar dos tropos de allegorias, metaforas, translaçoens, antonomazias, antifrazes, ironias, enigmas, e outras muitas; isso se uza na pratica vulgar para se tratarem livremente as palavras proprias, pois só-

ſómente algumas translaçoens, antonomazias, e ironias ſe achaõ nella; e mui raramente outras figuras: e poſto que niſto me detenha mais do que determinava, me hei de embaraçar com eſtas tres figuras. *Translaçaõ* he figura quando paſſamos as palavras de huma coiza a outra, porém com huma ſimilhança conveniente, como quando dizemos *huma fonte de ſabedoria*, *hum pôço de letras*, *hum rio de ouro*, *hum thezouro de partes*, ou *de graças*. Eſta figura ſe coſtuma uzar para hum de quatro effeitos, ou para evitar palavras deshoneſtas, ou para abbreviar razoens compridas, ou por acodir á pobreza da linguagem, ou por aformozear e enfeitar a pratica. No primeiro modo faz officio mui neceſſario, que he dar a entender, por palavras alheias, coizas que ſoaõ mal por o ſeu nome proprio, como dizer: *huma mulher que uza mal de ſua formozura; que ſe vende a preço; que ſe entrega a Venus; que ſerve a ſeu goſto. Hum homem affeiçoado a ramos; perdido por Baccho; eſquecido de ſi.* Tambem, para abbreviar razoens, he de muita utilidade na pratica, como quando dizemos, *ficou em ſecco, deitou azar, torceo a orelha, deu ſinco.* Os outros dous modos me parecem na pratica ſubejos, e culpaveis: o primeiro, porque ſempre ſe ha de fogir nella o enfeite, e ornamento das palavras: e o outro, porque naõ faltaõ na lingua Portugueza as neceſſarias para cada hum declarar o que lhe convém dizer. A figura da *Antonomazia* ſe uza algumas vezes na converſaçaõ; poſto que ſó nas peſſoas, ou partes do meſmo Reino ſerá mais aceita. Entre nós, quando nomeamos *o Poeta*,

ſe

ſe entenderá Luiz de Camoens, o *Hiſtoriador* Joaõ de Barros: o *Duque*, o de Bragança: *o Marquez*, o de Villa Real: *a Cidade*, a de Lisboa: *a Coutada*, a de Almeirim; e outras ſimilhantes coizas, ás quaes a grandeza deu ſuperioridade das outras do meſmo nome. A *Ironia*, mais que todas, he propria na converſaçaõ, pois conſiſte mais na graça, rizo, ou diſſimulaçaõ do que fala, que nas palavras: eſta ſe conſidera em duas maneiras, a primeira tirando a propriedade ás coizas; a ſegunda, furtando o ſentido ás razoens; huma he mero eſcarnio; a outra diſſimulada ſubtileza. A primeira, quando do fraco dizemos que he hum Hercules: do louco, que he hum Cataõ: do mizeravel, que he hum Alexandre: e da mulher pouco caſta, que he huma Elena. A ſegunda, como ſe diſſeramos: *Nunca lhe cahio a lança da maõ* ao que a naõ tomou nella: *naõ lhe chegou ninguem com a eſpada*, falando do que fogio: *nunca pedio nada*, falando do que furta: *paga mais do que deve*, entendendo o que paga por juſtiça. No que pertence ás figuras me parece que baſta eſta lembrança. E as palavras, que ſe devem eſcuzar para falar vulgarmente, naõ haõ de ſer eſtrangeiras, nem exquizitas, nem innovadas, nem taõ antigas, que ſe perdeſſe já o uzo dellas. Das primeiras tem muita culpa os Eſtudantes, e Letrados, que introduziraõ as Latinas na converſaçaõ, fazendo a linguagem de miſturas. Eſſa culpa (reſpondeu o Doutor) he dos mancebos, que como no praticar naõ tem a madureza, que ſó coſtuma a enſinar a experiencia, cuidaõ que ſe melhoraõ em falar eſcuro, e elegante, fazen-

do

do na proza accentos de muzica , ou medidas de poezia. Muitos Letrados sei eu (disse Solino) que naõ saõ moços, e nisso o querem parecer, que falaõ huma linguagem como Serêa, mulher até os peitos, e ametade peixe; e saõ homens, a que naõ escapa por nenhuma via o verbo no cabo; e sendo a nossa lingua de muito bom metal, lhe misturaõ tanta liga, que perde muito de seus quilates. Naõ tenho por grande erro (acodio Pindaro) quando a conversaçaõ he entre doutos, uzar de algumas palavras tiradas do Latim, quando forem melhores que as com que nos podiamos declarar em Portuguez: antes creio que, se isto se fora introduzindo, viera a nossa lingua pouco a pouco a se aparentar com ella, e ficar taõ polida, e apurada como a Tuscana. E essa (tornou Leonardo) que fruto tirou do parentesco, se naõ foi chamarem-lhe alguns Auctores *borra da lingua Latina*? O cazo he (disse Solino) que vós devieis ser affeiçoado á fraze de hum Cirurgiaõ de Coimbra do nosso tempo, que por ella se fez famozo, que disse á moça de hum ferido, a quem curava: *Traga-me hum panno corpulento, para fricar os labios desta cicatrice.* E a hum rustico, que vinha esmechado, respondeu que naõ tinha mais leza que a superficie da fronte; e tendo palavras com outro, lhe disse que o aniquilaria, se dissesse alguma coiza em vilipendio de sua dignidade. E certo que tenho raiva, sabendo que a lingua Portugueza naõ he manca, nem aleijada, ver que a façaõ andar em muletas Latinas os que a haviaõ de tratar melhor. Ha outros (proseguio Leonardo) que nem com isso se contentaõ; e

andaõ

andaõ buſcando palavras muito exquizitas, que por termos mui eſcuros ſignificaõ o que querem dizer. Como hum que ſe queixava de ſua dama, que de cioza andava inquirindo os eſcrutinios de ſeu penſamento. E outro a hum barbeiro diſſe, que lhe rubricára a parede com a ſangria. Alguns (diſſe o Doutor) conheci eu culpados neſſe modo impertinente de falar, que por taes eraõ reprovados: porém o uzo das palavras innovadas naõ achei ainda entre os Portuguezes, como os Heſpanhoes, e Italianos. Nem tenho por grande vicio aproveitar de algumas antigas; muito bem uzadas em outro tempo, e deſterradas, ſem razaõ, na noſſa idade. Naõ faltaõ (reſpondeu Leonardo) curiozos, que por acharem pobre a lingua, ou por elles o eſtarem de ſeus vocabulos, fazem alguns ao ſeu modo: como hum Letrado, que querendo auctorizar humas cazas para certa occaziaõ, diſſe: *He neceſſario que as paredes deſte domicilio ſejaõ alvoeadas, e que o fato uzivel fique reteudo nas ultimas delle.* E outro diſſe de hum navegante, *que fora felice, ſe naõ fortuneara tanto no exito da viagem.* E ao que dizeis das palavras antigas, poſto que em algum tempo foſſem boas, naõ o ficaõ ſendo na parte em que ſe perdeu o uzo dellas; pois, como já diſſe, eſſe ſó he o fundamento e razaõ das palavras: e aſſim naõ diremos *leixou*, *trouve*, *dixe*, *ca*, *ficais*, *acram*, *leidiſſe*, e outros vocabulos, de que uzáraõ Auctores graviſſimos, de cujos eſcritos podemos aprender a perfeiçaõ da linguagem Portugueza. E baſtou o contrario uzo para neſta parte poderem ſeguir os que agora eſcrevem, e falaõ bem. Com

huma

huma só razaõ (acodio Solino) condemnára eu a toda essa turba dos que no falar querem parecer singulares, e he que naõ falaõ para que os entendaõ melhor, senaõ para que pasmem daquella sua estranha eloquencia e galantaria. E haveis de saber que he lanço muito certo, que os que se contentáraõ com saber pouco do Latim, falaõ mais alatinados para que os ouvintes cuidem que o sabem: e assim, como virdes Cirurgiaõ, ou Boticario, que acabou a Grammatica na quinta classe, ponde-lhe abrolho, que o naõ tirareis com vinte galgos á estrada do falar commum; e se me esperardes Estudante da Filozofia em grade de freiras, vereis huma linguagem meada de Logica, que vos naõ entendereis com o sentido della. E dos que falaõ pela tempera velha, eu o naõ consentira, senaõ em homens de barba larga, penteada sobre os peitos, com carapuça redonda, e pelote de abas pregadas, que vos conte historias d'ElRei D. Manoel, e dos Infantes em Almeirim, e de quando D. Rodrigo de Almeida tomou por Compadre a Villa de Condeixa, do filho que alli lhe nasceo, em tempo do Bispo D. Jorge. Porém nos vestidos justos de agora, e barbinhas turquescas, tiradas pela fieira, e tintas sobre branco, palavras daquelle tempo parecem remendo de outra côr. De maneira (disse D. Julio) que temos averiguado que falar vulgar, e propriamente, he falar bem: e na verdade, da boa linguagem a principal parte he a clareza; e o mais della consiste em fogir desses atoleiros. Mas ainda eu tenho por peior de todos o da proluxidade, de cujas partes se tocou o principal na noite passada. Ha mui-

muitos homens (proseguio Leonardo) taõ palavrozos, que vos naõ deixaõ tomar carta na conversaçaõ; e saõ taõ amigos de levarem hum comprimento até o fundo, que nem com o silencio vos defendeis dos seus; e he vicio, de que se ha de fogir como de peste da discriçaõ. E já me occorreu porque razaõ chamariaõ aos faladores *paroleiros*, ou *homens de parola*; que posto que a fraze seja Italiana, lhe acho huma mais secreta galantaria; e he que, como a lingua de Italia he mais copioza, ornada, e comprida nas razoens; aos que na nossa falaõ muito, áquella similhança chamáraõ *homens de parola*; como se lhe chamáraõ *Italianos*. Boa está a derivaçaõ (tornou o Fidalgo) porém vamos á brevidade, que eu me naõ atrevera a culpar, se agora vos naõ ouvira. Naõ sou eu o primeiro (respondeu elle) que o disse; que já o Poeta se queixou que quando queria ser breve ficava escuro. E verdadeiramente a pratica comprida naõ a comprehende a memoria; e a mais breve do necessario cega o entendimento; e ha muitos, que, por abbreviarem o que dizem, naõ declaraõ o que querem: que posto que a brevidade seja louvada, e por ella se avantajassem os Laconicos na linguagem dos outros Gregos, o Cortezaõ nem ha de dizer as coizas em tres palavras, nem em trezentas. Dizeis bem como em tudo (acodio o Doutor) que ha alguns, que, por quererem atar tudo em hum feixe (como disse o proverbio) desconcertaõ o que com poucas palavras mais podia ser bem dito: e muito se me parece esse erro de abbreviar com o de enfeitar as palavras, que he como perder hum por carta de me-

menos, outro por a ter de mais. Posto que o mesmo vicio (proseguio elle) se tratou a noite que falamos das cartas, naõ o deixarei passar agora sem outra lembrança, porque he hum trabalho naõ sómente escuzado, mas odiozo, que a pratica artificioza embaraça aos que sabem pouco, e naõ agrada mais ao discreto, e serve de nevoa para as coizas que se trataõ; que com o ornamento das razoens se perde muitas vezes o sentido principal dellas: e he taõ *culpavel* o *feitio*, que nisso se perde, como o que as mulheres uzaõ em desmentir as graças da natureza com fingida formozura, que nunca aos bem entendidos póde parecer verdadeira. E deixando esta parte, passemos á principal, e que mais pertence ao discreto, que he naõ se descuidar com a confiança; porque ha muitos que, de confiados em sua sufficiencia, falaõ por si, e *naõ* pezaõ as palavras com o receio, que para bem ha de ser sempre a balança dellas. E assim hora dizem algumas pouco decentes á honestidade da conversaçaõ; outras escandalozas a algum dos ouvintes; outras, que, por serem fóra de tempo, perdem o lugar, e elle na opiniaõ dos que escutaõ o que com muitos outros tem alcançado.

O primeiro descuido da confiança, e o que fica mais em discredito do Cortezaõ, he quando entre mulheres principaes uza de algumas palavras, que ou no som, ou na materia, offendaõ a honestidade de seu estado; culpa, em que cahem muitos confiados, mormente nas vizitas de despozorios, e nascimento de filhos, e em outras similhantes, em que he mais necessario ao discreto levar as redias na maõ, porque

que elle naõ perca os eſtribos, e a ellas ſe naõ mude a côr. E tambem ſou de opiniaõ que antes fuja de dizer algumas coizas, que de lhes mudar o nome, como chamar ás pernas *ſuſtinentes*, ou *andadeiras*; porque, nomeando eſtas partes das mulheres diante dellas, naõ he cortezia. Parece (perguntou Pindaro) que nomeando lógo as pernas dos homens, naõ ſerá erro, ainda que ſeja diante dellas? Naõ (reſpondeu elle) porque nas mulheres he parte occulta, e nos homens manifeſta; e o trajo de cada hum enſina eſta cortezia: e muitos ha, que, de eſcrúpulozos nella, daõ em disbarates: como me contáraõ ha pouco de hum Meſtre de Grammatica, que, deſculpando-ſe hum diſcipulo ſeu que naõ viera ao eſtudo, porque aquelle dia parira ſua mãi, o mandou caſtigar, dizendo que em publico naõ ſe haviaõ de falar palavras mal ſoantes á honeſtidade. E outros, que fazem cortezia de mudarem os nomes ás cavalgaduras, e por ſe deſencontrarem de hum *aſno*, daráõ mil rodeios. Niſſo tem elles muita rszaõ (acodio D. Julio) porque naõ vi eu peior azar, que eſſe encontro. E devia de ſer inventada eſta maneira de cortezia, por naõ nomearem *aſno* diante de algum que o pareceſſe, por guardar a advertencia do rifaõ, *em caza de ladráõ naõ lembrar baraço*: ſendo aſſim, que nos animaes nojentos, e as cevandijas, nomeaõ por o ſeu nome, ainda que iſto naõ uzára eu entre donas, e damas delicadas, a quem com menos occaziaõ ſe enoja o eſtomago. Mui bem trazida eſtá eſſa lembrança (proſeguio Leonardo) e continuando com as outras, me parece que o ſegundo deſcuido he

quan-

quando o discreto fala, ou allega latins entre pessoas, que o naõ sabem, ou que naõ tem obrigaçaõ de o entender, como saõ mulheres: ou conta diante dellas historias da India, ou de outras regioens remotas, onde esteve, dizendo as coizas; com muitas palavras, dos nomes proprios daquellas partes; que ha alguns, que, em colhendo na pratica Ormús, Malaca, ou Sofalà, naõ sabem dar hum passo sem palanquins, bajús, catanas, bois, larins, e bazarucos; e outras palavras, que deixaõ em jejum o entendimento dos ouvintes, sem os seus por isso ficarem melhor acreditados. O ultimo descuido, e mais perigozo, he que motejando em materia que possa offender a terceiro, naõ advirta, antes de fallar, se está na prezença a quem toque por sangue, ou amizade a offensa que se faz ao auzente, ainda que seja em materia leve; ou se está alli outro do mesmo estado, de que se murmura, do mesmo cargo, vicio, ou costume; que, naõ tendo esta vigilancia, lhe poderia nascer da sua graça huma ruim resposta. Pois se offereceu (disse D. Julio) falardes em graça, dando côr de que na murmuraçaõ se acha mais certa, estimarei saber que he o que chamaõ *sal* os discretos, que he hum termo de falar muito ordinario entre elles. A resposta disso (tornou Leonardo) está por conta do Doutor, que parecem esquecidos da noite passada: com elle o haveis de haver; que eu vou já dando fim ao que me cahio em sorte. Sou contente (disse o Doutor) de me chamardes por parte nesta pergunta do senhor D. Julio por o servir a elle, e dar occaziaõ a Solino de saber a vantagem que nisso nos tem:

a todos. Primeiramente o sal, a quem hum Author chamou *conduto de todos os outros*, he o que dá sabor, e faz appetite ao dezejo para todos elles. Muito se parece nisso com a fome (acodio Solino). Assim he (disse o Doutor) porém tem de mais que os conserva, e sustenta com sua força; pelos quaes attributos Homero, e Plataõ chamáraõ ao sal *divino*; e assim como os mantimentos sem elle naõ obrigaõ a vontade; assim tambem por elle (como disse Plinio) significamos os effeitos do animo; chamando *homem sem sal*, pratica sem elle, *rizo em sosso*, e ainda *formozura sem sal*, como escreveu Catullo de Quincia, que pintando-a formoza, branca, e comprida, diz que em toda aquella figura naõ havia huma pedra de sal. De maneira que, conforme a este sentido, o sal he huma graça, e compoziçaõ da pratica, do rosto, ou do movimento do andar, que faz as pessoas appraziveis. E esta, segundo alguns, particularmente se declara no que obriga a rizo, e alegria, com hum modo de murmuraçaõ leve. Donde Seneca disse que o sal da conversaçaõ dos amigos naõ havia de ter dentes; e assim como os mantimentos, que tem mais sal, fazem maior sede a quem os come; assim a conversaçaõ, que tem mais delle, he mais appetitoza e dezejada dos ouvintes: e como sem sal todas as iguarias saõ semsabores e desgostozas, assim a pratica, onde a sua graça falta, he puro fastio. Porém, quanto a mim, o que da tençaõ destes Auctores convem mais com o nosso modo de falar, *sal* quer dizer *graça*, que he o contrario da frieza, e semsaboria: e dizemos do graciozo

que

que he ſalgado; e do bemdito que tem muito ſal, e do que o naõ he, que naõ tem nenhum. Porque razaõ (perguntou Feliciano) ſendo o ſal coiza taõ excellente, os Egypcios naõ queriaõ uzar delle em nenhum mantimento, e até o amaſſavaõ ſem ſal, tendo-o por inimigo? Os Egypcios o faziaõ (reſpondeu elle) por lhes parecer que obſervavaõ niſſo a caſtidade, attribuindo á virtude do ſal a fecundidade, e o appetite carnal, por razaõ do calor, a cujo reſpeito fingiraõ os Poetas que Venus naſcera do ſal, que he da eſpuma marinha; e alguns naturaes diſſeraõ que ſó com comerem, e uzarem muito do ſal, concebiaõ alguns animaes. Outro Auctor diz que os Egypcios o faziaõ por ſobriedade, e abſtinencia, tirando o ſabor, e goſto ás iguarias, em lhe naõ deitarem ſal: mas a verdade he que, ſe elles o tinhaõ por inimigo da vida, naõ ha coiza nella mais ſaboroza: porque as duas coizas, que a ſuſtentaõ, como eſcreveu hum Auctor grave, ſaõ ſal, e Sol: e ainda depois da morte o ſal conſerva os corpos ſem corrupçaõ, e os ſuſtenta inteiros ſem deixar apartar os membros da ſua compoſtura: por as quaes propriedades o fizeraõ os antigos ſymbolo da amizade (como diz Pierio Valeriano nos ſeus Jeroglificos) que ella, aſſim como o ſal, tempéra todas as coizas da vida entre os humanos. E a primeira coiza, que ſe punha aos amigos na meza, era o ſal; coſtume, que ainda agora ſe uza, poſto que ſe naõ ſaiba em muitas partes a razaõ delle; nem a porque ſe enojaõ, e enfadaõ os hoſpedes, de ſe derramar o ſal pela meza; que neſte noſſo Reino querem fazer particular agouro

dos Mendoças, sendo a cauza geral: porque lhes parecia aos antigos que se apartava, e perdia a amizade, entornando-se o sal, que na meza fazia a figura della. E á similhança tinhaõ por boa sorte derramarse o vinho, que, como era symbolo da alegria, e contentamento, dezejavaõ que entre todos se *espalhasse*. Com isto tenho dito do sal o que me perguntastes, posto que, para lhe dar mais solidos louvores, o podera levar á Escritura sagrada, onde naõ só significa *confederaçaõ*, e *amizade*, mas por elle se entende a doutrina Evangelica; e aos mesmos Apostolos, e Prégadores della chama Christo *sál*. E pois para falar deste tomei mais tempo do que quizera, he bem que vos deixe livre este, que fica, para que todos nos aproveitemos de vos ouvir. Pouco podera eu dizer (respondeu Leonardo) se naõ fosse acostado á vossa erudiçaõ, e auctoridade. E do sal me naõ fica outra coiza que advertir mais, que haverse de maneira com elle o Cortezaõ, que naõ seja a pratica toda de graças, nem sem ella; se naõ huma certa liga, com que se componha o galante, e o sizudo, que he huma differença, que sempre fiz do engraçado ao graciozo: porém como isto ha de ser em conformidade das materias, occazioens, e pessoas com que se pratica, naõ posso dar a isso regra ordenada. Fica além disto que advertir ao discreto a mecanica geral dos termos, e nomes dos principaes instrumentos, com que se exercitaõ as artes mais nobres, como a Pintura, Esculptura, Arquitectura, Arithmetica, Astrologia, e Muzica: saber as peças, e os nomes dellas, com que se arma hum cavalleiro:

as que pertencem ao jaez, e arreio de hum cavallo: os lugares, ordens, e dispoziçaõ de hum esquadraõ formado: o maneio militar de huma galé bogante: os nomes de hum edificio bem fabricado, e de huma fortaleza bem guarnecida: saber a côr, e o nome a todas as pedras de valia: os quilates do ouro; o pezo dos metaes, a melhoria delles; e outras coizas similhantes a estas, que, como andaõ sempre na praça ordinaria da conversaçaõ, naõ he justo que faltem ao discreto palavras, com que mostre que tem conhecimento de todas. Com estas lembranças me hei por despedido desta materia, posto que fiquem de fóra algumas coizas della, como saõ contos, historias, e novelas dos Cortezaõs, e agudeza de ditos; que cada huma pedia mais compridas horas de pratica: porém com a minha vos tenho a todos cansados, sem eu ficar ociozo. O das historias (disse Pindaro) podeis vós, senhor, dilatar, mas naõ vos escuzareis de as dizer, mormente quando pela inculca, que de mim fizestes, me importa mais que a todos saber o particular dellas. Fiquem essas guardadas para á manhã (disse Solino) e se temeis que até entaõ se damnem, obrigai ao Doutor que do muito sal, que aqui lançou, á minha conta deite nellas algum. Boa lembrança foi (acodio o Doutor) eu confesso a culpa de naõ applicar o que disse á vossa graça, e galantaria, que he o sal com que vos convidei, e que a todas as praticas desta nossa conversaçaõ faz parecer agradaveis e saborozas a todo o entendimento. Vós, senhor Doutor replicou elle, me tendes feito hum saleiro com vossos louvores; e com a vangloria delles.

dellos naõ me tenho por seguro no assento de qualquer lugar. Se entornardes o sal (acodio Pindaro) naõ será a primeira vez que déstes má conta da amizade. De confiado na minha (tornou elle) falais contra o que entendeis della!, que mais se acredita nas obras que nas palavras. A verdade he (disse Leonardo) que sois bom amigo, ainda que com muito sal; e que sem encarecimento vos podiaõ chamar o mesmo nome. Ainda (disse elle) me haveis aqui de converter em sal. Antes (acodio Pindaro) no que disse Marco Varraõ, que o sal era a alma do porco; e eu sei, e todos da vossa graça, e ninguem dará fé que tenhais alma. Essa (tornou Solino) está agora no purgatorio de vos ouvir: e porque estes senhores já com huns bocejos dissimulados daõ signaes de que tem necessidade de repouzo, fique a demazia para á manhá. Todos entaõ se levantáraõ mostrando que ainda o faziaõ com pouca vontade, porque nas praticas de gosto primeiro cansaõ os sentidos, que os dezejos.

DIALOGO X.

Da maneira de contar historias na conversaçaõ.

DEpois que os amigos se apartaraõ, e D. Julio se recolheu a casa para repouzar, achou nella huma occaziaõ de dezasocego, que lhe fez perder o somno. Porque lhe trouxe novas hum criado, a que tinha encommendada a diligencia, que o Prior se partia na manhá seguinte para a cidade, acompanhando aquella formoza peregrina para o recolhimento da clau-

zura,

zura, à que de taõ longe eſtava affeiçoada: e como elle o ficou tanto de ſua viſta, e corrido comſigo meſmo dos poucos extremos, que por ella fizera, determinou com a occaziaõ de caçador (que já fora principio daquella ventura) fazerſe encontradiço no caminho, e acompanhar ao Prior até o fim da jornada: para o que tirou a luz aos melhores concertos de campo que tinha, e o veſtido, e galas mais louçans, com que podia apparecer naquelle disfarce, uzando o meſmo nos criados que levava. Ao outro dia poz em execuçaõ eſte penſamento: e deixando para ſeu tempo o ſucceſſo que teve, os da converſaçaõ o naõ ſouberaõ todo aquelle dia: e quando veio a noite, que o achàraõ menos, houve quem déſſe novas de como o encontrara naquella empreza; e com eſta occaziaõ começàraõ a pratica, e diſſe o Doutor: *Sempre ouvi que os cuidados de amor em peitos generozos ſahem com ſeus extremos ao longe; e que entaõ ſe forçaõ quando os outros ſujeitos deſconfiaõ.* Aquelles encarecimentos de meu amigo D. Julio, aquelle ſilencio, e ſegredo, aquelle reſpeito de cortezia taõ encolhido, parece que apanhava pedras para melhor tempo; e neſte coſtuma a fazer ſeus lanços eſte diabinho do amor, porque tem outros da ſua parte, à conta de eſtorvarem ſeu bom propozito. Segundo iſſo (diſſe Solino) receais que a que enjeitou Principes mais louros que ſalmonetes, aceite agora hum Fidalgo retirado na aldea, donde ſahe com as galantarias mais penujentas, que marmelo temporaõ. Muitas damas (tornou elle) que enjeitaraõ grandes ſenhores, naõ deſprezaraõ grande amor: e outras,

tras, a quem offenderaõ procedimentos ingratos, estimaraõ de sujeitos mais humildes devidas cortezias. Naõ façamos (acodio Leonardo) offensa aos auzentes; nem a ella demos por arrependida, nem a D. Julio por taõ namorado: porém maiores coizas houve no mundo. Tudo podia tecer o amor, e acabar a ventura: e se essa cahira á conta de D. Julio, outra podera ser peior empregada. Naõ estou bem (disse Solino) com a ventura dos cazamentos por amores. Será (respondeu Feliciano) por estardes mal nas muitas, que por elles se alcançáraõ: e bem podera eu a essa conta trazer alguma historia de notavel exemplo, se estas horas naõ estiveraõ promettidas a outro exercicio. Antes a materia, que hontem ficou por acabar (disse Pindaro) era como se havia de haver o Cortezaõ nos contos, e historias; e vem a vossa a tempo, que servirá de exemplo, e, o que sobre ella se disser, de doutrina.

Ainda que isso parece mais concerto de amigos fallados (disse Solino) que occaziaõ, digo que tendes justiça, e sou de parecer que vá de historia: mas praza a Deos que naõ caiais no atoleiro, de que vos desviastes a primeira noite da nossa conversaçaõ. Bem sabeis (respondeu elle) que *em ribeiro grande saltar de trás*: e assim primeiro hei de ver as balizas de meu companheiro, do que caia nas vossas maõs. Enganais-vos (replicou Solino) que menos seguro vai o cego, do que o moço, que o guia. Naõ aperteis tanto com os amigos (acodio Leonardo) ouçamos ao Licenciado a sua historia; e quando as péllas vierem a Pindaro, elle as tornará á vossa vista, e direis o que en-

ten-

tenderdes. Outra coiza espero eu (accrescentou o Doutor) e he que haveis de passar pela lei que ordenardes, contando tambem a vossa historia, da qual se ha de devassar como das mais: e, por dilatarmos esta menos, diga o Licenciado, e declare se vende a sua historia por verdadeira. Por tal a conto (respondeu elle) e de hum Auctor mui approvado, e verdadeiro, e he a seguinte.

Na Corte do Imperador de Alemanha Oton III. deste nome, que foi a mais florente, e frequentada de Principes, que houve muitos annos antes, e depois naquelle Imperio, assistia, com grande satisfaçaõ de suas partes, Aleramo filho do Duque de Saxonia; mancebo de pouca idade, e de muita gentileza, magnanimo, esforçado, liberal, e taõ cheio de graças naturaes, que nelle, como em hum thezouro, parece que as depozitara todas a natureza. Tinha o Imperador huma filha da mesma idade, e de tanta formozura, que, sem o que a sorte devia a seu nascimento, merecia ter o Imperio do mundo: e se em a belleza tinha esta vantajem a todas as Damas de Alemanha, ainda lha fazia muito maior na discriçaõ, avizo, e galantaria. Aleramo, que no serviço do Imperador tinha sempre á vista aquelle despertador de pensamentos altos, e que, além dos que a grandeza do seu sangue lhe permittia nos olhos de Adelazia (que este era o nome da Princeza) hia aprendendo pouco a pouco a lhe querer muito; foi descobrindo esta vontade, até que foi testimunha de seus effeitos a propria cauza. Naõ se houve por offendida

desta

deste amor Adelazia, por lhe parecer devido á sua gentileza, e natural em hum coraçaõ magnanimo, e generozo; maiormente que na vista, e fama de Aleramo achava tudo o que podia dezejar para hum emprego amorozo, ainda que a desigualdade dos estados o defendesse. Foi elle accrescentando o amor, e este gerando atrevimentos, que saõ as salamandras que neste fogo se criaõ; e ella, depois de batalhar com os receios largamente, descobrio ao mancebo sua vontade, encommendando, na fé do que lhe queria, o segredo della, porque bastava para total destruiçaõ de suas vidas huma leve suspeita, que o Imperador tivesse de seus amores. Continuou muito tempo este segredo, sem ser entendido; e pouco a pouco se apurava a paciencia destes dous amantes, tratando em huma amoroza correspondencia seus cuidados, sem outros mensageiros, ou secretarios mais que os seus olhos: eraõ estes com tudo sem esperança, por quaõ alheio o Imperador estava de consentir nelles; parecendo-lhe pouco, para os merecimentos daquella filha, dar-lhe por espozo o mais rico, e poderozo dos Reis Christaõs, quanto mais hum filho menor de hum seu Vassallo. Mas como o poder de amor se mostra em ter em menos conta á maior grandeza, fez tanto com Adelazia, que, esquecendo todos os interesses, offertas e esperanças da fortuna, se determinou de fugir com Aleramo, que, sem respeitar o perigo, se offereceu ao que sua senhora ordenasse. Escolhido o tempo e occaziaõ opportuna, levando ella comsigo as joias de preço que tinha, e elle as coizas de valor que pôde grangear, sahiraõ

raõ da Corte, e andáraõ em pouco espaço de tempo tanto caminho, quanto lhes foi necessario para pôrem em salvo as vidas, a que a ira de Oton ameaçava: o qual achando menos a filha, a quem queria mais que a tudo o da vida, esteve a risco de a perder com sentimento; e mandou logo atalhar as estradas, e caminhos de toda a Europa com bandos e pregoens de grandes promessas a quem descobrisse, ou désse novas do roubador de Adelazia: mas ella e seu espozo caminhando a pé contra a parte de Italia em habito de peregrinos, foraõ ter ao Condado de Tirol: e porque o temor de serem conhecidos os desviava sempre do povoado, vieraõ na montanha a poder de salteadores, que roubando-lhes as joias e dinheiro, que traziaõ, lhes deixaraõ sómente as vidas sujeitas a taõ grande mizeria e pobreza, que lhes foi necessario, para poder sustentallas, andarem pedindo esmola por toda Lombardia de lugar em lugar, já taõ mudados de seu parecer, e gentileza com os trabalhos, que a mudança lhes podera escuzar os de seu receio. Rezolvendo-se com tudo de naõ fazerem assento em Milaõ, nem em outra cidade Imperial, se foraõ viver a humas montanhas entre Asti, e Savona, onde amor e a necessidade lhes ensinaraõ com os trajos vis a conformar exercicio de que vivessem, que era cortando lenha naquelles bosques, fazerem carvaõ, que vendiaõ nos lugares daquelle distrícto; e com esse sustentavaõ em vivas brazas o verdadeiro amor, que lhes dava a vida. Alli com a riqueza, de que elle os tinha satisfeitos, contentes de taõ saboroza necessidade, com' habitos humil-

des,

des, nomes mudados, e coraçoens conformes, houveraõ sete filhos varoens, que logo nos rostos o pareciaõ ser de pais illustres, e de hum taõ amorozo ajuntamento. O maior delles, a quem puzeraõ nome Guilhelmo, começou logo na sua puericia a ajudar a seus progenitores naquella mizeria, levando o carvaõ e lenha a vender a Asti, Savona, Alba, e a outros muitos lugares, que por alli havia: e como a sua generoza, e natural inclinaçaõ vencia a razaõ daquelle estado mizeravel, em que se criara, do que com seu trabalho ganhava naquelle trato, hum dia comprava hum punhal, outro huma espada, outro hum caõ de caça; sem que valessem ao generozo pai as reprehensoens com que o persuadia do que convinha mais para sua pobreza. Passaraõ alguns dias, quando elle veio com o emprego de todo o cabedal, que levára, em hum gaviaõ, a que estava muito affeiçoado, mostrando-o a Adelazia, que com muitas lagrimas lhe disse estas razoens: " Bem sei, meu amado Guilhelmo, „ que com a culpa desta tua estranha demazia „ quer a natureza em parte emendar a fortu- „ na, deitando-lhe em rosto os bens, que te „ tirou, com o emprego que te ensina a fazer „ destes: mas, se he de animos generozos edi- „ ficar torres altivas sobre a humildade, naõ „ he menor grandeza obedecer ao tempo, e dar „ lugar á sorte, em quanto a sua ira se exe- „ cuta em nossa mizeria. Se o espirito te in- „ clina a voar mais alto, lembra-te, filho „ meu, que naõ foraõ menores os pensamentos „ de quem vive com as azas taõ encolhidas „ neste dezerto; e que esse exercicio, que de-

„ *zejas,*

„ zejas, naõ convém com o que uzas, taõ
„ necessario a teu pai, e mãi, que tambem
„ no Imperio de Alemanha poderaõ ter luga-
„ res mais levantados, se amor quizera. Tem
„ compaixaõ de mim e desta mizera pobreza,
„ em que vivo; e antes para sustentar teus
„ pequenos irmaõs, e esta mãi, que com tan-
„ tas difficuldades te criou, emprega teu cui-
„ dado, que tomar outros taõ improprios a esta
„ vida, quaõ naturaes a teu generozo sangue
„ e pensamento. E pois os thezouros, que a
„ sorte me guardava, se tornaraõ neste car-
„ vaõ, de que agora vivo, naõ levantes com
„ elle chammas de vaidade, que venhaõ a es-
„ palhar as faiscas deste fogo por Alemanha,
„ em cuja opiniaõ está já sepultado nas cinzas
„ frias“. Interneceu-se o illustre moço com as
maternas lagrimas; e entendendo que naõ po-
dia continuar naquella vida, nem rezistir á sua
inclinaçaõ, dalli a poucos mezes desappareceu
da montanha, e se foi ao campo Imperial fa-
zer soldado; e nelle em pouco tempo cresceu tan-
to no esforço e opiniaõ dos homens, que já en-
tre elles e do mesmo Imperador era mui conhe-
cido. Sentiraõ Adelazia e seu marido a auzen-
cia deste filho com grandes extremos, assim por
o grande amor, como porque naquelle seu trato
humilde os ajudava: mas em quanto os outros
irmaõs menores se exercitavaõ no officio, que
elle deixara, hia Guilhelmo na guerra dando
claros signaes de seu nascimento; e veio a ser
por seu valor taõ aceito a seu avô, que pa-
ra o accrescentar a dignidades, e lugares, que
por sua pessoa merecia, lhe perguntou quem fo-
raõ seus pais? Ao que elle respondeu, que

eraõ,

eraõ vivos; Alemaens de nascimento, mas que viviaõ pobremente em as montanhas de Savona, posto que naõ desmereciaõ por sangue, e ascendencia terem hum filho honrado. Dezejozo Oton de saber a verdade, e já encaminhado da ventura do animozo mancebo, mandou com elle hum particular valido seu para que ambos em companhia trouxessem á Corte o pai, e mãi de Guilhelmo com sua familia. Era este privado mui chegado parente de Aleramo: e sabendo no caminho do moço quem era, com hum novo espanto e alegria ficou enleado, abraçando com muitas lagrimas ao sobrinho. Chegaraõ em poucos dias ás montanhas de Savona, á porta da morada pobre dos ricos amantes; e dalli chamando-o pelo seu proprio nome, cauzou em toda a humilde morada extranha turbaçaõ e sobresalto. Sahio primeiro fóra, e cheia de hum frio temor Adelazia; e conhecendo o filho, que com os ricos vestidos e galas de soldado fazia parecer em tudo maior sua gentileza, com infinitas lagrimas de alegria o abraçou; chamando ao marido, com os mesmos effeitos o festejou; e conheceu ao primo, em quem o tempo naõ fizera a mudança, que nelle os trabalhos de taõ estreita vida. Recolheraõ os hospedes com o agazalhado de sua pobreza. Vieraõ de noite os filhos de vender a sua mercadoria; e foraõ nelles e nos pais tantas as lagrimas de contentamento, que nem davaõ lugar ás palavras, nem ás cortezias. Sabida depois a vontade do Imperador, e que era forçado obedecer ao seu mandado, pondo nas maõs da fortuna e nos olhos da piedade Real sua esperança, dalli a poucos dias caminha-

nharaõ; que os leves apparatos da pobreza lhe faziaõ mais faceis as jornadas, e muito seguros os caminhos. Chegaraõ á Corte: e lançados aos pés do Imperador, elle conheceu de improviso sua filha, e Aleramo; e vendo a fecunda geraçaõ daquelles sete filhos, que podiaõ na formozura competir com os planetas, com grande contentamento, e que nadava nas aguas dos seus olhos, os recebeu, perdoando aos pais a culpa, e dando aos netos a satisfaçaõ da mizeria padecida em seus tenros annos. A Guilhelmo creou Marquez de Monferrato, ao segundo de Savona, ao terceiro de Saluzzo, ao quarto de Sena, ao quinto de Inciza, ao sexto de Ponzaõ, ao setimo do Bosque. E destes sete Marquezes nasceu generoza descendencia, que enriqueceu Italia, a qual ficou devendo a gloria desta nobreza ao verdadeiro amor destes dous amantes: que, ainda que elle encaminhe por asperas difficuldades estes succéssos, sempre o fim, que por meio de suas obras se alcança, he gloriozo.

Maravilhoza he a historia para exemplo (disse o Doutor) e tambem poderá servir delle no como se devem contar outras similhantes, com boa discriçaõ das pessoas, relaçaõ dos acontecimentos, razaõ dos tempos, e lugares, e huma pratica por parte de alguma das figuras, que mova mais a compaixaõ, e piedade; que isto faz dobrar depois a alegria do bom succésso. Sómente (acodio Leonardo) me pareceu comprida, sendo a materia della muito breve. Essa differença (lhe tornou Feliciano) me parece que se deve fazer dos contos ás historias; que ellas pedem mais palavras que elles,

lés, e daõ maior lugar ao ornamento e concerto das razoens, levando-as de maneira, que vaõ affeiçoando o dezejo dos ouvintes: e os contos naõ querem tanto de rhetorica; porque o principal, em que consistem, he a graça do que fala, e na que tem de seu a coiza que se conta. Naõ sou contra esse parecer (disse o *Doutor*) mas antes de averiguarmos a demazia, deixemos lugar a que Pindaro comece a sua historia, e naõ lhe lancemos diante preceitos que lhe façaõ receio. Necessaria me era (disse elle) grande confiança para vencer os que tenho, sem me crescerem outros de novo; porque, se antes de ouvir a Felliciano, tomara esta empreza, tivera hum atrevimento menos culpavel; mas agora será despejo a minha ouzadia. Eu sou (disse elle) o que me corro da desculpa; e posto que me vinha bem que estes senhores aceitassem qualquer das vossas para naõ ficar taõ manifesta a vantajem que me fazeis, naõ quero que com essa fingida humildade castigueis a confiança, com que me offereci. Melhor me está obedecer que competir (tornou Pindaro) quero contar huma historia similhante á vossa, só para me aproveitar do modo que nella tivestes: se eu acertar, a vós se deve o louvor de tudo; e se-me perder, tambem sereis culpado, por a força que agora me fazeis.

Manfredo, mancebo bem nascido, a quem em gentileza e discriçaõ ficavaõ muito inferiores todos os de sua idade, na caza do Imperador Constantino III, cujo Cortezaõ era, teve tanta ventura nos olhos de Eurice, filha de Constancio, que depois succedeu no Imperio, que lhe parecia a ella que naõ podia esperar

dos

dos fados maior ventura, que a de o alcansar por seu espozo, e gozar em qualquer estado humilde o fruto de sua affeiçaõ; triunfo, que o amor alcansa da vaidade com o favor dos espiritos mais illustres e levantados. O mancebo alheio destes pensamentos, porém obrigado das mostras que lhe revelavaõ aquella affeiçaõ, determinou de lhe naõ ser ingrato; porque além da grandeza de estado, que na opiniaõ dos homens avalia melhor os merecimentos naturaes da coiza amada, era Eurice taõ formoza, que de quem no sangue lhe fosse igual merecia os maiores extremos de affeiçaõ. Naõ fazia com tudo Manfredo os que dezejava, porque como entendido sabia o risco, em que punha a vida, se se publicasse na Corte este segredo: e posto que naõ via caminho de poder tirar algum fruto de seu amor, o sustentava sem esperanças com toda a fé, que a Eurice era devida. Passou algum tempo até que em ambos a grande força do amor venceu a razaõ, e triunfou a vontade do entendimento de Manfredo, que sem outro conselho fugio com a sua Eurice, em companhia de dous criados, que o serviaõ, de cuja fidelidude tinha feito prova da experiencia. Passaraõ a Italia: tomaraõ primeiro terra no Reino de Napoles, donde foraõ a Ravena, e dalli ao districto de Modena, onde agora chamaõ Mirandola, que eraõ naquelle tempo montanhas incultas, habitadas somente de alguns pastores: entre estes começaraõ a viver os dous amantes guardando gado, e fazendo verdadeiros os bem fingidos amores pastoris: tendo, em lugar dos Paços Reaes, tanques e jardins de Constantino, as

humildes cabanas, a natural verdura dos floridos valles, e a cristallina corrente das claras fontes: e a trôco das galas, sedas e toucados galantes, que deixárao, os simplices vestidos da montanha, as capellas de flores, e boninas, e os surroens e cajados de guardadores: alli pizando com hum generozo desprezo a vaidade, livres de ingratos ciumes, e enganozas suspeitas, gozavaõ de seu puro querer, e verdadeiro, sem haver outra coiza que perturbasse aquelle contentamento, mais que o receio de serem por algum modo conhecidos. Manfredo, pouco a pouco desbaratando por via daquelles dous criados algumas joias de preço, foi comprando gados, e propriedades naquellas montanhas em tanta copia, que veio a ser o mais rico morador que nellas havia: e por sua riqueza, prudencia, e pessoa era taõ respeitado e querido de todos, que, como se fora senhor delles, lhe obedeciaõ. Já neste tempo de sua prosperidade tinha da formoza Eurice copioza geraçaõ; porque do primeiro parto lhe nascéraõ tres filhos bellissimos, que com os trajos e nomes daquella montanha se criaraõ. Depois lhe foraõ nascendo sinco, que com a melhoria de seu estado accrescentou nos nomes, chamando a hum delles do seu proprio; e a duas filhas a huma Eurice, e outra Constancia. Com esta generoza familia, e sem outros cuidados, naquella doce e amada companhia passavaõ alegremente a vida sem sobresaltos. Tendo depois Constancio o governo do Imperio, passou com grande exercito á Italia, e assentou arraial junto á Cidade de Aquileia, aonde todos os povos Italianos lhe mandáraõ por seus Embaixado-

xadores dar a obediencia. Juntarão-se os moradores de Modena e de seus contornos, e elegerão para este cargo a Manfredo, considerando sua gentileza, cortezania e entendimento, e o poder ir com melhor tratamento de sua pessoa e criados. Houve elle de aceitar o cargo, seguro de ser já conhecido de nenhum dos que em outro tempo havião tratado, com a mudança dos annos, e da vida que tinha naquella aspereza. Mas Eurice com amor e esperança duvidoza, com mil receios diante, lhe dizia: „ Não sei, meu querido espozo, que dezejo me anima a que consinta nesta vossa „ jornada, temendo nella tantos perigos assim „ de serdes conhecido de meu pai, a quem tanto offendestes, como de me deixardes só nesta montanha, onde vossa prezença me sustenta a vida, tendo-me tam mal acostumada, „ que nem saberei viver huma hora sem vós, „ nem estar em mim, em quanto vos detiverdes em Aquileia: com tudo hum certo presagio da ventura me aconselha que não tema este damno: e considero que não fora „ muito menor, se me levareis em vossa companhia, para que quando a sorte quizesse „ que, sendo do Imperador descoberto o nosso „ segredo, vos accommettesse a sua ira, ou „ o movessem minhas lagrimas á piedade, ou, „ havendo de haver algum risco com vossa „ vida, a padecesse a minha de hum mesmo „ golpe. Aconselhaime, caro Manfredo, o que „ farei, tomando as minhas partes contra vossa propria determinação; que me não deixa amor fazer a escolha; nem os receios „ em que tropeço, me daõ caminho, e lugar,

 „ *para*

„ para que acerte. Porque se a ventura me
„ busca para me restituir o que deixei em
„ seu poder, quando no querer do amor puz
„ minhas esperanças, naõ quero faltarlhe pe-
„ lo que vos quero: e se pelo contrario quer
„ tomar vingança do desprezo, com que tra-
„ tei suas prosperidades, justo he que se
„ desvie dos castigos quem se soube esconder
„ de seus favores. „ Estas e outras pala-
vras piedozas lhe dizia Eurice; a que elle
com outras de muita segurança respondia, e
a animava a que naõ podia temer nenhum suc-
cesso descencaminhado; desfazendolhe com boas
razoens o seu feminino receio: com estas e ou-
tras de muito amor e saudade se despediraõ.
Ella ficou chorando sua auzencia; elle chegou
a Basyléa; e houve-se com tanto avizo e cor-
tezania na Embaixada, que o Imperador lhe
ficou affeiçoado, e o fez Gentilhomem de sua
caza, mandandolhe que ficasse nella em seu ser-
viço com promessas, e palavras mui compri-
das. Houve Manfredo de aceitar o novo car-
go, por naõ mover alguma suspeita que sa-
bisse em seu damno. Escreveu logo a Eurice o
que passava; e ella começou com novo senti-
mento e devidos extremos a chorar sua auzen-
cia e sua privança; mal, que só sabe recear
quem conhece a mudança e perigo de vonta-
des; que sempre as mais levantadas saõ mais
mudaveis e ligeiras, e os da inveja, que sem-
pre como sombra acompanha os validos. O Im-
perador cada dia cobrava a Manfredo maior
affeiçaõ, achando no seu entendimento e hu-
mildade tudo o que em todos buscava; elle ad-
mittido nos conselhos e nas occazioens de maior
im-

importancia hia crescendo: mas como estes bens lhe impediaõ o maior da vida, que era a sua Eurice, naõ recebia delles contentamento, nem os tinha por ventura. A mulher da mesma maneira vivia em pena naquella montanha, que dantes lhe parecia hum paraizo terrestre; e como sentia igualmente os cuidados de Manfredo e a sua auzencia, para o aliviar dos da Corte, lhe mandou Fantulò, e Manfredo seus filhos menores a vizitallo, porque a estes mostrava elle maior affeiçaõ; e eraõ elles taes por seu parecer, que a todos, os que os vissem, a mereciaõ. O pai ainda que com amorozos extremos os festejou; combatido de hum novo receio, estava turbado, porque era o do seu nome tam parecido a Constancio, que temia que na vista désse occaziaõ de alguma lembrança, que descobrtsse o segredo de sua culpa. E como a vinda dos mininos foi sabida de muitos, e o Imperador os havia de ver pela graça que já tinha a seu pai, elle mesmo se quiz oppor ao perigo, e lhos foi apprezentar com toda a humildade. O avô os recebeu com estranha alegria; que ás vezes a natureza com estes effeitos descobre os segredos do tempo, e acaba o que naõ póde levar ao fim a industria humana. O pai como discreto sabia escolher as occazioens; que este he o mais verdadeiro toque do entendimento. Entrando com o Imperador e com os filhos em hum apozento particular, lançado a seus pés lhe disse estas palavras: „ Naõ he justo, poderozo Senhor, que á conta de salvar a vida, e de escuzar „ nella o castigo que meus erros merecem, tire a estes innocentes o merecimento e o fa-

„ *vor*

„ vor de vossa graça, com que agora podem „ tornar atraz a fortuna: e assim com a con„ fiança em vossa piedade, e menos seguro ao „ perdaõ, que obrigado do muito que vos de„ vo, confesso minha culpa, pedindo com es„ tes meninos mizericordia, que para si e pa„ ra sua mãi e irmaõs estaõ com caricias pue„ ris grangeando a vossa vontade. Sabei, pie„ dozo Senhor, que saõ netos vossos, filhos „ de Eurice vossa filha, e meus; que, sen„ do despozado com ella secretamente, por „ fogir ao rigor de vossa ira, vivo ha tan„ tos annos nas asperas penedias, e incultas „ montanhas de Módena, fazendo penitencia „ de minha ouzadia com o mesmo amor, que „ foi o culpado. Se esta confissaõ, com o pe„ zar de vos haver offendido, merece que „ uzeis comigo de brandura, lançado a vos„ sos pés peço perdaõ, tomando por padrinhos „ a estes caros penhores do sangue vosso: e se „ pelo contrario se ha de empregar o vosso „ rigor em sujeito tam vencido, aqui me ten„ des com a vontade offerecida para os maio„ res tormentos da crueldade. „ O Imperador com hum estranho sobresalto ficou enleado sem saber determinar: e pondo os olhos naquelles bellos retratos da sua Eurice, abrandou a ira, com que os havia de pôr em Manfredo, reconhecendo-os por seus netos, e perdoando ao pai a culpa commettida. Depois foi elle proprio ás montanhas a ver a Eurice, e á venturoza progenie que criara; a quem com muitas lagrimas de alegria recebeu em sua graça: e alli fez a Manfredo Conde e Marquez de todo aquelle districto, que fica entre os rios Pado,

Tana-

Tanaro, e Sequia, dandolhe poder para edificar Villas, Castellos, e Cidades, que accrescentasse a seu senhorio: mandou que elle, seus netos, e todos os da sua descendencia, trouxessem por armas a Aguia negra dos Imperadores. E por admiravel progenie da sua Eurice poz á terra Miranda, que depois chamaraõ vulgarmente Mirandola. Manfredo e sua mulher em vida de Constancio seguiraõ a Corte com grande accrescentamento de estados: e depois que faltou no Imperio, se recolheraõ ao seu Marquezado, fazendo muitas povoaçoens e Cidades, em que seus filhos succederaõ, alliando-se depois com todos os Potentados de Italia e de Alemanha, que daõ ainda verdadeiro testimunho de que os cazamentos por amor nem podem ser estranhados da natureza, nem desfavorecidos, por a maior parte, da ventura.

Ambos (disse Solino) me parece que podereis partir a fogaça, porque vos ouvestes de maneira, que o que se atrever a julgar a melhoria, tomará tam difficultoza empreza, como seria a de querer agora competir com a boa linguagem e modo que tivestes. Entendo (tornou Leonardo) que chegais braza á vossa sardinha; mas naõ a haveis de tirar do fogo com a maõ do gato, nem livrar a vossa obrigaçaõ, com a que nós tenhamos de dar a Feliciano e Pindaro louvores tam bem merecidos. Nenhuma razaõ tendes para naõ fazer no terreiro vossa cortezia. Eu sou de voto (disse o Doutor) que lhe aceitemos qualquer escuza, porque a sua rhetorica serve mais aos contos, que ás historias, segundo disse o Licenciado. Grande aggravo se lhe faz (disse Pin-

daro)

daro) em o tirarem da conta dos historiadores, que elle se confessou por esse, e por affeiçoado aos livros de cavallarias; e além dos seus contos engraçados sabe tantas historias, que, a ser figura da Arithmetica, poderá ser conto de contos. Bem sei (respondeu Solino) que me sommais para me diminuir: ainda que a meu pezar confesso que, se a historia de cada hum de vós me cahira nas maõs, houvera de sahir dellas com mais bordoens, e muletas do que tem huma caza de romaria, porque me naõ escapaõ termos das velhas, nem remendos dos descuidados que lhe naõ misture. Quando menos (disse o Doutor) ouçamos isso, ficará á vossa conta o exemplo do que se ha de fogir, pois os dous amigos nos ensinaráõ a acertar. Tambem errar por obrigaçaõ he difficultozo, (replicou elle) mas aceito o partido, por vender por alheios meus erros proprios. E ouvi o que passa: farei de hum peaõ dama, e de hum conto historia, por ser mais breve.

Dizem que era hum Rei: vem este Rei cazou por amores com a filha de hum seu vassallo: era ella tam formoza que podia por sua belleza ser confiada, pois por essa alcançára o ser Rainha: mas sem lhe valerem esses privilegios deu em taõ cioza, que bem a maõ, naõ dava o marido hum passo que ella naõ acompanhasse com as suspeitas; assim que apertavaõ estas tanto com ella, que já mais vivia em paz com seu gosto. Vem ella, e por vencer esta desconfiança vai, e manda secretamente chamar huma feiticeira, que naquella terra havia de muita fama, em cujo engano achavaõ os namorados huma botica de reme-

dios

dios para seus males. Assim que dizia: esta feiticeira por lhe vender mais cara sua diligencia, feitas algumas fingidas, metteu em cabeça á boa da Rainha que o marido amava com grande extremo a huma criada sua, que ella pintou logo a mais galante, airoza e bem assombrada que havia no Paço. Quando ella aquillo ouvio ficou (guarde-nos Deos) como huma mulher transportada, e sem sangue; por maneira, que prometteu áquella feiticeira que lhe faria e aconteceria, se desaffeiçoasse ao Rei daquelles amores, e empregasse nella todos os seus: a outra, que naõ queria mais que aquillo, vede vós como ficaria contente; vem, e promette á Rainha que lhe daria tres aguas conficionadas de tal maneira, que huma, tanto que ElRei a provasse, bebesse logo os ventos por ella, e lhe quizesse mais que o lume dos olhos, com que a via; a outra, que, em a Rainha a bebendo, parecesse a seu marido o maior extremo de formozura que havia no mundo; a terceira que, tanto que a dama a bebesse, a disfigurasse de maneira, que a todos aborrecesse a sua vista. As palavras naõ eraõ ditas, a Rainha lhe deu muitos haveres, e fez grandes mercês e promessas; que muito facil he de enganar a que dezeja aquillo, com que lhe mentem. Vai a feiticeira dalli a poucos dias, e traz aquellas aguas conficionadas, encarecendo muito a virtude, e segredo dellas: mas ou porque lhes errou a tempera, ou porque todas se rezolvem nestas boas obras, a mudança que ella queria que houvesse na vontade, e nos pareceres, lhe houveraõ de fazer na vida; que a peçonha, que he sempre material

dos

dos seus unguentos, penetrou de maneira que os teve a todos tres em passamento; e a bom livrar ficaraõ dahi a poucos dias sem juizo. Ainda bem a feiticeira naõ soube o damno que fizera, e que, por naõ trazer a maõ certa naquelles adubos, podia vir a estado de a pôrem nas da justiça, desappareceu. Eis senaõ quando se juntáraõ todos os Medicos eminentes, que havia no Reino; e depois de muitos mezes de cura, (olhai vós quantas se fariaõ a taes pessoas) foraõ pouco e pouco cobrando os sentidos e entendimentos; e com a força do mal lhes cabio a todos o cabello da cabeça sem lhes ficar hum só. E naõ foi taõ roim o partido, como era ter cabeça sem elle quem antes o trazia sem ella. Tornando ao meu propozito, tanto que a Rainha se vio taõ desfigurada, conhecendo o desatino que fizera, dando todas as culpas a amor, confessou seu erro a criada sua innocencia, e o Rei sua desgraça: dalli adiante, conformando-se com o exemplo daquelle succèsso fizeraõ vida sem ciumes: que delles e de cazamentos por amores naõ escapaõ senaõ ou com as maõs nos cabellos, ou com elles pellados.

Festejáraõ os amigos a historia de Solino, porque se conformava no módo e acçaõ de falar com o que dizia; e como tinha graça, até os erros lhes pareciaõ bem. E assim lhe disse o Doutor: Tudo vos succede a pedir por boca, porque na vossa até o exemplo do que nos outros enfada tem graça para dar contentamento; e posto que as duas historias passadas foraõ tam primas, naõ desdizem dellas os vossos bordoens. Se eu naõ tivera o de vossa au-

ctoridade para me sustentar (respondeu elle) manquejára em tudo. Em nada (proseguio elle) haveis de mister favor alheio, e menos neste particular, em que entrais com todo o cabedal que requere huma historia, que he *boa linguagem, discriçaõ natural, relaçaõ ordenada, praticas com piedade, succéssos com brevidade, sentenças com que se auctorize, e graça com que se conte.* Porém saõ horas de deixarmos esta, e darmos as suas ao repouzo da noite. Com isto se levantaraõ continuando com a mesma pratica até á escada; que das coizas, que daõ satisfaçaõ á vontade, naõ se sabem despedir as razoens.

DIALOGO XI.

Dos contos, e ditos gracioзos e agudos na conversaçaõ.

NO dia seguinte, antes das horas em que os amigos se haviaõ de ajuntar para a conversaçaõ, Leonardo e os mais tiveraõ recado de D. Julio, em que lhes fazia a saber que chegara doente, e que tinha por hospede ao Prior com outro irmaõ seu: que receberia de todos grande mercê em quererem juntarse aquella noite em sua caza, porque só com este remedio daria alivio ao mal que trouxera da Cidade. Elles, que (além de a petiçaõ ser justa) eraõ interessados em sua saude, amigos e obrigados ao vizitarem, ouviraõ que lhe deviaõ obedecer. Solino acompanhou a Leonardo: e naõ faltáraõ no caminho murmuraçoens discretas, nem em o Doutor, e os estudantes juizo

zos temerarios. Acháraõ a D. Julio na cama; o Prior junto a ella, e o irmaõ, que era homem mancebo, bem afigurado, e que no trajo veftia mais ao foldado, que ao cortezaõ. Sentados todos depois de lhe fazererem cortezia, e comprimentos devidos, diffe Leonardo: Bem me parece, fenhor D. Julio, que *eftaís* já tam aldeaõ com a noffa companhia, que vos apalpaõ os arés da Cidade; e que os regalos della fizeraõ que o fenhor Prior fe efqueceffe daquella fua eftalagem tam cheia de vontade para o fervir. Onde vós eftais (refpondeu D. Julio) he a Corte; e a falta defta me podia fazer aldeaõ. Do fenhor Prior fazer a troca por efta noite, tive eu a culpa; porque com efta condiçaõ aceitei em terra alheia a fua pouzada nas cazas do fenhor Alberto feu irmaõ, a quem tambem obriguei a que me fizeffe efta mercê. Naõ me difculpo (acodio o Prior) porque tudo o fenhor D. Julio tomou á fua conta: porém em occaziaõ eftais de haver muitas, em que mudeis o queixume, fazendo-o antes de minha importunaçaõ fubeja, que deffa falta: porque vem apoftado meu irmaõ, pelo que lhe contei, a perder poucas noites defta Aldea, em quanto as tiverdes tam boas como duas que me aconteceraõ. Affim (diffe o Doutor) feráõ ellas melhores, porque com voffa prezença, auctoridade e difcriçaõ, e com favores feus, ficaráõ melhor affombradas; terá faude efte Fidalgo, e entaõ vos convidaremos para a primeira; que ainda naõ fabemos de que vem mal tratado. Do meu achaque (diffe elle) tive eu a culpa, que me entreguei hontem mais, do que era razaõ, na cea; porque foi de pef-

cado

cado e marisco, e doces: e como cresceu com a novidade o appetite, quiz-se forrar á custa do estomago de quantas vezes nos faltaõ similhantes regalos neste lugar; e certo que tive hum accidente muito rijo, e naõ podia com o cansaço, que me deixou sem vossa vista, e destes senhores; e por isso me vali do atrevimento do recado. O alivio (disse o Doutor) he tanto em favor nosso, que, a ser menor o mal, consentiramos nelle. Maiormente (acodio Solino) se he o que eu cuido, que como experimentado de ordinario, julgo mais a enfermidade pelo pulso, que pela informaçaõ. Naõ parece que vo-lo deve offerecer quem a tem tam boa de vossa malicia, (tornou o Fidalgo). Antes estou tam emendado em alguma, que vo-lo pareceu (replicou Solino) que já naõ suspeito senaõ o que he. Tarde vos mettestes nessa recoleta (disse o Doutor) e os que em velhos começaõ a ser bons, pouco tempo lhes fica para uzarem da virtude. Naõ sei logo (lhe respondeu elle) como, sabendo isso, vos descuidastes tanto, que nunca para huma murmuraçaõ vos achei descalço. Pareceme (disse D. Julio) que será bom que o mais fraco aparte esta briga com pedir que me façais mercê de me dizer em que se passou hontem entre vós a noite. Parte (disse Solino) em cuidar em como passarieis o dia, e na grande falta que nos fizestes; a outra em dizer como se haviaõ de contar as historias na conversaçaõ; e naquella se disseraõ duas para negaças, e huma para espantalho; ficou para continuar a materia de contos graciozos, ditos agudos, e galantes: tereis vós saude logo, e nós com ella gosto para

pro-

proseguir, e ouviráõ estes Senhores o que naõ cuidáraõ. Naõ me ponhais vós isso em dilaçaõ (disse o Fidalgo) que antes em quanto mal disposto quero, como dizem, accrescentar esta noite á vida; e se ma dezejais como amigo, sabei que nisto a tenho. Se como a doente (respondeu Solino) vos houverem de fazer a vontade, naõ sei se fora esta. Com tudo, ao menos para divertir, comece o Doutor; que eu aqui trago as armas, com que costumo acodir a esta guerra; e cada hum diga o seu conto, e conte o seu dito, encommendando a todos que riaõ dos que eu disser, porque he vicio, dos que cuidaõ que tem graça, a desconfiança. Tambem essa mo parece (acodio o Doutor) e dandovos a obediencia por servir ao senhor D. Julio: A noite, em que nos faltou sua prezença, se tocou nesta conversaçaõ o modo que havia de ter o discreto em contar huma historia; fogindo muitos vicios, e bordoens que os nescios tem nellas introduzidos; e como em dependencia desta materia se falou nos contos galantes, que tem dellas muito grande differença; pois elles naõ consistem em mais, que em dizer com breves e boas palavras huma coiza succedida graciozamente. Saõ estes contos de tres maneiras: huns fundados em descuidos, e desattentos: outros em mera ignorancia: outros em engano e subtileza. Os primeiros e segundos tem mais graça, e provocaõ mais a rizo, e constaõ de menos razoens, porque sómente se conta o cazo, dizendo o cortezaõ com graça propria os erros alheios. Os terceiros soffrem mais palavras, porque deve o que conta referir como se houve o discreto com o outro

que

que o era menos, ou que na occaziaõ ficou mais enganado. E porque nisto declaraõ menos as regras, que os exemplos, diga cada hum o seu; que eu, por desimpedir o caminho, quero que passe por conto o que me aconteceu ha poucos dias. Fui a caza de hum Letrado meu amigo, a quem achei mui colerico, tirando pelas orelhas ao seu moço, que se desculpava, chorando, que naõ sabia de huns oculos, porque perguntava: olhei, e vi que tinha huns no nariz prezos; pergunteilhe se eraõ aquelles: o Letrado ficou corrido, porque, tendo-os nos olhos, os naõ via; e o moço queixozo, porque as suas orelhas pagavaõ a pena que as do Letrado mereciaõ. Esse desattento (disse Leonardo) he muito ordinario nos Escrivaens que buscaraõ duas horas na meza, e nos papéis a penna que trazem na orelha. Mas para desattento, e descuido: o que neste lugar aconteceu ha muitos annos a hum cortezaõ que aqui vivia, que tendo huns amores humildes, que tratava com muito segredo, tinha hum rologio de peito que trazia tam esperto, e bem temperado, que fazia horas quazi a todos os moradores deste lugar. Desattentou, e estando com elle ao pescoço huma noite em caza da delinquente, deu o relogio meia noite: e ás escuras manifestou a toda a vizinhança a verdade, que até entaõ escondera dos olhos, e suspeitas de todos. Ainda (disse o Prior) me parece peior o succésso de hum meu conhecido, que em hum bairro de pouca vizinhança tinha em Lisboa amores com huma moça que lhe estava já affeiçoada; falavalhe de noite de huma janella, e ambos se temiaõ de outra, donde hum vizi-

nho

nho de parede em meio os efpreitava: por fe livrar defte inconveniente, deulhe a moça ponto para huma noite lhe falar de mais perto, entrando pela janella, fazendo primeiro certo fignal, com que ella havia de acodir. Bufcou elle para ifto huma noite chuvoza, e efcura, poz fua efcada, fobio; e errando a barreira, foi bater e fazer o fignal na janella de que fe vigiavaõ. Acodio o vizinho, e abrindo-a, vio o namorado feu erro á candêa; e com o fobrefalto defta defgraça, cahio com a efcada e com o fegredo na lama. Feftejaraõ todos o conto com muito rizo. E diffe Solino: Nefte mefmo lugar conheci hum galante, que falava muitas noites de pé da janella a huma dama, com quem tinha amores; e affim em vendo vizinhança recolhida, e lugar quieto, disfarçando-fe com os móveis, que para aquelle mifter tinha aparelhados, vigiando todos os portos por onde podiaõ contraminar a cautella do feu fegredo, fe vinha ao pofto. Huma noite, que lhe naõ coube vez fenaõ perto da madrugada, falando a moça com elle, fentio dentro reboliço; e por naõ fer fentida, pediolhe que fe encobriffe com a fombra, e que ella tornaria a lhe fazer fignal, como tudo fe aquietaffe. Sentou-fe elle em huma pedra; e a moça vendo o negocio mal parado, por defmentir algumas fufpeitas fe foi lançar na cama: o galante, que como eftava trafnoitado achou branda a em que fe recolhera, adormeceu com tam boa vontade, que já alto dia foi achado como Leandro na praia de Céfto, dormindo com o trajo de outras horas, efpada nua, e rodela mal veftidá, fem dar acordo; até que, defpois de eftar

à vergonha, hum amigo o recolheu a caza, e a dama padeceu a esta conta muitas, que costumaõ a ser o ganho destes emprêgos. Com igual alegria foi recebido este conto, que o do Prior: e disse Leonardo a Feliciano, e a Pindaro, que, pois elles tinhaõ dado exemplo dos contos de descuido, e desattento, a elles ambos tocavaõ os da ignorancia. Naõ nos guardastes para bom lugar (tornou Pindaro) porque mais convinha aos mancebos contarem descuidos e desattentos dos velhos, que ignorancias suas: mas para que saibais que naõ faltaõ humas e outras culpas nessa idade, me naõ escuzo. Hum homem de melhor parecer e estatura, que entendimento, se apartou a viver alguns annos longe da cidade em hum monte, onde além de tratar pouco do culto de sua pessoa, com o ar dos matos, o discurso da idade, e algumas enfermidades que tivera, estava do rosto e das feiçoens mui dissimilhado; vindo depois com nova occaziaõ a viver á terra, donde sahira, querendo-se vestir, e concertar ao galante, mandou que lhe comprassem hum espelho: fez o criado diligencia, e naõ achou nenhum de que se satisfizesse o amo, tendo provado muitos, ou quazi todos os que havia: e perguntandolhe porque os enjeitava, respondeu: „ Porque fazem tam máo rosto, e tam ave- „ lhantado, que senaõ póde hum homem de „ bem ver a elles; e ha poucos annos que os „ havia nesta terra tam excellentes, que me fa- „ ziaõ o rosto como de hum Anjo. „ Rio-se o moço dizendo entre si: „ Mais se desconhe- „ ce meu amo por ignorante, que por mal vis- „ to; pois ao espelho poem a culpa que tive-

„ raõ montes, e a idade. „ Outro (disse Feliciano) tam fraco de animo como de entendimento, passando em sua caza de huma para outra, com huma porcelana de sangue que levava para certo effeito, acertou de tropeçar na porta por onde entrava, e entornou-selhe o sangue pelas maõs: e acodindo logo com ellas ao chapeo, que lhe cahia, encheu a testa de sangue que lhe corria em gottas sobre o rosto: hum filho, que olhando para elle o vio ensanguentado, começou com grandes gritos e choros a chamar sua mãi; a qual, tanto que achou o marido daquella maneira, com as maõs nos cabellos panteava sua desaventura: elle ouvindo os gritos de todos, sem saber o que era, cahio esmorecido na caza, onde podera morrer de nescio, como outros morrem de mal feridos. Pareceu muito galante, e provocou a todos rizo o conto de Feliciano; e proseguio o Doutor dizendo: Os contos da ignorancia tem mais graça, que os da malicia; e assim dizia hum discreto que só a parvoice com auctoridade era sem sabor; que naõ póde ser maior galantaria, que hum enjeitar ao sirgueiro o chapeo porque naõ tinha a roza para diante, podendoa elle voltar para onde quizesse: o outro espantarse muito de lhe naõ tingirem humas meias negras de verde, sendo assim que havia pouco tempo que humas verdes lhe tingiraõ de negro: e o outro, que para naõ perder a chave do cadeado, a metteu dentro na canastra encourada antes de o fechar; e depois lhe foi necessario quebrar a elle, ou romper a ella para tirar a chave: e muitas similhantes, que contar agora seria infinito. Ainda (acodio D. Julio)

Julio) haveis de dar licença ao conto de hum meu conhecido, que ouvindo falar que havia antipodas, e que andavaõ com os pés para os nossos, o naõ pude persuadir de que modo podia estar esta gente, sem cahir de cabeça abaixo, andando ás avessas. Todos esses (disse Leonardo) saõ extremados; porém os de engano, se tem menos occaziaõ de provocar a rizo; tem a graça mais viva na subtileza e malicia; e quando a materia he gracioza, levaõ a todos os outros muita vantajem. Hum amigo meu era mui regalado de doces; e no tempo das flores e das frutas mandava fazer em sua caza muita variedade delles: huma das criadas, com que se servia, era tam gulosa, que, em vendo bocados a enxugar, naõ se aquietava até tomar a sua raçaõ, que era cercealos a todos como a reales. Dezejando o senhor de saber qual dos seus moços, ou criadas, lhe fazia aquella travessura, mandou fazer certos bocados com azebre, cobertos de assucar; e, postos ao sol, deu mais lugar á moça, que acódindo ao reclamo, fez seu lanço; e como logo se quiz aproveitar do ponto, foi tam grande o amargor na boca, que o naõ pôde encobrir: fazendo muitas diligencias, começou a dar signaes, e a agastarse: o amo fingindo suspeitas de poçonha, metteu toda a caza em revolta, e a moça em desconfiança, fazendo-a beber azeite, e tomar outros defensivos: porém como elle nsõ podia encobrir o rizo de a tomar na empreza com aquelle engano, entendeu ella o que seria; e por remediar sua falta, fingindo estar atribulada, disse que lhe declarassem se morria, porque havia de deixar culpado quem

a convidára com aquelle doce, por ella naõ descobrir os que lhe vira muitas vezes furtar dos taboleiros: e deste modo remedeou seu erro, deixando ao amo na mesma duvida que tinha dantes. Hum estudante (disse Feliciano) que entre outros era hospede em caza de hum amigo, jazendo todos na cama, por ser o tempo de veraõ, elle que era menos corrido, que engraçado, lhes disse: Naõ se riaõ vossas mercês tanto do meu pe, que apostarei que ha na companhia outro peior: cada hum fiado nos seus, zombava, e sahia á aposta, de maneira que a fizeraõ que, se elle o mostrasse, ganharia certo preço, ou perderia outra igual valiá: feita a aposta, tirou elle o pé esquerdo, que tinha escondido, que por calçar mais dous pontos, que o outro, tinha os dedos em arcos, tam tortos, e cheios de cravos, e o pé de joanetes, que naõ parecia natural: e assim ganhou, com muito rizo de todos, o que tinha apostado. Outro estudante do meu tempo, (proseguio Pindaro) passando parte de huma noite de inverno em caza de hum amigo, que morava perto do rio, choveu tanta agua, e cresçeu com tanta furia o Mondego, que lançou por fóra, e fez ilha das cazas do estudante: o hospede esperava que o convidasse à ficar; e o amigo naõ tinha essa vontade, porque temia a roupa de alguns males contagiozos, que delle suspeitava: estiveraõ assim grande espaço da noite, sem cessar a chuva, até que o senhor da caza começou a bocejar, e o hospede a se despir: e perguntandolhe o amigo para que se despia? respondeu: Que ou para nadar, ou para se lançar na cama. Vendo-se

elle

elle apertado, respondeu: Pois assim he; alli tendes huma taboa, ou vos salvai nella, ou fazei della cama em que vos lanceis. Esse conto (acodio Solino) tem o pé em duas raias, ou parte com dous termos, que consta de dito, e de feito; mas passe sem sello, por ser vosso. Signal he (respondeu elle) que vos naõ deve direitos. Entaõ gabaraõ todos os contos, e disse o Doutor: Além destas tres ordens de contos, de que tenho falado, ha outros muito graciozos, e galantes, que, por serem de descuidos de pessoas, em que havia em todas as coizas de haver maior cuidado, nem saõ dignos de entrar em regra, nem de serem trazidos por exemplo: a geral he que o desattento, ou a ignorancia donde menos se espera, tem maior graça. Atrás dos contos graciozos se seguem outros de subtileza, como saõ furtos, enganos de guerra, outros de medos, fantasmas, esforço, liberdade, desprezo, larguéza, e outros similhantes, que obrigaõ mais a espanto, que a alegria; e posto que se devem todos contar com o mesmo termo, e linguagem, se devem nelles uzar palavras mais graves que rizonhas. Naõ era essa materia (disse D. Julio) para se passar por ella tam apressadamente; porém já que no fim da noite, em que me eu apartei, se tratava do sal; parece que sinto menos a falta da que perdi, com vos achar ainda agora nesta graça, como dependencia do que entaõ se falou; que naõ a póde haver melhor aceita que a dos ditos agudos e galantes: assim que naõ havemos de consentir que o Doutor se divirtà para outra coiza. Eu naõ posso (disse elle) sahir de vosso gosto; porém a materia naõ era

para

para tam de repente, nem para tam breve tempo como se requere que seja o da vizita. Porque primeiramente, *dito*, na significaçaõ Portugueza tomamos por coiza bem dita, ou seja grave, como o saõ as sentenças; ou aguda, e malicioza, como o saõ as de que agora tratamos: e chama-se *dito*, porque dizem huma *só* palavra, ou muito poucas muito de entendito, de graça, ou de malicia. E deixando a sentença, que terá em outro dia o seu lugar, os ditos agudos, consistem em mudar o sentido a huma palavra para dizer outra coiza, ou em mudar alguma letra, ou accento á palavra para lhe dar outro sentido; ou em hum som e graça, com que nas mesmas coizas muda a tençaõ do que as diz: e de huns e outros os mais engraçados, e excellentes saõ os de repostas; porque além de estas serem mais apressadas, e tam de repente, que tomaõ entre portas o entendimento; tem materia sem suspeita nas perguntas. Dos da primeira especie naõ tem pouca graça os que dizem sobre os nomes proprios, como aconteceu a hum cortezaõ, que, perguntando a hum amigo pelo nome de huma dama da Corte, a quem vizitavaõ infinitos galantes, lhe respondeu, que se chamava N. do Valle. Deve ser (tornou elle) o de Josaphat, segundo a gente que corre para esta parte. Nenhumà me parece (replicou o outro) que vem a juizo; porque nem ella o tem, nem os que a buscaõ. Esse dito (disse o Prior) tem a graça dobrada em ambas as pessoas: porém hum cortezaõ galante, e de muita idade, vizitando a huma sobrinha sua, que estava desposada com hum N. do Carvalhal, homem muito

muito velho, e ſenhor de hum Morgado rico, lhe diſſe: Sobrinha, o que vos mais releva he que tireis deſſe tronco algum enxerto, que fique prezo; por iſſo naõ vos deſcuideis; e quando naõ puder ſer de Carvalhal, ſeja de Cornicabra. Todos feſtejáraõ muito o dito: e proſeguio Leonardo: Hum amigo meu tinha huma amiga muito magra e comprida, a que chamavaõ N. Quareſma; e queixando-ſe huma ſexta feira de falta de peſcado, lhe diſſe outro: Quem ſe atreve a huma Quareſma tam eſtreita e comprida, porque recèa huma ſexta feira? Porque (reſpondeu elle) tenho a Quareſma por carnal, e a ſexta feira por dia de Quareſma. A graça na mudança das letras, ou accento (diſſe D. Julio) naõ he pouco galante; como aconteceù a hum mancebo, que vendo huma moça á janella, que lhe pareceu bem, ſem ter della outra noticia a namorava, mui embebido em ſua gentileza: paſſou hum amigo, que vendo-o acenar lhe diſſe: Que quereis a eſſa moça? Se ella quizeſſe, (reſpondeu elle) tomalla por minha dama. Cuidei (tornou o outro) que por ama; pórque ha poucos mezes que pario. Tambem por eſſe caminho me parece graciozo o dito de huma mulher, que naõ tratava bem de obras a honra de ſeu marido, e elle muito mal de palavras a de toda ſua vizinhança: era o ſeu nome delle N. Ramos; e pondo-ſe hum dia em praticas com a mulher, começou a contar com ella todos os cornudos que havia no ſeu bairro: a mulher com raiva da ſua má natureza, a cada paſſo dizia: Erramos marido; tornai a contár, que falta hum. Elle, que entendia mal o remoque, ſem ſe metter

ter na conta, a tornava a fazer de novo muitas vezes. Ainda que o dito he mui sabido (tornou Pindaro) naõ vem fóra da razaõ neste lugar; nem se deve negar tambem a outro, de hum cortezaõ engraçado, que levando-o hum alcaide prezo diante de certo Julgador, por trazer seda contra a pragmatica; e allegando que era homem nobre; lhe disse o Juiz, que, pois o era, porque naõ trazia o que devia? Antes (respondeu elle) o faço assim, porque ainda devo tudo o que trago. Sabei, senhor (tornou elle) que se vós fez a divida maior, pois o tomaõ por perdido. Por perdido (disse elle) mo poderá tomar seu dono: mas pois vossa mercê o quer julgar ao alcaide, requeiro que lhe passe com seus encargos. Outros ditos ha engraçados a essa similhança (proseguio o Doutor) que só na mudança dos sentidos das coizas (como já disse) tem a galantaria; como o que aconteceu ha poucos mezes a huma donzella, que servio seis a huma Dona mui mizerável de condiçaõ, a qual a despedio sem mais galardaõ, que hum vestido de serguilha, a que chamaõ cilicio. E perguntando-lhe huma senhora: Como vos pagou N. o tempo que a servistes? Pagou-me (respondeu a moça) como hum Confessor, com este cilicio, e seis mezes de paõ, e agua. E porque disse que de huns, e outros os melhores consistiaõ na graça de huma boa resposta; e quazi todos, os que aqui se disseraõ, o parecem, me quero declarar assim com razoens, como com algum exemplo, que as declare. Resposta aguda ha, que como esta, e outras, que ficaõ ditas, agradaõ muito, porém naõ incluem a brevidade das que

fazem

fazem a sentença com as palavras da pergunta. Hum cortezaõ fallando de outro, que alcançára por sua valia muitos lugares honrados, e perdêra hum, em que tinha empenhado todo o seu cabedal, por ser de humilde geraçaõ, perguntava a hum amigo: Se N. sempre acertou até agora em suas pertençoens, como nesta, que mais lhe importava, errou? Respondeu o outro: foi por baixo. A outro, que vivera muito tempo na privança de hum senhor com grande prosperidade, vendo-o depois hum amigo em estado mizeravel, lhe perguntou: Como de tanta altura descestes da graça de N. a esta mizeria? Ao que elle respondeu: Cahi. Ainda (disse o irmaõ do Prior) que em querer dar minha razaõ seja atrevido, a profissaõ de soldado me desculpa; entre os quaes até a temeridade he digna de louvor. Mas em Flandres, onde andei na milicia Hespanhola alguns annos, acodiaõ muitos Doutores Catholicos, e outros Scismaticos encobertos, a humas Concluzoens, que havia em huma Cidade pequena, de Theologia: certos Frades de S. Francisco, aos quaes naõ davaõ lugar suas enfermidades para poderem caminhar apé, hiaõ em asnos. Passando por elles algum do outro bando em mulas muito luzidas, e auctorizadas; hum destes por motejar aos Menores, lhes perguntou: Aonde vaõ os asnos? Respondeu hum Frade velho: Nas mulas: e com uzar da agudeza, na sua mesma pergunta os envergonhou, mudando o sentido a huma palavra della. Gabáraõ todos o dito, e o comedimento do novo companheiro; e continuou o Doutor: Temos tratado dos contos graciozos, e ditos agudos,

dos, e galantes, com exemplos muito a propozito da sua differença; fica para dizer o como na pratica se deve uzar delles; e posto que me tirava deste trabalho o conhecimento que tenho da sufficiencia dos que estaõ prezentes, como eu nesta materia aponto as regras mais para as aprender, que para me seguirem, he necessario tocar ao menos o que della me parece: e assim como dizem que muito ensina o que bem pergunta, assim se póde dizer que muito aprende o que diante dos Mestres ensina. Os contos e ditos galantes devem ser na conversaçaõ como os passamanes, e guarniçoens nos vestidos, que naõ pareça que cortáraõ a seda para ellas, senaõ que cahiraõ bem, e botáraõ com a côr da seda, ou do panno, sobre que os puzeraõ; porque ha alguns, que querem trazer o seu conto a remo, quando lhe naõ daõ vento os com que pratíca; e ainda que com outras coizas lhe cortem o fio, torna a têa, e o faz comer requentado, tirando-lhe o gosto e graça que podia ter, se cahira a cazo, e a propozito, que he quando se falla na materia da que elle trata, ou quando se contou outro similhante. E se convém muita advertencia e decóro para os dizer, outra maior se requere para os ouvir; porque ha muitos tam sôfregos do conto ou dito, que sabem, que, em ouvindo começar a outrem, ou se lhe adiantaõ, ou vaõ ajudando a versos, como se fora psalmo: o que a mim me parece notavel erro; porque, posto que a hum homem lhe pareça que contará aquillo mesmo, que ouve, com mais graça, e melhor termo, senaõ ha de fiar de si, nem sobre essa certeza se querer me-

lhorar

lhorar do que o conta; antes oúvir, e feste-
jar com o mesmo applauzo, como se fora a
primeira vez que o ouvisse, porque muitas ve-
zes he prudencia fingir em algumas coizas igno-
rancia. Agora vos digo (acodio Solino) que
naõ se deve pouco a quem sabe passar essa dor,
sem dar signaes della; porque, saber hum ho-
mem o que o outro conta ás vezes mal e su-
jamente, e estar feito pedra, he peior que da-
remlhe com huma na cabeça; e cuidei que só
aos Prégadores lhes era concedido esse privile-
gio, por fallarem sem lhes haver outrem de
responder: porém haveis de consentir que haja
nisso huma exceiçaõ; e he que quando algum
disser o conto, ou dito com algum erro, o
possa emendar e advertir o que o vio passar,
ou esteve prezente quando succedeu. Em tal ca-
zo (respondeu o Doutor) piedozamente o con-
sentirei, se o que conta ou lhe tirar a graça
principal, ou errar as pessoas e o sujeito. Tam-
bem naõ sou de opiniaõ que, se hum homem
souber muitos contos ou ditos de huma mes-
ma materia, em que fallou, os traga todos ao
terreiro, como jogador que levou rufa de hum
metal; mas que deixe lugar aos outros, e naõ
queira ganhar o de todos, nem fazer a con-
versaçaõ só consigo. Pareceme (disse Solino)
que vos ficou por tratar huma especie de ditos
graciozos, que muitas vezes naõ tem o peior
lugar na galantaria da conversaçaõ. E porque,
ficando fóra das vossas regras, os podem tomar
daqui adiante por perdidos, a mim me releva
por o meu particular saber o como o discreto
se ha de haver nelles; que saõ os de similhan-
ças, a que cõmummente chamaõ *apódos*; que,
se

ſe ſaõ bem appropriados, daõ ſal á pratica, e goſto aos ouvintes. Tendes muita razaõ (reſpondeu elle) que ainda que deixei de fóra outros muitos por os metter nas regras dos que nomeei, que a eſſes eſtava mais obrigado de trazer a exemplo, e ao menos conſiderar que ſe naõ haõ de buſcar de propozito, que ſeria fazer da graça chucarriſſe; antes haõ de ſer trazidos tanto a cazo, que ſejaõ mettidos na pratica como translaçoens della, fugindo de alguns, que eſcandalizem em pouco, ou em muito, á parte de que ſe trata; e ſeja exemplo de como Pindaro comparou as minhas cazas, que, por ſerem pequenas, muitas, e bem guarnecidas, lhes chamou *gavetas de eſcritorio*. E Solino (acodio Pindaro) diſſe que fizereis aquelle eſtojo para vos recolherdes na velhice. Naõ tenho eu por menos galante (diſſe elle) o que, vendo a gelozia de Solino com ſinco, ou ſeis mininas com habitos de Freiras de S. Franciſco, lhe chamou *capoeira de rolas*. E a hum moço do Licenciado, que aqui anda muito pequeno e magro, com huma eſpada muito comprida, *frangaõ eſpetado*. Mais me parece, (diſſe Solino) eſſe moço *cabos da eſpada*, que homem com ella. Mas a huma moça muito louca, a que todos ſabemos o nome, que tem o roſto da côr dos cabellos, e ainda com huns mantéos engommados de azul, chamou hum galante *procelana de ovos doces*. A eſſa (diſſe D. Julio) chamaraõ tambem pampilho, e roſto de alambre. Porém, ſe nos houvermos de eſpalhar neſtas ſimilhanças, e paſſarem de maõ em maõ, naõ haverá quem nos deſapegue da materia. Antes me parecia a mim

(diſſe

(disse Solino) que assim dos contos galantes, ditos engraçados, e apódos rizonhos, se ordenasse que em huma destas noites, tomando hum propozito, cada hum contasse a elle o seu conto, e dissesse o seu dito; e seria hum modo extremado para se tirar outro novo alivio de caminhantes, com melhor traça que o primeiro. Fique á vosso cargo essa (tornou Leonardo) para outro dia; e agora naõ demos má noite ao doente, nem aos hospedes roim agazalho. Este (disse o Prior) he o melhor, que podia pintar o meu dezejo; e suspeito que por vingança fizestes a noite mais breve: mas o que della perder, determino cobrar na de á manhã, porque a obrigaçaõ, que tenho, de obedecer ao senhor D. Julio me faz esquecer até as de meu estado. E se a do outro dia naõ fora de Domingo, ainda nella gozara o interesse de mercês suas, e das honras vossas. Com esse (respondeu Leonardo) de havermos de ter ao senhor Alberto, e a vós por mais espaço neste lugar, dissimularei o queixume, que de ambos tinha. Da minha culpa (tornou Alberto) darei toda a satisfaçaõ; porque nem pelas do Prior, nem por sua conta, hei de perder a honra, e mercê dessa vontade. Nisto se começáraõ os mais a levantar. E perguntando a D. Julio se estava melhorado do seu achaque, respondeu que naõ sentia outra pena naquelle tempo mais, que o que perdera de taõ boa conversaçaõ; dando-se por mui obrigado do favor da vizita, que, posto que aos illustres se deva em tudo respeito, obediencia, e cortezia, nenhum a sabe melhor estimar, que o generozo.

DIA-

DIALOGO XII.

Das Cortezias.

DEpois que os amigos se despediraõ, os hospedes ficáraõ gabando a D. Julio a graça, e bom termo de falar de todos, os que entravaõ naquella conversaçaõ; dizendo que em tal Aldea se podiaõ ensaiar os que quizessem apparecer na Corte apercebidos, approvando a maneira que se tinha de discursar sobre coizas tam miudas, e tam esquecidas, sem cauza, dos Cortezaõs. D. Julio lhe relatou algumas materias, de que tinhaõ tratado aquelles dias, que ao *Soldado* deixáraõ cubiçozo; e foraõ nesta pratica tomando tantas horas emprestadas ao repouzo, que, para se entregarem delle pela manhá, se levantáraõ da cama para a meza: tiveraõ o doente e os hospedes suas vizitas; e quando veio a noite, já os amigos estavaõ juntos em sua caza, com gosto de Leonardo que o pedio a todos elles. E D. Julio para lhes pagar esta diligencia no em que elle sabia que mais dezejavaõ a satisfaçaõ, lhes disse: Naõ parece razaõ que á conta da cortezia, com que dissimulais comigo, me encerre eu com o que sei que dezejais de ouvir com muito cuidado. Quero agora acodir aos remoques de Solino, e á curiozidade dos mais, que lançáraõ juizos temerarios sobre a minha jornada; e para que naõ esconda nenhuma das coizas que passei, a conto diante de tam abonadas testimunhas. Soube (e naõ quero dizer que a cazo, porque o procurei de propozito) o dia, em que o senhor Prior levava para a cidade aquella Religioza

gioza peregrina; que por ter tantas coizas do Ceo, deixou todas as da terra, vencidas com seu desprezo, e acanhadas e humildes com sua formozura. E assim por o acompanhar a elle em obra de tanto merecimento, como por ver despedir de todas as pertençoens humanas quem em tantas partes e extremos era divina; e na rezoluçaõ sua e desengano ver o das esperanças, que o dezejo podia fundar em sua gentileza: me fiz encontradiço no caminho, onde me dei por obrigado a chegar até á cidade, fingindo que alli de novo soubera sua determinaçaõ. Conheceu ella ser eu o mesmo que na fonte da serra a encontrára; e lembrada e agradecida da cortezia e respeito, com que a tratei, sem saber quem fosse, me pagou com a brandura de seus olhos a alma que nelles perdi quando a olhava naquelle desvio. Disselhe o senhor Prior quem eu era, accrescentando do seu o que agora fico a dever á sua cortezia; e conhecendo a estrangeira a sua vontade, me fez muitas mercês e favores pelo caminho; que, a naõ ser aquelle o derradeiro, que havia de fazer no mundo, me podera eu encher de vaidade para os naõ trocar por todos os interesses delle. O que nella vi foi o que já me ouvistes; e posto que o decóro e respeito, com que a levavaõ, naõ accrescentou graças á sua formozura, lhe dava outro valor differente, como o engaste do ouro bem lavrado o costuma dar ás pedras finas. Ficou entregue ao Ceo com quem se parecia, e os olhos, que alli deixáraõ as saudades e desenganos. Naõ foraõ estas occazioens de minha doença, que naõ costuma a ser tam leve a que dellas se géra: e

assim

assim póde fazer em mim maiores effeitos a sua lembrança. Da vossa parte (disse o Prior) tendes contado o que passastes: porém daquella estrangeira podera eu dizer muito mais; que só no que lhe ouvi se podia conhecer quanto estimou o bom termo da vossa cortezia, e muito mais esta segunda de a acompanhardes. A primeira de a deixar sem companhia (tornou o Fidalgo) me foi a mim mais custoza. E ainda que diz o rifaõ antigo, que *cortezia e falar bem custa pouco, e val muito*, naõ se podia dizer pela minha. Antes sim (disse o Soldado) pois vos rendeu tanto, e vós naõ mettestes mais cabedal, que dar lugar á razaõ, onde o naõ podia ter o appetite. E posto que a cortezia tem muito grande lugar entre os Portuguezes, porque no comedimento fazem vantajem a muitas outras naçoens; no falar bem, segundo o sentido desse rifaõ, achaõ elles a difficuldade; porque dizello dos seus proprios naturaes lhes naõ custa pouco (que he huma culpa que nos arguem com razaõ os estrangeiros) na qual peccamos contra o principal termo da cortezia. Mas certamente que huma e outra era devida áquella gentil senhora, de cuja riqueza, e estado eu, como fronteiro que fui daquella ilha, podera dar informaçaõ; e a vi tam obrigada e dezejoza de se mostrar agradecida ao senhor D. Julio, que excedia o modo da sua brandura e receio. Já dezejo (disse o Doutor) que passemos desta romaria; e naõ sei eu melhor occaziaõ, que falar em cortezias, assim estrangeiras, como naturaes; que he materia que beta muito bem com as das noites passadas. Quem haverà (respondeu Alberto) que naõ approve

a

a vossa esolha? que, além de vir a pratica a propozito das que entre nós se trataraõ, temos prezente o senhor Prior, a quem está melhor, que a todos, o cargo de nos fazer cortezaõs por doutrina, assim como o póde ensinar a todos com o exemplo. Saõ os meus habitos (disse elle) tam alheios do estilo cortezaõ, que estaõ culpando a vossa inculca, e o atrevimento que eu dezejo tomar para vos obedecer; porém tenho por menor erro cahir em muitos nesta empreza, que desobedecer em todas ao vosso mandado: mas com tal condiçaõ, que acudais vós, por cortezia, aos descuidos que eu nellas fizer, porque entaõ naõ terei receio de falar, nem estes senhores pejo ou fastio de me ouvir. E falando em este nome de *cortezia*, he hum vocabulo particular que entre nós tem a significaçaõ mui larga, porque no seu verdadeiro sentido ainda he mais estreito que o Latino, que he *urbanidade* derivado de *urbs*, que quer dizer *cidade*; e assim he o comedimento, e bom modo dos que vivem nella em differença dos aldeaõs; e cortezia he dos que seguem a Corte, em differença de huns, e outros. Porém na significaçaõ generica este nome comprehende estas tres especies de cortezia: *Ceremonia*, que he a veneraçaõ com que tratamos as coizas sagradas da Igreja, e dos Ministros della, que pertence á Corte Ecclesiastica do Papa, dos Bispos, e dos outros Prelados inferiores: *Cortezia*, que he a que se tem aos Reis, Principes, Senhores, Titulos, e Ministros Reaes: *Bom ensino*, que he a inclinaçaõ, reverencia, e comedimento, que se costuma entre os iguaes, ou sejaõ de maior,

ou de menor qualidade. E deixando de tratar das duas primeiras, e de outras duas, que muitos poem no segundo genero, que he *cortezia militar*, a que chamaõ *ordem*, uzada nos exercitos, esquadroens, e alojamentos; e a outra *naval*, que se uza nas frotas, armadas, e navegaçoens, porque humas, e outras tem regras, e leis declaradas, tratarei sómente do bom ensino. Para o que me parece advertir que da ceremonia se derivou a cortezia, e della o bom ensino, descendo por degraus, como o mostraõ os exemplos de huma e outra; que como os Reis e Principes se endeozaraõ com a vaidade, foraõ tomando muito na cortezia do que era devido só a Deos; e porque igualmente os inferiores quizeraõ parecerse com os Reis, foraõ tambem contrafazendo os seus estilos na cortezia, a qual consiste em tres coizas, na moderaçaõ, na inclinaçaõ, e nas palavras: e trazendo o exemplo de cada huma com seus principios, a Deos falamos com os joelhos em terra por ceremonia, aos Reis com o esquerdo posto no chaõ por cortezia, aos iguaes com elle dobrado, tornando o pé atraz por bom ensino: a Deos beijamos o chaõ, ou o assento do Altar, onde está posto; ao Papa o pé; ao Rei a maõ (posto que a alguns da gentilidade costumaõ ainda beijar o joelho). Entre os iguaes beijamos a maõ com que tocamos a sua, e de palavras as de todos. Nas palavras se quizeraõ os Reis levantar mais com os titulos divinos: e de *Mercê*, e *Senhoria*, que era o seu proprio lugar, sobiraõ a *Alteza*, que era só de Deos; e depois a *Mageſtade*; e ainda, se se poderaõ chamar *Divindade*, e

Omni-

Omnipotencia, me parece que o fizeraõ. Aos iguaes tratamos de *Mercê*, como que fomos tomando o que os Reis deixáraõ; e ficou-se o *Vós*, e a brandura delle para os amigos, e para os mal ensinados! *Bom ensino* he tratamento de homens bem doutrinados, ou por experiencia da Corte, e da Cidade, ou por ensino de outros que nella viveraõ. A *Inclinaçaõ* consiste em abaixar a cabeça, ou a descobrir, em dobrar os joelhos, ou os pôr em terra, em inclinar a vista, ou a desviar do com quem se fala. A *Moderaçaõ* em se mostrar mais humilde em beijar primeiro a maõ, em dar o melhor lugar ao que fazemos a reverencia, ou, para melhor dizer, em tomar de tudo menos do que nos cabia. As palavras ellas mesmas declaraõ quaes saõ da Corte na conformidade do proverbio, ou sentença com que começamos, que he falar bem do terceiro, dizendo o que faça em seu favor, e escutando com cortezia em quanto ouvimos o que fala: fóra outra cortezia de palavras, a que chamaõ *comprimentos*, de que por hora naõ determino tratar. Esta cortezia no exterior differe mui pouco da virtude da humildade, e tem o mesmo fruito entre os homens da terra, que o Evangelho promette no Ceo aos humildes, que he serem levantados; porque tambem para os vangloriozos, e arrogantes he grangearia o bom e. sino, e comedimento, porque assim saõ mais bem quistos, aceitos e respeitados dos menores. Tem esta virtude da cortezia, ou bom ensino (a quem tambem Marco Tullio chama *virtude*) quatro escolas principaes, em que se exercita, que saõ o *encontro*, a *vizita*, a *meza*, e a

converſaçaõ: os dous termôs, em que ſe ſuſtenta, ſaõ humilharſe huma das partes, e a outra quererſe melhorar na humildade; porque quanto hum mais ſe aproveita della, mais obriga ao outro a ſe querer moſtrar bem enſinado. No encontro do caminho da vizita, ou do paſſeio, he a regra entre os iguaes, que o que vem, ou eſtá melhorado de lugar, ſeja o primeiro na cortezia, aſſim da fala, como do chapeo, ou mezura; como, ſe vem andando, e o outro eſtá parado, ſe vem a cavalo, e o outro eſtá, ou vem a pé; e ſe embos andaõ, e hum vem da maõ direita, ou do lugar mais alto; e da meſma maneira o que eſtá em terra, caza, ou lugar ſeu, ſeja o primeiro que accommetta a cortezia. Deſſe termo de cortezia (diſſe Leonardo) temos huma hiſtoria antiga em Portugal, que nos póde ſervir de exemplo, e auctoridade para ella. Conta a Chronica DelRei D. Fernando de Portugal que, quando elle e ElRei D. Henrique de Caſtella faláraõ no Tejo em dous batéis, houve de ambas as partes duvida em qual delles ſeria o primeiro que falaſſe; e ElRei de Caſtella ſe rezolveu em ſer o primeiro por ter Lisboa de cerco, e eſtar na guerra de melhor condiçaõ que ElRei D. Fernando; ſendo aſſim que, por ſer em terra de Portugal, havia elle de ſer o primeiro: e aſſim lhe diſſe: *Mantenha-vos Deos*, *Senhor Rei de Portugal*; porque eſtes eraõ os comprimentos daquella boa idade. O meſmo (acodio o Doutor) entendia ElRei Dom Filippe o Sabio, quando com tanto exceſſo de cortezias recebeu no ſeu Reino a ElRei D. Sebaſtiaõ ſeu ſobrinho na jornada de Guadalupe, onde

na

na fala, e mezura foi sempre o primeiro, como eu posso mostrar de huma relaçaõ que tenho da mesma jornada: e tambem se alcança da vizita que o Infante D. Luiz fez ao Imperador Carlos V. quando, dando-lhe a dianteira na entrada de huma porta, o Infante, naõ se podendo escuzar, arremetteu a huma tocha com que hia diante hum criado, porque era de noite, e foi allumiando ao Imperador, para tambem o vencer na cortezia que com elle uzara. O mesmo (disse Feliciano) aconteceu a huma pessoa de naõ tanta qualidade, porém de sangue illustre, que, dando-lhe hum Titular a dianteira na entrada de huma porta travessa de huma Igreja, elle se voltou a elle com agua benta fazendo o officio de seu Capellaõ. Todos esses lanços e outros similhantes saõ estrategemas e finezas de cortezia (respondeu o Prior) das quaes eu me naõ esquecerei no seu lugar. E proseguindo a materia, a vizita tem tres termos de cortezia, que saõ, o *recebimento*, o *assento*, e o *acompanhamento* da despedida. O *recebimento* he sahir o vizitado fóra da caza, onde ha de tomar a vizita, até á salla, para na entrada dar a dianteira e melhoria ao que o vem vizitar. O *assento*, dar o seu ao hospede, e tomar outro igual á sua maõ esquerda, sem ser o primeiro que se assente. O *acompanhamento* da despedida he sahir com elle até á caza onde o recebeu, tomando sempre a sua maõ esquerda, dando-lhe deste modo a melhoria na entrada, lugar, e passeio. O descuido dos ignorantes (respondeu Leonardo) tem pervertido essas regras tam verdadeiras; ou, ao menos, embaraçado pela sua má correspondencia:

cia : porque no receber das vizitas ha alguns, que ſaõ como pezos de lagar, que ſe levantaõ de vagar, e ſe aſſentaõ de preſſa : e a hum dos taes diſſe hum Cortezaõ que era bom para teſtimunho falſo, porque o naõ levantariaõ. Outro diſſe a hum Titular, que menos era para ſenhor, que para vaſſallo; porque nunca ſe levantaria. Já no recebimento ha muitos que ſe fiaõ atraz dos páos, por naõ deixarem a caza ſó, e aſſim daõ ſinco, e fazem o meſmo no acompanhamento da deſpedida : a cujo propozito cabe aquelle dito excellente de hum ſenhor taõ illuſtre por ſangue, como por entendimento, neſte Reino; que vizitando a hum Legado do Papa vindo de pouco a Lisboa, na deſpedida deu com elle mui poucos paſſos ao ſahir da caza; e elle tomando-o pela maõ, o trouxe adiante dizendo: Para Italiano faz V. S. muito pouco exercicio. Porém declarai-me ſe nas vizitas falais tambem das que ſe coſtumaõ a fazer a enojados, e enfermos: porque ſeraõ neceſſarias outras regras muito differentes. Naõ podia eu (diſſe o Prior) fazer eſſa miſtura ſem grande confuzaõ e enleio. Mas dellas e das que ſe fazem a donas, e donzellas, e outras ſimilhanres, determino particularmente dar meu voto debaixo da cenſura de voſſo entendimento; e agora ſeguindo a minha determinaçaõ: A terceira eſcola da cortezia he a meza, em a qual as regras ſaõ muitas; porém muito ordinarias e conhecidas. A primeira he do aſſento, a ſegunda do ſerviço, a terceira das iguarias, a quarta das graças depois de comer. O aſſento, em meza de muitos, he o primeiro lugar o topo, a que chamaõ *cabeceira*, que fica á maõ direi-

ta

ta dos outros; entendendo que ha de ficar huma das partes da meza livre para o serviço dos ministros della: e quando he de menos gente, sempre o que agazalha toma por cortezia o lugar da maõ esquerda. No serviço o primeiro he dar agua ás maõs, em que sempre se ha de preferir o hospede; e andaõ nisto já os servidores tam apurados, que naõ fica aos convidados lugar mais que de algum leve comprimento. O segundo (entre os amigos) he o fazer o senhor da caza para cada hum dos outros os pratos, que se haõ de dividir na meza, melhorando ao hospede na escolha de cada coiza, a que podem chamar *cortezia mimoza*. O comer ha de ser sem sofreguidaõ, sem mostra de gula, nem demaziado appetite; e tambem naõ mostrar huma frieza cheia de fastio, que he desagradecer a comida e a vontade do que lha offerece. O beber seja sem pressa, e com tento, naõ levantando o copo, nem o pucaro, quando outrem o tem na boca; salvo onde se uzar a differente cortezia dos estrangeiros, que se convidaõ a beber em hum mesmo tempo. O que está á meza naõ ha de falar sempre em quanto os outros comem, nem comer em quanto os outros falaõ. E de huma maneira, e outra, o que se disser naõ seja coiza que possa enojar o estomago, ou diminuir o gosto dos convidados. Tambem deve cada hum acabar de comer quando os mais, ainda que lhe tivessem vantajem na brevidade. As graças pertencem primeiro ao dono da caza; e aos hospedes a cortezia depois dellas; que he huma maneira de agradecimento cortezaõ. E posto que podera calar estas miudezas por mui sabidas

(co-

(como outras que deixo pela mesma razaõ) tenho alguma de falar nellas em quanto me servem para ao diante. Antes de essoutras (acodio Solino) me quero eu metter como cebolinha em restea ; que , se atégora naõ pescava em tanto fundo , porque a conversaçaõ obriga aos costumes , e eu estou ha tantos annos pelos desta Aldea ; para as coizas da meza tenho feito outro aranzel de cortezia : e posto que nella e na humildade dizem que *abaixo fica quem senaõ adianta* , como as coizas de comer , e de proveito se atrevessaõ com a vaidade deste estilo , tenho outra regra mui differente , por que me rejo , registada nos livros dos rifaens e proverbios das velhas , e encommendadas á memoria do meu moço , com muito cuidado , distincta por *itens* , muito importantes á quietaçaõ e socego da vida de huma Aldea. Primeiramente : Melhorar o hospede por assento , e a mim no mantimento : Darlhe nas cortezias o que a mim nas iguarias : Elle o primeiro no prato , e a mim o melhor boccado : Se for pouco o vinho , beba eu diante ; que quem leva a primeira , naõ fica sem ella : Se for pouco o paõ , tello eu na maõ , por naõ pôr nas da cortezia o que folgo de ter na minha : Naõ tirar prato de diante sem vir outro , que mo alevante : Em quanto outrem apara , fingir que naõ vejo a faca : Se os outros falarem muito , dizer os amens : porque *ovelha , que bala , bocado perde*. Em quanto tiver fome , zombar de quem naõ come : E quando tiver sede , lembralla a quem naõ bebe. E quanto em todas ás mais entradas , e sahidas , como saõ o *lavar das maõs* , *mezuras* , e *prolfaças* ,

faças, liberal como nas eiras. E a verdade he que o verdadeiro comprimento, em que se declaraõ os demais, e que serve de lei mental a todos, he: *Todo sou vosso, tirando fazenda, e corpo*. E passando da meza, seguem logo outras regras naõ menos proveitozas, como saõ: No acodir ao perigo, fingirse manco: Na cama pequena, deitar no meio: No lugar estreito correr diante; que quem vem tarde, mal se agazalha: Ribeiro grande, saltar de traz; que a verdadeira discriçaõ he experimentar na cabeça alheia: e a mais trilhada parvoice he *naõ cuidei*. Naõ vos desfaçais dessa doutrina (disse Leonardo) que he a melhor regra de viver em paz sobre a face da terra, que quantas andaõ nas cartilhas antigas. Eu (tornou o Prior) naõ defendo aquella seita aos que a quizerem seguir, respeitando mais a commodidade, que a cortezia. E deixando esta eleiçaõ, a ultima escola he a da conversaçaõ; que se entende no passeio, na roda, ou na vizita. O passeio quando he de dous ou tres, voltaõ com os rostos sempre iguaes (naõ virando as costas hum ao outro, como costumaõ os estrangeiros) e os que recebem em huma volta á maõ direita, a daõ na outra aos que trouxeraõ á esquerda. Se saõ muitos, ou se dividem no meio ao voltar para ficarem todos de rosto; ou, se ha lugar para isso, voltaõ em ala, ficando o primeiro da maõ direita o ultimo da esquerda na volta do passeio: o que entra de novo faz primeiro cortezia aos que andaõ nelle. E elles abrindo o, lhe devem offerecer no meio o lugar da maõ direita; que elle naõ aceitará, senaõ o ultimo da esquerda, por naõ romper a ala; e porque

na

na volta fica logo com o que na entrada lhe offerecem. Na roda ou ajuntamento se uza o mesmo: porém he para advertir a obrigaçaõ de cada hum, para levantar do chaõ qualquer coiza que caia aos companheiros, como saõ luvas, contas, livro, chápeo, lenço, e outras similhantes; e, quanto a mim, esta obrigaçaõ de acodir a alçalla he do vizinho da maõ direita. Nisso (respondeu Solino) me releva pordes taixa certa, pelas cabeçadas que vi dar a muitos, que acodiaõ juntos a essa cortezia: e tenho-me sempre com o primeiro, que se alevanta; mormente na roda onde todos os cabos saõ de palheta. O que eu aconselhára (replicou o Prior) he que, cômettendo hum, cessassem os mais, deixando o comprimento ao dono da coiza. Pois naõ he esse o termo (disse Leonardo) dos menos delicados na cortezia, assim no passeio, e roda, como na vizita: e naõ só nas coizas, que cahem a cazo, mas nas que se arremessaõ, ou com que tiraõ de proposito. E deixando o que aconteceu a hum Cortezaõ mancebo, que atirando-lhe huma dama, em castigo de hum atrevimento, com hum chapim, elle o beijou, e lho tornou a offerecer, e com este lanço a obrigou a dalli adiante o ter em mais conta: hum Principe de sangue Real deste Reino, andando á caça de montaria com hum Rei dello, se lhe adiantou a dar huma lançada em hum porco montez, parecendo-lhe que se lhe mettia em o meio do perigo, por atalhar algum da vida de seu Rei. Porém elle, que era mal soffrido, com paixaõ atirou ao Principe com a lança: e elle apeando-se a levantou, e beijando-a lha tornou a offerecer;

ferecer; e com isto venceu a colera do Rei, e o obrigou a vergonhozo arrependimento. Ainda agora (disse Solino) lhe eu houvera de deixar passar a ira, que *quem se guardou naõ errou: e á furia de senhor terra em meio*: e posto que lhe succedeu bem a cura, naõ houvera eu de provar a mezinha; que com estes perde o bem fazer a cento por hum, que he o que com Deos se ganha. E porque no passeio se me offereceu huma duvida, pergunto: Quando hum se diverte dos com que vai passeando, e fica carta atraz falando com alguem que passou, e o deteve; ou em outro cazo similhante; que regra se ha de seguir? Pararem os outros á vista (respondeu o Prior) e elle, quando tornar, fazer sua cortezia, e entrar no passeio, tomando o lugar mais humilde, como tenho dito. E se passearem a cavallo (replicou elle) e a mula de hum dos mantenedores se parou a ourinar, e os companheiros foraõ adiante, he obrigado o que torna á têa a fazer cortezia em nome da sua mula? Isse naõ (tornou o Prior) porque no primeiro cazo a cortezia he huma satisfaçaõ da tardança: e o segundo he hum acto de hum bruto irracional, que naõ merece ser disculpado. Com isto me parece que tenho tocado o que he o canto chaõ da cortezia, em cujo contraponto ha cem mil galantarias e extremos, que naõ cabem em regras tam limitadas; como tambem o seriaõ para as cortezias, que consistem em palavras, a que se naõ póde pôr limite. Vós (disse o Doutor) tendes tratado a materia com muita curiozidade: e posto que fica assás auctorizada com razoens taõ verdadeiras, costumes tam approvados, e, o

que

que mais he, com experiencia vossa; quero eu accrescentar o que li, mais por me fazer figura no em que vós sois Auctor, que por mostrar que o posso ser em alguma coiza sem favor vosso. E porque me lembra que na divizaõ fizestes á inclinaçaõ a principal parte della, me pareceu dizer alguma coiza de sua antiguidade: porque já os Hebreus, Persas, Gregos, e Romanos uzáraõ inclinar a cabeça por cortezia, como contaõ Josepho, Plutarco, Eliano, e outros Auctores graves: e esta reverencia faziaõ em signal de humildade, confessando fraqueza, e menos poder ante aquelle, a cujo valor se abatiaõ: posto que dos Romanos Alexandre Severo, successor de Heliogábalo, naõ consentio que ninguem lhe fizesse esta cortezia, havendo-a por lizonja; antes mandava lançar de sua prezença a quem a uzava (como escreve Lampridio) dizendo que só a Deos se devia aquella inclinaçaõ. Os de Thebas, se sabiaõ que alguns dos seus inclinasse a cabeça a pessoa humana, o castigavaõ rigorozamente: e esta lei poz em grande confuzaõ a Ismenias, que elles mandáraõ por Embaixador a Artaxerxes (como na sua vida o escreve Plutarco) o qual estando já na salla para falar ao Rei, lhe disse hum Capitaõ, chamado Tithraustes, que se naõ havia de fazer ao Rei a inclinaçaõ que os Persas costumavaõ; que lhe désse a elle o recado, e que faria em seu nome a Embaixada. Elle naõ querendo fiar de outrem o que lhe fora encommendado, entrando a falar ao Rei, deixou cahir hum annel que trazia no dedo; e abaixando-se a o levantar, fez a inclinaçaõ dos Persas sem poder ser culpado dos Thebanos.

nos. Essa inclinaçaõ (disse o Prior) de inclinar a cabeça, dobrar os joelhos, ou pollos em terra, e extendendo o braço para a pessoa, a que queremos venerar, beijar a maõ propria, he ceremonia antiquissima, que só a Deos se fazia; e assim se colhe de muitos lugares da Escritura, como he no livro V. dos Reis, capitulo 19. no de Job capitulo 31. e no Deuteronomio capitulo 17. O que tambem alguns Gentios uzáraõ, como lemos em Plinio livro XXVIII. capitulo 2. E daqui creio que se derivou este uzo, que entre nós ha, do *beijo as maõs de V. M.* O costume de beijar a maõ (respondeu o Doutor) entre os Romanos antigos foi dos escravos a seus senhores. Mas Plutarco conta que, depois que Cataõ deu fim á sua milicia, despedindo-se delle os soldados com muitas lagrimas, e extendendo-lhe as capas e os vestidos por onde passava, lhe beijavaõ a maõ: e daqui começáraõ os livres a uzar esta cortezia; de que logo lançáraõ maõ os pretendentes para grangearem animos e vontades alheias, como Seneca diz na epistola 118. E logo os Imperadores modernos mandáraõ que seus vassallos lhes beijassem a maõ, como escreve Pomponio Leto: e os Reis da Hespanha o puzeraõ por ordenaçaõ, como se vê nas leis DelRei D. Affonso nas leis de Castella liv. V. titulo 25. p. 4. E daqui se derivou o *beijo as maõs de V. M.*, que he confessarse por escravo ou vassallo daquelle, a quem se faz a cortezia. Essa (acodio Solinõ) me custa a mim bem pouco: porque naõ gasto nella mais que palavras, e essas com as abbreviaturas de agora saõ já muito menos. O que me amim cansa he

o

o tirar o chapeo, que me fazem de dispeza as boas correspondencias de forros, e caireis, a fóra os damnos do feltro; o que Deos sabe, e eu o sinto; e naõ me pezára saber donde teve principio este mal que padeço. O chapeo (respondeu o Doutor) era entre os Romanos signal de nobreza, e symbolo da liberdade; e quando a queriaõ significar, pintavaõ hum chapeo, como se vê nas moedas de Claudio, de Antonio, é de Galba. E assim quando libertavaõ aos escravos, lhes davaõ chapeo, como refere Pierio Valeriano nos seus Jeroglificos livro 40. onde tambem affirma que os escravos, que se vendiaõ por máos costumes, e roins partes que tinhaõ, os punhaõ na almoeda com chapeo na cabeça, em signal que seu senhor o naõ queria por escravo, nem se obrigava a fiar sua má natureza. De sorte que o descobrir hum homem a cabeça, e tirar o chapeo ao outro, he confessarse por seu escravo; e a esta cortezia responde a de chamarmos senhores aos iguaes, e maiores, com que tratamos, e ainda os inferiores. Pois eu vos affirmo (disse Solino) que a muitos tiro o chapeo, de que naõ quizera parecer escravo; e esses mo fazem trazer tal, que parece dos que o saõ. Com tudo me fizestes mui grande mercê em me descobrir essa razaõ, e a de outra coiza, em que eu já cansei algumas vezes o pensamento, que era saber o porque os chucorreiros se cobrem diante dos Principes, e, sendo gente tam vil, gozaõ de tam grande preeminencia; e agora entendo que deve ser por estarem no andar dos escravos, que se vendem por terem más manhas, que se vendem com chapeo para serem por elle conhecidos.

cidos. Mais me parece a mim (acodio D. Julio) que he pelo pouco cazo que se faz da sua cortezia; ou porque se entenda que, assim como tem aquella liberdade, tem outras para falarem o que naõ he licito aos homens cortezaõs bem disciplinados. Porém naõ sei a cauza, porque nos esquecemos da cortezia, a que chamaõ *comprimentos*, que nestá idade tem chegado á mor perfeiçaõ de encarecimento que póde ser. Nisso (disse Feliciano) se acredita ella muito pouco, e menos os que uzaõ muito delles; que á falta de verdades, e de obras, se introduziraõ no mundo os comprimentos, que saõ hum engano desaforado de toda a jurisdicçaõ; conforme ao rifaõ que diz, que *palavras de cortezia naõ obrigaõ a pessoa.* Parece-me (tornou D. Julio) que tornamos á sentença, com que se começou a pratica, em quanto diz que *falar bem val muito, e custa pouco*: o que á letra se entende dos comprimentos, pois custaõ tam pouco, que ninguem por elles fica obrigado. Naõ digamos mal delles (disse Solino) que saõ a melhór coiza do mundo, salvo que perderaõ reputaçaõ como as sardinhas, que, por as haver sempre e custarem baratas, as naõ estimaõ; e naõ era a materia dos comprimentos para ficar de fóra nesta occaziaõ. A noite (respondeu o Doutor) he a que naõ basta a tanto; e nesta me naõ atrevo eu a vos acompanhar mais: e assim me haveis de dar licença que me recolha. Com isto se levantáraõ todos, e deraõ bóas noites; e, depois de recolhidos, gastáraõ em o dezejo da que se seguia o mesmo espaço que daquella poupavaõ; que muitas vezes a recreaçaõ dos sentidos vence a necessidade do repouzo que os suspende.

DIA-

DIALOGO XIII.

Do fruto da liberalidade, e da cortezia.

TEndo Feliciano e ſeu companheiro por coiza ſem duvida que ſe havia de tratar a materia dos comprimentos a noite ſeguinte; e que já daquella ficavaõ encetados para ſe haverem de proſeguir; ſe aperceberaõ de exemplos, hiſtorias e razoens mui eſcolhidas, com que lhes pareceu que deixariaõ a perder de viſta os cortezaõs velhos, em cuja mocidade he certo que ſe uza menos deſta alquimia de palavras fóra da tençaõ mental de quem as offerece. Com éſte fundamento ſe chegáraõ ao outro dia com mùita confiança: e juntos os amigos, diſſe o Soldado: Foi para mim taõ ſaboroza a converſaçaõ da noite paſſada, que até a lembrança della antepuz aó repouzo; e ſem poder entrar em o do ſomno me lembrou huma hiſtoria famoza que ſuccedeu a hum Capitaõ noſſo Portuguez naquellas partes do Norte, procedida de huma cortezia ſùa bem empregada, que lhe rendéu graça com as Damas eſtrangeiras e naturaes, inveja nos companheiros, e nos contrarios, glorioza fama com louvor, e honra da naçaõ Portugueza. E como algum dia der lugar o noſſo exercicio, a hei de contar neſta companhia em prova do muito preço e valor, que tem a cortezia com a gente generoza e illuſtre. Certo (diſſe o Doutor) que ſerá bem errada coiza dilatarmos eſta hiſtoria para mais tarde; que, poſto que a todo o tempo as voſſas o gaſtaõ mui bem aos ouvintes, agora tem ella o ſeu, e ſabe baſejando á meſma materia

que

que temos entre as maõs, maiormente que, como seja em favor e honra do nome Portuguez, naõ consentirá o senhor D. Julio na tardança. Antes (respondeu elle) se naõ acodireis com tanta pressa, me quizera já queixar da dilaçaõ: porque, por a materia, por a historia, e por ser o senhor Alberto o que a ha de contar, obriga por mil caminhos o meu dezejo; e do destes senhores tenho a mesma opiniaõ. Naõ he errada (disse Feliciano) no que pertence á minha escolha. E porque todos vieraõ na mesma vontade, começou o Soldado.

Hum Capitaõ Portuguez, que nas guerras do Norte com singular esforço fez seu nome conhecido no mundo, e sua fama immortal na memoria delle; e que naõ reprezentava menos na prezença de sua vista, do que dava a conhecer a experiencia do valor de seu braço, com as mais partes de juizo, e galantaria, que póde dezèjar hum Cortezaõ; cessando por razaõ da entrada do inverno o exercicio da guerra, escolheu, ou lhe coube em sorte, para alojar as suas companhias hum districto das terras do inimigo, que eraõ aldeas sem defensaõ. Acertáraõ estas ser de huma senhora Flamenga, donzella de muita qualidade; a qual vendo o damno sem reparo, que a seus vassallos se aparelhava, além de com a assistencia dos Hespanhoes perder o interesse das rendas que colhia, e de que se sustentava; naõ sabendo que meio tivesse contra este mal, lhe veio á imaginaçaõ de com as armas, mais poderozas por brandura, que por rigor, conquistar a cortezia do Capitaõ, de cuja liberalidade e nobreza estava bem informada e satisfeita: e

fiando de hũma donzela, e de hum rustico mensageiro o segredo do que queria, lhe mandou huma carta, que vinha a comprehender as razoens que se seguem.

Se o valor e grandeza de vosso animo vence a cubiça e crueldade de inimigo, confiada estou que o naõ queirais ser de huma Dama illustre, cujo dote, pelos successos da guerra, poz na vossa maõ a ventura: e pois o ganho de me despojardes delle he tam pequeno, que nem basta para agazalhardes bem os vossos soldados; perdoai antes a essas fracas aldeas com brandura, havendo que ganhais com ella o coraçaõ de huma mulher nobre, que em quanto viver vos ficará cativa, (trofeo differente do que se póde esperar de hum rustico alojamento) e pois de quem sois, e da fama que vos abona e engrandece, senaõ espera que queirais perseguir a huma Dama rendida a vosso nome, daime liberdade para que em o de meus vassallos, para quem a peço, vos offereça os mantimentos, que ha nesse pobre senhorio; que entaõ será mais vosso, quando eu o possuir com o favor e mercê, que de vós espero, &c.

O Capitaõ, que, além do valorozo animo que tinha, sabia conhecer o muito que em similhantes lanços se ganhava; lendo a carta se alegrou por extremo, como quem achára occaziaõ de se mostrar gentilhomem a taõ illustre e discreta senhora: e traçando primeiro o como melhor poderia responder com effeito a seus rogos; mandando vestir o rustico que trouxe a carta, e fazendo-se-lhe o agazalho e tratamento que, por quem o mandáva, lhe era devido,

rido, sem respeitar a incommodidade do que para os seus naõ tinha, respondeu em maneira similhante.

Ainda as armas me naõ deraõ maior gloria que esta ventura: porque tenho por taõ grande a de vos servir, que estimára em menos dominar hum grande senhorio da terra, que ficar agora por guarda e defensor das vossas, as quaes tomo tanto á minha conta, que naõ sómente lhe tirarei a oppressaõ dos soldados que lhe cauzavaõ receio, mas farei que nenhuns outros lhe possaõ fazer offensa. Perdei, senhora, o cuidado della; e crede que saberei estimar o vosso dote mais que a propria vida. E se á custa della quizerdes conquistar bens da fortuna, que igualem o preço das graças que vos deu a natureza, elle será mais copiozo, e eu naõ ficarei menos satisfeito. Por as mercês, que me offereceis, vos beijo as maõs; porém nellas as renuncio; porque mais quero parecer a estes companheiros contrario vencido, que amigo obrigado.

Naõ se satisfez o Capitaõ com responder tanto a gosto daquella Dama; mas ordenou juntamente que, quando tivesse a carta, lhe chegassem as novas do que por a sua fazia; e para isto escreveu a hum Capitaõ, que alli perto se alojára; do qual tendo licença, se foi para elle com os seus soldados, aos quaes com regalos, vantajens, favores, e cortezias hia satisfazendo a falta do alojamento que deixáraõ. Soube isto a Dama, cujo nome era Floriza; e vencida do primor da obra, e das palavras da carta do Luzitano, o começou a amar por informaçoens que cada hora lhe trazia a

ſua fama ; que eſtas coſtumaõ a ſer mais fa-
vorecidas , que as da prezença. Eſta dezejava
ella de ver eſtranhamente ; porém a difficulda-
de de contrario lha fazia impoſſivel. Accom-
metteu por vezes fazerlhe prezentes, a que elle
nunca deu lugar ; antes naquelles , que liber-
tára ; havia poucas peſſoas que naõ experimen-
taſſem favores e boas obras do Capitaõ todo o
tempo , que durou a vizinhança do ſeu aloja-
mento. Paſſado o inverno , tornáraõ a conti-
nuar as guerras daquella fronteira , muito mais
intricadas e perigozas , que as que haviaõ pre-
cedido : e como nellas o Capitaõ buſcava ſem-
pre as occazioens de maior riſco ; porque o ſeu
esforço o punha ſobre o animo dos mais guer-
reiros ; na defenſaõ de hum poſto , que lhe quiz
ganhar o inimigo , ficou elle mui mal ferido , po-
rém o contrario desbaratado , e com muitos ſol-
dados menos. Chegou á fama do ſucceſſo á agra-
decida ſenhora , que o ſentio por extremo ; e de-
zejoza de fazer algum , com que manifeſtaſſe a
pena que tinha de ſeu damno , determinou de
(com ſalvo conducto) paſſar ao campo con-
trario ao vizitar : e havida a licença , ſem levar
comſigo mais que duas criadas , atraveſſou em
hum coche o arraial. Sendo diſto avizado o Ca-
pitaõ , prevenio os ſeus ſoldados para com bel-
licas alegrias receberem e feſtejarem a ſua che-
gada. E mandando entrar algumas companhias
de guarda , lha fizeraõ a ella com grinaldas de
fogo ſobre os morrioens , e com bombas em
os piques , que parece que ardiaõ até a empu-
nhadura da manopla ; e outros fogueres e in-
vençoens de polvora muito apraziveis. Sahio
ella do coche á porta da tenda do Capitaõ ,
veſtida

vestida de huma tela verde, semeada de borboletas de ouro, que lhe estava muito bem; porque dava graça á neve do seu rosto, que com a afronta daquelle atrevimento se enchera de rozas encarnadas; os olhos taõ alegres, que parece que se vinhaõ rindo das estrellas, como os cabellos o poderaõ fazer do Sol, se elle já naõ estivera escondido de pura inveja. Sobre elles trazia huma rede de prata, cujos laços se remataváõ com perolas á maneira de camarinhas; e da parte esquerda tres plumas altas, huma branca e duas encarnadas, prezas a hum camafeu: sobre os pensamentos das orelhas rozas de flores perfiladas de ouro, e pendurado em cada huma hum Cupido, que quebrava o arco sobre hum diamante; no pescoço huma volta pequena com pontas de aljofares muito miudos, e huma gargantilha de huns passarinhos de ouro com os peitos de esmeraldas. As criadas vestiaõ de setim amarello gualde, com guarniçaõ de prata. O Portuguez, posto que naõ quizera mostrar descuido no que convinha para se entender, que no ornamento militar, e cortezaõ da sua pessoa, e tenda naõ faltava, como estava ferido, e incapaz de se valer das galas; converteu tudo em pavelhaõ rico, armaçaõ custoza, e trofeos de armas, que faziaõ a tenda muito agradavel, e auctorizada. Dalli com grande acatamento e inclinaçaõ, e com os olhos cheios de alvoroço festejou a boa chegada da formoza e discreta Floriza, que com as palavras accrescentou infinitas graças á sua formozura. Durou a vizita grande espaço com mil finezas, e extremos de cortezia. E posto que o Capitaõ com as feri-

das

das eſtava desfigurado, repreſentava no brio e modo de ſeu parecer a gentileza de ſua peſſoa, ſem a diſculpa, que huns olhos affeiçoados offerecem com a parte offendida. A Dama ſe lhe rendeu de maneira, que o moſtrava na viſta, empregando na ſua muitas vezes os olhos. E por naõ ter mais tempo, ſuſpenſos os que eſperavaõ ver o ſucceſſo da vizita, lhe deu fim com nova graça: e voltando por onde viera, achou a meſma guarniçaõ, e ordem nos ſoldados, que quando entrára. Logo entre elles e nos mais do exercito ſe praticou a cauza daquelle exceſſo e novo extremo de cortezia, havendo que a que o Capitaõ tinha com ella uzado o merecia. Porém naõ fez termo aqui o ſeu dezejo; que depois de auzente, mandando por muitas vezes a vizitallo na convalecença das feridas com que o vira, já de todo livre dellas, lhe eſcreveu Floriza, dizendo que, pois o vira em tal eſtado, e nelle lhe parecera tam bem a ſua gentileza, lhe pedia hum retrato ſeu, tirado no tempo em que elle fora mais gentilhomem, e ſe contentára mais de ſuas partes. Elle, que em nada perdia o cuidado de ſe moſtrar cortez, ſe mandou retratar no eſtado em que recebera a ſua vizita: e neſte lhe mandou o retrato, eſcrevendo-lhe que, ſó quando merecera a ventura de a ver, ſe tivera por galhardo, e gentilhomem; e que naõ ſómente naquella occaziaõ, mas em todas as mais, que ſe lhe repreſentaſſe aquelle bem, ſeria de ſi contente, e ſatisfeito. E tambem procurou logo ter da meſma ſenhora outro retrato no meſmo trajo, com que o viera a vizitar, tirado por o natural, com muito artificio, ſem ella ter noticia

ticia desta diligencia, senaõ depois que era manifesto que o Capitaõ o tinha na sua tenda mui venerado. E sobre hum e outro se tratavaõ de recados com muitas gentilezas e contezias, com a fama das quaes se accrescentou tanto a formozura e discriçaõ de Floriza, que dalli adiante era mais conhecida e requestada assim dos nobres do exercito, como dos senhores comarcaõs, com que as suas terras avizinhavaõ. Sobre todos os mais entrou nesta affeiçaõ hum gentil soldado filho do Conde de Hieme, fidalgo, de cujo esforço, brio, e gentileza havia no campo geralmente muita satisfaçaõ, e em muitos soldados nobres naõ menor inveja. Este se determinou que na primeira occaziaõ, que houvesse de assalto, havia de fazer mais do possivel por se encontrar, e provar as armas com o Hespanhol, a quem Floriza mostrava taõ declarada affeiçaõ. Porém como esta escolha havia de ser da sorte, e naõ da sua vontade, succedeu que a primeira occaziaõ, que houve, de poderem vir ás armas, foi sobre o contrario querer ganhar hum posto para se entrincheirar nelle, e fazer sombra a huma mina secreta, que para seus intentos ordenava. Foi revelado este ao General; e com hum dissimulado apercebimento tomou ás maõs os inimigos, entre os quaes cativou o gentil soldado, que se dezejava assinalar naquella fronteira escurecendo a fama do Luzitano, a quem invejava. Elle, que já sabia daquella pertençaõ, fez muita diligencia para que ficasse depozitado em seu poder; o que alcançou facilmente. E tratando-o logo com termos de excessiva brandura, e affabilidade, o tinha mais como hospede mi-

mimozo, que como prezo vencido. De sorte que enleado elle lhe perguntou a cauza, porque lhe fazia tantas mercês, podendo-o tratar como seu escravo, e ao menos do modo que o costumaõ fazer os Capitaens aos mais vencidos. Eu (lhe disse o Portuguez) vós trato como a companheiro, por saber que, fóra da obrigaçaõ de Matte; nas de Cupido servimos ámbos a hum senhor: e sei que ainda nesta igualdade me tendes muita vantajem, porque alcançais na prezença o premio de vossos extremos; e eu auzente faço só emprêgo de meus dezejos; e por esta via me podera obrigar à inveja a má tençaõ, que em vós já fez o ciume. Porém como da senhora Floriza naõ pertendo mais, que ser ella amada, e servida como merece; e sei de vossa qualidade, e valor que sois digno sujeito de sua formozura, como a coiza já sua vos quiz antes offerecer a caza, que o campo: nesta estareis servido, naõ como mereceis, e eu dezejo, mas á medida das incommodidades da milicia, de que já tendes experiencia. Naõ sómente espantado, mas corrido ficou o illustre mancebo do bom termo e gentileza do Capitaõ: e pondo os olhos nelle com o animo mais affeiçoado, que o com que partira do arraial, lhe disse: Taõ alcançado estou do meu engano, quaõ vencido e obrigado de vossa cortezia: e já, senhor, naõ dezejarei liberdade desta prizaõ mais, que para ser mais vosso quando for meu: e agora vejo quaõ bem adivinhava o meu receio em me fazer que temesse a vossa competencia, só por o que a vossa fama lhe descobria; mas agora, pelo que sei da prezença, naõ só confessarei o muito que

ella

ella acredita, mas que deve ainda muito mais ao vosso valôr, e delle serei eu a mais fiel testimunha ante a senhora Floriza. Eu, senhor soldado (respondeu elle) no serviço dessa senhora naõ pertendo mais, que, conhecendo-a por tal, naõ faltar a seu credito, honra, e satisfaçaõ, e conhecer ella de mim, junto com esta verdade, que naõ sou ingrato á mercê que me faz. E muito melhor satisfaço a esta obrigaçaõ em lhe gabar o muito que vos deve, e o quaõ acertada será a sua eleiçaõ, escolhendo-vos por espozo, que em me mostrar competidor com vossos pensamentos. Com este pressupposto podeis uzar da minha vontade, e companhia sem receio, nem ciume. E se vós tiverdes confiança, e ella me der licença que eu seja terceiro de se effeituar esta pertençaõ, daqui prometto de fazer extremos por facilitar brevemente o meio de vossa liberdade. O soldado cada hora mais vencido, e devedor a taõ bom procedimento, se lhe lançava aos pés, sem saber coiza que respondesse nesle mesmo intento. Tratou logo de sua soltura; a qual se fez brevemente com todos os mais, que naquella occaziaõ ficáraõ prezos, trocando-se por outros Hespanhoes, que tambem havia no campo contrario. Por elle e em seu favor escreveu á formoza e agradecida Floriza, que com esta fineza de nova cortezia dobrou sua affeiçaõ: e vendo que elle era o que lhe havia escolhido tal espozo, o aceitou por esse, ficando ambos unidos em aquella fiel amizade do cortez Luzitano, que sempre conserváraõ, posto que nos limites de contrario a respeito de seu Rei; que estes saõ os poderes da cortezia, que naõ só vence

vence e obriga os mais barbaros animos do mundo, mas faz concordia e firme liança em coraçoens tam inimigos.

Excellente me pareceu a historia (disse o Doutor) e ainda mais porque nos dá motivo para huma questaõ, que póde fazer esta noite mais agradavel, se a estes senhores parecer tam bem o meu voto como a historia do senhor Alberto. A isso responderaõ todos que o queriaõ seguir e obedecer: e juntamente gabaraõ com muita satisfaçaõ aquelle exemplo de cortezia: e pedindo ao Doutor que continuasse o que queria dizer, elle o fez em a maneira seguinte: Pois saõ tam grandes os interesses da cortezia, e com exemplos, e razoens taõ approvado entre os bem nascidos o emprego della, parecia-me a proposito esta pergunta, e he: Com qual de duas coizas se obriga e grangea mais o animo dos homens, se com a liberalidade, se com a cortezia? e os effeitos que cada huma dellas faz para este fim? Bem pareceu aos amigos a questaõ: e depois que a approváraõ, acodio o Prior: Pouca duvida me parece que póde haver em apartar estas virtudes; porque, a meu parecer, a cortezia he sómente hum effeito da liberalidade: e assim fica correndo melhor a pergunta destoutro modo: Qual obriga mais os animos agradecidos, se o liberal da fazenda, se o que o he na cortezia? Porque a liberalidade he hum habito do animo, que o move a dar aos benemeritos o que está na maõ do liberal, ou pedindo-lho outrem, ou offerecendo-o elle: e isto póde ser dinheiro, cortezia, honra, lugar, e outras coizas muitas. Boa he essa razaõ (respondeu elle) porém

rém com os vossos mesmos livros hei de sustentar a minha; que, conforme define Santo Agostinho, liberal he o que dá sem obrigaçaõ de lei, nem de promessa, e sem esperança de satisfaçaõ do que deu. E Santo Thomás diz que a liberalidade he huma virtude, que sabé dispender as riquezas em bom uzo. E Aristoteles de todo desempeça a questaõ, dizendo que he virtude, que com o dinheiro, e fazenda se mostra benéfica aos homens. E deste modo naõ póde a cortezia ser effeito da liberalidade; que ha muitos cortezaõs pouco liberaes, e alguns liberaes pouco cortezaõs. Posto que me atrevo a muito (disse Feliciano) hei de dar entre as vossas minha razaõ com a de alguns Auctores, que chamáraõ á liberalidade *humanidade*: porque verdadeiramente as obras de cada huma parecem muito iguaes, se ellas o naõ saõ; porque acodir ao pobre, dar ao benemerito, ser affavel, brando, e piedozo he humanidade; e os mesmos effeitos obra o liberal. E se a humanidade he a mesma coiza que a liberalidade, esta he a cortezia. E naõ o comprova menos o que escreve Aristoteles quando diz, que a liberalidade pelo affecto se chama *benignidade*, e pelo effeito beneficencia: e vem a ser ambas huma mesma virtude. Isso naõ (tornou o Prior) mas diz Santo Agostinho que saõ companheiras liberalidade, humanidade, e clemencia. E por esta auctoridade sua, fundado nas mais razoens que me ajudavaõ, tinha a opiniaõ que o Doutor naõ consente. Os exemplos (tornou elle) nos mostraráõ o engano; e a differença descobrirá a verdade. Primeiramente, o liberal, posto que o seja com a limitaçaõ que os Au-

ctore-

ctores escrevem, que he dar ao necessitado, e benemerito o que ha de mister, sem que haja de sentir em si a falta do mesmo que deu; todavia fica sem a fazenda, ou dinheiro, que tem dado; e no que recebe fica viva a obrigaçaõ e a divida do que recebeu: e o cortez nem fica sem a honra que deu, nem o a quem honrou a fica devendo, sendo digno da mesma cortezia, e mostrando se a ella agradecido. Pela mesma maneira tambem a humanidade nem he cortezia, nem liberalidade; porque ás vezes consiste em perdoar, e naõ já em dar, e em compadecerse de males alheios, sem fazer nelles dispeza alguma; e em outros actos similhantes: e deste modo me parece que está bastantemente mostrada a differença, para tratarmos agora da que faz o cortez ao liberal em vencer e obrigar os animos agradecidos. Parece-me (disse Leonardo) que da verdade da differença está dito o que baste, para que já o senhor D. Julio tome á sua conta dizer qual faz mais amavel, servido, respeitado e famozo a hum cortezaõ, se o fazer cortezias, se o dispender riquezas? E quem de cada huma destas coizas tem tanto exercicio, naõ lhe ha de faltar experiencia para tratar dellas com muitas vantajens. As que me dais (tornou elle) quizera eu acreditar e merecer: e nesta materia me vinha melhor ouvir para aprender, que falar para me escutarem: mas ainda que fique corrido, quero ser obediente. E tratando primeiro do liberal, me parece que o póde ser de duas maneiras; ou liberal por condiçaõ, e natureza, ou por prudencia, e entendimento; que he o que costuma a encher os vazios, e supprir as faltas

della.

della. O liberal por natureza poucas vezes guarda a regra da voſſa definiçaõ: porque naõ ſabe negar, nem tratar de eſcolher; e mais conſiſte o acto da ſua virtude no que lhe pede, que nelle que ha de conceder. Eſſes liberaes (diſſe Solino) ſaõ perigozos, e antes lhes chamára prodigos: porque ás vezes entornaõ o que haviaõ de dar, empregando o em ſujeitos depravados. Com tudo iſſo (reſpondeu Pindaro) naõ faltou hum Auctor grave, que diſſe que o liberal naõ he obrigado á eſſa eſcolha: antes que fazer mercês a muitos, ainda que indignos, he obrigallos a que as mereçaõ. Tambem (replicou elle) quereis dizer que naõ ſerá prodigo dando o que ha de miſter. Ao menos (tornou Pindaro) naõ direi que deixou de ſer liberal: e Pomponio diz que he próprio do liberal naõ olhar, nem reſpeitar a ſi meſmo, ſenaõ aos que ha de acodir. Pois a eſſe (diſſe Solino) álmagraio por ladráõ, ou por mentirozo: porque o que dá mais, dó que póde, ſem reſpeitar o que a ſi ſe deve, he neceſſario que furte a outrem para o poder fazer; e o que promette, ou concede mais do que tem, he forçado mentir a quem prometteu. De ſorte que com eſtes dois vicios mal póde caber a virtude. Eu (proſeguio D. Julio) darei á voſſa duvida ſatisfaçaõ, repugnando hum pouco á minha natureza por acodir á doutrina, e verdade dos Eſcritores; que pelo meu voto, para dar a quem o merece, ſe póde roubar a quem ſem merecimentos o poſſue. E tornando ao meu ponto, o liberal por natureza quer fazer bem a todos, e naõ negar a nenhum dos que lhe pedem; mas temperando com a prudencia a

condiçaõ, dá ſegundo o que tem: eſcolhe primeiro os que merecem, e o tempo e occaziões, em que aproveite o que dá. O que he liberal por entendimento, muitas vezes faz mercancia da liberalidade; e aſſim, poſto que com ella obriga mais, lhe devem menos: porque ſe muitas vezes a emprega nos que merecem quazi todas, buſca os que haõ de ſer publicos pregoeiros do que deu. Donde naſce que ha muitos ſenhores, que aos benemeritos faltaõ com as mercês, pelas empregarem em o chucarreiro que as publique, no eſpadachim que as encareça, no farçante que as moſtre, no eſtrangeiro que as paſſe de hum para outro Reino, e ás vezes na Dama que as aſſoalhe. O primeiro ſe faz amavel a todos; o ſegundo famozo a muitos; porém hum obriga melhores animos, e adquire mais certos amigos que o outro; hum compra coraçoens, o outro enganos; porém ambos com a liberalidade prendem a vontade dos homens. O que ſe vio na ſua mizeria favorecido poem facilmente a vida por quem lhe deu a fazenda; onde ouve falar nelle, o acredita: onde vê ir contra ſua honra, o defende; na ſua prezença ſe humilha; ouvindo o ſeu nome, ſe alegra; e ſervindo-o ſe deleita e ſatiſfaz. Para iſto me naõ pareceu fraco conſelho o que hum Auctor deu em culpa a hum Principe noſſo: Porém ſerve aos liberaes por entendimento, e que naõ tem riquezas demaziadas para o poderem ſer. E a culpa he que dera a muitos, e que a nenhum dera muito. E ſe iſto no Rei foi vicio, a mim me parece que nos ſenhores de menor lugar he acertada cautela: porque baſta que hum tenha recebida huma obra

boa

boa para se obrigar a dizer bem de quem lha fez; e com muitas empenhando a muitos, terá a todos por devedores, e pregoeiros de sua largueza; tirando os de tam má natureza, que com a peçonha da lingua corrompem o bem que lhe fizeraõ; que para estes nem bastaõ os bens de Cresso, nem a condiçaõ de Alexandre. E deixando exemplos antigos e modernos, com que posso provar o muito que póde a liberalidade para atar, vencer e adquirir animos agradecidos: com tudo me parece que tem muitas vantajens o cortez ao liberal: e a razaõ he; que a gente, que se obriga do socoorro do interesse, he de muito menor condiçaõ, que a que se cativa da cortezia; e quanto he maior ganho ser a esta amavel, que a outra aceito, tanto vence a cortezia á liberalidade para o effeito que dizemos. O pobre, o humilde, o necessitado, o perseguido, o homiziado, o vagabundo e o taful estimaõ mais vezes a fazenda que lhe dais, que a cortezia que lhe fazeis: porque o seu ponto naõ he de honra, senaõ de interesse. Mas o honrado, o nobre, o cavalheiro, o cortezaõ, o briozo, o discreto e o rico antes quer que o honreis, que naõ que o enriqueçais. Os grandes com certezias roubaõ os coraçoens dos menores, quando com maior liberalidade dellas os favorecem: porque o animo generozo, posto que sente muito a estreiteza propria, mais lhe custa o desprezo alheio, por naõ perder a opiniaõ que de si tem á conta do com que lhe faltou a fortuna. Contaõ que hum Principe Hespanhol tinha hum criado seu, a quem queria muito, é de cuja fidelidade confiava mais, conhecendo o por verdeiro, fiel,

fiel, honrado e brioso: e encarecendo-lhe o Principe a confiança que delle tinha, lhe perguntou: N. por que preço me fizereis huma traiçaõ? Aõ que elle respondeu: A *vós*, senhor, por nenhum preço; mas por hum desprezo muito me receára de mim mesmo. De outro ouvi contar que, honrando com favor em publico a hum criado seu, a quem naõ pagava bem os ordenados de seu serviço, e outras dividas cazeiras; querendo depois o mesmo senhor fazer a conta destas obrigaçoens, lhe respondeu o criado: Vós, senhor, me devieis o com que cuidastes que me pagaveis; e agora vos devo eu daresme o que me naõ prometteftes, e o que eu tinha em maior estimaçaõ: por isso fazeì livro novo, riscando as lembranças passadas, que só as prezentes o seraõ na minha memoria, na qual conheço que vos devo muito. De maneira que o que he nobre, ou tem partes que o sejaõ, mais abraça a cortezia que o proveito. E certo que atè aos senhores vãos, e ambiciozos de serem endeozados está melhor esta liberalidade, que outra alguma: porque he grangearia naõ só para ser amado, mas para ser buscado e servido: porque, sendo amavel por ella a todos, cada hum o acompanha, o grangea, o louva, o acredita e dezeja de lhe dar quanto tem; porque só tal homem lhe pareça digno de ter tudo. Tambem declaro que o cortez ha de ter a eleiçaõ do liberal, para naõ levar a todos por a mesma medida, mas distribuir conforme a razaõ os effeitos do dom, que lhe deu a natureza. E tem tal força de obrigar a cortezia, que naõ sómente a faz ao que a recebe, senaõ ainda aos que a

vem fazer, por satisfaçaõ, por imitaçaõ, por inveja, e por outros caminhos. Huma Infante neste Reino tinha huma criada de naõ muita qualidade, porém de tantas partes, gentileza e discriçaõ, que a antepunha a muitas que a serviaõ com melhor foro do que esta tinha, que era moça da camera. Dezejando a senhora grangearlhe a ventura e graça dos cortezaõs, huma vez que vio a sua caza acompanhada delles, mandou em publico que lhe chamassem aquella criada, nomeando-a; e que lhe trouxesse papel e escrivaninha. Como isto era officio, que pertencia ás Damas, veio a moça; e esteve parada com o que trazia, esperando que o viesse tomar da sua maõ quem tinha a cargo de o offerecer á Infante: a qual tornando-a a chamar lhe disse em maneira que todos ouviraõ: Chegai; que, ainda que o officio seja de outrem, naõ podeis ter por estranho o que mereceis. E em quanto a moça esteve de joelhos, e a senhora escrevendo, lhe falava com o rosto cheio de alegria, dizendo-lhe entre outras coizas: O intento, que nisto tenho, posto que logo o naõ saibas, daqui a pouco o virás a saber. Foi assim; que, vendo os cortezaõs o cazo que a Infante della fazia, hum de muita qualidade a pedio para sua espoza, e se cazou com ella, movendo-se de ver aquella cortezia, para o que hum copiozo dote o naõ obrigára. Extremamente provastes vossa tençaõ (disse o Doutor) e me parece certo que essa he a verdade, que se ha de ter nesta materia da cortezia: porque naõ póde a vileza do interesse igualarse com a nobreza e magnanimidade da honra. Galante coiza he (arguio Solino)

quereres vós temperar todas as panellas, e fallar sempre á vontade ao senhor D. Julio, o qual nesta occaziaõ acodio por si, para nos culpar a nós: porém elle e vós me dareis licença para que tire á luz huns embargos, que tenho a essa rezoluçaõ; em os quaes entendo provar que só a liberalidade no dispender faz amaveis aos liberaes, e aos devedores cativos. E se dizeis que naõ saõ estes os nobres; ouvi aos poetas que subiraõ mais a corda, dizendo que dadivas venciaõ homens, e obrigavaõ Deozes: e o rifaõ diz, que quebraõ pedras. Boa coiza he cortezia, mas nenhuma comparaçaõ tem com a liberalidade. Falaisme em quem dá o seu para soccorrer a outrem, no que vós soccorre ao aperto, á falta, á occaziaõ, e á necessidade: que coiza poz aos homens entre as estrellas, se naõ o saberem dar? que só isto leva após si os homens, as feras, os animaes e as aves. O outro Plafon andava o seu nome no bico dos passaros pelos outeiros; e coruchéos da cidade de Ephezo, porque sustentava á sua custa as mesmas aves. E vós quereis que o outro, que naõ lança agua a pintos, só com huma inclinaçaõ dobrada, huma mizura rebatida, e humas palavras doces leve as lampas á hum liberal? E além disto, como póde ser que obrigue e ganhe mais o que emprega menos? e que vença o cortez com huma barretada o que mereceu hum liberal com obra taõ custoza, como he dispender fazenda? Alexandre, Tito, Fabio, Flaminio, Tullo Hostilio, e outros similhantes, naõ deixáraõ assombrado o mundo com sua grandeza, e vencido o tempo com sua fama por cortezes, senaõ por

libe-

liberaes: porque a cortezia naõ satisfaz mais que a vaidade; e a largueza acode ao principal da vida. E de mim confesso, como povo, que antes quero hum descortez liberal, que hum cortezaõ mizeravel: porque esses cameleoens da cortezia, que se sustentaõ com os ares della, naõ saõ tam firmes como cuidais; nem ás vezes falaõ de fartos; e póde ser que naõ enjeitáraõ os comprimentos de contado, e que renunciáraõ facilmente os da urbanidade cortezã. Naõ falta na companhia (disse Leonardo) quem queira defender a vossa parte, e a do liberal: porém huma duvida tenho, e he que esses, que de maior liberalidade fizeraõ extremos no mundo, todos eraõ prodigos como Alexandre, Tito, e outros similhantes. Na dignidade Real (disse D. Julio) cabem todas as grandezas sem a limitaçaõ, com que tratamos desta virtude; que Alexandre dava cidades, e talentos, sem que esses lhe podessem fazer falta: o que nos menores tem muita differença; porque o modo nelles sustenta a virtude para que (como diz S. Jeronymo) com a muita liberalidade naõ pereça a liberalidade: e nos Reis e Monarcas a tençaõ acredita a obra, se he feita de arrogancia, e benignidade; porque o liberal sempre acha disculpa para haver de fazer mercês como Alexandre, que a Perilo se desculpa, conformando-se com quem era para naõ culpar a demazia do que lhe dava: e a Xenocratres, que lhe diz que naõ lhe saõ necessarios os sincoenta talentos que lhe manda, responde que, se tem amigos, para elles os ha mister, pois a elle naõ bastaraõ as riquezas de Dario para os que tinha. E pelo contrario An-

tigono, a quem Diogenes pedia hum talento, se escuzou dizendo que pedia muito para Filozofo; e pedindo-lhe hum dinheiro, disse que era pouco para dar hum Rei. De maneira, que o que o avaro busca para negar, acha o generozo para fazer mercês, que, conforme ao que diz Marco Tullio, saõ grilhoens da liberdade dos homens. E porque he tarde, me dai por desobrigado destes. Com isto se levantáraõ todos; e Pindáro, e Feliciano o fizeraõ assas descontentes com a magoa dos seus conceitos mal logrados; que quando, depois de escolhidos, naõ vem a lume, deixaõ o entendimento arrependido, a memoria queixoza, e a vontade offendida.

DIA'LOGO XIV.

Da criaçaõ da Corte.

PORque todas as coizas de novo na primeira vista contentaõ mais, e com maior razaõ a quem vive na Aldea, em a qual a continuaçaõ das que se offerecem de ordinario deleitaõ pouco quando naõ enfastiem muito: estavaõ os amigos tam affeiçoados ao irmaõ do Prior pela sua arte, e bom modo de falar e proceder, que vieraõ ao dia seguinte muito alvoroçados ao buscar nas horas costumadas, offerecendo-lhe cada hum por seu caminho aquelle dezejo, a que elle por todos se sabia mostrar muito obrigado. Depois de darem fim aos comprimentos, que levaõ sempre a vanguarda nestas batalhas, lhes disse Pindaro: Posto que o natural de cada hum he a principal parte que

o favorece, para em todos os exercicios se melhorar na communicaçaõ dos outros homens; nenhuma escola me parece melhor para os bem nascidos, que a milicia. E ainda que me naõ ensinasse a experiencia esta verdade; claramente a conheço no exemplo de muitos soldados, com que me achei em occazioens; e sobre todos do senhor Alberto, que parece hum exemplar, e espelho, em que se póde ver hum perfeito homem de Guerra, e de Corte, pelo que de ambas colheu, aperfeiçoando a doutrina dellas com a clareza de seu ingenho e á dispoziçaõ, e vantajem de seu entendimento. Eu dezejo merecer (respondeu elle) a boa opiniaõ, com que me honrais diante estes senhores, e logo a pago mal com a desacreditar tanto á vista delles: pelo que me era necessario acodir a essa falta com nova disculpa, dizendo que ha olhos que de argueiros se pagaõ; e que mais favorece hum engano, que muitas verdades, porque bastava no vosso ter ventura para a alcançar em tam honrada converſaçaõ. Porém devo attribuir aos louvores da milicia os de que me fazeis mercê; e delles, como soldado, tirarei a minha parte; ainda que tendes tantas, que, quando o sejais nesta competencia, teráõ as letras muita vantajem ás armas. Naõ saõ de pouca estima os comprimentos (acodio Leonardo) se continuar com estes principios o discurso que se póde fazer sobre a differença da criaçaõ da Corte, da Milicia, e das Universidades, que saõ os tres exercicios nobres, em que os homens se occupaõ, apuraõ e engrandecem; e nelles se póde gastar a noite com muita satisfaçaõ dos prezentes, pois assim póde cada

hum

hum ſaber muitas coizas das que convém ao particular de ſua profiſſaõ. Entendo (diſſe D. Julio) que eſcolheſtes bem, e que vos cabe o primeiro lugar para tratar da Corte: ao ſenhor Alberto o ſegundo para dizer da Milicia: ao Doutor Livio o terceiro para falar das Univerſidades. E ſe eu neſte voto parecer atrevido, confiança me deu a liberdade da noſſa converſaçaõ, e o coſtume dos mais. Todos approvàraõ a eſcolha de Leonardo, e a repartiçaõ de D. Julio. Porém Solino naõ ficou tam ſatisfeito que ſe calaſſe, antes diſſe para D. Julio: Vós, por vos forrardes do trabalho, fintaſtes os outros. E poſto que naõ ſe póde ir contra eleiçaõ taõ acertada, ſe o enſino da Corte ſe houver de pintar pela tempera velha, e tratar ſómente do canto chaõ, de ſeus eſtilos, e gentilezas, ninguem dará melhor conta diſto que o ſenhor Leonardo; porque ſe achou no Paſſo ainda em tempo que eramos Troianos, e vio luzir o que agora eſtá cheio de ferrugem. Mas ſe houver de falar ao moderno, em que he tudo de outra freguezia, receio que lhe fique muito por dizer. O meſmo receio tenho eu (tornou Leonardo) porém naõ ſaõ os males e bens da Corte tam pouco antigos como vos parece; que já no meu tempo havia os meſmos queixumes de agora: porém ha tanto que dizer della, que de neceſſidade haõ de paſſar muitos pela malha a quem vive ha muitos annos neſte deſvio, e que no remanſo do deſcuido da vida afogou todas as lembranças della; e aſſim houvera o ſenhor D. Julio de paſſar eſta obrigaçaõ a outrem que dê melhor conta della. Naõ faço eu as minhas tam erradas (reſpondeu

deu elle) que vos desobrigue. A isto ajudáraõ todos os prezentes; e Leonardo começou desta maneira.

Quatro maneiras de exercicios ha na Corte, que para todas as coizas civís fazem hum homem politico, cortez, e agradavel aos outros. A primeira he o trato dos Principes, e a communicaçaõ das pessoas que andaõ junto a elles: nesta consiste o principal do a que chamamos *Corte*, que he conhecimento daquelle supremo tribunal da terra, do Rei, ou Principe a quem pertence mandar, como a todos os inferiores obedecer na conformidade das leis, por que se governaõ. Traz isto o estado e serviço do mesmo Rei, e dos seus, a obediencia, a cortezia, a inclinaçaõ, a mezura, a discriçaõ no falar, a policia no vestir, o estilo no escrever, a confiança no apparecer, a vigilancia no servir, a gentileza e bizarria, que para os lugares publicos se requere. O trato do Principe no Paço, na meza, no conselho, na caça, nos caminhos e occazioens, como se grangeaõ os Validos, se vizitaõ os Grandes, e como se haõ de haver os cortezaõs, para communicar a huns, e outros. O segundo exercicio he o decóro, e veneraçaõ, com que se servem as Damas; e deste se alcança todo o bom procedimento, e perfeiçaõ corteza, que póde dezejar o homem bem nascido: porque sobreleva muito do serviço Real, e com muitas vantajens faz a hum cortezaõ discreto, cortez, advertido, galante, airozo, bem trajado, extremado na cortezia, no dito, na graça, no mote, na historia e galantaria: este o faz ser bom ginete nas praças, bem visto nas sallas, bem

ouvido

ouvido nos seráos, e bem acreditado nos jujuramentos. E como o serviço das Damas he o mais apurado exame para se conhecerem sujeitos honrados, ellas graduaõ e auctorizaõ os homens; e do seu voto toma a fama informações para os fazer grandes na opiniaõ de todos. O terceiro exercicio he a communicaçaõ dos estrangeiros: porque como os que assistem nas Cortes ou saõ homens de muito sangue e qualidade, ou de muita prudencia e valor, ou de muita confiança e riqueza, sempre delles se colhe huma doutrina mui avantajada para o cortezaõ, que he saber as gentilezas de outras Cortes, as leis de outros Reinos, a belleza e serviço de outras Damas, o estilo de outros Reis, e finalmente os costumes e institutos de outras gentes. Esta variedade deleita e enriquece o entendimento e a memoria dò que he bem nascido. O quarto exercicio he o soffrimento e diligencia dos pertendentes, que, para tirarem fruto de seus serviços, acçoens e requerimentos, se acolhem ao amparo dos Grandes, ao favor dos Ministros, á companhia dos criados, e se sujeitaõ a todos os encontros e avizos, que padece quem pede, sustentados no doce engano de huma esperança, que lhes sahe muitas vezes mentiroza, Sobre estas quatro maneiras de exercicio de Corte poderei discorrer o que baste para vos enfadar este seraõ, se o Doutor, como costuma, interpuzer a auctoridade de suas letras na falta de minha sufficiencia, e Solino com addiçoens de sua graça a der a minhas advertencias. Essa humildade (tornou elle) como he demaziada, argue suberba, quando a respeito do Doutor naõ seja adulaçaõ. Vós podeis

ireis falar ás duas maõs como em jogo de bola, e bufcais padrinho! E com tudo iſſo, ſe eu vir azas, por onde pegue, direi meu dito. Aſſim o faremos todos (diſſe o Doutor) e com iſto proſeguio Leonardo: A peſſoa Real he a cabeça da Republica como eſcreve Plutarco; e nenhuma coiza na terra ha ſobre ella mais que a lei, a que deve obedecer; e ella fica ſendo lei para todos os inferiores para a imitaçaõ dos coſtumes e virtudes, que no Principe eſtaõ mais certas que em outra peſſoa particular, de maneira que fica ſendo huma liçaõ viva e continua, para os que aſſiſtem em ſua Corte, na Religiaõ, na obſervancia das leis, na excellencia das virtudes, na reformaçaõ dos coſtumes, na moderaçaõ das paixoens, na juſtiça, na clemencia, na liberalidade, na modeſtia, na magnanimidade e na conſtancia. E tanto he melhor a doutrina do ſeu exemplo, quanto de mais alto lugar enſina a todos. E poſto que houve e ha muitos Reis (a que convém mais o nome de tyrannos) a que ſua depravada naturreza deſvia deſtas condiçoens Reaes, que juntamente com a Coroa, e Sceptro ſe lhe communicaõ: pela maior parte os Reis ſe ſujeitaõ mais á lei e á razaõ, que os que, obrigados de forçozo poder, naõ podem evitar o caſtigo de ſeus erros. E ainda o meſmo nome e ſuperioridade de Rei lhes poem em certo modo condiçaõ de ſerem os mais perfeitos entre os homens, para os regerem e mandarem; que para o primeiro ſe requer muita prudencia, para o ſegundo grande auctoridade. Os Reis por eleiçaõ (diſſe o Doutor) deſſa maneira o começáraõ a ſer no mundo; e pela excellencia

de

de suas pessoas alcançavaõ o titulo que agora compete aos Reis por nascimento. Os Persas naõ podiaõ eleger Rei, que naõ fosse mui douto na arte magica, como escreve Tullio no 1. *de Divinatione*. Os Medos escolhiaõ por Rei, como conta Strabo livro 11. o que aos outros excedia em forças naturaes. Os Catheos, povo da India, como escreve Diodoro livro 17., naõ sobiaõ á dignidade Real, senaõ o que em gentileza e formozura de corpo excedesse aos mais: e a mesma eleiçaõ faziaõ os de Meroe, como escreve Pomponio Mela. Os de Libia davaõ o titulo de Rei ao que na velocidade do correr deixasse atraz a todos. E, como conta Herodoto, os Gordios tinhaõ por digno do mando e titulo de Rei o que fosse mais grosso e comprido, e tivesse o pescoço mais levantado, deduzindo da grandeza do corpo a excellencia do animo, que para exercitar taõ grande nome lhe era necessario: de modo que todos estes e outros povos entendiaõ que o ser Rei convinha ao homem mais excellente naquella parte, que elles julgavaõ por melhor de todas, segundo a opiniaõ em que viviaõ. Estes (respondeu Leonardo) imitavaõ a natureza na superioridade que deu aos animaes por forças, velocidade e ligeireza. Porém entre os que saõ governados por razaõ, e policia, parece que era devido o nome de Rei ao que no entendimento fizesse vantajem aos outros homens. E assim Plataõ chamou bemaventurada á Republica, onde os Filozofos reinassem, ou os Principes filozofassem. E Seneca disse que era idade de ouro a em que os Sabios reináraõ. E Vegecio no 1. livro da Milicia escreve que nenhuma coiza

con-

convém mais ao Rei, que a sabedoria; pelo que Salomaõ naõ pedio a Deos outra coiza para reinar. He verdade (disse o Doutor) porém os Reis, que succedem aos Reinos por herança, naõ podem ser iguaes no entendimento e prudencia; mas com a dos que por elles governaõ vem a alcançar esta perfeiçaõ; donde nasceu o proverbio antigo de Atheneo que *o Rei tem muitos olhos, e muitas orelhas*; pois ouve, e vê pelos Ministros que governaõ o seu Estado: e, como diz Tullio, se he Real coiza mandar, naõ o he menos escolher doutos e famozos varoens, por quem se governem: e ainda os Reis, que foraõ mais sabios (ou por este respeito tidos por esses) procurárão ter consigo os mais afamados homens de seu tempo, de cujo conselho se valessem. Antíoco mostrou a Hannibal quanto se prezava de favorecer os Sabios em sua Corte. E Theodozio o Magno dizia que o Rei quando comia, caminhava, governava, e se retirava, senaõ havia de achar sem homens sabios: o que tambem Lampridio escreve de Marco Aurelio. E deste conhecimento nasceu a Dionyzio mandar a Lidia a buscar o Filozofo Plataõ: e aos Reis do Egypto mandarem por seus Embaixadores buscar o poeta Menandro. Por esta razaõ Frontino Filozofo foi taõ grande pessoa na Corte do Imperador Antonino; e Dion Sofista na de Trajano; Euripides na de Archelau Rei de Macedonia; e outros muitos, que naõ bastará esta noite para os contar. E assim, como tendes mostrado, sempre a pessoa Real he huma liçaõ viva que por si, e seus Sabios, e Ministros está ensinando a todos os inferiores. Além do que

o mesmo Rei, por necessidade, e quazi por força, ha de ser nos costumes mais puro que todos os seus, por viver mais registradamente que elles, constrangido de sua mesma dignidade; o que mostra bem Xenofonte na disputa de Hieron tyranno com Symonides sobre a differença da vida Regia, e particular: e tambem as mesmas leis os obrigaõ mais a elles, que aos particulares. Os Reis do Epypto, como conta Diodoro Siculo, por lei naõ podiaõ beber mais que huma certa medida mui limitada, de que naõ passavaõ, porque com algum excesso naõ fizessem desordens. Os Athenienses, segundo affirma Alexandre de Alexandro livro 3., tinhaõ lei, que condemnava á morte o Rei, que com o demaziado vinho se alienasse. Os Indios, de que escreve Atheneo, cujo Rei davaõ em guarda a certo numero de donzellas, ordenáraõ que, se alguma daquellas o achasse com vinho demaziado fóra de seu juizo, e o matasse, esta fosse despozada com o successor, a quem vinha o Reino. Os Macinenses, como o seu Rei fazia algum erro no governo, naõ lhe davaõ de comer aquelle dia. Os Persas faziaõ ao seu Rei estar escondido no interior das cazas, para nem ver mulheres, nem ser muito tratado dos homens, como conta Herodoto livro 3. De maneira que por razaõ, lei e força os Principes saõ mais observantes das leis Divinas, e humanas, mais sobrios, temperados, recolhidos e honestos. Além de que, sendo menos vistos, saõ mais respeitados, como ensina Aristoteles no livro *do Mundo*, em que conta do Rei de Persia, que estava encerrado em hum castello com tres muros, e que se naõ mostra-

va

va senaõ a poucos de seus amigos: como tambem dá a entender a Escritura, falando da prerogativa dos sete Sabios da Persia, que viaõ ao seu Rei, e que cada dia tinha novas de todo o seu Imperio. Deixados (disse Leonardo) esses exemplos tam antigos, e costumes tam louvaveis e excellentes da gentilidade; os Principes por criaçaõ, e natureza saõ mais benignos, liberaes, magnanimos, justos, animozos e verdadeiros, que os outros homens, e dotados pela maior parte daquellas virtudes, a que por excellencia chamamos Reaes E como he proprio dos homens de bom nascimento e inclinaçaõ aspirarem ás coizas mais altas, e dezejarem vantajem e melhoria dos outros; tendo diante si, e no alto da vista hum espelho taõ claro como he o seu Principe, a elle se estaõ vestindo e enfeitando dellas; primeiro e melhor os que o vem de mais perto; e depois os que por communicaçaõ destes participaõ da mesma doutrina.

Ao Rei por assistencia lhe ficaõ mais perto os favorecidos, e officiaes de sua Caza, que os Grandes, e Titulares. Porém estes, como primeiros por dignidade, se preferem a todos. Destes se aprende o lugar que tem na Caza Real, nas Cortes, nas jornadas, na guerra e em outras occazioens: a familia, de que saõ, o appellido que tem: se os seus titulos saõ de juro, se de mercê: e os bens que tem de patrimonio, e da Coroa: logo o que toca aos officios maiores do Rei em que occazioens naõ faltaõ, e nas em que precedem huns a outros: e assim os filhamentos, e moradias do Mordomo mór: as entradas do Porteiro mór: os per-

tos

tos do Camereiro mór : as praças, provimentos, e penas do Monteiro mór : as aves, e ministros de Caçador mór : as Capitanías do Guarda mór : os potros, e jaezes do Estribeiro mór: os privilegios do Almotace mór : as vias do Correio mór : e os particulares dos mais officios da Corte ; assim os Eccleziasticos de Capellaõ mór, e Esmoler, e Deaõ ; os da guerra, como Condestavel, Alferes mór, Almirante, Marichal, e Meirinho mór. Naõ era fóra de propozito (acodio D. Julio) tratar mais miudamente de cada hum desses cargos, e das obrigaçoens e origem delles, e de outros menores, que agora com differentes nomes se accrescentáraõ no serviço Real de Hespanha. A esse dezejo (tornou elle) satisfarei eu em outra noite ; que agora nem da obrigaçaõ, que tomeis, me atrevo a sahir com minha honra. Com essa promessa (replicou D. Julio) eu fico contente, e vós podeis ir adiante. Faço-o (disse Leonardo) por me desobrigar mais de pressa. E falando dos privados e favorecidos do Principe, tambem saõ dos mestres principaes que ensinaõ a viver os particulares, assim no adquirir a graça do senhor, como em a sustentar, uzar della, avalialla, e encarecella aos cortezaõs : porque assim como a privança he vidrenta e perigoza, assim os meios, por que se conserva, saõ muito subtis, e delicados : e posto que o eleger privado está na vontade do senhor, a diligencia faz nesta parte muitas vezes o officio da natureza ; que se, conforme a sentença de hum Sabio, *a similhança he raiz da affeiçaõ*, tambem *a diligencia he mãi da boa ventura*. Os Reis he coiza muito antiga e certa terem

pri-

privados: e a Providencia Divina o ordenou assim para o remedio de muitos, e alivio da pessoa Real: quando elles saõ varões de valor, justiça, e bondade, como para este officio se requerem (que de outro modo seria cahir peçonha na fonte, de que bebe todo o povo, como escreveu discretamente o nosso bom Portuguez Francisco de Sá de Miranda) a estes se inclina de ordinario, ou por similhança de partes, ou satisfaçaõ dellas, com huma natural simpatia, que concilia este amor. Se o Principe he affeiçoado a armas, se a amores, se a gentilezas, se à forças, se a caça, ou à montaria, se a muzica, ou a poezia, ou outras artes, e disciplinas, contentaõ-lhe os que tem essas mesmas partes, ou se inclinaõ a ellas. E assim o que entra nesta pertençaõ, que he dos que andaõ mais perto do serviço do Principe, o primeiro, que estuda, he a sua natureza, inclinaçaõ, e costume, para se ajustar, ou avizinhar com o seu gosto, e se fingir aquelle que lhe convém ser para o contentar: e porque os homens até à seus proprios defeitos saõ affeiçoados, maiormente os Principes, à quem chega mais tarde o desengano delles, até nestes o imita o que sabe grangear a sua vontade; como ouvi contar de hum favorecido de Filippe Rei de Macedónia, que se fingia coxo de huma perna, porque ElRei o era de outra; outro se finge curto da vista, outro indisposto, e outro se faz pallido e descorado, achando que o Rei tem os mesmos accidentes: no andar, no falar, no olhar, no vestir, e em todas as acçoens o imita; aprende a arte, o jogo, o exercicio em que o Rei se occupa,

para

para que, ſendo nelle extremado, ſeja muitas vezes eſcolhido, e faça degraus a ſua pertençaõ; entriſtece-ſe, e ſe alegra ſegundo ao meſmo Rei a que grangea. E ainda paſſaõ adiante como a Carizopho, privado de Dionyzio, que eſtando o Rei em converſaçaõ com alguns da Corte, e movendo-ſe entre elles grande rizo, o favorecido, que eſtava apartado delles, ſe começou a rir deſentoadamente: e perguntando-lhe Dionyzio de que ſe ria, reſpondeu, que porque imaginava que as coizas, de que o via rir, ſeriaõ de goſto. Se entende que no jogo o Principe ſe alegra com ganhar, deixa-ſe perder; ſe eſtima ſer gabado, buſca rodeios para que, ſem parecer de propozito, trate de ſeus louvores. E de hum ouvi eu contar que as meſmas hiſtorias, que ao Principe ouvia, das coizas de ſeu goſto, e das gentilezas, e esforço de ſua mocidade, lhas tornava dahi a tempos a referir, dizendo que as ouvira de outras peſſoas; encarecendo-as, accreſcentando-as, e pondo de caza o que moveſſe a mais goſto, e vangloria o meſmo Principe. Naõ faltar na continuaçaõ de ſua prezença (como Ariſtipo Cyreneo) que nem á neceſſaria deixava ir a Dionyzio ſem o acompanhar. E quando com eſtas, e outras diligencias alcança a graça do Rei, he outro novo, e maior trabalho ſuſtentalla; que he o cuidado, com que todos os privados ſe deſvelaõ, porque naõ comem com goſto, naõ bebem com quietaçaõ, naõ dormem com deſcanço, naõ vivem ſem receio. E entre outras advertencias me parecem muito principaes, e excellentes as que aponta o Biſpo de Mondonhedo no ſeu *Avizo de Privados*: convém a ſaber, que

que o favorecido naõ defcubra ao Principe tudo o que cuida ; que lhe naõ moftre tudo o que tem ; que naõ tome tudo o que dezeja ; que naõ diga tudo o que fabe ; que naõ faça tudo o que póde ; que naõ negocee para fi, nem para outrem fóra de tempo ; e que em todos fe incline e favoreça a parte jufta, para que com conhecida femrazaõ naõ arrifque o lugar de fua privança. Atraz difto fe feguem os ciumes de feus competidores, o cuidado de os apartar da vifta, e da communicaçaõ do Principe : e ainda os de que mais fe recêa trabalhar de os auzentar da Corte com defpachos, dadivas e mercês do mefmo fenhor ; dourando com ellas a pirola de fua diffimulada tençaõ. Para o que he notavel exemplo o de huma hiftoria que conta o Cardial Navarro no feu tratado *de Murmuraçaõ*, de hum Fr. Francifco de Mendania feu natural, muito aceito ao Imperador Carlos V ; ao qual fenhor hum privado, que fe receava de fua valia, perfuadio com grandes louvores do Frede que feria de muita importancia nas Indias Occidentaes para converter a gentilidade por fua admiravel doutrina, e bom modo de perfuadir : e defta maneira com capa de amigo o fez prover com o Bifpado de Nicaragua, defterrando-o da vifta, e lembrança do Imperador, e dahi a poucos mezes da propria vida. Outro valido, que naõ teve efte meio para deitar da Corte hum gentilhomem, que alcançava graça com o Rei, e que nenhum cargo quiz aceitar fóra de fua vifta, efpreitando occaziaõ de huma enfermidade fua, fe falou com o Medico que o curava, e fez que o perfuadiffe que viviria mui pouco,

 fe

se assistisse naquelle lugar, onde a Corte estava, por ser muito contrario a seus achaques. Elle vendo que se atravessava a vida com a privança, procurou de propozito o que antes enjeitára mil vezes, e se sahio da prezença do Principe, deixando ao privado livre de ciumes. Tambem importa muito que o favorecido, depois de estar na graça do senhor, se lhe naõ queira igualar, ou adiantar por opiniaõ em alguma parte, de que elle se preze; nem mostrarse mais discreto, mais valente, mais bem visto, mais airozo, mais aceito a Damas, e em outras partes similhantes; que he coiza, que os Reis soffrem muito mal. ElRei D. Joaõ o II., e ElRei D. Sebastiaõ naõ queriaõ que em forças, e valor se lhe igualasse nenhum vassallo, como se collige de muitas historias suas; e ElRei D. Manoel no entendimento: o que tambem se prova doquella historia, referida de Antonio Peres, que lhe succedeu ao mesmo Rei com o Conde de Sortelha D. Luiz da Silveira, a quem mandou que fizesse huma carta para o Papa sobre certa materia de importancia, dizendo que elle faria outra minuta para de ambas escolherem a mais acertada: succedeu que, trazendo o Conde a sua a ElRei, pareceu tambem, que naõ lhe quiz mostrar a que fizera, e assignou a do Conde: elle descontente deste successo se foi a caza, e fez huma pratica a seus filhos, dizendo que cada hum buscasse sua vida; porque já ElRei tinha entendido que sabia mais que elle. Assim que o mais alto lugar da privança se sustenta com os maiores extremos da humildade em respeito do mesmo senhor; porém para os de fóra lhe he necessaria

huma

huma ostentaçaõ, e ufania, que mereça mais seus poderes, e quebre os animos aos que podiaõ ter com elle competencia, para senaõ atreverem a capitular seus erros, e a contrastar sua valia. E abbreviando esta materia, por ser mui larga, se aprende tambem dos cortezaõs, assim dos Ministros, como dos continuos na Corte, aos quaes pela communicaçaõ dos superiores, e exemplo do Principe convém serem modestos, sobrios no comer, cortezes no tratar, discretos no falar, polidos no vestir, honrados no gastar, bem criados no conversar, e amaveis a todo o genero de pessoa: e tem mais destas partes os que por criaçaõ da meninice tomáraõ este leite, como saõ os filhos dos que no mesmo serviço gastaraõ a vida. Esta he a primeira escola, em que os homens aprendem o que pertence á profissaõ de homem de Corte. O segundo exercicio (disse o Prior) me parece que he o mesmo que tendes mostrado, advertindo mais algumas poucas coizas que saõ particulares do serviço das Damas. O decóro e primor, com que ellas se trataõ (respondeu Leonardo) neste Reino, principalmente as que assistem no Paço, parece que em certo modo conserva aquella preeminencia, que os Egypcios lhe deraõ, que com o exemplo do bom governo de Isis reinavaõ as mulheres, porque em prezença, e auzencia os cortezaõs as nomeaõ por senhoras, se lhes descobrem, e ajoelhaõ como a Deosas, lhes fazem festas, jogos, justas, e torneios como a Deidades, estaõ pendurados de seus favores, e repostas, como de oraculos; as acompanhaõ como a coizas sagradas; se vestem, ornaõ e enfeitaõ pe-

las agradar; ſe deſvelaõ pelas ſervir; ſe apuraõ, para as merecer, no esforço, na gentileza, na galantaria, no dito diſcreto, no eſcrito avizado, no mote galante, na endecha ſubtil, no ſoneto conceituozo; por ellas ſe enſaiaõ para o ſarão, no dançar, no falar, no acompanhar, e no offerecer; por ellas ſe apreſtaõ nas occazioens, de jornadas, de criados, e librés, galas, e ginetes; por ellas continuaõ o paſſeio á viſta das janellas, atraveſſaõ as ſallas á ſua conta, e rodeiaõ o terreiro do Paço mil vezes por ſeu goſto; por ellas ſe offerecem a todo o perigo; porque qual he, que hum ſervidor de Damas naõ ache facil por amor dellas? que palavras diz? que extremos receia? que eſquivanças naõ ſoffre? que riquezas eſtima? que quimeras naõ finge? que occazioens naõ buſca? vela de noite, naõ deſcança de dia, naõ ſe entriſtece com a pena, naõ deſconfia com o deſengano, naõ faz conta de aggravos, nem eſtima deſprezos, naõ cura de vinganças, e em fim tudo he veneraçaõ e humildade, com que as engrandece. E deſta eſcola de ſeu ſerviço (como no principio diſſe) ſahem os homens tam apurados no que convém á honra, primor, e diſcriçaõ, que ſenaõ póde eſperar delle vilania em nenhuma coiza. E porque falta a Portugal ha tantos annos eſta criaçaõ, tem tam pouca muitos filhos dos Illuſtres do Reino, que livres deſte aprazivel, e honrado ſenhorio, ficáraõ no de ſua vontade. E poſto que a minha era dilatar mais eſta materia, nem pela idade, nem pela confiança tenho licença. Eſſa vos deraõ todos facilmente (diſſe entaõ o irmaõ do Prior) e eu de melhor vontade a pro-

çura-

curara para com as Damás honrar, e engrandecer as armas: contentome porém que vos hei de ter prezente para as duvidas, e perguntas, que se me podem offerecer. Em tudo (respondeu elle) estais vós tam avantajado, que mais podeis mover duvidas para me envergonhar, que para saberes alguma coiza de novo; e assim de corrido, e de corrida me passo ao terceiro exercicio da communicaçaõ dos estrangeiros, da qual senaõ alcança menos doutrina, que de todos os exercicios cortezaõs. Quatro generos de gente estranha costuma a assistir nas Cortes dos Principes. A primeira Reis, Principes, e Senhores, é homiziados, que por alguma occaziaõ vem a acolherse a seu amparo, ou por adversa fortuna ficaõ debaixo de seu senhorio: O segundo saõ Embaixadores, com os Nobres e Ministros, que os acompanhaõ. O terceiro Gentishomens, que vem a saber a grandeza dos Reinos estranhos. O quarto Mercadores, que por razaõ do commercio e correspondencia vem a assentar nas praças principaes do mundo, que saõ as mais das vezes onde os Reis assistem. E todas estas quatro condiçoens de gente saõ de muita importancia para se colher della muito fruto. Primeiramente facil he de julgar a varia noticia de costumes e condiçoens de gentes, e dos ritos e leis de Provincias, que os cortezaõs Portuguezes alcançáraõ com a vinda de tantos Reis e Principes estrangeiros, assim Infieis, como Catholicos, á Corte deste Reino, quantos Reis, é senhores da Barbaria, da Ethiopia, e de outras partes da Africa, da India, de Maluco, e de Japaõ, e de outras remotas partes do mundo;

e

e que coiza apurou mais a Corte DelRei D. Joaõ o I., que a vinda a ella do Duque de Alencaſtre irmaõ delRei Richarte de Ingiaterra, a cujo reſpeito houveraõ os doze Portuguezes em Londres aquella celebrada victoria em favor das Damas? Pois os mais homiziados e queixozos, que ſe amparaõ á ſombra do Principe, pela maior parte ſaõ homens de valor, ſangue, e esforço. Os Embaixadores do que delles temos dito ſe collige o de quanta importancia ſejaõ para dar exemplo. Os Gentishomens, que por curiozidade vem a ſaber o eſtilo e gentilezas de Cortes eſtranhas, eſta meſma diligencia os acredita; e além diſto he de prezumir que tenhaõ viſto, ouvido e ſabido muito de Reinos alheios: de modo, que de huns e de outros ſe colhe grande doutrina para a converſaçaõ civil, e perfeiçaõ do homem bem naſcido; porque cada hum conta da Corte, trajo, modo, e eſtilo do ſeu Reinó, a maneira de reger, governar, julgar, tratar, e peleijar da ſua naçaõ: delles ſe aprende as excellencias particulares, e os defeitos das Provincias, e de que as ſuas gentes ſaõ mais notadas: como a gentileza de França, a furia de Inglaterra, a fortaleza de Alemanha, o ſizo de Lombardia, as cautelas de Tuſcana, a fidelidade de Milaõ, a prezumpçaõ de Eſclavonia; a conta e trato de Genova, a deſtreza de Bretanha, a caridade de Borgonha, a continencia de Picardia, a juſtiça de Veneza, a magnanimidade de Roma: e logo a crueldade de Hungria, a infidelidade de Turquia, a lizonja de Grecia, as zombarias de Piemonte, a luxuria de Catalunha, e a golodice de Barbaria. Pois dos Mercadores ſenaõ

colhe

colhe tambem pequeno fruto : porque , deixando o que pertence á conta , pezo , medida , correſpondencia , confiança , credito , verdade e razaõ , ſe alcança do commercio das Provincias o que falta em muitas partes ; e as em que ha todas as coizas , que por via dos Mercadores ſe communicaõ , e os portos , caminhos , e eſcalas de todo o mundo : por elles ſe conhecem as pedras finas , drogas , roupas , e materiaes de medicinas da India Oriental ; as perolas , aljofar , porſelanas , e alcatifas da China ; o ouro de Sofala ; como no Occidente de Dalmacia , e Germania ; e na França o celebrado de Toloza : a prata da nova Heſpanha , e de Saxonia , e Sardenha : o metal de Corintho , e Chipre : o eſtanho , cobre , e arame de Flandres , e Inglaterra : o ferro , aço , e chumbo de Cantabria , e Sicilia : o marfim da India , Brazil , e Ethiopia : as lans de Bretanha , Calabria , Cálcedonia , e França : o algodaõ , cheiros , e myrrha de Arabia , Pancaia , e Aſſyria : as télas e ſedas de Perſia : o alabaſtro de Napoles : as martas , e arminhos de Polonia , e Moſcovia : o papel e vidros de Veneza : o aſſucar de India , Brazil , e Ilhas de Portugal : coral da India , e Marſelha : courames , madeiras , vinhos , e trigo das Ilhas do Oceâno , que pertencem á conquiſta dos Portuguezes : e muitas outras coizas , que querer agora contar fora infinito ; e por o naõ parecer eſte diſcurſo , tratarei brevemente de quatro exercicios dos pertendentes da Corte ; materia mui larga , que pedia mais tempo , e muito importante a todos , porque do ſeu cuidado , diligencia e ſoffrimento ſe póde colher huma liçaõ univerſal

para

para todo o eſtado, e condiçaõ de peſſoa; pois nenhuma ha a que naõ ſeja neceſſario deſvelarſe, negocear e ſoffrrer para effeito de dar alcance ao que dezeja. E como neſte tempo os homens eſtaõ já deſenganados de quam pouco valem merecimentos, que (por elles o naõ ſerem) vieraõ a chamar valia ás adherencsas; e lhes tem moſtrado a experiencia a verdade daquelle rifaõ, que *cada hum dança ſegundo os amigos que tem na ſalla*; e que ſó poem em pé os ſerviços quem os arrima a boa parede, por mais arraſtrados que andaſſem na opiniaõ da gente. Já nenhum pertendente diſcreto faz tanto cabedal delles, como de Miniſtros que o ouçaõ, criados que o admittaõ, amigos que o lembrem, ricos que o abonem, terceiros que o cheguem, e peitas que o deſpachem. Para o que o avizado, depois de fazer o ſignal da Cruz á ſua pertençaõ, primeiro ſabe os que valem com o Principe, depois diſto os que tem lugar e entrada com os privados: logo conhecer os criados mais mimozos; em ſabendo a ſalla do valido, tomalla de empreitada, ſer continuo no paſſeio della; onde a todos a primeira cortezia, e a mais humilde ſeja a ſua; o rizo ſempre na boca, os offerecimentos na lingua, os olhos no ſeu intento; dar o melhor lugar a todos, porque a cazo naõ falte a algum que póde ſer em ſeu favor; naõ ſe aparte da viſta do que grangea; faça-ſe encontradiço onde o veja; na Igreja tomar o lugar da porta; na ſalla a ſahida; no acompanhamento o dianteiro, para parar onde fique tomando os olhos do privado, para que aſſim, ou com a continuaçaõ mereça, ou com a impor-

portunação o defpache: uzar do trajo limpo, mas naõ cuftozo: o comer leve, mas concertado, porque arguem moderaçaõ com gravidade: o falar fempre á vontade do Miniftro, dizendo os amens a todas fuas oraçoens, mosṭrarfe ao favor humilde, á reprezentaçaõ agradavel, á efperança contente, ao defengano confiado: falar a todos no feu negocio, porque muitas vezes acerta com hum, de que elle naõ efperava abrir caminho a feu defpacho; faber dos que tiveraõ os outros, e valerfe da queixa dos mal galardoados, para que, antepondo-lhe os feus merecimentos, approve a juftiça e favor, que lhes fizeraõ. E no que toca á moderaçaõ das paixoens naturaes, ninguem as traz mais regiftadas que o pertendente; porque dos finco fentidos, e tres potencias uza defta maneira. Vê tudo, e olha pouco; vigia, porque, como dizem, *a quem vela tudo fe lhe revelà*; mas com os olhos no que procura diffimula o que vê, ouve, e naõ efcuta: e affim as más repoftas dos Miniftros cançados, ou infolentes naõ o efcandalizaõ, antes lhes moftra alegria fazendo do efcandalo materia de agradecimento: cheira de longe o que receia; e diffimula, fingindo confiança no que merece: apalpa, e tenta todos os meios de feu remedio, e finge-fe ignorante a tudo o que releva; porém o gofto no de quem o favorece, para naõ fazer mais que o que lhe contente: a memoria occupa-a em relatar feus ferviços, e obrigaçoens fingidas, por ver fe affim as póde ter verdadeiras: efquece-fe do entendimento para naõ fentir, e para tambem com elles obedecer; porque o que pertende he

muitas

muitas vezes prudencia fingir ignorancia, accommodar a vontade com a ſua em hum voluntario e forçozo cativeiro; e daqui naſce que os que pertendem vivem em pobreza, porque naõ podem ter proprio em quanto dependem de favores alheios; em obediencia, porque a tem com tanta ſujeiçaõ, que, ſe ao ſenhor dezeja parecer criado, ao criado quer parecer eſcravo, e ao amigo, e parente ſervidor; fazendo-ſe com todos os ventos para o contentar; em caſtidade, porque a ſua inquietaçaõ e cuidado naõ daõ lugar aos de amor, que ſe criaõ em penſamentos ociozos: que além de o pertendente ſer humilde, liberal, cortez, paciente, diſcreto, comedido, ſobrio, advertido, caſto, diligente, e temperado; a ſua cortezia he mais apurada, a ſua diſcriçaõ mais advertida, a ſua liberalidade mais prodiga, a ſua offerta mais temida, a ſua queixa mais moderada, a ſua paciencia mais humilde, o ſeu louvor mais encarecido, a ſua voz mais baixa, a ſua razaõ melhor encaminhada. Em fim he ornado de todas as partes boas, de que ſe póde prezar o homem bem naſcido quando as tenha por natureza, e coſtume, como os pertendentes as fingem e guardaõ por neceſſidade. Com iſto me deveis haver por deſobrigado do cargo, que me déſtes; e poſto que as horas, que ſaõ paſſadas da noite, culpaõ a minha tardança, a materia a pedia; ainda que o dezejo de naõ enfadar me aconſelhaſſe outra coiza. Tendes dito todas tam bem (reſpondeu elle) que a pratica, e a noite pareceu breve. Com iſſo vamos a deſcançar para na guerra de á manhã entrarmos mais esforçados. Neſſa me dou já

por

por vencido (disse elle.) E eu por atalhado (acodio Roberto) e todos se despediraõ com os olhos naquella Corte pintada, que ainda com as sombras da verdadeira enganava os sentidos.

DIALOGO XV.

Da criaçaõ na milicia.

SOlino foi o primeiro que a noite do outro dia buscou aos amigos em caza de D. Julio; e elle, e os hospedes lhe agradeceraõ muito a diligencia. E o Prior (que lhe naõ era pouco affeiçoado) disse: Bem me parece que naõ fez a idade falta no vosso animo, ainda que as cans queiraõ desacreditar as forças, pois sois o primeiro que acodis á guerra. Como esta (respondeu elle) ha de ser em alojamento, primeiro apparecem as barbacans, que os soldados. Nellas (acodio Alberto) está o mais seguro prezidio contra os perigos; e tendo eu hoje as vossas da minha parte, temerei pouco as que tiver contra mim nesta occaziaõ. Em muitas (replicou Solino) me releva mostrar que sou vosso, por dar boa conta da razaõ com que de mim faz alguma o senhor D. Julio; que, como sabe melhor o que se vos deve, me terá por rustico, se naõ pagar com esta vassalajem o que mereceis. Nada haverá (disse D. Julio) que comigo vos desacredite, mórmente para hum comprimento, segundo agora vos vi armado para elles. Pois se vai a falar verdade (tornou elle) eu vos affirmo que de nenhum inimigo dezejo tanto fugir como de hum

hum comprimento; porém ha alguns, que tomaõ a hum homem como em bêco sem sahida, onde o faz animozo a necessidade; e á minha acudistes vós agora com essa interlocutoria; que já minha *copia verborum* hia dando os fios. Se com esses me armais a que volo gabe (disse elle) estais enganado; que me importa poupar o cabedal para outra occaziaõ. Bem sabeis vós (tornou elle) que em nenhuma me quero gabado, antes praguejado como Adem; porque se he verdade (como diz Pindaro) que tenho a graça na murmuraçaõ, como a cobra a peçonha no rabo; quando me poem o pé nelle, sei morder com mais subtileza, que na doçura de hum comprimento abemolado, de que já a mercê anda tam estilada a puras sincopas, e sinalefas, que parece tizica, e naõ sei se, de o estar nas palavras, o anda agora nas obras dos senhores. Roim agouro foi para huma, e outra coiza (disse o Prior) escreverem-a sempre em breve letra por parte: e certo que nenhuma coiza era tam necessaria ás mercês de agora, como o *mantenhavos Deos* do tempo antigo. Porém, se me naõ engano, ouço já os nossos aventureiros, que vem falando alto. Eu tambem sou com elles (disse Solino) e conheço a Pindaro no rizo, que sempre entra com chocalhada como picadeiro. A esta pratica atalhou a chegada delles, que com mais compridas desculpas, do que foi a tardança, se assentáraõ. E porque Solino tinha hum galeote vestido, que trouxera por razaõ do frio, lhe disse Pindaro: Nem de Corte, nem de milicia vos vestistes hoje; e naõ parece razaõ que em actos tam solemnes ve-

nhais

nhais de caça a caza do senhor D. Julio. O melhor seria (respondeu Solino) que me cortasseis vós agora de vestir, pois naõ tendes boa tizoura; e já sabeis que as roins fazem a boca torta aos alfaiates. Porém já que vinheis de Corte para esta caza, onde ha tanta, porque antes de ver o meu gabaõ rieis taõ alto delle? Vingado estais (acodio Feliciano) e o certo he que, se faltardes á milicia, nunca vos faltará a malicia. Se nos mettermos por ella (disse Leonardo) naõ ficará tempo para que o senhor Alberto satisfaça á obrigaçaõ de nos ensinar a boa criaçaõ, que se adquire com as armas. E se eu com as do vosso entendimento (tornou elle) naõ soccorrer a minhas faltas, mal me irá nesta batalha: porém como as mais das instrucçoens da policia militar dependem, ou se parecem com as da Corte, do que destas dissestes tam doutamente me aproveitarei agora, pondo sómente de meu cabedal a differença. E assim me parece que a criaçaõ da milicia leva a todas as outras grandes vantajens por quatro fundamentos; que cada hum delles apura mais aos homens bem nascidos, que o trato da Corte, e o exercicio das escolas. O primeiro he, que a honra he a fonte de todo o bom ensino, policia, procedimento, e valor; e esta que mais nasce, se cria, e conserva na guerra, que em nenhuma outra parte: e assim os Reis, que saõ o primeiro lugar, donde aprendem os seus inferiores, e delles passa a doutrina a todo o vulgo, primeiro os fez a milicia, que os tivessem as Cortes: e o primeiro, que houve no mundo, que foi Nembrot, na guerra tomou o nome, e assentou com elle o seu imperio

perio em Affiria; e de entaõ todos, os que por fio de geraçaõ naõ fuccederaõ, as armas lhes deraõ Titulo, Coroa, Sceptro, e Senhorio; e depois delles o tiveraõ pelo mefmo modo os Potentados, Duques, Marquezes, Condes, Baroens, e Ricoshomens, que nas conquiftas, inftituiçoens, ou reftauraçoens de Reinos, fizeraõ obras heroicas: e delles paffáraõ a feus defcendentes os appellidos, armas, infignias, fenhorios, terras, vaffallos, jurifdicçoens, liberdades, honras, e rendas, que engrandecem a nobreza. O fegundo fundamento he o rigor, com que na milicia fe conferva a lei da policia, bom termo, primor e procedimento; porque fe commettem muitas vezes ás armas as faltas, e emendas que a eftes tocaõ; e onde o erro he tam arrifcado, he a vigilancia, e advertencia muito pontual; e por efte refpeito andaõ os foldados tam viftos nas miudezas e particulares da cortezia, que nenhum ponto perdem, nem deixaõ perder. O terceiro he a continuaçaõ do foffrimento, e da paciencia militar, que em tudo fe adianta com grande differença a pertendentes, criados Miniftros, no que he com maior rifco da vida, hora feja marchando, hora navegando, hora em alojamento, hora em campanha, pelas incommodidades de fitios, gazalhados, e mantimentos; e pelas continuas vigilias, que fazem por lei, o repouzo tam limitado, como o póde fazer por curiozidade o mais eftudiozo. O quarto fundamento he a variedade das terras, e provincias que vê, as diverfas naçoens, e gentes, com que trata; que he a criaçaõ mais importante para o homem bem nafcido, e que na Corte, ou nas

efcolas

escolas senaõ póde adquirir tam facilmente. E para que, ao menos imitando a ordem do senhor Leonardo, dê algúma a minhas razoens, discursarei com maior brevidade, que satisfaçaõ, sobre estes quatro fundamentos, fazendo o principal de minha confiança no favor, que delle, e de todos estes senhores espero. Até o tomar da graça (acodio Solino) ambos levastes hum mesmo vento, senaõ quanto ao senhor Leonardo metteu mais traquetes, e cevadeiras: e se isto até o fim for em arremedados, póde ser que entre eu na muzica antes de muitos dias. De boa vontade (disse o Doutor) vos passarei eu o de amanhá. Naõ o hei de pedir (respondeu elle) por alvará de renunciaçaõ, que será difficultozo o consentimento destes senhores; buscarei lugar vago: e porque me entalei neste em roim tempo, o quero deixar ao senhor Alberto. Pareceìsme nelle tam bem (tornou elle) que já me esquecia de o cobrar; porém, já que me dais licença, o primeiro fundamento he que a honra se apura, e sustenta mais na guerra, que na Corte e nas escolas: este me parece que se prova melhor com huma sentença que diz que *a boa fama he o patrimonio na milicia*; porque a honra, o ser, o preço, e a riqueza de hum soldado, naõ consiste no apellido de sua familia, na herança de seus avós, na riqueza, e morgado de seu pai, nem outros juros, tenças, e rendas de que tenha esperança; senaõ na opiniaõ, em que está tido entre os amigos, e contrarios, segundo seu valor, e merecimentos. E se he certo que a verdadeira honra naõ consiste nas estatuas dos antigos, nem nos pavezes, e escudos, em

que

que se conserva a memoria dos principios da nobreza, senaõ na virtude, valor, magnanimidade, e esforço proprio; só o soldado he filho de suas obras, e se póde chamar honrado por si mesmo, sem por roubo, emprestimo, ou herança se chamar nobre: porque os que de nascimento o saõ, e pelas armas o merecem ser, assim honraõ a seus passados, melhoraõ, e obrigam a seus descendentes. E os que de principios humildes chegaraõ por seu braço a merecer titulos, grandezas, e senhorios, daõ felice principio a sua familia, e tambem a Reinos, Potentados, e cazas, que os ficaõ em seus successores eternizando, como por maravilhozos exemplos dos antigos conhecemos; e por experiencia dos modernos se vê cada dia. Ptolomeu de soldado de huma companhia do exercito de Alexandre, veio por seu valor a ser Rei do Egypto. Dario, e Artaxerxes por esforço, e merecimentos proprios, sendo de mais humilde nascimento, alcançáraõ o Sceptro, e Coroa Real dos Persas. Valentiniano, e Justino, Imperadores de Roma, nascendo rusticos e pastores, por o braço vieraõ a merecer aquelle supremo titulo da grandeza humana. Viriato, e Tamorlaõ, de pastores, caçadores, e soldados, vieraõ a ser, hum Imperador dos Scythas, o outro Governador e General dos Luzitanos: e outros mais modernos, como foi Primislau Rei de Bohemia, Francisco Esforcia Duque de Milaõ, e outros muitos; e na milicia prezente de Flandres, França, Alemanha, e Inglaterra, na de Azia, e na do Oriente, e da Nova Hespanha, conheço eu por vista, e sei por nome, e fama de muitos soldados, que, sendo de

escuro

escuro nascimento, por sua extremada valentia, e esforço se fizeraõ tam claros, e illustres, e como taes tem os cargos importantes, os lugares, honras, e vantajens da milicia. De maneira que, pois a honra he huma Universidade em que se aprendem todos os bons termos, procedimentos, e cortezias; e esta está fundada na milicia, onde entre as armas nasce, com ellas se ganha, apura e sustenta; nella deve estar mais apurado o fruto de sua disciplina. O segundo fundamento he o rigor, com que os erros contra a policia se castigaõ na guerra; de que nasce a vigilancia, e cuidado, com que os soldados se desvelaõ para andarem apontados, até em miudezas, de que na Corte se descuidaõ os mais advertidos para a differença que ha, cortando-se á espada o mato que cresce ao que he pouco cultivado no bom ensino, e procedimento; de modo, que mais periga hum homem em huma descortezia ás vezes, que em huma batalha. E assim o falar composto, o responder brando, o perguntar com tento, o tratar do auzente, o defender ao amigo, e o falar do contrario, cada coiza tem na guerra suas leis estabelecidas, em cuja execuçaõ se procede com todo o rigor; e dos particulares dellas nasceraõ os desafios, e duellos taõ justamente reprovados na Republica Catholica, quanto na barbara opiniaõ antiga bem recebidos, como foi na dos Reis de Lombardia, que reduziraõ o duello a dezoito cazos das leis: e o Imperador Federico a quatro; e Filippe Rei de França a tres: e Frotanio Rei de Dacia fez lei que toda a contenda, que havia de ser em juizo, se averiguasse pelas armas. E como

mo o descuido, que o soldado tem na cortezia, a soltura na palavra, a má correspondencia no procedimento, a liberdade com que fala do auzente, e do contrario, está sujeita a dar satisfaçaõ por hum caminho tam breve: qualquer soldado pratico está mais advertido, que o melhor cortezaõ, no bom ensino, respeito e brandura, com que ha de tratar aos homens. A verdade he (disse o Doutor) que os soldados conversaõ com toda a brandura, e bom termo: e já Plataõ disse que o bom soldado havia de ser como o caõ; para os domesticos, e conhecidos muito fagueiro; e contra os inimigos arriscado, e valente. Porém o duello he coiza muito mais antiga, e que se naõ inventou para essas miudezas que dizeis: porque, conforme a opiniaõ dos Legistas, he hum combate, e batalha particular de corpo a corpo para provar alguma coiza duvidoza, da qual o que sahe vencedor se entende que provou o que queria, como o desafio de Menelau com Paris, de Enéas com Diomédes, de Aiax com Heitor; os duellos de Lucio Sicinio Dentato, que oito vezes á vista dos dous exercitos sahio vencedor; o de Tito Manlio Torquato, o de Lucio Emilio com a Capitaõ dos Samnites; de Alexandre Magno com Póro Rei da India, o de Scanderbhec com Zayá, e Tambrá valorozos Persas: o de Roe Rei de Dacia com Hudingo Duque de Saxonia: e muitos dos nossos valorozos Luzitanos em muitas partes do mundo, o de Alvaro Gonsalves Coutinho o Magrisso em Flandres; o de Alvaro Vasques de Almada Conde de Abranches em França; o de Duarte Brandaõ Cavalleiro da

Gar-

Garrotea em Inglaterra; o de Gonſalo Ribeiro em Caſtella; o de D. Franciſco de Almeida em Granada; e muitos outros no Oriente, na Aſia, e em Barbaria. Naõ ſaõ eſſes (reſpondeu Alberto) os duellos reprovados, de que agora tratei, que modernamente ſe uzaõ, e ſe definem por differente modo, e por todos com baſtantiſſima cauza ſe defendem; que os de que falais aſſim, como ſaõ batalhas ſingulares de còrpo a corpo, ſe uzavaõ de cento a cento, vinte a vinte, déz a déz, e doze a doze, como foraõ os Portuguezes de Inglaterra. Duello, ſegundo a definiçaõ moderna, he hum combate de homens, que deſprezando as leis, querem averiguar por ſeu braço o que toca á ſua honra, ou opiniaõ, movidos do intereſſe de a ſuſtentarem, ou de vangloria, arrògancia, inimizade ou vingança: e deſtes ſe uza na milicia a furto das leis, e Generaes, que com muito rigor os caſtigaõ: procedendo todos ſobre miudezas, e pontos as mais vezes impertinentes, introduzidos pela bizarria e fonfarria ſoldadeſca, pendendo do que diſſe, calou, paſſou, reſpondeu, olhou, ſe gabou? ſe ficou melhor nas palavras, ſe alguma era eſcura, e ficou mal entendida? ſobre perguntas, declaraçoens, ſatisfaçoens, e reſpoſtas, e outras coizas, que, por naõ merecerem ſer tratadas, antes com razaõ reprehendidas, deixo de dizer. Mas a concluzaõ, para o meu intento, he que na milicia andaõ as leis da cortezia, e procedimentos mais ajuſtadas com a razaõ, que em outra parte alguma, por meio deſte rigor, que faz aos que militaõ levarem muitas vantajens. O terceiro fundamento he a paciencia

cia e soffrimento dos soldados, que criados no trabalho, e incommodidade daquella vida, he o maior de todos os estados; trazendo sempre como grilhoens o pezo das armas: que se o proverbio diz que *quem traz no dedo o annel apertado, faz para si voluntaria prizaõ*, quanto maior o será o cossolete, o morriaõ, o pique, o mosquete, e o arcabuz, traz isto trazer o somno rezistado pelas leis do tambor, acodir ao seu quarto no melhor do repouzo; e no maior escuro, e geada do inverno, passear á sombra das nuvens carregadas de agua, sem mais luz que a dos relampagos, e mais lume que a do murraõ; e ter por cama a terra, que de ordinario serve aos soldados, que se alojaõ no campo, ou fronteira dos inimigos. E se d'ElRei D. Affonso Henrique, do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, do Conde D. Pedro de Menezes, e de outros Generaes Portuguezes lemos, que muitos annos inteiros dormiaõ as noites sem despirem a malha, e couraças, com que pelejavaõ de dia: que colchoens lhes podiaõ servir para taõ asperos lençoes, se naõ fossem as carretas da artelharia, o espigaõ dos muros, e o reparo das trincheiras, e barbacans? Pois se a sobriedade, e temperança he tam gabada nos bons costumes pelos muitos, que della nascem, quem póde ser mais temperado, e sobrio que o soldado, do qual tantas vezes a necessidade he cozinheira; o escudo, ou cossolete a meza, o morriaõ o pucaro, e fome a iguaria? E deixando as famozas, que houve no mundo, de que os Auctores escreveraõ, que todas couberaõ em sorte aos soldados; qual senaõ ha de prezumir que aconte-

ça onde ha muita gente junta, da qual tudo se recea, e nada se fia? E se em alguma gente se conserva o costume dos mantimentos da primeira idade, que eraõ frutas das arvores, e legumes dos campos, só na da milicia acontece muitas vezes: naõ tratando ainda da guerra naval, que com maiores incõmodidades, e perigos da vida se exercita; nem nos cercos, onde mais vezes a necessidade da fome a poem em almoeda. Atraz de estes extremos de soffrimento se segue a obediencia militar, que he o esteio, em que se sustenta o principal pezo da guerra, devida e guardada pelo mais valorozo soldado ao menor, e mais humilde official do exercito, havendo nelle tantos, como saõ General do exercito, Coronéis, Capitaens, Tenentes, Governadores, Mestres de Campo, Sargentos móres, Generaes de infantaria, de cavallaria, Capitaens de gente de armas, Capitaens de cavallos ligeiros, Generaes, e Capitaens de artelharia: fóra os particulares, Alferes, Sargentos, Cabos de esquadra, e outros officiaes naõ combatentes, como saõ Provedor geral, Commissario geral, Forriel mór, Barrachel, Thezoureiros, Collateraes, Pagadores, Ouvidores, e Meirinhos, e outros muitos. E em o que toca ao governo de cada hum, nenhum soldado desobedece na ordem, na estancia, no conserto, no acometter, retirar, assistir, reconhecer, vigiar, e em todos os mais actos militares: e ainda que se lhes atravesse diante o rosto da morte, o despreza por acodir á obediencia de quem tem a seu cargo mandallo. E faltando esta sujeiçaõ, totalmente se destruiráõ os exercitos, conforme aquella sen-

tença,

tença, que *o maior inimigo, que ha na guerra, he a discordia entre os proprios soldados*: e assim se perderão muitos campos, e armadas, por a inconveniencia dos Capitaens, e a discordia, e desobediencia dos inferiores. De modo que, por ser esta experiencia tam approvada, vieraõ os Reis, e Generaes a castigar bons successos, quando fóra da obediencia, e ordem militar se conseguiraõ; enjeitando aos vencedores a ventura, e castigando a ouzadia, com que traspassáraõ a lei da milicia, como eu vi acontecer algumas vezes. Ha além desta outra obediencia naõ menos importante nos soldados, que he a do segredo; que vence ao maior que se deve aos negocios civis, e cortezaõs: este se uza nos dezenhos, intentos, avizos, estrategemas, siladas, e até em o dar o nome ordinario da vigia; que tudo se guarda com inviolavel observancia. Assim que em tudo o soffrimento, e obediencia do soldado, muitas vezes alcança na guerra mais merecimentos que o seu esforço. E todas estas leis, costumes, e sujeiçaõ fazem a hum homem tam apurado, polido, discreto, amavel, secreto, brando e animozo, que deixa atraz a todos os que nos outros exercicios se adiantaõ. O quarto fundamento he a communicaçaõ dos estrangeiros, e a vista de differentes terras, e provincias, que o fazem sciente, pratico e visto nos costumes, ritos, e Reinos estranhos: porque hum exercito se compoem de gente de muitas naçoens, que por soldo, irmandade, soccorro, pacto ou vizinhança se ajudaõ huns aos outros: e assim Capitaens como soldados, cada hum por competencia, naõ sómente quer assinalar seu

nome

nome, e honrar a sua naçaõ, mas engrandecer os costumes, gentilezas, trajo, e galas da sua patria, contando ainda as guerras e emprezas de seus naturaes, as grandezas da sua provincia, e outras miudezas, que nem pela liçaõ escrita se póde comprehender taõ facilmente. Pois a vista, que he só a que de todo satisfaz o animo, e enriquece o entendimento, ninguem a tem mais varia que o soldado, ora seja navegando, ora marchando, ora em postos famozos, ora em prezidios fóra de sua patria, aprendendo nas alheias todo o bom termo de proceder, de obrigar, grangear, servir, e de se ennobrecer, apurando a sua gentileza, e partes no serviço das Damas, sua liberalidade com ellas, e com os soldados; a policia no seu trajo, e bizarria; a discriçaõ na sua pratica; e todos os outros costumes, que á vista de tantas testimunhas exercita, conquistando honra com o esforço, amigos com o bom procedimento, servidores com a liberalidade, a afeiçaõ das Damas com a gentileza; fama entre os estranhos, nome com seus naturaes, merecimentos com o Rei; que, quando sejaõ mal galardoados da ventura, naõ lhe póde essa tirar o seu verdadeiro preço, que he o louvor que á virtude se deve, Tambem naõ he para desprezar na discriçaõ do soldado, antes muito para engrandecer, a relaçaõ dos successos, e occazioens, em que se achou, e contar as coizas delles com mais propriedade que os cortezaõs, e escritores; pintando o campo em ordem, a cabeça do esquadraõ, o rosto, as alas, os lados, e as costas delle, o lugar das insignias e bandeiras, e dos instrumentos, artelharia

ria e bagagem, a guarniçaõ dos mosqueteiros, as mangas dos arcabuzeiros, as companhias dos alabardeiros, archeiros, bésteiros, escopeteiros, e piqueiros; dispondo nos combates cada huma destas coizas em razaõ, e termo militar. E igualmente no assalto, ou defensaõ, ou fortaleza, saber dos fortes os bastiões, torres, muralhas, ameias, barbacans, parapeitos, corredores, bombardeiras, séteiras, torreoens, baluartes, terraplenos, plataformas, trincheiras, praça de baluartes, respiradouros, cazamata, rebelins, vias secretas, porta mestra, porta falsa, ponte levadissa, cavas, minas, fóssos, resparos, contrafortes, contraminas e contrareparos, e outros nomes, e serviço de coizas, em que só os experimentados nas armas podem falar propriamente: pelo que tenho o exercício dellas por mais excellente para o homem bem nascido, que todos os outros. Vós (disse Solino) canonizastes hoje aos soldados, e engrandecestes sobre todas a vossa profissaõ. E saõ taõ boas as razoens com que o fizestes, que, se assim foraõ os seus costumes delles, naõ vos podia ninguem contradizer; nem eu o fizera agora, se tratareis do que todos vemos em vossa pessoa; mas pela differença de outras, com que eu tratei, correndo tantos lares, e estalagens, como Joaõ de espera em Deos, haveisme de dar licença que mostre o avesso a essa pintura, e diga que a milicia he hum homicidio commum, huma escola de todos os vadíos, e ociozos do mundo. E os soldados naõ saõ outra coiza, que soldados pagos, e armados em damno da Republica, roubadores de honras, ladroens de fazendas, blasfemos, jogadores, inso-

insolentes, espadachins, matadores, rufiaens; adulteros, sacrilegos, inceſtuozos, e perjuros, e cheios de todos os mais vicios, e maldades abominaveis, considerados na liberdade soldadesca, e em sujeitos tam perdidos, como o saõ os mais dos que se lançaõ por o caminho da milicia; de sorte que, se alguns sahem taõ bem doutrinados como vós, os mais saõ tam differentes, que desmerecem vossos louvores. Bem sei (respondeu Alberto) que naõ posso provar comigo o que tenho dito dos soldados; mas podéra allegar com outros, que me fazem grandes vantajens; e com ellas me desobrigáraõ, se os tivera prezentes, ou dos que aqui o estaõ foraõ conhecidos: e tambem he coiza clara que vos naõ faltaráõ muitos, com que proveis o que dissestes: porém falo dos soldados honrados, que saõ os termos em que se deve tratar do fruto da sua profissaõ. Pouca razaõ (acodio o Doutor) moſtrou Solino no seu arguir: porque primeiramente, a arte militar he muito approvada para a conservaçaõ da Republica; e já Plataõ disse que era nellas tam necessaria como a Agricultura; e os erros dos viciozos, e depravados naõ podem desacreditar a profissaõ, nem tirar merecimento aos bem disciplinados, e generozos: que se houvermos de fazer essa consideraçaõ em todos os exercicios, nenhum ha sem igual desconto: porque se no da Corte, em que falou Leonardo taõ discretamente, quizermos escolher os perdidos, acharemos que saõ mais que os aproveitados; e o mesmo proverbio declara que saõ a maior parte, em quanto diz que a Corte he para privados, e para homens mal acostumados; e o mes-

mo a

mo, e peior acontece nas escolas. De maneira que a boa criaçaõ da milicia se deve entender sómente nos bem criados, a quem a honra obriga a que se queiraõ avantajar do vulgo; e naõ em os que fazem della tam pouco cabedal, que empregaõ o de seu animo, e saber em coizas indignas de homens bem nascidos, occupando-os em latrocinios, forças, traiçoens, maldades, enganos, e infamias. Naõ me pêza (disse Solino) senaõ porque me gabáraõ de valente quando aqui cheguei, para me naõ dar por vencido de duas razoens tam fracas como as vossas; e com tudo me hei de calar até vos colher em hum duello, em que eu escolha as armas, que vos naõ haõ de valer as de quantos bachareis degollaraõ o mundo. Guardailhe (disse D. Julio) esse animo vingativo para ámanhá, e virá mais a tempo. Naõ já para mim (lhe tornou Solino) porque tem da sua parte muito favor, naõ sómente o de Solino, pelo que lhe importa, mas de Pindaro que tem estillada a quinta essencia dos louvores escolasticos, e naõ ha travessa, nem beco sem sahida nas letras, de que naõ possa fazer hum mappa mui copiozo. E achais (tornou D. Julio) que he isso mau para letrado? Antes o tenho por muito bom (disse Solino) prazerá a Deos que virá elle a saber ao que agora cheira, e assim o espero: que, posto que estes estudantes mancebos entornaõ ás vezes tudo no caminho, elle foi sempre pelo mais acertado. Tambem a mim me parece agora (acodio Alberto) acabar o meu discurso na vossa differença: para o que peço a estes senhores que me hajaõ por desobrigado de ir por diante. Se estivera em mim (respondeu Leo-

Leonardo) o poder obrigarvos a dizer mais, como está o gosto, e dezejo de vos ouvir, naõ sei se vos deixara despedir tam de pressa: porém deve ser tarde; porque já o era quando aqui viemos, por huma occupaçaõ que me deteve mais do que queria. Naõ me parece a mim (disse D. Julio) que he tarde, nem entendi que estava tanto no fim a nossa pratica, que naõ podesse fazer algumas perguntas, como costumo, de algumas miudezas que o senhor Alberto passou por muito visto nellas, como eraõ alguns particulares, e differenças na ordem da infanteria, e cavalaria, e muitas da milicia naval. Porque essas coizas tocavaõ menos ao meu intento (respondeu elle) passei tanto por ellas: mas quando outro dia tiveres gosto de ouvillas, terei eu muito pouco trabalho em as relatar. Neste tempo, porque os mais estavaõ já levantados, se despediraõ. E Sòlino se foi pendurando em palavras de galantaria com o Doutor com tanta graça, que dezejaraõ os companheiros poderem fazer o caminho mais comprido; que, por muito que o seja, a boa conversaçaõ o faz parecer breve, e dezejado.

DIALOGO XVI.

Da criaçaõ das escolas.

ESTava taõ dezejozo e alvoroçado Pindaro para na criaçaõ escolastica passar aquellas duas columnas, que Leonardo e Alberto levantáraõ no estreito limite da policia civil, que, imaginando que lhe fugia o tempo, sem o dar ao Doutor, para vir com elle, obrigou a Felicia-

liciano a que se fossem mais sedo a caza de D. Julio, dizendo-lhe pelo caminho: Certo que naõ dezejei coiza como aliviar ao Doutor do trabalho desta empreza; que, posto que a sua auctoridade culpa o meu atrevimento, tambem o amor, que tenho ás sciencias, o favorece. Muito bem estivera na vossa maõ (respondeu elle) por quaõ boa a tendes para tudo: porém naõ dezejeis de a tirar da sua; porque até em aquillo, que eu sei muito melhor que outros, quizera antes ouvir aos que sabem mais, que escutarem-me elles: e a razaõ he, que, além de aos antigos estar tam bem a confiança, como aos mancebos o receio, vou pezando o que lhes ouço com o que eu tinha para dizer, e faço mais certo juizo de meu cabedal para outras occazioens. E neste appetite me parecestes homem que sabe a historia que houve contar, que se adianta nos passos della ao que a vai dizendo, e, por mostrar que a sabe, faz perder o gosto ao que a ouve, e o feitio a quem a relata. Lanço he de habil essa presteza, e ferir lume com qualquer golpe; mas de sizudo dissimular as faiscas. Naõ vos abatais a todo o passaro, ainda que seja da vossa ralé, que naõ haverá quem queira caçar com vosco. Más querieis (tornou o amigo) que me fizesse mar morto, sem levantar ondas quando me vem o vento taõ fresco: muito repugna a agudeza do ingenho á paciencia de hum flegmatico como vós, que naõ sei dobrar as maõs quando a pélla me vem pular aos pés; e sedo vereis se tem razaõ a minha cubiça. Perto estais (disse Feliciano) do desengano, e muito mais perto da caza de D. Julio. Nesta pratica chegaraõ a ella,

ella, e naõ muito depois os companheiros; e como Solino, em entrando, os vio sentados, disse logo: Todavia viestes diante para mostrares que ereis os mordomos da festa: e muito confiados na eloquencia, e auctoridade do Doutor, vos parecerá que tendes a fogaça em caza, e eu cuido o contrario, se eu entrar na lucta, e vos naõ valer; que o dia, que se préga de hum Santo, he elle o maior de todos. Naõ sei que tendes contra as letras (disse Leonardo) que, sendo tam grande amigo de Pindaro, vos picais sempre contra a sua profissaõ. Dirvoshei (respondeu Solino) o donde isso nasce; e he que as letras naõ posso negar que saõ coiza boa, mas assentaõ as mais vezes sobre roim papel; e como he feito de trapos, tenho achado tantos nelles, que me aborrecem. Melhor dissereis trampas, tornou elle. Porém no amigo que vos fizeraõ? Hirse me todo em letras, replicou Solino. Naõ he razaõ (acodio o Doutor) que vos adianteis tanto para me tomar a estrada: deixaime primeiro falar, que eu vos darei tempo quando me quizeres arguir; que, por mais que se apure a vossa murmuraçaõ, naõ póde diminnir os quilates e preço das sciencias. Pede razaõ o Doutor (disse D. Julio) e porque elle e os mais dezejavaõ de o ouvir, fizeraõ silencio; e elle começou desta maneira: Duas coizas me envergonhaõ nesta empreza, que a poderaõ facilitar em outro sujeito, a clareza manifesta da muita vantajem que tem a criaçaõ das escolas a todas as outras. A segunda poder mostrar diante com exemplos vivos o que hei de provar com razoens menos sufficientes, e que sempre á sua vista ficaráõ limi-

limitadas. Porém para acodir á obrigaçaõ, em que me puzeraõ, deixo a que tenho ás letras, que era naõ pôr em disputa, como coiza duvidoza, o seu merecimento, e a muita differença que faz o estudo dellas a todos os outros exercicios; porque as escolas, e Universidades do mundo, que foraõ instituidas para o governo e conservaçaõ della, saõ o coraçaõ dos Reinos, onde estaõ fundadas, do qual sahem as operaçoens principaes para o regimento da vida civil. E se, como diz Cassiodoro, ha tanta distancia do que alcançou sciencia ao idiota, como de homem ao que o naõ he: julgai quanto importe a criaçaõ das escolas, onde todas se aprendem, em differença de outras profissoens, em que só por experiencia e communicaçaõ chegaõ algumas sombras das vivas côres da sabedoria. Esta he a razaõ, porque Diogenes buscava hum homem entre os que o pareciaõ: e o porque disse do que vio estar sentado sobre hum penedo *que estava pedra sobre pedra.* E assim como os metaes, que entre ellas se criaõ, sahem brutos, e toscos e desconhecidos, até que por via da fundiçaõ e beneficio da arte tem lustro, preço e merecimentos; assim a forja, em que se apuraõ os homens, e se poem nos quilates com que haõ de ter a valia que a este nome se deve, saõ escolas, nas quaes da mesma maneira, que por alquimia de cobre se faz ouro, nellas de hum idiota, e quazi bruto se faz homem com saber, merecimentos, e sufficiencia para se avantajar do vulgo. E começando da grammatica das linguas, que he o primeiro degrau das letras, ou, como disse hum Auctor grave, a primeira porta

ta por que se entra a todas as sciencias, com cujo beneficio ellas se conservaõ, e se perpetua a memoria das coizas; ainda que, como escreve Quintiliano, tem mais de trabalho, que de ostentaçaõ; he, como diz Izidoro, o fundamento de todas as artes liberaes, e disciplinas nobres. A esta dividem alguns em artificial, historica, e propria: que a primeira ensina o concerto, e dispoziçaõ das letras, com que escrevemos; a ortografia, e propriedade das palavras que falamos: a segunda, e terceira pertencem ao conhecimento dos lugares, e obras dos historiadores, e poetas, e a explicaçaõ do que nelles por antiguidade, e differença da lingua està escuro, e duvidozo, mormente nas tres linguas Hebraica, Grega, Latina, das quaes triunfando a carreira dos annos deixou em muitas idades differença. Na primeira da Hebraica e Caldea. Na segunda na Grega commum, Attica, Dorica, Laconica, e Eloica. A terceira em Prisca, Latina, Romana, e Mixta: e em humas, e outras, e na propria de cada hum ensina a Grammatica a pronunciaçaõ das letras, o som, e accento diverso das palavras, a distincçaõ das vogaes, e consoantes, e a ordem de falar com pureza, e policia. E se este primeiro degrau he tam necessario aos homens, que parece que sem o conhecimento desta arte lhes naõ he licito abrir os beiços; que serà levantarse, e subir ao cume mais alto das sciencias, e disciplinas nobres? O segundo degrau desta escada he a Logica, arte, que ensina a distinguir e fazer differença do falso ao verdadeiro, e do torpe ao honesto; e como o entendimento he cauza do obrar, assim o he ella do entender:

he

he o pezo, e balança, em que ſe conhecem todas as coizas leves, e pezadas; arte, que naõ ſómente enſina a ſaber a verdade de todas as coizas, mas a poder manifeſtalla aos que mentem; reduzindo a dez cabeças, ou predicamentos, toda a variedade de coizas que o mundo tem, achando o verdadeiro modo de definir a todas ellas, e deſcobrindo os generos, eſpecies, differenças, ſubſtancias, e accidentes; eſta enſina diverſos modos de arguir, provar e ſuſtentar o que concebemos no entendimento: pelos quaes officios he eſta arte taõ celebrada, que Plataõ, e depois delle Santo Agoſtinho a fizeraõ parte da Filozofia, dividindo-a em Moral, Natural, e Racional. Ariſtoteles, Scoto, e outros lhe chamaõ ſciencia, e inſtrumento de ſaber: de cujo teſtimunho, e verdade ſe alcança que ſem o conhecimento della naõ póde hum homem falar ſeguro entre os outros. E poſto que ha tam boas diſpoziçoens de entendimentos, que naturalmente diſcorrem, e conhecem ſem favor da doutrina eſtas miudezas; com tudo ſem o favor da arte eſcurece as mais vezes a clareza do ingenho. O terceiro lugar he da Rhetorica, que enſina a falar bem, e a perſuadir aos ouvintes com razoens bem concertadas ao intento do que pratíca, naõ fazendo o fundamento na verdade do que diz, ſenaõ no concerto, e ſimilhança da razaõ, com que obriga, e move. E porque deſta arte ſe fala mais diffuzamente neſta converſaçaõ em favor da linguagem Portugueza, paſſarei della á Poezia, arte tam nobre, e dezejada, que, trabalhando ſempre os invejozos por eſcurecer ſeu preço, lhe naõ poderáõ tirar o que hoje tem na opi-

niaõ

uzaõ e exercicio dos principaes senhores de Hespanha; e bastava para o seu grande valor ser conhecido ter nella o fundamento toda a Filozofia, pois Plutarco conta, e Aristoteles confessa que todos os Filozofos, e suas diversas seitas se derivárao das Poezias de Homero: e naõ só deu principio a ella, mas Prometheu, Lino, Muzeu, e Orfeu, e estes mesmos, e outros deraõ fundamento ás deidades, que os antigos ritos da Gentilidade veneravaõ. E deixando a recommendaçaõ de seus louvores para quem com vivo exemplo póde tratar delles, dizendo de sua perfeiçaõ, e grandeza o que eu em tam limitadas horas naõ posso dignamente declarar; passarei á Mathematica: e, como a parte principal della, á Geometria, arte tam excellente, e tam necessaria ao cortezaõ, que favorece todas as boas partes que nelle se requerem; e tam natural ao Sabio, que Plataõ tinha na entrada da sua escola hum letreiro que dizia: *Naõ entre nesta caza homem, que naõ saiba Geometria.* E Filo Hebreu diz della, que he Princeza, e mái de todas as disciplinas. E Francisco Patricio na sua Republica, soccorro, e prezidio de todas as artes. E Plataõ escreve della estes louvores, que levanta o animo, e pensamento ao estudo da verdadeira Filozofia, e que he necessaria para a conquista de todas as disciplinas, favorecendo a arte militar no formar dos campos, dispor os esquadroens, recolher, e dividir as companhias, sustentando a Cosmografia em suas medidas, a Arquitectura em suas proporçoens, a Arithmetica, e Muzica em seus numeros, e a outras infinitas; medindo em todas ellas as fórmas, espaços, grande-

zas, medidas, corpos, pezos, e todas as coizas que delles se compoem; e de medida de agua, vento, terra, nervos, cordas, e coizas similhantes, como torres, fortalezas, relogios, moinhos, e instrumentos de muzica; consta de linhas rectas, curvas, flexuozas, perpendiculares, planas, parallelas, e de angulos, rectilinio, curvilinio, direito, agudo, e obtuzo; finalmente de superficie, circulo, circumferencia, centro, diametro, e outros nomes, e termos naturaes daquella arte, que na pratica commum parecerão peregrinos, e de que he bem que o homem cortezaõ se naõ ache alheio. A traz desta se segue sua companheira a Astrologia, sciencia tam levantada, que penetra da terra os segredos das estrellas, tratando do mundo em universal, e em particular, das esferas, dos orbes, do sitio, movimento, e curso delles: das estrellas fixas, e de seus aspectos: da theorica dos Planetas: dos eclypses do Sol, e da Lua: dos eixos, ou pólos celestes: dos climas, e emisferios: de circulos diversos excentricos, epeciclos, retrógados, raptos, accéssos, e recéssos, e outros similhantes: e de outros muitos movimentos pertencentes aos Ceos, e ás estrellas, de cujo curso, e estaçoens de tempos se faz natural juizo das coizas futuras tocantes á agricultura, e navegaçaõ, naõ admittindo a especie superfticioza dos Mathematicos, que he a Astrologia Judiciaria. E passando desta á Filozofia, sem cujo conhecimento parece que os homens naõ podem alcançar perfeiçaõ alguma; he tam levantada, que lhe chama Santo Izidoro, no II. das suas Etymologias, sciencia de todas as coizas Divinas, e humanas, em quanto

he

he possivel ao homem alcançar dellas. E Plataõ diz que ella he o maior bem, que Deos concedeu aos homens: porque ella he a lei da vida, a estrada da virtude, a fortaleza contra os vicios; a fórma das acçoens humanas, o lume de nossas obras, a ordem dos pensamentos internos, regra do entendimento, a mestra de nossos costumes, e discobridora dos segredos elementaes; mas com tudo naõ chegou a conhecer a Filozofia Christã, a qual involve as tres virtudes Theologaes, cujo proprio officio he o que escuramente Plataõ tocou em seus louvores: e finalmente a contemplaçaõ de todas as coizas supremas do Ceo: e para as da terra ella he a chave que abre os segredos da natureza; que ensina a viver com disciplina; que destroe os erros, e aclara a confuzaõ, e trevas do entendimento; une as differenças; restitue o governo com ordem; rege as Cidades com justiça; e administra as razoens com sabedoria. E repartindo estes attributos seus pelas sinco partes, em que se divide, Fyzica, Etica, Economica, Politica, Metafyzica; a primeira trata dos principios naturaes, e movimentos, quietaçaõ, finito, lugar, vacuo, tempo, especies de movimento, medidas do tempo, atè chegar ao primeiro e supremo movedor de tudo. A Ethica se emprega na compoziçaõ dos costumes, e na moderaçaõ das paixoens humanas, em que consiste a felicidade da nossa vida. A Economica ensina o governo, e regimento particular da caza, familia, mulher, filhos, e criados. A Politica dá os preceitos á ligitima ordem, e governo das Respublicas, Reinos, e Cidades, assim em razaõ do que mandaõ, co-

mo dos que obedecem. A esta chamou Isocrates *alma das Cidades*; porque nellas faz o mesmo officio, que a alma em hum corpo. E Socrates lhe chamou *sciencia dos Principes*; porque a elles mais, que aos outros homens, pertence o conhecimento della. A Metafyzica trata das coizas, por altissimas, segregadas de toda a materia sensivel, e ainda intelligivel do modo que os bons Metafyzicos nesta divina sciencia praticaõ. Finalmente considera as fórmas separadas, passando da contemplaçaõ das da natureza á das sobrenaturaes; das corpóreas, das idéas, dos átomos, da materia prima, da introducçaõ das fórmas, do fado, da eternidade do Ceo, dos transcendentes, das intelligencias assistentes ás esferas Celestes. De modo, que só nos principios moraes desta sciencia está fundada toda a doutrina da Corte, e da Milicia, que nas noites dos dias atraz se tem mui doutamente praticado. Na Fyzica que he, como tenho dito, a primeira parte da Filozofia, está fundada a arte da Medicina, que assim pelo importante sujeito em que se emprega, como pelas artes, e sciencias, que lhe ajunta, e encadea, he o conhecimento della mui digno do homem sabio, e bem nascido. Esta se divide em Empirica, Methodica, Dogmatica, ou Racional. A primeira he fundada sómente na experiencia dos remedios, nas virtudes das hervas, pedras, plantas, e animaes. A segunda considera sómente a substancia das infirmidades, sem respeitar conjuncçaõ, tempo, lugar, regiaõ, idade, natureza, ou habito. A terceira, naõ desprezando a experiencia, nem a razaõ dos exemplos della, abraça tambem as natu-

raes,

raes, em que eftá fundada a arte. Na Etica Politica tiveraõ principio as nobiliffimas profiffoens, e fciencias das leis Civis, e Sagrados Canones, e derivadas deftas fontes da Filozofia, e do Direito Natural, e Divino. E fe, como diffe Solon, a Republica, que naõ tinha leis, fimilhava hum monftro, que naõ tinha mais que o parecer humano; affim fe póde imaginar o homem, que naõ tiver noticia dellas, que, por ferem taõ importantes ao mundo, endeuzáraõ os antigos todos os inventores dellas, como Saturno, Belo, Minos, Pheaco, Solon, Licurgo, e outros muitos: e os noffos maiores fizeraõ leis fegundo a differença dos eftados; naõ humas fós, por que todos fe governaffem, mas convenientes ao genero da vida que cada hum tomava. E affim os que apartados do gremio da Republica civil fe empregaõ no ferviço da Igreja, obedecem ás leis que os Summos Pontifices, e os Concilios dos Padres ordenáraõ, que faõ os Canones Sagrados: porém os Seculares fe governaõ pelas leis, e ordenaçoens, que os feus Reis fizeraõ, ou confirmáraõ; recorrendo em os cazos, a que os particulares naõ alcançaõ, ás leis Imperiaes dos Romanos, e difpoziçaõ do Direito commum. E de quererem confundir efta tam neceffaria differença os pérfidos Scifmaticos, negando auctoridade ás leis alumiadas pelo Efpirito Santo, na cega confuzaõ das fuas, que fundaõ em fua depravada liberdade, vivem em efcuras trevas: fendo como diffe Tullio as leis vinculo da Republica, fundamento, e fegurança da liberdade, e fonte da juftiça. E por vos naõ parecer que na minha profiffaõ particular

laa me extendo muito, deixo o que dellas podera dizer, que he infinito, começando dos primeiros legisladores até o estado prezente, em que esta profissaõ está tam levantada, e ennobrecida. E só pela reformaçaõ do Imperador Justiniano estaõ em seus volumes escritas doze mil e setecentas e sete leis, tiradas de muitas mais que confuzamente estavaõ nos livros Romanos derramadas. E sobindo da Metafyzica á Divina theologia, fundada sobre a verdade Evangelica, se apura hum homem, e chega ao mais alto a que se póde levantar o entendimento humano. Esta se divide em Escolastica, e Escripturaria: a primeira he a que com argumentos fortes, razoens demonstrativas, e provas invenciveis, disputa contra os Hereges, e Infieis, em todos os Dogmas importantes á verdade da Fé Catholica Romana: como he da Trindade, e Omnipotencia de Deos, da prezença Divina, da predestinaçaõ, do livre arbitrio, da graça, da justificaçaõ, da gloria; do peccado, das penas, do lugar, do Purgatorio, dos Sacramentos, e dos Artigos de nossa Fé. A Escripturaria consiste na interpretaçaõ, e expoziçaõ da Sagrada Escriptura, segundo os quatro principaes sentidos della, que saõ Literal, Moral, Tropologico, e Anagogico: com cuja noticia dada aos homens por meios da sciencia, como antes foi dada por revelaçaõ aos Profetas, Apostolos, e Santos Padres, naõ só daõ perfeiçaõ ao sabio, mas o faz parecer huma similhança de Deos na terra. E supposta esta grandeza das sciencias, com cujo lume fica tam claro o entendimento humano como tenho dito, que outra

tra

tra coiza he Universidade, que huma Corte especulativa, em a qual se sabe o que nas dos Reis se executa; onde á vista dos Doutores prudentes, na liçaõ dos Mestres escolhidos, na communicaçaõ dos Nobres bem acostumados, na conversaçaõ modesta dos Religiozos; está o Nobre em huma continua liçaõ de policia, tendo por palmatoria de seus erros a vergonha de os commetter á vista de tantos censores delles; ajudando a advertencia de lhes fugir a curiozidade com que se espreitaõ, e a liberdade com que se reprehendem: pois a entrada nas Escolas, a assistencia nas Aulas, qualquer pequeno descuido se rebate com os pés dos que nellas assistem, obrigando a todos á compostura do rosto, á quietaçaõ do corpo, á modestia do trajo, á pontualidade na cortezia, ao cuidado no fallar, e naõ se querer algum fazer singular entre os outros. Tem as Escolas além destes hum bem, que favorece esta opiniaõ, e he que de ordinario os que as buscaõ, ou saõ filhos segundos, e terceiros da Nobreza do Reino, que por instituiçoens dos morgados de seus avós ficáraõ sem heranças, e procuraõ alcançar a sua pelas letras; ou saõ filhos dos homens honrados, e ricos delle, que os podem sustentar com commodidade nos estudos; ou Religiozos escolhidos nas suas Provincias, por de mais habilidade, e confiança para as letras, e assim fica sendo a gente mais bem criada do Reino; differença, que naõ póde haver na Corte, e na Milicia. E á vista de tantas vantajens, sem tratar de outras particularidades menos importantes, me parece que tenho mostrado o quanto seja mais, que todos

os outros exercicios, proveitozo o das letras; pedindo por a dignidade dellas ao Priór; e a Pindaro, e Feliciano, que tomem á sua conta aperfeiçoar o que eu naõ soube dizer, pois o exemplo de suas partes he a mais legitima prova de minhas razoens. As vossas (respondeu o Prior) menos daõ lugar a glozas, que a invejas; e se essa me deixára dizer os louvores que vos devo, renovára no vosso sujeito os das Escolas, pois nellas nos mostrastes o que sois, que he hum mappa de todas as sciencias, tam perfeito, distincto, e intelligivel, que parece que as póde medir qualquer razoado entendimento; porque recolhidas em vós como em proprio centro estaõ na sua altura. Esta vantajem (acodio Feliciano) tem os que sabem perfeitamente que naõ he só para si, mas para ensinarem aos com que fallaõ. Certo estava eu que o Doutor sabia de tudo o que disse; naõ só os termos, e fundamentos, mas ainda o mais difficultozo, e substancial de todas as artes, e sciencias: mas o praticar dellas de modo, que eu as entendesse, he graça de seu saber, e naõ sufficiencia do meu ingenho. Tambem essa sua submissaõ (disse Leonardo) he grande prova dos merecimentos de vossa habilidade, que a essa nada ficaria escuro, senaõ o que por culpa de quem falasse estivera confuzo: porém em mim se vem mais os poderes do Doutor, que o posso agora parecer no que lhe ouvi. A isto (acodio Solino) *todos dizem amen, amen, sinò D. Sancho que calla.* Pindaro está descontente, pois que emudeceu: se o deixarem, elle vos fará guerra. Para que a quereis comigo (respondeu Pindaro) se as razoens

e a

e a occupaçaõ da noite he do Doutor? a elle podeis contradizer; que para o que calla naõ servem argumentos. Bem sei (replicou elle) onde estaõ os páos; mas quizera costear a bola por êste rodêo, que todos os letrados sois como serejas, que se vem apoz huma todas as outras. Ahi naõ ha coiza boa sem contradicçaõ (disse D. Julio) ouçamos as de Solino, e veremos quem tem lèbre: e por vós correrdes esta (lhe disse elle) metteis os caens na moura, e quereis (como dizem) tirar a sardinha com a maõ do gato: na vossa tendes a faca, e o queijo: cortai, que naõ falta por onde: que eu naõ tenho nenhuma coiza contra o Doutor, salvo se elle me deixar com os outros do seu gráu que o naõ merecem; que eu farei hum A, B, C, por onde á primeira vista lhe conheçaõ logo as letras. Já desde hontem (disse o Doutor) os tendes ameaçado; e eu consenti no desafio: naõ sei agora a cauza, porque o temeis. Porque (disse elle) tendes no campo muitos padrinhos da vossa parte, que o saõ minhas nesta demanda. Porém dai-me licença, que em boa paz vá botando a razoura a esses louvores das sciencias que accogulastes; e sabereis que de cento naõ ha hum letrado, que naõ traga cascavel, por onde lhe conheçais a altura em que anda como furáõ; e se o tirardes do bairro de sua profissaõ, se perde na metade da hora do dia, como em beco sem sahida: para o que eu tenho hum astrolabio excellente, que me deu a experiencia em penhor do serviço de alguns annos sem galardaõ, que ainda o tempo me deve. Primeiramente, como o vós virdes falar por *secundum quid*, e metter

a *materia prima*, e dividir *em abstracto*, acodindo a hum *ergo*, e *a fortiori*, assentai-mo por Logico : mas se vos falar em *superficie plana*, e *figura quadrilátera*, *corpo rotundo*, *semicirculos*, e outras similhantes coizas, entendei que he Geómetra, se o ha no mundo. Se vos disser dos *nervos opticos*, *dos meatos*, *intestinos*, *veias mezeraicas*, *palpitaçoens*, *suffocaçoens*, *apoplexias*, e *optalmias*, matriculai-mo na Medicina : se vos desandar com huns pontinhos das regras do Direito, que saõ os anexins dos Jurisconsultos, e falar em *jus ad rem*, e *jus in re*, e em *lite pendente*, e *in rei veritatem*, *in foro exteriori*, e outros verbos desta linhajem, naõ escapa de Jurista. Hora os Theologos, que pela preeminencia, e grandeza de sua profissaõ tem lugar apartado, aos dous lanços, se alevantaõ da conversaçaõ com a materia dos Anjos, e dos *Auxilios*; e outras, em que vos deixaõ o entendimento em jejum, sem darem hum bórdo á commum, e civil conversaçaõ dos Cortezáos. Pois se qualquer destes, que digo, acerta de ser official de Grammatica, além de debruar tudo de versos de Ovidio, e de sentenças de Plauto e de Terencio, por levar o Portuguez arrastro até o fazer Latim, fala por *septe*, *docto*, *scripto*, e *benigno*. De maneira que para bem, e conservaçaõ da lingua Portugueza, e para se naõ corromper de todo, me parecia que se houveraõ de arruar os Letrados; que receio, se se misturáõ, que em poucos annos nos achemos em huma certa Babylonia. Naõ cuidei (disse o Doutor) que estaveis hoje tam venial; a isso chamaõ morder na capa: esperava eu que viesseis

feis com algum libello mais rigorozo contra os Letrados; que essas palavras, que se lhes pegaõ dos termos das mesmas sciencias, naõ saõ defeituozas, ainda que naõ sejaõ vulgares; porque muitas vezes significaõ mais propriamente que as outras. Bem esteve o libello (replicou Solino) mas se lhe quereis huns artigos accumulativos, com a auctoridade de hum Auctor moderno, diz elle que tres coizas deu Deos ao homem de maior estima, que os Letrados lhe tem deitado a perder, que saõ corpo, fazenda, e consciencia: o corpo os Medicos, que com suas purgas, xaropes, e sangrias, nem a invençaõ da polvora foi mais prejudicial que elles para a vida. A fazenda os Legistas, que com demandas, embaraços, e conluios a poem cada dia em passamento, sem haver entre a poeira de suas encontradas opinioens quem enxergue a verdade: e ainda para si proprios vereis poucos Medicos saõs; e nenhum Legista vencer demanda sua. Dos da consciencia naõ quero tratar por ser coiza perigoza: mas ha muitos, que fazem por esta parte grande damno. E posto que isto naõ he culpa das sciencias, senaõ dos Letrados, elles tiráraõ a innocencia fóra do couce, e abriraõ de par em par as portas á malicia, semeando enganos, e hipocrizias, de que andaõ mais inçadas as escolas, que de mantéos de fêsto: isto he quanto á linguagem, e aos costumes: que na policia do vestir, a sua anda fóra do roteiro dos cortezaõs; porque o Letrado, que se quer trajar galante, como naõ sabe por uzo, segue extremos; porque ou traz a espada, que lhe dá com os cabos nas virilhas, ou taõ alta que lhe vem

vem comer á boca; e por fazer addiçoens ao vestir, de modo accrescenta de novo, que se conhecem na Corte os estudantes entre os outros homens, como podengos de agua pela guedelha: e pelo costume do barrete, ou tiraõ o chapeo de meio a meio, ou o penduraõ pela ponta do cairel, como em tenda de sirgueiro. Bem sei (disse o Prior) que quem vos agora for á maõ dará nova materia á vossa habilidade: mas sem embargo de todas as culpas que arguís aos Letrados, que eu agora naõ trato de defender, por vós naõ ajudar a vós, e offender a elles, vós sabeis a differença que elles fazem aos outros homens, que naõ aprenderaõ; pois sem habilidade, exercicio, e doutrina naõ se alcança sabedoría, de maneira que muitos idiotas naõ fazem hum Letrado. Tambem eu sei (respondeu Solino) que muitos Letrados naõ fazem hum homem cortezaõ; e que este ás vezes vence em pouco tempo o que elles trabalháraõ em muitos annos: porque além de ser comprido o caminho das sciencias por preceitos, e breve por exemplos, o cortezaõ, que o he, poem de sua parte maior dezejo de saber huma coiza, que o estudante: e he certo que alli tem maior força o ingenho, onde está mais prompta a vontade: e no que toca aos Letrados podera eu agora trazer hum par de historias em meu favor, que cabiaõ neste propozito. A essas (disse Leonardo) naõ faltará lugar em nenhum tempo, porém he gastado parte do desta noite: e pois esta foi das letras, naõ mettamos contra ellas maior cabedal. Agora (acodio Pindaro) lhe déstes jogo, porque lhe parece que nos perdoou aquellas histo-

rias;

rias; ſendo coiza clara que toda a ſua opiniaõ naſceu de huns principios de Grammatica que teve; que, depois de ferrugentos naquella idade, os alimpou com a cinza do borralho deſta Aldea, para ſe levantar contra os que ſabem, ſendo ſua murmuraçaõ puras fezes de idiota; e ſe o virem entre os ruſticos do termo falar latins, notar prégaçoens, aconſelhar em demandas, e applicar medicinas a enfermos, diraõ que he manta de retalhos das eſcolas, e preza-ſe de dizer mal do que acredita. Já parece (reſpondeu Solino) que tomaſtes folego, que eſtaveis mui mortal: a verdade he que naõ ſois agudo, ſenaõ quando vos dou quatro fios ſecos na minha ſufficiencia; e de a eu ter para tudo, me naſce abranger aonde vós naõ chegais; que, ſegundo a capacidade dos que aprenderem, aproveita a doutrina dos que enſinaõ: e ſabei outra coiza, que ſenaõ póde chamar ſabio o que naõ conhece os neſcios, e deſtes que nenhum ſe conhece a ſi. *Nó ſe maten tales dos* (diſſe Leonardo) deixemos as letras em paz, e a Solino com ſeu credito; que saõ horas de partirmos eſta briga, e acabar por hoje a converſaçaõ. Em todas me he de proveito o voſſo favor (diſſe Pindaro) e mais agora que eſtava colerico contra meu amigo; que, ainda que o naõ pareça no modo com que me encontra, eu o ſou ſeu na verdade com que o amo, e eſtimo ſuas coizas. Amizade (reſpondeu elle) quando he ſegura naõ periga, nem quebra em tam pequeno ſalto; que nem por eſte deixaremos de ir juntos para caza. E querendo os mais levantarſe, começáraõ

çáraõ alguns a fazer juizo das duas noites passadas com aquella: porque cada hum era interessado na profissaõ que se seguia, se calaraõ, deixando a eleiçaõ ao voto de quem o tiver desapaixonado, se ha algum que ao menos na inclinaçaõ o naõ seja á Corte, Armas, e Letras, de cujo fruto, se saõ muitos os queixozos por parte da ventura, nenhum ha que da sua propria sufficiencia se mostre descontente. Eu o estou de mim (disse o Doutor) porque esta madrugada determino fazer hum caminho á Cidade, em que me hei de deter alguns poucos de dias, e esses hei de ter de penitencia na falta de tam boas noites: e para isto peço licença ao senhor D. Julio. Porque consentir nessa (respondeu D. Julio) he obedecervos, o faço muito á minha custa, com tal condiçaõ, que volteis com muita brevidade, que sem vós nem podem estas praticas ir adiante, nem deixarei de sentir agora muito mais a falta de vossa conversaçaõ, partindo-se á manhã, como determina, para a sua Igreja o senhor Prior. Dessa maneira (acodio Solino) faço conta que se dividiraõ os dialogos das noites de Inverno, e que ficaõ servindo esta, e as passadas de huma primeira parte dellas, que se continuará com a vossa boa vinda; e em tanto se apuraráõ os entendimentos, e a linguagem para materias, e sujeitos mais escolhidos, que sejaõ proveitozos, e agradaveis aos ouvintes. Em muitas outras coizas (disse Leonardo) soffrera eu intervallos, mas nesta conversaçaõ os sinto agora por extremo; por isso, já que nella nos tendes bem acostumados, naõ tardeis muito.

Até

Até nos gostos (tornou o Doutor) a muita continuaçaõ cauza fastio ; pelo que os Auctores discretos, por naõ cansarem com elle o juizo dos curiozos, dividem seus volumes em partes, e essas em capitulos, e outras divizões, que com a novidade, e brevidade facilitem a leitura. Fazem elles muito bem (disse Solino) que ha hums livros sem estalagens, tam compridos como legoas de Alemtejo, que os deixa hum homem muitas vezes no signal da Cruz, por senaõ atrever aos levar de hum trago. E tambem os poetas nas suas comedias, que saõ mais proprias para recreaçaõ, e passatempo, dividiraõ a obra em actos, a que agora chamaõ jornadas, e essas repartiraõ em scenas ; e por divertir da gravidade, e decóro das pessoas introduzidas, inventáraõ os Comicos modernos entremezes, e bailes. Naõ vos detenhais muito, e tornaremos ao nosso exercicio com maior dezejo, e melhor cuidado. Eu o terei (respondeu elle) de fazer pouca tardança ; que o interesse me naõ deixará cahir em descuido, quanto mais esta nova obrigaçaõ em que me pondes. Dizendo isto se levantou, e os mais o vieraõ acompanhando, feita primeiro cortezia ao senhor da caza, e aos hospedes que ficáraõ nella. Em quanto com a falta daquelles assistentes a houve tambem na conversaçaõ das noites que se seguiraõ, será justo que descansemos hum pouco da continuaçaõ deste estilo ; que se aõ gosto dos curiozos leitores for bem aceito, sahirá brevemente a luz outro volume de dialogos, que espera ver o successo dos primeiros ; pois esta virtude de escrever naõ

tem

tem no Auctor delles outro fruto mais, que a satisfaçaõ dos animos affeiçoados a seus escritos, aos quaes com o trabalho de suas obras dezeja pagar a vontade, e opiniaõ, com que as acreditaõ.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.